A Interpretação Bíblica

A Interpretação Bíblica

Meios de descobrir a verdade da Bíblia

Roy B. Zuck

Tradução de
Cesar de F. A. Bueno Vieira

edições vida nova
1994

© 1991 de SP Publications, Inc.
Título do original: *Basic Bible Interpretation*,
publicado por Victor Books, Wheaton, Illinois, EUA

Revisão
Valéria Fontana
Fabiani S. Medeiros
Diagramação
Roger L. Malkomes
Janete D. Celestino
Capa
Íbis Roxane
Coordenação editorial
Robinson Malkomes
Coordenação de produção
Eber Cocareli

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486, 04698-970,
São Paulo, SP.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
sem a permissão por escrito, salvo no caso de
pequenas citações em livros e resenhas.

ISBN 85-275-0193-7

Agosto de 1994

Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zuck, Roy B.
A interpretação bíblica : meios de descobrir a verdade da Bíblia / Roy B. Zuck ; tradutor Cesar de F. A. Bueno Vieira. – São Paulo : Vida Nova, 1994.

Bibliografia.
ISBN 85-275-0193-7

1. Bíblia. Crítica e interpretação I. Título.

94-2073 CDD-220.6

Índices para catálogo sistemático

1. Bíblia : Interpretação e crítica 220.6



conteúdo

prefácio 7

capítulo um 9

A interpretação bíblica — o que é e por que fazê-la

capítulo dois 31

A interpretação bíblica — ontem e hoje

capítulo três 69

Qual ponto de vista é válido?

capítulo quatro 87

A transposição do abismo cultural

capítulo cinco 113

A transposição do abismo gramatical

capítulo seis 143

A transposição do abismo literário

MAZINHO RODRIGUES

capítulo sete 167

As figuras de linguagem

capítulo oito 197

O exame dos tipos e a compreensão dos símbolos

capítulo nove 225

O exame das parábolas e a análise das alegorias

capítulo dez 261

A interpretação da profecia

capítulo onze 289

O emprego do Antigo Testamento no Novo

capítulo doze 323

A aplicação da Palavra de Deus em nossos dias

respostas aos exercícios 341

índice onomástico 345

índice de assuntos 349

prefácio

O erudito e devoto B. Warfield disse certa vez: "A Bíblia é a Palavra de Deus, de tal forma que, quando ela fala, Deus fala".

Ao longo dos séculos, os cristãos têm estimado muito a Bíblia, aceitando-a como a Palavra de Deus escrita. Poucos, porém, já se precipitaram em dizer que é fácil compreendê-la. Contudo, como seu objetivo é revelar a verdade e não ocultá-la, não há dúvida de que Deus pretende que a entendamos. Além do mais, é vital que compreendamos a Bíblia, pois nossas doutrinas sobre Deus, o homem, a salvação e os acontecimentos futuros dependem de uma interpretação correta das Escrituras.

Às vezes se tem a impressão de que é possível provar praticamente qualquer coisa com a Bíblia, visto ser rara a religião, seita ou facção de base cristã que não utilize passagens bíblicas para "provar" sua doutrina. Nesse aspecto, é bem possível que, de todos os livros do mundo, a Bíblia seja o mais maltratado. A solução desse problema não se achará apenas no tratamento correto de sua inspiração, por mais importante que seja. Orígenes (185-254 d.C.), por exemplo, considerava muito a inspiração das Escrituras, mas foi culpado de fazer mau uso da Bíblia ao menosprezar seu sentido literal e encará-la como "uma enorme alegoria" com muitos significados ocultos. A solução desse problema de interpretações tão divergente está no emprego do método correto de interpretação bíblica. Acreditamos ser esse o método literal, que trata das Escrituras com a mesma naturalidade com que falamos, escrevemos e pensamos. Isso significa ver as Escrituras com seu significado manifesto, na tentativa de descobrir o que Deus quis dizer. E este é o método que defendemos e explicamos com clareza neste livro.

Os estudiosos da Bíblia consideram que, além de uma doutrina de inspiração correta e da fidelidade à interpretação literal, é importante seguir certos critérios interpretativos. Será que não existem princípios que ajudem

os estudiosos diligentes da Bíblia a compreender e aplicar os textos bíblicos, princípios esses fundamentados na própria Bíblia? Que auxílios podem ser encontrados para a interpretação de aspectos especiais, tais como figuras de linguagem, tipos, parábolas e textos proféticos?

O Dr. Zuck executou a difícil tarefa de apresentar-nos um livro que abrange todo o campo da hermenêutica. Como professor e estudioso constante dessa área, ele está familiarizado com a literatura relacionada à sua disciplina. Trata-se de uma obra moderna que discute várias questões atuais da hermenêutica.

O Dr. Zuck proporcionou um auxílio especial à aplicação das Escrituras — tema há muito negligenciado. Para que se possa atender às necessidades espirituais das pessoas, não basta interpretar a Bíblia corretamente; há também que aplicá-la de forma adequada. Ele também fornece orientação — importante e tão necessária — sobre a relevante questão da interpretação da profecia. No que diz respeito a esse assunto, outros trabalhos sobre hermenêutica não raro produzem um "som incerto", deixando os leitores confusos, sem saber como lidar com os textos proféticos.

Em suma, o Dr. Zuck elaborou um livro completo, de fundamento bíblico, agradável de ler e esclarecedor. Que seja um instrumento de grande utilidade para todos os estudantes que amam a Palavra de Deus e procuram interpretá-la e aplicá-la corretamente.

DONALD K. CAMPBELL, Diretor
Seminário Teológico de Dallas

capítulo um

A interpretação bíblica — o que é e por que fazê-la

Certo executivo estava de viagem bem longe de casa. Solteirão, trabalhava como alto funcionário num importante órgão do governo. Para ser mais exato, era o tesoureiro encarregado de todos os recursos financeiros daquele departamento.

Retornando da Palestina, seguia por uma estrada deserta a sudoeste de Jerusalém. Como havia quem conduzisse o veículo, pôde ir lendo. Enquanto lia em voz alta, reparou que um homem a seu lado escutava a leitura. O homem perguntou ao viajante se compreendia o que estava lendo.

O leitor era um etíope, oficial da corte de Candace, rainha da Etiópia (At 8.27). Filipe, a quem Deus havia orientado que se encontrasse com o oficial, juntou-se a ele no caminho de volta à Etiópia (vv. 26-29). Filipe iniciou um diálogo com o homem fazendo uma pergunta ligada à interpretação bíblica: "Compreendes o que vens lendo?" (v. 30). O tesoureiro respondeu: "Como poderei entender, se alguém não me explicar?" (v. 31). Depois de convidar Filipe a subir na carruagem, o africano perguntou se, em Isaías 53.7, 8, o profeta estava referindo-se a si mesmo ou a outra pessoa. Sua pergunta revelou que precisava de ajuda para interpretar a passagem. Filipe explicou que o trecho falava de Jesus. No final da conversa, o africano aceitou o Senhor como seu Salvador.

Esse diálogo no deserto acentua duas coisas. Primeiramente, a mera leitura das palavras de uma página da Bíblia não significa necessariamente que o leitor compreende seu significado. Dentre as muitas etapas do estudo bíblico, a primeira é a observação do que a Bíblia diz. É importante saber o

que o texto afirma de fato. Mas, às vezes, essa observação pode gerar dúvidas sobre o sentido do que foi lido. Muitas pessoas ficam confusas quando lêem trechos da Bíblia, sem saber ao certo qual o significado do texto, ou então acabam interpretando-o erroneamente.

Em segundo lugar, o episódio do evangelista e do eunuco mostra que uma orientação adequada ajuda as pessoas a interpretar o que lêem na Bíblia. A pergunta "compreendes o que vens lendo?" indicava a possibilidade de o leitor não estar entendendo, mas, também, que era possível entender. Aliás, quando o tesoureiro pediu que lhe explicasse a passagem, estava reconhecendo que, sozinho, não era capaz de entendê-la corretamente e que sentia necessidade de ajuda para interpretá-la.

Vários meses depois que Neemias concluiu a reconstrução dos muros de Jerusalém e os israelitas haviam-se instalado em suas cidades, o escriba Esdras leu para a congregação no "livro da lei de Moisés" (os cinco primeiros livros da Bíblia). O povo havia-se reunido em frente à Porta das Águas (Ne 8.1). Esdras leu na lei desde o amanhecer até ao meio-dia (v. 3). Os levitas também leram na lei em voz alta, "claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia" (vv. 7.8). Em conseqüência, todos do povo alegraram-se, "porque tinham entendido as palavras que lhes foram explicadas" (v. 12).

Por que a interpretação bíblica é importante?

É essencial para a compreensão e para o ensino correto da Bíblia

Precisamos conhecer o significado da Bíblia a fim de podermos descobrir sua mensagem para nossos dias. Devemos compreender seu sentido para a época antes de percebermos seu significado para hoje. Se descartarmos a hermenêutica (ciência e arte de interpretar a Bíblia), estaremos passando por cima de uma etapa indispensável do estudo bíblico e deixando de nos beneficiar dela. A primeira etapa, que é a observação, consiste na pergunta: "Que diz o texto?". A segunda etapa, a interpretação, indaga: "Que quer dizer?". A terceira, a aplicação, questiona: "Como se aplica a mim?".

Talvez a interpretação seja, das três etapas, a mais difícil e a que mais

tempo consome. E, no entanto, quando o estudo bíblico é reduzido neste aspecto, pode-se incorrer em erros graves e em resultados distorcidos. Certas pessoas "adulteram a Palavra de Deus" intencionalmente (2 Co 4.2). Outras há que até mesmo "deturpam" as Escrituras "para a própria destruição deles" (2 Pe 3.16). Outros, por sua vez, interpretam a Bíblia erroneamente sem o saber. Por quê? Por não darem a devida atenção aos princípios em causa na compreensão das Escrituras. Nos últimos anos, vemos um interesse crescente pelo estudo bíblico informal. Muitos grupos pequenos reúnem-se em casas ou nas igrejas para debater a Bíblia — o que quer dizer e como aplicar sua mensagem. Será que os integrantes desses grupos sempre chegam ao mesmo entendimento da passagem estudada? Não necessariamente. Alguém pode afirmar: "Para mim, este versículo quer dizer isto"; já outro pode retrucar: "Para mim, o sentido não é esse; é este aqui". Estudar a Bíblia dessa forma, sem as diretrizes apropriadas da hermenêutica, pode gerar confusão e interpretações que se encontram até em inequívoco desacordo.

Será que Deus pretendia que a Bíblia fosse tratada dessa forma? Se conseguimos manipulá-la para extrairmos o sentido que desejamos, como pode ser um guia confiável?

O que não falta são interpretações divergentes de inúmeras passagens. Por exemplo, uma pessoa lê João 10.28 — "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da minha mão" — e entende que esse versículo está ensinando a segurança eterna. Já a explicação que outros oferecem sobre o mesmo versículo é que, apesar de não se poder retirar um cristão das mãos de Deus, o próprio crente pode fazê-lo se persistir no pecado. Alguns são de opinião que a declaração de Paulo, em Colossenses 1.15, de que Cristo é "o primogênito de toda a criação", significa que ele foi criado. Outros, por sua vez, entendem por esse versículo que, como acontece com o primogênito de toda família, ele é o Herdeiro. Alguns cristãos praticam o chamado "falar em línguas" com base em 1 Coríntios de 12 a 14. Já outros lêem os mesmos capítulos e entendem que tal prática limitava-se à era apostólica sem aplicar-se à atualidade. Naum 2.4 — "Os carros passam furiosamente pelas ruas, e se cruzam velozes pelas praças..." — já levou à conclusão de que se trata de uma profecia sobre o trânsito intenso de automóveis em nossas cidades modernas. Alguns procuraram atribuir um sentido "espiritual" à parábola do bom samaritano

(Lc 10.25-37), explicando que a hospedaria para onde o samaritano levou o ferido simboliza a igreja e que as duas moedas de prata dadas ao hospedeiro representam a ceia do Senhor e o batismo nas águas.

O líder mórmon Brigham Young quis dar razão ao fato de ter mais de 30 esposas lembrando que Abraão possuía mais de uma: Sara e Hagar. A prática mórmon de batizar por causa de parentes mortos e de outras pessoas fundamenta-se, afirmam eles, em 1 Coríntios 15.29. Há quem segure cobras venenosas porque leu Marcos 16.18. A questão de as mulheres ensinarem ou não os homens depende de como se interpretam 1 Coríntios 11.5; 14.34, 35 e 1 Timóteo 2.12. Alguns pregam que o reinado atual de Cristo nos céus indica que ele não vai estabelecer um reinado de mil anos na terra após sua volta. Para outros, a Bíblia ensina que Cristo, apesar de governar o universo atualmente, haverá de manifestar seu reino no plano físico quando vier para reinar como o Messias sobre a nação de Israel, no Milênio.

Todas essas — como tantas outras — são questões de interpretação. Evidentemente, essa discrepância de concepções ressalta que nem todos os leitores seguem os mesmos princípios para compreender a Bíblia.

A ausência de uma hermenêutica correta também é a causa dos enormes desmandos e da difamação que sofre a Bíblia. Até mesmo alguns ateus tentam defender seu posicionamento com Salmos 14.1: "Não há Deus". É claro que eles pularam a introdução de tais palavras: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus". Certas pessoas afirmam que é possível fazer a Bíblia dizer o que se queira. No entanto, quantos desses mesmos indivíduos afirmam que é possível fazer Shakespeare dizer o que se queira? Não resta dúvida de que as pessoas podem fazer a Bíblia dizer o que querem ouvir, desde que descartem os métodos normais para a compreensão de documentos escritos.

A interpretação bíblica é uma etapa essencial que sucede à observação

Ao ler a Bíblia, muitos saltam diretamente da observação para a aplicação, passando por cima da etapa essencial da interpretação. Isto é um erro, pois a interpretação é a seqüência lógica da observação. Ao observar o que a Bíblia diz, você está fazendo uma sondagem; ao interpretá-la, está fazendo uma

reflexão. Observar significa descobrir; interpretar significa digerir. A observação consiste em descrever; a interpretação, em determinar o sentido. A primeira é exploração; a segunda, explicação.

A observação é como um cirurgião abrindo uma região afetada. Ele verifica um tumor, ou talvez uma hemorragia, um tecido com pigmentação anormal ou uma obstrução. A averiguação suscita as perguntas: "Que significa isso? Como pode ser explicado? Que tipo de tumor deve ser? Qual a causa da hemorragia? Por que o tecido está com essa coloração? Por que está havendo esta obstrução aqui?".

Observando o que vemos no texto bíblico, devemos então manejá-lo corretamente (2 Tm 2.15). A oração adjetiva "que maneja bem" é a tradução da palavra grega *orthotomounta*, que é a combinação de "reto" (*ortho*) com "cortar" (*tomeō*). Um autor fornece a seguinte explicação:

> Como Paulo fabricava tendas, é possível que estivesse empregando um termo relacionado a seu ofício. Quando fazia as tendas, usava determinados moldes. Naquela época, as tendas eram feitas de retalhos de peles de animais costurados uns aos outros. Cada pedaço teria de ser cortado de tal forma que se encaixasse bem com os outros. Paulo estava simplesmente dizendo: "Se os pedaços não forem bem cortados, o todo ficará desconjuntado". O mesmo ocorre com as Escrituras. Se as diferentes partes não forem interpretadas corretamente, a mensagem como um todo resultará errônea. Tanto no estudo da Bíblia quanto na interpretação, o cristão deve ser preciso. Deve ser minucioso [...] e exato.[1]

A interpretação da Bíblia é essencial para sua aplicação correta

A interpretação deve apoiar-se primeiramente na observação e, depois, conduzir à aplicação. Ela é um meio que visa a um fim, não um fim em si mesma. O objetivo do estudo da Bíblia não se limita a apurar o que ela diz e o seu significado; inclui a aplicação dela à vida. Se não aplicarmos as Escrituras, estaremos encurtando o processo como um todo e deixando incompleto o que Deus deseja que façamos.

1. John F. MACARTHUR, *The charismatics*, Grand Rapids, Zondervan, 1970, p. 57.

É bem verdade que a Bíblia nos fornece muitos fatos acerca de Deus, de nós mesmos, do pecado, da salvação e do futuro, os quais precisamos conhecer. Nela buscamos informação e entendimento, e é assim que deve ser. Mas a questão é o que fazer com essa informação e esse entendimento. A interpretação é a etapa que nos transporta da leitura e da observação do texto para a aplicação e a prática. O estudo bíblico é uma atividade intelectual por meio da qual procuramos compreender o que Deus diz. Contudo, deve ir além disso e incluir a disciplina espiritual, por meio da qual procuramos colocar em prática o que lemos e compreendemos.

O verdadeiro objetivo do estudo da Bíblia é a assimilação íntima, não a simples percepção mental. Somente assim o crente pode crescer espiritualmente. A maturidade espiritual, que nos torna mais semelhantes a Cristo, não decorre apenas de um conhecimento mais amplo da Bíblia. Resulta de um conhecimento mais amplo da Bíblia e de sua aplicação às nossas necessidades espirituais. Paulo visava a esse objetivo para que pudesse incentivar e ensinar outros a se tornarem maduros em Cristo (Cl 1.28). Pedro também escreveu que devemos desejar "ardentemente [...] o genuíno leite espiritual, para que por ele [nos] seja dado crescimento para [nossa] salvação" (1 Pe 2.2). Paulo escreveu que "o saber ensoberbece" (1 Co 8.1). Jesus disse aos líderes judeus de sua época: "Examinais as Escrituras..." (Jo 5.39); mas logo acrescentou que todo aquele estudo era inútil, porque eles se recusavam a chegar a ele para terem vida (v. 40).

Uma passagem clássica sobre a inspiração das Escrituras é 2 Timóteo 3.16. Entretanto, quase todo esse versículo e o seguinte falam da *utilidade* das Escrituras. Elas devem ser usadas "para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra".

Uma coisa é lermos 2 Timóteo 1.9, prestando atenção ao fato de que Deus "nos chamou com santa vocação", e compreendermos que santidade é uma vida de pureza e piedade, concretizada pela obra santificadora do Espírito Santo. Outra coisa, no entanto, é lidarmos com o pecado em nossas vidas a ponto de realmente levarmos uma vida santa. Uma coisa é estudarmos o que as Escrituras asseveram sobre a volta de Cristo, em passagens tais como 1 Tessalonicenses 4.13-18 e 1 Coríntios 15.51-56. Mas outra é nos apoiarmos nesses fatos e transcendê-los a ponto de amar sua aparição (2 Tm 4.8), ou seja, ansiar e aguardar com expectativa por sua

vinda, continuando firmes na obra do Senhor (1 Co 15.58).

Assim sendo, a interpretação bíblica, como a segunda etapa do estudo da Bíblia, é absolutamente essencial. A interpretação é fundamental à aplicação. Se nossa interpretação não for correta, podemos acabar aplicando a Bíblia da forma errada. A forma como você interpreta diversas passagens afeta diretamente seu comportamento e também o de outras pessoas. Por exemplo, se um pastor entende em determinadas passagens ser permitido que uma pessoa divorciada se case novamente, então isso influenciará sua orientação sobre o assunto aos divorciados. Se um pastor entende que 1 Coríntios 11.3-15 ensina que as mulheres devem usar chapéu na igreja, então sua interpretação influenciará os ensinamentos que ele passa à congregação.

As questões de ser o aborto correto ou errado, de como descobrir a vontade de Deus, de como levar uma vida dotada de sentido, de como ser um marido, uma esposa, um pai ou uma mãe eficiente, de como reagir ao sofrimento — tudo isso depende da hermenêutica e da forma como se interpretam diversas passagens, estando-lhes intimamente ligado. Segundo disse determinado autor: "A interpretação da Bíblia é uma das questões mais importantes que os cristãos enfrentam hoje. Dela resulta o que cremos, como vivemos, como nos relacionamos e o que temos a oferecer ao mundo".[2]

O desafio da interpretação bíblica

Temos, portanto, a responsabilidade de procurar conhecer a verdade conforme exposta na Palavra de Deus. Isto é imprescindível para nossa própria vida espiritual e para ajudarmos eficazmente os outros. Quando transmitimos a Palavra de Deus, seja em aconselhamentos individuais, seja ensinando na escola dominical ou num grupo de estudo bíblico, seja pregando, o conhecimento que passamos, com base no nosso entendimento das Escrituras, sem dúvida alguma influenciará outras pessoas. Suas vidas estão em nossas mãos.

Quando a Bíblia não é interpretada corretamente, a teologia de um indivíduo ou de toda uma igreja pode ser desorientada ou superficial, e seu ministério, desequilibrado.

O processo de entendimento da Bíblia dura a vida toda. Ao estudar a

2. John BALCHIN, *Understanding Scripture*, Downers Grove, InterVarsity, 1981, p. 8.

Palavra, você se pergunta: "Que quer dizer isso? Esse conceito está certo? Por que está ou por que não está? E essa interpretação? É válida?". Ao ouvir sermões e mestres, você sempre esbarra na seguinte indagação: "O que ele está dizendo sobre a Bíblia é certo?". Quando discute a Bíblia com outras pessoas, você enfrenta a dúvida sobre qual dentre várias concepções melhor reflete o significado do texto em questão. A tentativa de descobrir o verdadeiro sentido de uma passagem é um desafio intelectual e espiritual fascinante. E, quando você compartilhar a Palavra de Deus, as pessoas vão perguntar-lhe: "Que quer dizer esse versículo? Como devemos entender essa passagem?". Em virtude do vasto conteúdo da Bíblia e da diversidade literária que nela se contém, a hermenêutica é um campo de estudos que encerra inúmeros problemas e questões.

Por exemplo, como saber se uma passagem foi escrita apenas para o público-alvo original ou se também se destina às gerações subseqüentes? Uma passagem pode ter mais de um significado? Nesse caso, como descobri-los? Será que alguns dos autores da Bíblia escreveram coisas acima de seu entendimento? A Bíblia é mais do que um livro humano? Se é também um livro divino, como isso influencia nossa interpretação de passagens diversas? De que forma devemos interpretar os diferentes provérbios das Escrituras? Eles têm aplicação universal? Se acreditamos em interpretação literal, como ela influi em nossa compreensão das figuras de linguagem? Se a Bíblia contém figuras de linguagem, então toda ela deve ser interpretada num sentido "espiritual" ou místico? Como entender as profecias? Visto que existem interpretações divergentes das profecias bíblicas, como vamos saber qual mais provavelmente é a correta? Por que o Novo Testamento faz citações do Antigo que aparentemente revelam um sentido diferente do que se lê neste? Como passar da interpretação à aplicação?

Os problemas da interpretação bíblica

Um dos maiores motivos por que a Bíblia é um livro difícil de entender é o fato de ser antigo. Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento foram escritos por Moisés em 1400 a.C., aproximadamente. Apocalipse — o último livro da Bíblia — foi escrito pelo apóstolo João por volta de 90 d.C. Portanto, alguns dos livros foram escritos há mais ou menos 3 400 anos,

sendo que o último deles há cerca de 1 900 anos. Isto mostra que, na hermenêutica, precisamos tentar transpor vários abismos que se apresentam pelo fato de termos em mãos um livro tão antigo.

O abismo do tempo (cronológico)

Devido à gigantesca lacuna temporal, um abismo enorme separa-nos dos autores e dos primeiros leitores da Bíblia. Como não estávamos lá, não podemos conversar com os autores e com os primeiros ouvintes e leitores para descobrir de primeira mão o significado do que escreveram.

O abismo do espaço (geográfico)

Atualmente, a maior parte dos leitores da Bíblia vive a milhares de quilômetros de distância dos países onde se deram os fatos bíblicos. Foi no Oriente Médio, no Egito e nas nações mediterrâneas meridionais da Europa de hoje que as personagens bíblicas viveram e peregrinaram. A área estende-se desde a Babilônia, no que é hoje o Iraque, até Roma (e talvez a Espanha, se é que Paulo foi até lá). Essa distância geográfica deixa-nos em desvantagem.

O abismo dos costumes (cultural)

Existem grandes diferenças entre a maneira de agir e de pensar dos ocidentais e a das personagens das terras bíblicas. Portanto, é importante conhecer as culturas e os costumes dos povos dos tempos bíblicos. Muitas vezes, a falta de conhecimento de tais costumes gera interpretações errôneas. Por essa razão, dedicamos um capítulo inteiro deste livro a essa questão.

O abismo do idioma (lingüístico)

Além dos abismos temporal, espacial e cultural existe ainda enorme lacuna entre nossa forma de falar e de escrever e a dos povos bíblicos. Os idiomas

em que a Bíblia foi escrita — hebraico, aramaico e grego — têm singularidades estranhas à nossa língua. Por exemplo, no hebraico e no aramaico dos manuscritos originais do Antigo Testamento só havia consoantes. As vogais estavam subentendidas e, portanto, não eram escritas (embora os massoretas as tenham acrescentado séculos mais tarde, por volta de 900 d.C.). Além disso, tanto o hebraico quanto o aramaico são lidos da direita para a esquerda, e não da esquerda para a direita. Ademais, não havia separação entre as palavras. As palavras escritas nessas três línguas bíblicas emendavam-se umas às outras.

Poderíamos exemplificar isso em português da seguinte forma: HCTMDVSCRP. Lendo da direita para a esquerda, o hebreu logo perceberia quatro palavras, que em português seriam: PRCSV D M TCH. Não é muito difícil deduzir o significado da frase: "Precisava de um tacho". Por outro lado, as letras TCH também poderiam ser interpretadas como tocha ou tacha, além de tacho. Então, como é que um leitor saberia qual a palavra pretendida? Normalmente, podia-se depreender o significado pelo contexto. Se nas frases anteriores ou posteriores houvesse uma referência a tacho, tudo indica que a frase em questão também se referisse a um tacho. Mas às vezes o contexto não dá nenhuma indicação, e, assim, torna-se um problema de interpretação saber qual era realmente a palavra em questão.

Outra dificuldade imposta pelo abismo lingüístico é o fato de que as línguas bíblicas originais continham expressões incomuns ou de sentido obscuro, difíceis de compreender em nosso idioma. Além do mais, certas palavras só aparecem uma vez na Bíblia inteira, tornando impossível qualquer comparação com seu uso em outro contexto, o que nos ajudaria a entender seu significado.

Outro problema que agrava esse abismo lingüístico é a transmissão dos manuscritos originais até a atualidade. Quando os escribas os copiavam, vez por outra cometiam erros. Às vezes um escriba lia um manuscrito para outro escriba. O copista anotava a palavra correspondente ao som que lhe chegava aos ouvidos. A frase "A sessão será aqui" pode ser escrita "A seção será aqui". Podia acontecer de um copista trocar uma letra por outra de escrita muito semelhante. As letras *d* e *r* do alfabeto hebraico são parecidas (embora não idênticas), assim como o *w* e o *y*. Às vezes uma palavra era repetida; outras vezes, saltada. Se um manuscrito contivesse alguns erros dessa natureza, eles poderiam ser reproduzidos pelo próximo copista, que estaria,

assim, passando aquele texto talvez a várias "gerações" de manuscritos. Em outras ocasiões, porém, o escriba corrigia a palavra ou letra que lhe parecia estar errada. O processo de tentar descobrir quais textos são os originais é chamado de crítica textual. Entretanto, essas variações não afetam as principais doutrinas das Escrituras, tampouco influenciam a doutrina da inerrância dos textos bíblicos, relativa aos manuscritos originais, não às cópias.

O abismo da escrita (literário)

Existem diferenças entre os estilos e as formas de escrita dos tempos bíblicos e os do mundo ocidental moderno. Dificilmente nos expressamos com provérbios ou parábolas, no entanto grande parte da Bíblia foi escrita em linguagem proverbial ou parabólica. Além disso, o fato de os livros bíblicos terem sido escritos por cerca de 40 autores humanos pode representar um problema para os intérpretes da Bíblia. Por exemplo: o autor de um dos evangelhos afirmou que havia um anjo no túmulo vazio de Jesus, ao passo que outro fez menção de dois anjos. A linguagem figurada, que era usada com freqüência, às vezes dificulta nossa compreensão. Vejamos por essas declarações de Jesus: "Eu sou a porta" e "Eu sou o Pastor". Evidentemente, ele não quis dizer que era literalmente feito de madeira com dobradiças, nem que possuía ovelhas de verdade e as apascentava no campo. Cabe ao intérprete tentar apurar o que Jesus de fato quis dizer com tais afirmações.

O abismo espiritual (sobrenatural)

É importante ressaltar também que existe um abismo entre a maneira de Deus agir e a nossa. O fato de a Bíblia ser um livro sobre Deus coloca-a numa posição sem-par. Deus, que é infinito, não pode ser plenamente compreendido pelo que é finito. A Bíblia relata os milagres de Deus e suas predições sobre o futuro. Ela também fala de verdades difíceis de ser assimiladas, tais como a Trindade, as duas naturezas de Cristo, a soberania de Deus e a vontade humana. Todos estes fatores, somados a outros, agravam a dificuldade que temos de entender plenamente todo o conteúdo das Escrituras.

Visto que Deus é o Autor divino da Bíblia, ela é um documento absolutamente singular. É única no gênero. Não constitui simplesmente um livro que retrata os pensamentos do homem acerca de Deus, embora os exponha. Ela expõe também os pensamentos de Deus acerca de si mesmo e do homem. A Bíblia relata o que Deus fez e informa o que ele é e deseja. É também um livro raro no sentido de que foi escrito por Deus e pelo homem. Autores humanos escreveram-na sob a orientação do Espírito Santo (2 Pe 1.21). Esta dupla autoria gera dificuldades. Como Deus pôde usar pessoas com personalidades diferentes para registrar as Escrituras e, ao mesmo tempo, o resultado final ser obra do Espírito Santo? Como esse fato influía na personalidade e no estilo literário de cada autor?

Esses seis abismos representam problemas graves quando se tenta compreender a Bíblia. Até mesmo o etíope de Atos 8 deparou com várias delas, incluindo a cronológica, a geográfica, a lingüística e a sobrenatural. Se por um lado a maior parte da Bíblia é simples e fácil de entender, por outro é inegável que existem trechos mais difíceis. O próprio Pedro relatou: "... como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu [...] há certas cousas difíceis de entender..." (2 Pe 3.15, 16). Existem versículos da Bíblia que continuam sendo um mistério até para os mais hábeis intérpretes.

Definições de hermenêutica

Que exatamente vem a ser hermenêutica? E em que difere de exegese e exposição? A palavra "hermenêutica" deriva do verbo grego *hermēneuō* e do substantivo *hermēneia*. Esses termos estão relacionados a Hermes — o deus-mensageiro de pés alados da mitologia grega. Cabia a ele transformar o que estava além do entendimento humano em algo que a inteligência humana pudesse assimilar. Afirma-se que foi ele quem descobriu a linguagem verbal e a escrita, tendo sido o deus da literatura e da eloqüência, dentre outras coisas. Ele era o mensageiro ou intérprete dos deuses e principalmente do pai, Zeus. Assim, o verbo *hermēneuō* passou a significar o ato de levar alguém a compreender algo em seu próprio idioma (logo, "explicar") ou em outra língua (logo, "traduzir"). Em nossa língua, o verbo "interpretar" às vezes é empregado com o sentido de "explicação"; outras, com o sentido de "tradução". Nas 19 vezes em que os termos *hermēneuō* e *hermēneia* aparecem no Novo Testamento, o sentido quase sempre é de

tradução. O verbo *diermēneuō* é empregado em Lucas 24.27: "E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras". Quando Jesus falou com Simão, disse: "... tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (Jo 1.42). A locução verbal "quer dizer" é tradução do grego *hermēneuō*. Em certo sentido, uma tradução é uma explicação; é explicar numa língua o que foi expresso em outra. Portanto, interpretar inclui esclarecer e tornar inteligível o que era obscuro ou desconhecido.

A hermenêutica, como já foi dito, é a ciência e a arte de interpretar a Bíblia. Outra definição de hermenêutica seria: ciência (princípios) e arte (tarefa) de apurar o sentido do texto bíblico. Como escreveu Terry:

> Assim, a hermenêutica é tanto ciência como arte. Na qualidade de ciência, enuncia princípios, investiga as leis do pensamento e da linguagem e classifica seus fatos e resultados. Como arte, ensina como esses princípios devem ser aplicados e comprova a validade deles, mostrando o valor prático que têm na elucidação das passagens mais difíceis. Portanto, a arte da hermenêutica desenvolve e constitui um método exegético válido.[3]

Em que consistem, então, a exegese e a exposição? A exegese pode ser definida como a verificação do sentido do texto bíblico dentro de seus contextos histórico e literário. A exposição é a transmissão do significado do texto e de sua aplicabilidade ao ouvinte moderno. A exegese é a interpretação propriamente dita da Bíblia, ao passo que a hermenêutica consiste nos princípios pelos quais se verifica o sentido.

A homilética é a ciência (princípios) e arte (tarefa) de transmitir o significado e a importância do texto bíblico sob forma de pregação. A pedagogia é a ciência (princípios) e arte (tarefa) de transmitir o significado e a aplicação do texto bíblico sob forma de ensino.

A exegese consiste no estudo individual, e a exposição, na apresentação em público. A exegese é feita na sala de estudo, ao passo que a exposição é feita detrás de um púlpito, da mesa do professor ou da plataforma. A grande preocupação da exegese é a *compreensão* de uma passagem bíblica, enquanto na exposição o interesse básico é a *transmissão* do sentido do texto.

3. Milton S. TERRY, *Biblical hermeneutics*, 2. ed., 1883; reimp., Grand Rapids, Zondervan, s.d., p. 20.

Um bom expositor é antes de mais nada um bom exegeta. A exegese precede a exposição, assim como se assa um bolo antes de servi-lo. O processo exegético se dá na oficina, no depósito. Trata-se de um processo individual, de um trabalho diligente por meio do qual o estudioso da Bíblia examina os contextos, os significados e as formas das palavras; analisa a estrutura e os elementos das frases; busca descobrir como o texto original foi escrito (crítica textual); *etc.* Contudo, ele não transmite todos esses detalhes ao pregar ou ensinar a Bíblia. Quando está criando, um pintor sofre com os pormenores de sua obra, mas, no final, ele deseja que as pessoas vejam não as minúcias, mas o todo e a relação entre as partes.

Definições de hermenêutica e de termos correlatos

HERMENÊUTICA
Ciência (princípios) e arte (tarefa) de apurar o sentido do texto bíblico.

EXEGESE
Verificação do sentido do texto bíblico dentro de seus contextos histórico e literário.

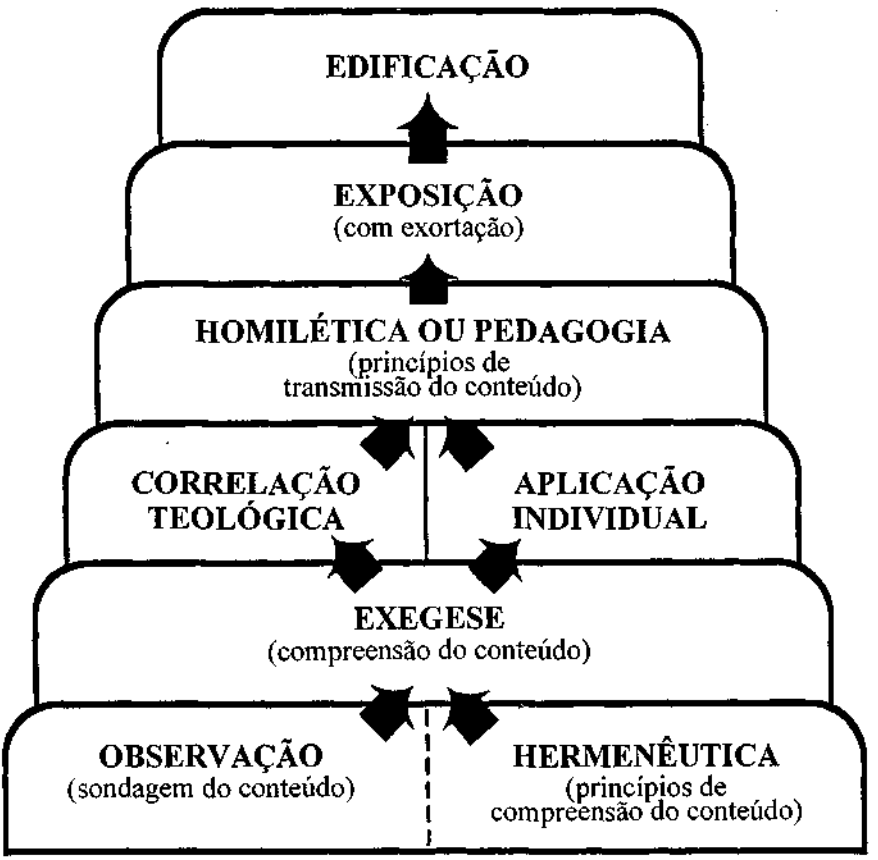
EXPOSIÇÃO
Transmissão do significado do texto e de sua aplicabilidade ao ouvinte moderno.

HOMILÉTICA
Ciência (princípios) e arte (tarefa) de transmitir o significado e a importância do texto bíblico sob forma de pregação.

PEDAGOGIA
Ciência (princípios) e arte (tarefa) de transmitir o significado e a aplicação do texto bíblico sob forma de ensino.

A exegese é, portanto, um meio que visa a um fim; é um passo rumo à exposição. A exegese tem um caráter mais técnico e é essencial à exposição,

exegeta busca compreender o sentido exato da passagem bíblica que está estudando. Todavia, atrás do púlpito ou na sala de aula, o expositor procura transmitir seu conteúdo, depois de ter elaborado sua exposição a partir de uma base exegética. Uma está para a outra como o alicerce para o edifício. "Para ser válida, a exposição deve ser firmemente baseada na exegese: o significado do texto para os ouvintes de hoje deve estar relacionado com o seu significado para os ouvintes aos quais foi originalmente dirigido".[4]



4. F. F. BRUCE, Interpretação da Bíblia, in Walter A. ELWELL, ed., *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, São Paulo, Vida Nova, 1990, p. 338, v. II.

A hermenêutica é como um livro de culinária. A exegese é o preparo e o cozimento do bolo; a exposição, o ato de servi-lo. A ilustração da p. 23 mostra a relação entre esses e outros elementos, todos os quais conduzem à etapa final da edificação, ou seja, o crescimento espiritual na vida do intérprete/expositor e na dos ouvintes ou leitores.

Tanto num jogo de futebol quanto num jogo de cartas é necessário conhecer as regras e obedecer-lhes. Se os jogadores de futebol estão no campo, com a bola, mas não conhecem as regras do jogo, não podem fazer nada. Pode-se ter também um baralho completo em mãos e não se saber o que fazer com as cartas. São as regras que permitem aos jogadores darem andamento ao jogo. Da mesma forma, a hermenêutica fornece as regras ou as diretrizes, os princípios e a teoria que regem a maneira correta de compreender a Bíblia. Entretanto, a interpretação bíblica não é como um programa de computador. Não podemos acionar certos princípios e esperar que a interpretação certa nos seja fornecida automaticamente.

Restrições na interpretação da Bíblia

Quem não for regenerado não pode compreender totalmente o significado da Bíblia. Quem não é salvo está cego espiritualmente (2 Co 4.4) e morto (Ef 2.1). Paulo escreveu: "Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2.14). Isso significa que quem não é salvo não tem condições de entender o que as Escrituras dizem? Não. Antes, significa que ele não tem a capacidade espiritual de receber e assimilar as verdades espirituais. Como disse Martinho Lutero certa vez, os irregenerados podem entender a gramática de João 3.16, mas eles não agem em decorrência dos atos ali descritos. É nesse sentido que são incapazes de conhecer as coisas do Espírito de Deus.

Quem não é salvo não acolhe a verdade das Escrituras porque ela atinge em cheio sua natureza pecaminosa. O verbo grego traduzido por "aceitar", em 1 Coríntios 2.14, é *dechomai*, "acolher". Uma pessoa que não é salva, em quem o Espírito Santo não habita, pode entender mentalmente o que a Bíblia diz, mas ela rejeita a mensagem e se recusa a assimilá-la e praticá-la. Em contrapartida, lemos que os de Beréia "... receberam [*dechomai*] a palavra com toda a avidez..." (At 17.11) e que os tessalonicenses receberam

a Palavra "... com alegria do Espírito Santo" (1 Ts 1.6).

A passagem de 1 Coríntios 2.14 também afirma que o irregenerado não entende as coisas espirituais. O verbo grego *ginōskō* ("compreender") não significa entender com o intelecto; significa compreender por experiência. Evidentemente, os irregenerados não experimentam a Palavra de Deus, porque não a acolhem. Só os regenerados têm a capacidade de acolher e experimentar as Escrituras mediante o Espírito Santo.[5]

É preciso mais do que regeneração. Reverência e interesse por Deus e por sua Palavra também são fundamentais para a interpretação correta das Escrituras. Uma atitude de apatia ou arrogância em relação à Bíblia não colabora para o entendimento correto da verdade de Deus. As Escrituras são chamadas de santas e devem ser tratada como tal (2 Tm 3.15).

Outros requisitos espirituais são o espírito de oração e a humildade. Um intérprete precisa reconhecer que, ao longo dos séculos, outros leitores da Bíblia lutaram para descobrir o sentido de muitas das mesmas passagens bíblicas e, por isso, talvez tenham adquirido conhecimentos sobre esses textos das Escrituras. Nenhum intérprete é infalível. Portanto, ele precisa admitir a possibilidade de sua interpretação de determinada passagem não estar certa.

Ao ler as Escrituras, deve haver também a disposição de obedecer-lhes, de colocar em prática o que foi aprendido na Palavra. Quando uma pessoa verifica como o Senhor atuou na vida das personagens bíblicas que lhe obedeceram ou desobedeceram e quando compreende os preceitos e as instruções bíblicas para a vida de cada um, ela deve dispor-se a seguir tais exemplos e orientações. A não-reverência pela Palavra, a falta de oração, o orgulho ou a relutância em obedecer às verdades bíblicas são empecilhos para o entendimento do que a Bíblia diz.

O intérprete também precisa depender do Espírito Santo. Como escreveu Moule, "o Espírito bendito não é apenas o Autor legítimo da Palavra escrita; é também seu Expositor supremo e autêntico".[6] A participação do Espírito Santo na interpretação bíblica indica várias coisas. Em primeiro lugar, sua participação não significa que as interpretações de alguém serão infalíveis.

5. Veja também Roy B. ZUCK, *The Holy Spirit in your teaching*, ed. rev., Wheaton, Victor Books, 1984, p. 62-3.
6. H. C. G. MOULE, *Veni Creator: thoughts on the person and work of the Holy Spirit*, London, Hodder & Stoughton, 1890, p. 63.

Inerrância e infalibilidade são características dos manuscritos originais da Bíblia, não de seus intérpretes. As pessoas têm o direito de interpretá-la, mas isso não significa que todos as conclusões da interpretação individual serão precisas.

Em segundo lugar, a obra do Espírito na interpretação não quer dizer que ele desvende para alguns intérpretes um sentido "oculto", diferente do significado normal e literal da passagem.

Em terceiro lugar, como já dissemos, o cristão que esteja vivendo em pecado é suscetível de interpretar erroneamente a Bíblia, pois seu coração e sua mente não estão em harmonia com o Espírito Santo.

Em quarto lugar, o Espírito Santo guia-nos a toda a verdade (Jo 16.13). O verbo *guiar* significa "ir na frente ou conduzir ao longo do caminho ou estrada". Jesus prometeu aos discípulos que o Espírito Santo haveria de esclarecer e expandir o que ele lhes havia dado. Depois da ascensão de Cristo, o Espírito Santo desceu no dia de Pentecoste para habitar nos fiéis; os discípulos entenderam, então, o significado das palavras de Jesus com relação a si próprio e à sua morte e ressurreição. Embora o versículo 13 visasse aos 12 especificamente (v. 12), todos os cristãos podem ser assim conduzidos à verdade sobre Cristo. Entretanto, o crente não é automaticamente guiado pelo Espírito Santo para que compreenda a verdade das Escrituras, pois, como já foi dito, é preciso obediência. Orientação pressupõe obediência ao Guia e desejo de ser guiado. O crente só tem condições de aplicar, isto é, assimilar pessoalmente as Escrituras pela capacitação do Espírito Santo.

Em quinto lugar, o papel do Espírito Santo na interpretação da Bíblia significa que ele não costuma conceder vislumbres intuitivos e repentinos sobre o sentido dos textos bíblicos. Muitas passagens podem ser entendidas à primeira vista; já o sentido de outras às vezes só é esclarecido gradualmente, depois de estudo cuidadoso. A participação do Espírito na hermenêutica não pressupõe uma atuação misteriosa, que não se pode explicar nem averiguar.

Em sexto lugar, o papel do Espírito na interpretação indica que a Bíblia foi dada para que todos os crentes a entendessem. Sua interpretação não pertence a uma elite minoritária de eruditos.[7]

7. Desejando saber mais sobre o papel do Espírito Santo na interpretação bíblica, veja *The Holy Spirit in your teaching*, p. 58-66 e 136-46.

Entretanto, essas exigências espirituais não garantem automaticamente que qualquer interpretação da Bíblia estará correta. Estamos falando de pré-requisitos, não de garantias.

Além dessas restrições espirituais, existem outras que facilitam a leitura e o estudo da Bíblia. A vontade de estudar é fundamental. Pode-se incluir aí, entre outras coisas, o conhecimento dos contextos bíblicos, da história da Bíblia e de teologia. Conforme Ramm explicou, "As questões de ordem prática não podem ser resolvidas exclusivamente por meios espirituais. Não se pode orar a Deus pedindo informações sobre a autoria de Hebreus e ter por certa uma resposta clara. Não cabe também orar a respeito de outras questões elementares relativas à Bíblia e crer que receberá *uma revelação* sobre *a revelação*".[8]

O estudante da Bíblia também precisa aproximar-se das Escrituras com equilíbrio e bom senso, procurando ser o mais objetivo possível, sem prevenções nem opiniões preconcebidas.

Então, tudo isso quer dizer que a média dos leigos não tem condições de entender a Bíblia? Eles precisam cursar uma escola bíblica ou um seminário para poderem interpretar as Escrituras corretamente? Não, o significado de suas páginas não é restrito a uma minoria. O homem, feito à imagem de Deus, é um ser racional (além de emotivo e volitivo). Ele possui a capacidade intelectual de compreender as Escrituras. Como revelação de Deus escrita nas línguas humanas, a Bíblia é passível de ser entendida.

Por outro lado, isso não elimina a necessidade de professores e não quer dizer que uma pessoa munida da Bíblia pode aprender sozinha sem atentar para o que outros crêem sobre as Escrituras.[9] Certas pessoas receberam o dom de ensinar (Rm 12.7; 1 Co 12.28; Ef 4.11). Os 3 000 discípulos que receberam a salvação no dia de Pentecoste "perseveravam na doutrina dos apóstolos..." (At 2.42). Pedro e João "entraram no templo e ensinavam" (5.21). Eles continuaram "... ensinando o povo" (v. 25) e "todos os dias [...] não cessavam de ensinar..." (v. 42). Barnabé e Saulo "... ensinaram numerosa multidão..." em Antioquia (11.26). Paulo permaneceu em Corinto um ano e meio "... ensinando entre eles a palavra de Deus" (18.11). Em

8. Bernard RAMM, *Protestant biblical interpretation*, 3. ed. rev., Grand Rapids, Baker Book House, 1979, p. 14.
9. No que se refere à estranha afirmação "não tendes necessidade de que alguém vos ensine" (1 Jo 2.27), veja *The Holy Spirit in your teaching*, p. 55-7.

Éfeso, Paulo ensinava "... publicamente e também de casa em casa" (20.20). Ele foi acusado de ensinar a todos em toda a parte (21.28). Até mesmo quando estava em Roma, sob prisão domiciliar, "... com toda a intrepidez [...] ensinava as cousas referentes ao Senhor Jesus Cristo" (28.31). Se cada crente fosse capaz de entender completamente as Escrituras por conta própria, sem a ajuda de ninguém, então por que os apóstolos estavam envolvidos em ensinar os crentes e por que o dom do ensino é dado a certas pessoas na igreja de hoje? Esse ensinamento pode ser transmitido pessoalmente ou mediante instruções escritas, nos comentários. A atitude de manter-se aberto para receber a direção do Espírito por meio de outros pode ajudar o estudioso da Bíblia a evitar alguns dos perigos já mencionados. A questão agora é se as Escrituras são claras.

A Bíblia pode ser compreendida?

Os estudiosos da Bíblia referem-se, às vezes, à perspicuidade — ou clareza — das Escrituras. Mas, se a Bíblia é clara, por que necessitamos de regras ou princípios de interpretação? Por que um cristão que vá ler a Bíblia precisaria da ajuda de mestres ou de escritos como os comentários bíblicos, conforme acabamos de discutir?

Certas pessoas respondem que é impossível entender as Escrituras. Elas se põem a ler uma passagem bíblica decididas a desvendar seu significado, mas acabam descobrindo que este lhes foge ao alcance. Chegam à conclusão de que, se os peritos que estudam a Bíblia durante anos não conseguem chegar a uma mesma interpretação de certas passagens, como elas, que são leigas, o conseguiriam? Para elas a Bíblia parece poder ser tudo, menos clara.

Se as Escrituras são claras, então, para que discutir a interpretação?

Realmente, há certas passagens da Bíblia que são difíceis de entender, como já foi dito. Mas sua mensagem básica é suficientemente simples para qualquer indivíduo compreender. As Escrituras em si não são obscuras.[10] Os ensinamentos bíblicos não estão fora do alcance de uma pessoa comum, como já afirmamos. E a Bíblia também não foi escrita para ser um que-

10. Desejando saber mais sobre o assunto, veja Moisés SILVA, *Has the church misread the Bible?*, Grand Rapids, Zondervan, 1987, p. 77-97.

bra-cabeça, um livro de segredos e enigmas escrito de forma confusa e incompreensível. O fato de a Bíblia ser um livro é sinal de que foi feita para ser lida e entendida. Na qualidade de revelação escrita de Deus, a Bíblia *revela*-nos seu caráter, seus planos e suas regras. Os autores humanos, cujos escritos foram dados pela inspiração do Espírito Santo, pretendiam ser compreendidos, não confundir ou atrapalhar. Como disse Martinho Lutero, o sacerdócio de todos os crentes (1 Pe 2.5) significa que a Bíblia é acessível e pode ser entendida por todos os cristãos. Esta afirmação contrapunha-se à pretensa obscuridade da Bíblia sustentada pela Igreja Católica Romana, que asseverava que só a Igreja podia desvendar seu significado.

Mesmo assim, existem problemas de comunicação. O que para o autor era nítido pode não ficar tão claro para o leitor de imediato. Daí a necessidade da interpretação para se removerem os obstáculos à comunicação e ao entendimento. A exegese e a interpretação, portanto, são necessárias para ajudar a expor a clareza que as Escrituras possuem em si mesmas. Como livro divino pelo qual Deus se comunica com o homem, a mensagem é essencialmente clara; mas, como Palavra de Deus, ela tem uma profundidade que pode desafiar os eruditos mais diligentes.

capítulo dois

A interpretação bíblica — ontem e hoje

Quando você está dirigindo um carro, precisa ficar atento a toda a sinalização rodoviária. Algumas placas servem para advertir: "Saliência ou Lombada" ou "Pista Irregular". Outras mostram a direção: "Siga em Frente ou Vire à Esquerda", "Proibido Virar à Direita" ou ainda "Mão Única". Já outras placas são meramente informativas, a saber, "80 km — Velocidade Máxima Permitida" ou "Proibido Estacionar".

De forma semelhante, o entendimento de como pessoas e grupos interpretavam a Bíblia antigamente pode funcionar para nós como uma espécie de sinalização, advertindo, conduzindo e informando.

Como placa de advertência, o estudo da história da interpretação bíblica pode ajudar-nos a enxergar os erros que outros cometeram no passado e suas conseqüências, alertando-nos assim para evitarmos que se repitam. Nas palavras de Mickelsen: "A história mostra que a utilização de princípios errados prejudicou o trabalho exegético de grandes homens, alguns dos quais foram santos extraordinários. Este fato deve servir de alerta para nós contra a interpretação descuidada. Temos ainda menos desculpas pelo fato de podermos aprender com as lições do passado".[1]

Como placa que indica a direção, o conhecimento de algo da evolução da interpretação bíblica ao longo dos séculos pode ajudar-nos a perceber a importância das interpretações corretas e o que implicam. Como placa informativa, a história da hermenêutica ajuda-nos a entender como certas questões de interpretação surgiram e o modo como foram abordadas no passado. Ela nos informa como chegamos ao nível atual de compreensão da Bíblia.

1. A. Berkeley MICKELSEN, *Interpreting the Bible*, Grand Rapids, Eerdmans, 1963, p. 20.

Como veremos mais adiante neste capítulo, no decorrer dos séculos os estudantes das Escrituras adotaram várias perspectivas: literal, alegórica, tradicional, racionalista e subjetiva. (Veja o "Panorama Histórico-Cronológico" no final deste capítulo.)

A interpretação judaica

Esdras e os escribas

Quando os judeus retornaram do exílio na Babilônia, tudo indica que falavam aramaico, e não hebraico. Conseqüentemente, quando Esdras, o escriba (Ne 8.1, 4, 13; 12.36), leu a lei (Ne 8.3), os levitas (vv. 7-9) tiveram de traduzir do hebraico para o aramaico. Talvez seja este o sentido de "claramente" (v. 8). O termo hebraico *pāras* significa "tornar claro" ou "interpretar", e provavelmente o sentido aqui é "traduzir". Além disso, os levitas "expunham o significado" enquanto circulavam entre o povo, ou seja, explicavam, interpretavam a lei "de maneira que entendessem o que se lia" (v. 8).

Desde Esdras até Cristo, os escribas não só ensinavam as Escrituras, mas também as copiavam. Eles tinham grande reverência pelos textos do Antigo Testamento, mas essa veneração logo caiu no exagero. Por exemplo, o Rabino Akiba (50?-132 d.C.), líder de uma escola para rabinos em Jaffa, na Palestina, "afirmava que toda repetição, figura, paralelismo, sinonímia, palavra, letra, partícula, pleonasmo e, ainda mais, a própria forma de uma letra possuíam um significado oculto, assim como cada fibra da asa de uma mosca ou da perna de uma formiga tem sua importância curiosa".[2] Akiba ensinava que "assim como o martelo que trabalha ao fogo provoca muitas fagulhas, cada versículo das Escrituras possui muitas explicações".[3] Ele asseverava que cada monossílabo do texto bíblico tinha vários significados.

2. Milton S. TERRY, *Biblical hermeneutics*, reimp., Grand Rapids, Zondervan, s.d., p. 609, n. 1.
3. Frederic W. FARRAR, *History of interpretation*, 1886; reimp., Grand Rapids, Baker Book House, 1961, p. 73.

> Havendo um "e" ou um "também" a mais, ou ainda uma flexão, sempre devem merecer interpretação especial. Se 2 Reis 2.14 diz que Eliseu "Também [...] bateu nas águas" [PIB], é sinal de que Eliseu fez mais milagres no Jordão do que Elias. Quando Davi afirma "o teu servo matou também o leão, também o urso", o significado (pela regra de *inclusão sobre inclusão*) é que ele tinha matado pelo menos três animais. Quando se lê que Deus visitou Sara, isso quer dizer que [...] ele [também] visitou outras mulheres estéreis.[4]

Hillel e Shammai

O Rabino Hillel (70 a.C.?-10 d.C.?) foi um líder proeminente entre os judeus da Palestina. Nascido na Babilônia, fundou uma escola em Jerusalém que levou seu nome. Ele era conhecido por sua humildade e seu amor. Hillel dividiu em seis tópicos as diversas regras que se desenvolveram entre os judeus acerca dos 613 mandamentos da lei mosaica.

Estabeleceu ainda sete regras para a interpretação do Antigo Testamento. Wood faz a seguinte síntese dessas regras:

> A primeira está associada a inferências do menos para o mais importante e vice-versa. A segunda é a inferência por analogia. A terceira é a "formação de uma família", isto é, quando um grupo de passagens possui conteúdos semelhantes, considera-se que tal grupo tenha a mesma natureza, oriunda do sentido da passagem principal do grupo. Assim sendo, pode-se interpretar o que está difícil de perceber nas passagens levando-se em consideração o trecho principal. A quarta é como a terceira, limitada porém a duas passagens. A quinta regra baseia-se numa relação entre o genérico e o específico. A sexta era a exposição com base em outra passagem parecida. A sétima trata de uma dedução a partir do contexto.[5]

Shammai, da mesma época que Hillel, diferia dele tanto no que se refere à personalidade quanto à hermenêutica. Indivíduo de temperamento violento, interpretava a lei com rigor. Os ensinamentos desses dois rabinos quase sempre se contrapunham. Após a queda de Jerusalém em 70 d.C., a

4. Ibid., p. 73-4.
5. James D. WOOD, *The interpretation of the Bible: a historical introduction*, Londres, Gerald Duckworth, 1958, p. 14.

escola de Hillel ganhou fama, ao passo que a de Shammai foi perdendo importância e influência.

A alegorização judaica

Alegorizar é procurar um sentido oculto ou obscuro que se acha por trás do significado mais evidente do texto, mas lhe está distante e na verdade dissociado. Em outras palavras, o sentido literal é uma espécie de código que precisa ser decifrado para revelar o sentido mais importante e oculto. Segundo este método, o literal é superficial, e o alegórico é que apresenta o verdadeiro significado.

A alegorização judaica sofreu influências da alegorização grega. Os filósofos gregos, ao mesmo tempo em que admiravam os antigos escritos gregos de Homero (século IX a.C.) e de Hesíodo (século VIII a.C.), ficavam constrangidos com o comportamento imoral e com os antropomorfismos dos deuses imaginários da mitologia grega constantes naquela literatura. Por exemplo, Fedra apaixonou-se por seu enteado Hipólito. Zeus teve de derrotar Tífon, de três cabeças. E Ares, o deus grego da guerra, tinha prazer nas matanças. Como os filósofos gregos podiam louvar essa literatura e ao mesmo tempo aceitar seus elementos "fantasiosos, grotescos, disparatados ou imorais"?[6]

A solução que os filósofos adotaram para contornar o problema foi alegorizar as histórias, procurando sentidos ocultos sob o texto literal. Teógenes de Régio, que viveu por volta de 520 a.C., pode ter sido o primeiro filósofo grego a alegorizar Homero. Outra teoria sobre o primeiro filósofo a alegorizar Homero é Ferecides de Siros, do século VII a.C.[7]

O método da alegorização permitiu que os filósofos gregos que surgiram mais tarde, tais como os estóicos, Querêmon e Cleanto, impulsionavam suas idéias ao mesmo tempo em que se proclamavam fiéis aos escritos antigos. Eles podiam divulgar seus próprios ensinamentos sob o pretexto de alegorizar a mitologia de Homero e de Hesíodo. Assim sendo, os escritores

6. Bernard RAMM, *Protestant biblical interpretation*, 3. ed. rev., Grand Rapids, Baker Book House, 1970, p. 25.
7. Jeff SHARP, Philo's method of allegorical interpretations, *East Asia Journal of Theology* 2: 98, Apr. 1984.

gregos valiam-se de alegorias com fins explicativos, para que os poetas gregos não fossem ridicularizados.

Os judeus de Alexandria, no Egito, foram influenciados pela filosofia grega. Mas também tinham um problema a resolver: como podiam aceitar o Antigo Testamento e também a filosofia grega, especialmente a de Platão? A solução foi a mesma encontrada pelos filósofos gregos: alegorizar o Antigo Testamento. Os judeus alexandrinos preocupavam-se com os antropomorfismos e as imoralidades do Antigo Testamento, da mesma forma que os filósofos gregos ficavam constrangidos com esses elementos em Homero e em Hesíodo. Como havia muitos gregos em Alexandria, os judeus foram logo influenciados e prontamente adotaram a alegorização do Antigo Testamento. Assim, poderiam conviver tanto com este quanto com a filosofia grega. Eles também viam a questão como uma forma de justificativa, uma maneira de defender o Antigo Testamento perante os gregos.

A versão dos Septuaginta — tradução grega do Antigo Testamento feita em Alexandria cerca de 200 anos antes de Cristo — procurou remover deliberadamente os antropomorfismos de Deus. Por exemplo, ela traduz "O SENHOR é homem de guerra", de Êxodo 15.3, em hebraico, por "o Senhor esmaga as guerras". "A forma do SENHOR", em Números 12.8, é traduzida do hebraico por "a glória do Senhor". A Septuaginta traduz Êxodo 32.14, "Então se arrependeu o SENHOR do mal..." por "então o Senhor se compadeceu".[8]

Existem dois nomes de relevo na alegorização judaica de Alexandria: Aristóbulo e Filo. Aristóbulo, que viveu por volta de 160 a.C., acreditava que a filosofia grega estava baseada no Antigo Testamento e que aqueles ensinamentos só podiam ser desvendados mediante alegorização.

A *Epístola de Aristéias*, escrita por um judeu alexandrino aproximadamente no ano 100 a.C., ilustra a alegorização judaica. Ela afirma que as leis dietéticas realmente ensinavam várias formas de discriminação necessárias à obtenção da virtude e que o processo de ruminação de certos animais simboliza a meditação sobre a vida e a existência (*Epístola de Aristéias*, 154).

8. Charles Theodore FRITSCH, *The anti-anthropomorphisms of Greek Pentateuch*, 1943, p. 918, apud SHARP, op. cit., p. 97.

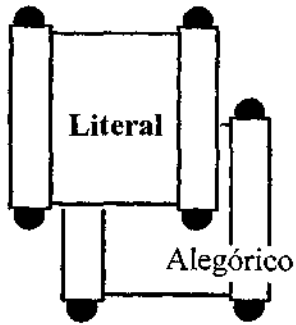
Homero e Hesíodo



Filósofos gregos

Visavam a evitar os antropomorfismos e as imoralidades dos deuses gregos.

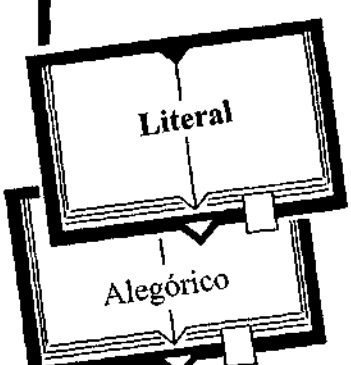
Antigo Testamento



Judeus alexandrinos (Aristóbulo Filo)

Visavam a evitar os antropomorfismos de Deus e unir o judaísmo à filosofia grega.

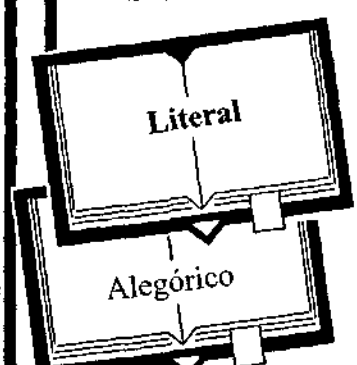
Bíblia



Pais apostólicos

Visavam a evitar os antropomorfismos de Deus e explicar os tipos do AT.

Bíblia



Cristãos alexandrinos (Panteno, Clemente, Orígenes)

Visavam a evitar os problemas do texto bíblico, sustentando assim a racionalidade do cristianismo.

Filo (c. 20 a.C.-c. 54 d.C.) é o alegorista judeu-alexandrino mais famoso. Ele também sofreu influência da filosofia grega, mas, como era um judeu devoto, procurou defender o Antigo Testamento contra os gregos e, muito mais ainda, contra seus companheiros judeus. Seu desejo de evitar contradições e blasfêmias levou-o a alegorizar o Antigo Testamento, em vez de seguir sempre um método literal de interpretação. Filo disse que a alegorização é necessária para evitar as declarações aparentemente impróprias de Deus ou as afirmações aparentemente contraditórias do Antigo Testamento. Disse também que a alegorização faz-se necessária quando a própria passagem indica que se trata de uma alegoria.

Filo ensinava que Sara e Hagar representam a virtude e a cultura, e Jacó e Esaú, a prudência e a insensatez; que o episódio em que Jacó se deitou e apoiou a cabeça numa pedra simboliza a autodisciplina da alma e o candelabro de sete hásteas que havia no tabernáculo e no templo representa sete planetas. A alegorização também se utilizava de sinônimos e jogos de palavras. Farrar cita os seguintes exemplos dos escritos de Filo:

> Se o texto bíblico diz que Adão "se escondeu de Deus", essa expressão é uma desonra a Deus, que vê todas as coisas — portanto, só se pode tratar de alegoria. Quando lemos que Jacó, dispondo de tantos servos, enviou José para procurar os irmãos, que Caim tinha esposa ou construiu uma cidade, que Potifar tinha uma esposa, que Israel era uma "herança de Deus" ou que Abraão foi chamado de "o pai" de Jacó em vez de avô, estamos diante de "contradições", e, conseqüentemente, essas passagens precisam ser alegorizadas.[9]

Filo, porém, não descartou totalmente o significado literal das Escrituras. E ainda disse que este correspondia ao nível mais imaturo de entendimento, correspondente ao corpo, ao passo que o significado alegórico era para o maduro, correspondente à alma.

Alguns judeus tornaram-se ascéticos e formaram comunidades fechadas, como a dos essênios de Qumran, perto do mar Morto. Eles copiavam as Escrituras e escreviam comentários sobre alguns dos livros do Antigo Testamento. Eles também sofreram influência da alegorização. No comen-

9. Op. cit., p. 150.

tário redigido em Qumran sobre Habacuque 2.17, lê-se: "Líbano aqui representa o Conselho Comunitário, e 'animais ferozes', os judeus simples de espírito que cumprem a lei".

Os pais da igreja primitiva

Pouco se sabe sobre a hermenêutica dos primeiros pais da igreja, daqueles que viveram no século I d.C. Mas sabe-se que em seus escritos proliferavam as citações do Antigo Testamento e que entendiam que este deixava prever a Cristo.

Clemente de Roma viveu por volta de 30 a 95 d.C. Ele fazia muitas citações detalhadas do Antigo Testamento. Citava também o Novo Testamento com freqüência, visando a reforçar suas próprias exortações.

Inácio de Antioquia da Síria, (c. 35-107) escreveu sete cartas endereçadas a Roma, nas quais fazia constantes alusões ao Antigo Testamento e salientava a figura de Jesus Cristo. Policarpo de Esmirna (70-155) também fez diversas citações do Antigo e do Novo Testamento em sua *Epístola aos Filipenses*.

A *Epístola de Barnabé* cita o Antigo Testamento 119 vezes. Também utiliza alegorias constantemente. Exemplo clássico é a menção que Barnabé faz dos 318 servos de Abraão (Gn 14.14). Ele afirmou que existem três letras gregas que representam o número 318 e que cada uma tem um significado. A letra grega *t* equivale a 300 e representa a cruz; as letras *i* e equivalem a 10 e 8 respectivamente, e são as primeiras duas letras de *Iēsous* (Jesus, em grego). Portanto, os 318 servos representam Jesus na cruz. Barnabé escreveu: "Deus sabe que nunca ensinei a ninguém nada mais verdadeiro, e acredito que sois dignos disso". Esta prática de atribuir significado aos números é conhecida como *gematria*.

As outras interpretações de Barnabé são um pouco forçadas. Por exemplo, ele disse que aquela frase de Salmos 1.3, "Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas", fala do batismo e da cruz. O fato de a folhagem não murchar indica que o justo haverá de trazer provisões e esperança para muitas pessoas.

A partir do exemplo desses pais da igreja primitiva, fica evidenciado que, apesar do fato de terem tido um bom começo, logo foram influenciados pela alegorização. Mesmo assim, entendiam que o Antigo Testamento continha

muitos tipos que falavam de Jesus Cristo.

Justino Mártir (c. 100-164) fazia muitas citações das Escrituras em suas obras, quase sempre com o objetivo de mostrar que o Antigo Testamento prenunciava Cristo.

> Justino era um defensor apaixonado e destemido do cristianismo. Era homem muito culto e adorava usar seus conhecimentos de filosofia grega para ilustrar e reforçar os ensinamentos das Escrituras. Mas suas exposições costumam ser fantasiosas, quase tolas, às vezes. Ele [...] leva a interpretação comum do Antigo Testamento a uma fantasia literária desarrazoada.[10]

Justino afirmava que Lia representa os judeus, Raquel simboliza a igreja e Jacó é Cristo, que serve a ambos. A atitude de Arão e Hur de sustentar as mãos de Moisés simboliza a cruz. Justino afirmava que o Antigo Testamento era pertinente aos cristãos, mas essa pertinência, dizia ele, era percebida por meio da alegorização.

Em seu *Diálogo com Trífon*, ele contestou Marcião, escritor da época da igreja primitiva que não aceitava o Antigo Testamento e acreditava que este não tinha a menor aplicabilidade para os cristãos modernos. Marcião sustentava que nem a alegorização conseguia tornar-lhe aplicável.

Ireneu morou em Esmirna (hoje parte da Turquia) e em Lião (hoje na França). Ele viveu de 130 a 202 aproximadamente. Contrapondo-se aos gnósticos e às suas interpretações fantasiosas, Ireneu ressaltou, em sua obra *Contra Heresias*, que a Bíblia deve ser entendida de acordo com seu sentido óbvio, verdadeiro. Fazendo frente a outros hereges, como os valentinianos e os seguidores de Marcião, que rejeitavam o Antigo Testamento, Ireneu frisou que este é aceitável para os cristãos porque está repleto de tipos. Em certos casos, entretanto, a tipologia por ele desenvolvida chegava às raias da alegoria. Ele afirmou, por exemplo, que os três espias (e não dois!) que Raabe escondeu representavam Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Nos cinco volumes de sua obra *A Refutação da Falsa Gnose*, ele acusa seus adversários de cometerem dois erros. Primeiro, eles deixaram de lado a ordem e o contexto das passagens bíblicas, tomando passagens e palavras isoladas e interpretando-as tendo em mente suas próprias teorias. Segundo, acusou os valentinianos de interpretarem passagens claras, evidentes, pelo

10. TERRY, op. cit., p. 634.

prisma da obscuridade.[11] Ireneu assinalou que uma afirmação ambígua nas Escrituras não deve ser explicada a partir de outra afirmação ambígua.

Em seu entender, o único método correto de interpretação é o da fé, preservada nas igrejas mediante a sucessão apostólica.[12] Ele costumava apelar para a tradição, dizendo que a exposição autêntica das Escrituras precisava ser aprendida com os anciãos, que podiam considerar-se participantes da sucessão apostólica.

Tertuliano de Cartago (c. 160-220) afirmou que as Escrituras são propriedade da igreja. A solução para a heresia é "a regra de fé", ou seja, os ensinamentos ortodoxos sustentados pela igreja. Tertuliano acreditava que as passagens bíblicas tinham de ser vistas de acordo com o sentido original, interpretadas segundo o contexto em que foram enunciadas ou escritas.[13] Contudo, à semelhança do que ocorreu com Ireneu, sua tipologia beirou a alegorização. O quadro de Gênesis 1.2, do Espírito pairando sobre as águas, simboliza o batismo, e Cristo estava ensinando por meio de símbolos quando disse a Pedro que embainhasse a espada.

Tertuliano reprovava os gnósticos por sua alegorização, no entanto recorria a esse estilo sempre que lhe convinha. Os 12 apóstolos são simbolizados pelas 12 fontes de água de Elim, pelas 12 pedras preciosas que o sacerdote levava no peitoral e pelas 12 pedras tiradas do rio Jordão.[14]

Podemos fazer três observações sobre esses três apologistas: Justino, Ireneu e Tertuliano: 1) O estilo alegórico assumiu um caráter apologético, da mesma forma que sucedera no caso dos filósofos gregos e dos judeus alexandrinos. Tais homens achavam que os problemas do Antigo Testamento eram prontamente resolvidos pela alegorização. 2) A tipologia logo pendeu para a alegorização. 3) A autoridade da igreja foi usada para combater as heresias. Sem saber, esses apologistas acabaram abrindo caminho para que a tradição da igreja ganhasse maior autoridade, e essa perspectiva predominou durante séculos na Idade Média.

11. Robert M. GRANT & David TRACY, *A short history of the interpretation of the Bible*, 2. ed., Philadelphia , Fortress Press, 1984, p. 49.
12. Ibid., p. 50.
13. R. P. C. HANSON, Notes on Tertullian's interpretation of Scripture, *Journal of Theological Studies 12: 276, 1961.*
14. FARRAR, op. cit., p. 178.

Os pais alexandrinos e antioquinos

Duas escolas de pensamento surgiram cerca de 200 anos depois de Cristo. Eram escolas de concepções hermenêuticas que tiveram forte impacto sobre a igreja nos séculos posteriores.

Os pais alexandrinos

Panteno, falecido por volta de 190, é o mais antigo mestre da Escola Catequética de Alexandria, no Egito, de que se tem notícia. Ele foi professor de Clemente (não confundi-lo com Clemente de Roma, mencionado anteriormente).

Não é de admirar que Clemente (155-216), morador de Alexandria, tivesse sido influenciado pelo alegorista judeu Filo. Clemente ensinava que todas as Escrituras utilizam uma linguagem simbólica misteriosa. Um dos motivos disso é que servia para despertar a curiosidade dos leitores, e outro era que as Escrituras não deviam ser entendidas por todos.

Clemente afirmou que qualquer passagem da Bíblia pode ter até cinco significados: a) histórico (as histórias bíblicas); b) doutrinário, com ensinamentos morais e teológicos; c) profético, que inclui tipos e profecias; d) filosófico (alegorias com personagens históricas, como Sara, que simbolizava a verdadeira sabedoria, e Hagar, que representava a filosofia pagã e e) místico (verdades morais e espirituais).

Em sua excessiva alegorização, Clemente ensinava que as proibições mosaicas de comer porco, falcão, águia e corvo (Lv 11.7, 13-19) representavam respectivamente a ânsia impura pela comida, a injustiça, o roubo e a cobiça. No episódio em que 5 000 pessoas foram alimentadas (Lc 9.10-17), os dois peixes simbolizam a filosofia grega (*As Miscelâneas,* 6.11).

Orígenes (c. 185-254) era homem muito culto e de grande magnetismo. Adorador das Escrituras, elaborou os *Hexapla* — obra em que o texto hebraico e mais cinco versões gregas do Antigo Testamento ficavam dispostos em seis colunas paralelas. Esse trabalho imensurável consumiu cerca de 28 anos. Ele escreveu uma série de comentários e homilias sobre grande parte da Bíblia, e também redigiu vários trabalhos apologéticos, entre eles *Contra Celso* e *De Principiis*. Neste último, ressaltou que, como a Bíblia está repleta de enigmas, parábolas, afirmações de sentido obscuro e

problemas morais, o sentido só pode ser encontrado num nível mais profundo. Esses problemas incluem a existência de dias em Gênesis 1 antes de o Sol e a Lua terem sido criados, o fato de Deus caminhar pelo jardim do Éden, outros antropomorfismos como a face de Deus e problemas morais como o incesto de Ló, a embriaguez de Noé, a poligamia de Jacó e a sedução de Judá por Tamar, entre outros. Valendo-se de suas alegorias, Orígenes rebateu prontamente estas e outras questões que os inimigos do Evangelho usavam para atacar o cristianismo. Aliás, ele afirmou que as próprias Escrituras exigem que o intérprete empregue o método alegórico (*De Principiis*, 4.2.49; 4.3.1). Ele via um sentido triplo nos textos bíblicos: literal, moral e espiritual/alegórico. Tal concepção estava fundamentada na tradução da Septuaginta de Provérbios 22.20, 21: "Registra-as três vezes [...] para que possas responder com palavras de verdade". Esse sentido triplo também é sugerido em 1 Tessalonicenses 5.23 pelo corpo (literal), pela alma (mortal) e pelo espírito (alegórico). Na realidade, ele costumava enfatizar só dois sentidos: o literal e o espiritual (a "letra" e o "espírito"). Todos os textos bíblicos tem significado espiritual, afirmava, mas nem todos possuem significado literal.

Mediante a alegorização, Orígenes ensinava que a arca de Noé simbolizava a igreja e que Noé simbolizava Cristo. O episódio em que Rebeca tirou água do poço para os servos de Abraão significa que devemos recorrer diariamente às Escrituras para ter um encontro com Cristo. Na entrada triunfal de Jesus, a jumenta representava o Antigo Testamento, o jumentinho o Novo Testamento e os dois apóstolos os aspectos moral e místico das Escrituras.

Orígenes desconsiderou a tal ponto o sentido literal e normal das Escrituras, que seu estilo alegórico passou a ser caracterizado por um exagero incomum. Como disse certo autor, era "fantasia desmedida".[15]

Os pais antioquinos

Percebendo o crescente abandono do sentido literal das Escrituras por parte dos pais alexandrinos, vários líderes da igreja em Antioquia da Síria

15. Ernest F. KEVAN, The principles of interpretation, in: Carl F. H. HENRY, ed., *Revelation and the Bible*, Grand Rapids, Baker Book House, 1958, p. 291.

sublinharam a interpretação histórica, literal. Eles incentivaram o estudo das línguas bíblicas originais (hebraico e grego) e redigiram comentários sobre as Escrituras. O elo entre o Antigo e o Novo Testamento era a tipologia e as profecias em vez da alegorização. Para eles, a interpretação literal incluía a linguagem figurada.

Doroteu, com seus ensinamentos, ajudou a abrir caminho para a instituição da escola em Antioquia da Síria. Luciano (c. 240-312) foi o fundador da escola antioquina.

Diodoro, também da escola antioquina (m. 393), elaborou a obra *Que Diferença Há entre Teoria e Alegoria?*. Ele empregou a palavra *teoria* em referência ao sentido autêntico do texto que, conforme disse, contém tanto metáforas quanto afirmações explícitas. Foi ele o mestre de dois outros pais antioquinos famosos: Teodoro da Mopsuéstia e João Crisóstomo. Conta-se que Teodoro da Mopsuéstia foi o maior intérprete da Escola de Antioquia. No último de seus cinco livros, *Da Alegoria e História Contra Orígenes*, ele pergunta: "Se Adão não era de fato Adão, como a morte foi introduzida na raça humana?". Apesar de Teodoro contestar a canonicidade de vários livros da Bíblia, é conhecido como o príncipe da exegese primitiva. Gilbert escreveu: "O comentário de Teodoro [de Mopsuéstia] sobre as epístolas menores de Paulo é o primeiro e praticamente o último trabalho exegético elaborado na igreja primitiva a ter qualquer semelhança com os comentários modernos".[16]

João Crisóstomo (c. 354-407) era arcebispo de Constantinopla. Suas mais de 600 homilias — que consistem em discursos expositivos de aplicação prática — levaram certo autor a afirmar: "Crisóstomo é indubitavelmente o maior comentarista dentre os primeiros pais da igreja".[17] Suas obras contêm cerca de 7 000 citações do Antigo Testamento e em torno de 11 000 do Novo.

Teodoreto (386-458) escreveu comentários sobre a maioria dos livros do Antigo Testamento e sobre as epístolas de Paulo. Seus comentários, segundo Terry, "encontram-se entre os melhores exemplares da exegese primitiva".[18]

16. G. H. GILBERT, *The interpretation of the Bible: a short history*, apud RAMM, op. cit., p. 50.
17. TERRY, op. cit. p. 649.
18. Ibid., p. 650.

Os pais da igreja dos séculos V e VI

Sete nomes destacam-se entre os pais da igreja dos séculos V e VI, embora Jerônimo e Agostinho sejam os mais conhecidos.

Jerônimo (c. 347-419) começou adotando a alegorização de Orígenes. Sua primeira obra exegética, *Comentário sobre Obadias*, foi alegórica. Posteriormente, porém, assumiu um estilo mais literal, depois de ter sido influenciado pela escola antioquina e pelos mestres judeus. O último comentário que escreveu foi sobre Jeremias e seguia a linha literal. Mas ele acreditava que um sentido mais profundo das Escrituras poderia ser desvendado a partir do sentido literal. Ou, quando este não era nada edificante, ele o descartava. Foi por isso que alegorizou a história de Judá e Tamar (Gn 38).

Depois de muito viajar, fixou-se em Belém, em 386 d.C. Em clausura, escreveu comentários sobre a maioria dos livros da Bíblia e traduziu-a para o latim. Essa tradução — a *Vulgata* — foi sem sombra de dúvida sua maior obra.

Como já foi dito, Tertuliano ajudou a abrir o caminho para a autoridade e para a tradição da igreja. Vicente, que faleceu antes de 450, adotou esse destaque e conferiu-lhe uma clareza ainda maior. Em seu *Commonitorium* (434 d.C.), ele diz que as Escrituras conheceram sua exposição definitiva na igreja primitiva. "A linha de interpretação dos profetas e apóstolos precisa seguir a norma dos sentidos eclesiástico e católico." A referida "norma" incluía as decisões dos conselhos eclesiásticos e as interpretações dos pais. Sua autoridade hermenêutica era: "O que sempre foi crido por todos, em toda a parte". Assim sendo, os três testes para verificar o sentido de uma passagem baseavam-se na universalidade, na idade do texto e no bom senso.

Agostinho (354-430) foi um teólogo proeminente que exerceu grande influência na igreja durante séculos. No início, era maniqueísta. O movimento maniqueísta, que começou no século III d.C., desmerecia o cristianismo ressaltando os antropomorfismos absurdos do Antigo Testamento. Essa perspectiva dificultava seu entendimento do Antigo Testamento. A tensão foi resolvida, no entanto, quando ele ouviu Ambrósio na catedral de Milão, na Itália. Ambrósio tinha o hábito de citar 2 Coríntios 3.6: "... a letra mata, mas o Espírito vivifica". Foi assim que Agostinho adotou o estilo alegórico como forma de solucionar os problemas do Antigo Testamento.

Em sua obra *De Doctrina Christiana*, escrita em 397, ele salienta que a forma de descobrir se uma passagem tem sentido alegórico (e a maneira de se resolverem problemas de exegese) é consultar "a regra da fé", ou seja, o ensinamento da igreja e da própria Escritura. Contudo, nessa mesma obra Agostinho desenvolveu o princípio da "analogia da fé", segundo o qual nenhuma interpretação é aceitável se for contrária ao sentido geral do restante das Escrituras. No terceiro volume de *De Doctrina Christiana*, ele apresenta sete regras de interpretação, mediante as quais procura criar um fundamento racional para a alegorização. São elas:

1. "O Senhor e seu corpo." As referências a Cristo quase sempre também se aplicam a seu corpo, a igreja.
2. "A divisão em dois feita pelo Senhor ou a mistura que existe na igreja." A igreja pode conter tanto hipócritas quanto cristãos genuínos, representados pelos peixes bons e maus apanhados na rede (Mt 13.47, 48).
3. "Promessas e a lei." Algumas passagens estão relacionadas com a graça e outras com a lei; algumas ao Espírito, outras à letra; algumas às obras, outras à fé.
4. "Espécie e gênero." Certas passagens dizem respeito às partes (espécie), enquanto outras referem-se ao todo (gênero). Os cristãos israelitas, por exemplo, são uma espécie (uma parte) dentro de um gênero, a igreja, que é o Israel espiritual.
5. "Tempos." Discrepâncias aparentes podem ser resolvidas inserindo uma afirmação em outra. Por exemplo, a versão de um dos evangelhos de que a Transfiguração ocorreu seis dias após o episódio em Cesaréia de Filipe insere-se dentro da versão de outro evangelho, que registra oito dias. E o significado dos números quase nunca é o matemático exato, mas sim o de ordem de grandeza.
6. "Recapitulação." Algumas passagens difíceis podem ser explicadas quando vistas como referindo-se a um relato anterior. O segundo relato sobre a Criação, em Gênesis 2, é entendido como uma recapitulação do primeiro relato, em Gênesis 1, não como uma contradição a ele.
7. "O diabo e seu corpo." Algumas passagens que falam do diabo, como Isaías 14, estão mais relacionadas a seu corpo, isto é, a seus seguidores.

Segundo o sistema de interpretação bíblica de Agostinho, o grande teste para saber se uma passagem tem sentido alegórico é o do amor. Se a

interpretação literal indica dissensão, o texto deve ser alegorizado.[19] Ele salientou que a função do expositor é desvendar o sentido das Escrituras, e não lhes atribuir sentido. Mas ele incorreu justamente no erro que contestava, pois afirmou que "o texto bíblico possui mais de um sentido, o que justifica o método alegórico".[20] O sistema de alegorização de Agostinho ensinava que os quatro rios de Gênesis 2.10-14 eram quatro virtudes fundamentais e que, no episódio da Queda, as folhas de figueira representavam a hipocrisia e o cobrir a carne, a mortalidade (3.7, 21). A embriaguez de Noé (Gn 9.20-23) simbolizava o sofrimento e a morte de Cristo. Os dentes da sulamita, em Cantares 4.2, simbolizavam a igreja "arrancando os homens da heresia".

João Cassiano (c. 360-435) era um monge da Cítia (a atual Romênia). Ele pregava que a Bíblia tinha um sentido quádruplo: histórico, alegórico, tropológico e anagógico. Com "tropológico", ele se referia ao sentido moral. O termo grego *tropē*, que significa "desvio", indica que uma palavra adquire sentido moral. Com "anagógico", referia-se a um significado oculto, celestial, do grego *anagein*, que se traduz por "fazer subir".

Cassiano compôs a cantiga de quatro versos que se tornou famosa ao longo de toda a Idade Média:

Littera gesta docet,
Quid credas allegoria,
Moralis quid agas,
Quo tendas anagogia.

Traduzida, significa o seguinte:

A letra ensina os acontecimentos
[*i.e.*, o que Deus e nossos ancestrais fizeram],
O que você crê é [ensinado] pela alegoria,
[O ensinamento] Moral é o que você faz,
Seu destino é [ensinado] pela anagogia.

Mickelsen propôs uma paráfrase rudimentar que conservasse a rima em seu idioma, que no português seria:

19. RAMM, op. cit., p. 36.
20. Ibid.

Os feitos de Deus e de nossos Pais, a *letra* conta;
O fundamento da nossa fé, a *alegoria* aponta;
As regras do dia-a-dia, o sentido *moral* desvela;
Onde termina nossa porfia, a *anagogia* revela.[21]

Segundo esse método, Jerusalém pode ter quatro significados: historicamente, a cidade dos judeus; alegoricamente, a igreja de Cristo; tropologicamente (ou moralmente), a alma humana e anagogicamente, a cidade celestial.

Euquério de Lião, que morreu por volta de 450, tentou provar em seu livro *As Regras da Interpretação Alegórica* a presença de linguagem simbólica nas Escrituras. Ele defendia seu modo de ver argumentando que, da mesma forma que não se jogam pérolas aos porcos, as verdades bíblicas são vedadas às pessoas não-espirituais. Portanto, os antropomorfismos auxiliam os leigos, mas existem outros indivíduos que conseguem enxergar além, percebendo os significados mais profundos das Escrituras. Mas Euquério também percebia nas Escrituras uma "discussão histórica", isto é, um sentido literal.

Adriano de Antioquia elaborou um manual de interpretação chamado *Introdução às Sagradas Escrituras*, por volta de 425 d.C. Nesse trabalho, ele afirma que os antropomorfismos não devem ser interpretados ao pé da letra. Tratou também de expressões metafóricas e estilos de retórica. Ressaltou que o literalismo é um processo primário e que os intérpretes da Bíblia precisam transcender o entendimento literal para atingirem os significados mais profundos.

Junílio redigiu um manual de interpretação intitulado *As Regras da Lei Divina*, em 550 aproximadamente. Ele afirmou que a fé e a razão não são pólos opostos. À semelhança de Adriano, declarou que a interpretação da Bíblia deve partir da análise gramatical, mas não pode limitar-se a ela.

Ele via quatro espécies de tipos nas Escrituras, as quais podem ser ilustradas com os seguintes exemplos: a ressurreição de Cristo é um alegre tipo de nossa alegre ascensão futura; a triste queda de Satanás é tipo da

21. MICKELSEN, op. cit., p. 35. [A paráfrase original em inglês é a seguinte: "The *letter* shows us what God and our Fathers did;/ The *allegory* shows us where our faith is hid;/ The *moral* meaning gives us rules of daily life;/ The *anagogy* shows us where we end our strife".]

nossa triste queda; a triste queda de Adão é tipo (por contraste) da alegre justiça de nosso Salvador e a alegria do batismo é tipo da tristeza da morte do Senhor.[22]

A partir do exemplo desses pais da igreja dos séculos V e VI, fica evidente que Jerônimo, Vicente e Agostinho abriram caminho para duas tendências que haveriam de durar mais de mil anos: a alegorização e a autoridade da igreja. Cassiano, Euquério, Adriano e Junílio apoiaram-se no método alegórico de Agostinho, fortalecendo assim tal método de interpretação bíblica, para que perdurasse durante os séculos seguintes da Idade Média.

A Idade Média

"A Idade Média foi um deserto vasto no tocante à interpretação bíblica."[23] "Não houve concepções novas e criativas acerca das Escrituras."[24] A tradição da igreja ocupava lugar de relevo, juntamente com a alegorização das Escrituras.

Na Idade Média, era comum o emprego de encadeamentos — cadeias de interpretações formadas a partir dos comentários dos pais da igreja. A maior parte dos encadeamentos medievais estava baseada nos pais latinos Ambrósio, Hilário, Agostinho e Jerônimo.[25]

Normalmente, o início da Idade Média é associado a Gregório, o Grande (540-604), que foi o primeiro papa da Igreja Católica Romana. Ele fundamentava suas interpretações da Bíblia nos pais da igreja. Não é de surpreender que tenha defendido a alegorização nos seguintes termos: "Que são as palavras da verdade se não fizermos delas alimento para a alma? [...] A alegoria equipa a alma que está longe de Deus, alçando-a até ele" (*Exposição Sobre Cantares*). Vejamos alguns exemplos de sua alegorização: no livro de Jó, os três amigos são os hereges, os sete filhos de Jó são os 12 apóstolos, as 7 000 ovelhas são pensamentos inocentes, os 3 000 camelos são as concepções vãs, as 500 juntas de bois são virtudes e os 500 jumentos são tendências lascivas.

22. GRANT e TRACY, op. cit., p. 70
23. MICKELSEN, op. cit., p. 35.
24. Ibid.
25. GRANT e TRACY, op. cit., p. 83.

Beda, o Venerável (673-734), teólogo anglo-saxão, escreveu comentários que, em grande parte, eram compilações dos trabalhos de Ambrósio, Basílio e Agostinho; além disso, tinham forte caráter alegórico. Segundo o entender de Beda, na parábola do filho pródigo, o filho representava a filosofia mundana, o pai simbolizava Cristo e a casa do pai era a igreja.

Alcuíno (735-804), de Iorque, na Inglaterra, também adotou o sistema alegórico. No comentário que elaborou sobre João, ele seguiu os passos de Beda e reuniu os comentários de Agostinho e Ambrósio, entre outros.

Rabano Mauro foi aluno de Alcuíno e redigiu comentários sobre todos os livros da Bíblia. Valendo-se da alegorização, escreveu que as quatro rodas da visão de Ezequiel representavam a lei, os profetas, os evangelhos e os apóstolos. O significado histórico da Bíblia é leite, o alegórico é pão, o anagógico é alimento saboroso e o tropológico é vinho que alegra.

Rashi (1040-1105) foi um literalista judeu da Idade Média que exerceu grande influência sobre as interpretações judaica e cristã, dada a ênfase que colocava na gramática e na sintaxe do hebraico. Ele elaborou comentários sobre o Antigo Testamento inteiro, à exceção de Jó e Crônicas. Afirmou que "o sentido literal precisa ser conservado, a despeito de como possa afetar o sentido tradicional".[26] A denominação "Rashi" foi tirada das primeiras letras de seu nome: *Ra*bino *Sh*ilomo [Salomão] bar [filho de] *I*saque.

Três autores da Abadia de São Vítor, em Paris, adquiriram o mesmo interesse de Rashi pelo aspecto histórico e literal das Escrituras. Esses homens — Hugo (1097-1141), Ricardo (m. 1173) e André (m. 1175) — eram conhecidos como os vitorinos. Ricardo e André eram alunos de Hugo. A ênfase dos vitorinos no sentido literal das Escrituras foi uma luz brilhante na Idade Média. André discordava de Jerônimo, que afirmara que a primeira parte de Jeremias 1.5 falava de Jeremias, mas a última parte do versículo falava de Paulo. André disse: "Que tem isso que ver com Paulo?". Ricardo, por sua vez, preocupou-se mais com o aspecto místico da Bíblia do que os outros dois.

Bernardo de Claraval (1090-1153) foi um monge proeminente que elaborou inúmeros trabalhos, dentre os quais figuram 86 sermões apenas sobre os dois primeiros capítulos de Cantares! Sua forma de interpretar a Bíblia caracterizava-se por uma alegorização e um misticismo exagerados.

26. Eugene H. MERRIL, Rashi, Nicholas de Lyra, and Christian exegesis, *Westminster Theological Journal 38:* 69, 1975.

Um exemplo disso é que as virgens de Cantares 1.3 eram anjos, e as duas espadas em Lucas 22.38 representavam os aspectos espiritual (o clero) e material (o imperador).

Joaquim de Flora (1132-1202), monge beneditino, escreveu que a época desde a Criação até Cristo foi a era de Deus Pai, que a segunda era (de Cristo até o ano 1260) foi a de Deus Filho, representada pelo Novo Testamento, e que a era futura (a começar em 1260) seria a do Espírito Santo. Joaquim também escreveu uma harmonia dos evangelhos e elaborou comentários sobre diversos profetas.

Stephen Langton (c. 1155-1228), arcebispo da Cantuária, sustentava que a interpretação espiritual é superior à literal. Assim sendo, no livro de Rute, o campo simboliza a Bíblia, Rute representa os estudantes e os ceifeiros são os mestres. Foi Langton quem dividiu a *Vulgata* em capítulos.

Tomás de Aquino (1225-1274) foi o teólogo mais famoso da Igreja Católica Romana da Idade Média. Ele acreditava que o sentido literal das Escrituras era fundamental, mas que outros sentidos apoiavam-se sobre este. Como a Bíblia tem um Autor divino (bem como autores humanos), ela tem um lado espiritual. "O sentido literal é o que o autor pretende transmitir, mas, como o Autor é Deus, podemos esperar encontrar na Bíblia um manancial de significados. [...] O Autor das Sagradas Escrituras é Deus, que tem o poder de expressar o que quer dizer não apenas por meio de palavras (como também o homem pode fazer), mas também por meio de elementos. [...] Esse significado, que confere sentido aos próprios elementos representados pelas palavras, é chamado de sentido espiritual, que por sua vez se apóia no literal e o pressupõe" (*Summa Theologica*, I.1.10). Aquino também considerava os sentidos histórico, alegórico, tropológico e anagógico.[27]

Nicolau de Lira (1279-1340) foi figura de relevo na Idade Média por ter sido o elo entre as trevas daquela era e a luz da Reforma. Em seus comentários sobre o Antigo Testamento, ele rejeitou a *Vulgata* e retornou para o hebraico, mas não conhecia grego. Lutero sofreu forte influência de Nicolau.

Apesar de Nicolau aceitar o sentido quádruplo das Escrituras, tão comum na Idade Média, pouca importância lhe dava, enfatizando o aspecto literal. Neste sentido, foi intensamente influenciado por Rashi.

27. Ibid.

João Wycliffe (c. 1330-1384) foi um extraordinário reformador e teólogo, que acentuava fortemente a legitimidade das Escrituras como fonte de doutrinas e de vida cristã. Portanto, contestava a posição tradicional da Igreja Católica. Ele propôs várias regras de interpretação bíblica: a) consiga um texto confiável; b) entenda a lógica das Escrituras; c) compare os trechos da Bíblia entre si; d) mantenha uma atitude humilde, de busca, para que o Espírito Santo possa ensiná-lo (*The Truth of Holy Scripture* [*A Verdade das Sagradas Escrituras*], 1377, p. 194-205). Sublinhando a interpretação gramatical e histórica das Escrituras, Wycliffe escreveu que "tudo o que é necessário na Bíblia está contido em seus devidos sentidos literal e histórico". Ele foi o primeiro tradutor inglês da Bíblia. É chamado de "a estrela-d'alva da Reforma".

A Reforma

Durante a Reforma, a Bíblia passou a ser a única fonte legítima a nortear a fé e a prática. Os reformadores basearam-se no método literal da escola antioquina e dos vitorinos. A Reforma foi uma época de distúrbios sociais e eclesiásticos, mas, como destacou Ramm, foi essencialmente uma reforma hermenêutica, uma reforma da maneira de ver a Bíblia.[28]

• A Renascença, que iniciou no século XIV na Itália e invadiu o século XVII, consistiu no reavivamento do interesse pela literatura clássica, até mesmo pelo hebraico e pelo grego. Johannes Reuchlin escreveu diversos livros sobre a gramática hebraica, entre eles *Interpretação Gramatical dos Sete Salmos Penitenciais*. Desidério Erasmo, humanista proeminente da Renascença, revisou e publicou, em 1516, a primeira edição do Novo Testamento grego. Foi também ele que escreveu e publicou *Anotações sobre o Novo Testamento*, além de paráfrases de todo o Novo Testamento, com exceção de Apocalipse. "Essas publicações inauguraram uma nova era de aprendizado bíblico e muito contribuíram para suplantar o escolasticismo das eras anteriores com melhores métodos de estudo teológico".[29]

Martinho Lutero (1438-1546) escreveu: "Quando monge, eu era perito em alegorias. Eu alegorizava tudo. Mas, depois de fazer preleções sobre a

28. RAMM, op. cit., p. 52.
29. TERRY, op. cit., p. 671.

Epístola aos Romanos, passei a conhecer a Cristo. Foi assim que percebi que ele não é nenhuma alegoria e aprendi a saber o que Cristo realmente é".

Lutero denunciou energicamente o método alegórico de interpretação das Escrituras. "Alegorias são especulações vãs, são como que a escória das Escrituras Sagradas. "Até a imundícia vale mais que as alegorias de Orígenes." "Alegorizar é manipular o texto bíblico." "A alegorização pode degenerar em mera fraude". "As alegorias são coisas estranhas, absurdas, fantasiosas e obsoletas que não valem um centavo".[30]

Lutero rejeitou o sentido quádruplo das Escrituras, que predominara na Idade Média, e ressaltou o sentido literal (*sensus literalis*) da Bíblia. Ele disse que as Escrituras "devem ser mantidas em seu significado mais simples possível e entendidas de acordo com seu sentido gramatical e literal, a menos que o contexto claramente o impeça" (*Luther's Works*, 6:509). A importância que dava ao aspecto literal levou-o a elevar os idiomas originais das Escrituras. "Sem os idiomas, não preservaremos o evangelho por muito tempo. Eles são a bainha onde a espada do Espírito fica guardada" (*Luther's Works*, 4:114-5). Mas o estudante da Bíblia, declarou Lutero, precisa ser mais do que um filólogo. Precisa ser iluminado pelo Espírito Santo. Além disso, a abordagem gramatical e histórica não é um fim em si mesma; seu objetivo é conduzir-nos a Cristo.

À semelhança de Agostinho, Lutero afirma, em sua obra *Analogia Scripturae* [*Analogia da Fé*] que as passagens obscuras devem ser entendidas com base nas de sentido nítido. "O texto bíblico interpreta a si próprio", costumava dizer. "Esse é o verdadeiro método de interpretação, que compara passagem bíblica com passagem bíblica da forma certa, adequada" (*Luther's Works*, 3:334).

Na opinião de Lutero, qualquer cristão devoto pode entender a Bíblia. "Não existe na terra livro mais translúcido que as Sagradas Escrituras" (exposição do salmo 37). Com tal ênfase, ele estava contrapondo-se à dependência que as pessoas comuns tinham da Igreja Católica Romana.

Embora Lutero fosse inimigo ferrenho da alegorização das Escrituras, vez por outra ele também empregava esse estilo. Ele afirmou, por exemplo, que a arca de Noé era uma alegoria da igreja.

Para ele, a interpretação bíblica deve estar centrada em Cristo. Em vez de alegorizar o Antigo Testamento, com freqüência Lutero via nele a figura de

30. Apud FARRAR, op. cit., p. 328.

Cristo, muitas vezes além do que legitimamente permite uma interpretação correta.

O fato de Lutero ter rejeitado a alegorização das Escrituras causou uma revolução. O estilo alegórico estivera arraigado na igreja havia séculos. Embora tivesse sido fruto da tentativa de solucionar a questão dos antropomorfismos e supostas imoralidades da Bíblia, esse estilo continha inúmeros problemas. A alegorização passa a ser arbitrária. É um processo que carece de objetividade e que não refreia a imaginação. Ela encobre o verdadeiro sentido dos textos bíblicos. Sua mensagem não se impõe, pois alguém pode dizer que certa passagem ensina determinada verdade em termos alegóricos, ao passo que outra pessoa é capaz de enxergar um significado completamente diferente. É uma forma de despojar as Escrituras de qualquer autoridade. "A Bíblia analisada pelo prisma alegórico torna-se massa de modelar nas mãos do exegeta."[31] A alegorização também pode provocar orgulho quando alguns procuram enxergar nas Escrituras o que pensam ser um sentido espiritual, místico, mais "profundo" do que aquele visto pelos outros.

Mas o apóstolo Paulo não fez uso da alegorização? Ele escreveu, em Gálatas 4.24-26: "Estas cousas são alegóricas: porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Hagar. Ora, Hagar é o monte Sinai na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe...". Existe, porém; uma diferença entre a interpretação de alegorias assim chamados na Bíblia (veja o cap. 9: "O Exame das Parábolas e a Análise das Alegorias") e a alegorização da maior parte das Escrituras. Quando Paulo utiliza alegorias em Gálatas 4, ele deixa claro o que está fazendo, como acontece com os outros autores bíblicos que empregaram esse estilo. O apóstolo escreveu literalmente: "Estas cousas são alegóricas...". Ele empregou o verbo *allēgorēo*, que significa "dar a entender um sentido diferente do que é expresso pelas palavras". É um complemento, não um substituto do sentido claro, gramatical das palavras. A tabela abaixo assinala as diferenças entre o método alegórico de interpretação, que predominou durante séculos na igreja, e a forma como Paulo utiliza uma alegoria.

31. RAMM, op. cit., p. 30.

O método alegórico	*A alegorização de Paulo*
1. O sentido histórico é irrelevante (se é que é verdadeiro).	1. O sentido histórico é relevante e verdadeiro.
2. O significado mais "profundo" é o significado verdadeiro.	2. Fazem-se paralelos para chegar a uma conclusão.
3. O significado mais "profundo" é a "exposição" do que está registrado.	3. Paulo não disse que a alegoria era a "exposição" de Gênesis 16.
4. Tudo no Antigo Testamento pode ser alegorizado.	4. Quando Paulo utilizou o estilo alegórico, ele informou que estava alegorizando.

O apóstolo utilizou a alegorização como forma de ilustração ou analogia, para destacar que certos fatos relativos a Hagar estão associados aos não-cristãos e que certos fatos relativos a Sara estão associados aos cristãos.

Philip Melanchthon (1497-1560), companheiro de Lutero, era profundo conhecedor do hebraico e do grego. Esse conhecimento, aliado a "seu caráter judicioso e à prudência de seu método de trabalho, possibilitou que ocupasse uma posição de relevo na exegese bíblica".[32] Apesar de às vezes recair na alegorização, no cômputo geral ele também seguia o método gramatical e histórico.

João Calvino (1509-1564) é chamado de "um dos maiores intérpretes da Bíblia".[33] Como Lutero, Calvino rejeitava as interpretações alegóricas. Declarou que eram "jogos fúteis" e que Orígenes e muitos outros eram culpados de "desfigurar as Escrituras em todos os sentidos possíveis, destituindo-as do sentido original". Calvino ressaltava a natureza cristológica dos textos bíblicos, o método gramático e histórico, a exegese em vez da *eisegese* (deixar o texto falar por si mesmo, e não ler o que ele não diz), o ministério esclarecedor do Espírito Santo e um tratamento equilibrado da tipologia.

Da mesma forma que Lutero, Calvino frisava que "o texto bíblico interpreta a si mesmo". Assim sendo, deu extrema importância à exegese gramatical e à necessidade de examinar o contexto de cada passagem.

32. TERRY, op. cit., p. 674.
33. James D. WOOD, op. cit., p. 91.

Embora seja mais famoso por sua teologia (delineada nos dois volumes da obra *Institutas da Religião Cristã*), ele fez comentários sobre todos os livros da Bíblia, com exceção de 14 do Antigo Testamento e três do Novo. São eles: Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Provérbios, Eclesiastes, Cantares, 2 e 3 João e Apocalipse.

No prefácio de seu comentário sobre Romanos, Calvino escreveu que "a primeira preocupação do intérprete é deixar o autor dizer o que realmente diz, em vez de atribuir-lhe o que achamos que ele deveria dizer". Calvino conhecia profundamente as Escrituras, o que fica evidente no fato de que suas *Institutas* continham 1 755 citações do Antigo Testamento e 3 098 do Novo.

Ulrich Zuínglio (1484-1531) foi o cabeça da Reforma em Zurique, enquanto Calvino o foi em Genebra. Tendo cortado os laços com o catolicismo romano, pregava sermões expositivos, muitos dos quais sobre os evangelhos. Ele repudiava a autoridade da igreja e escreveu que "todos aqueles que afirmam que o evangelho de nada vale sem a aprovação da igreja estão incorrendo num erro e desacreditando Deus" (*Sessenta e Sete Teses*).

Zuínglio salientava a importância de interpretar passagens bíblicas tendo em mente seus contextos. Remover um texto de seu contexto "é como separar uma flor da raiz". Ao abordar o papel do ministério esclarecedor do Espírito Santo, ele declarou que "a certeza vem pelo poder e pela nitidez da atuação criadora de Deus e do Espírito Santo".

William Tyndale (c. 1494-1536) é famoso por sua tradução do Novo Testamento para o inglês, em 1525. Ele também traduziu o Pentateuco e o livro de Jonas. Tyndale era outro que defendia o sentido literal da Bíblia. "As Escrituras têm apenas um sentido, que é o literal."

O movimento anabatista começou em 1525 em Zurique, na Suíça, com os seguidores de Zuínglio. Estes achavam que ele não cortara de vez os laços com o catolicismo no tocante às questões do controle da igreja por parte do Estado e do batismo de crianças. Os três "pais fundadores" do movimento anabatista foram Conrad Grebel, Felix Mantz e Georg Blaurock. Dentre outros líderes famosos figuram: Balthasar Hubmaier, Michael Sattler, Pilgram Marpeck e Menno Simons. Os menonitas de hoje recebem esse nome graças a Menno Simons.

Os anabatistas acreditavam que, se uma pessoa tivesse sido batizada quando bebê pela igreja reformada (zuingliana) e depois de adulta aceitasse

Cristo, deveria ser rebatizada. Foi por isso que seus inimigos apelidaram-nos de "anabatistas", que significa "rebatizadores". Os primeiros líderes na Suíça autodenominavam-se "irmãos suíços". Eles também ressaltavam a importância de cada um interpretar as Escrituras com o auxílio do Espírito Santo, a primazia do Novo Testamento sobre o Antigo, a separação entre a igreja e o Estado e a disciplina e a disposição fiéis de sofrer pelo nome de Cristo. Preocupavam-se intensamente com a necessidade de uma igreja neotestamentária pura, uma lealdade à Bíblia e uma vida de humildade, pureza, disciplina e obediência a Cristo.

Em resposta à Reforma protestante, a Igreja Católica Romana convocou o Concílio de Trento, que se reuniu várias vezes de 1545 a 1563. As reformas empreendidas na Igreja Católica ficaram conhecidas como Contra-Reforma. Esse Concílio declarou que a Bíblia não é a autoridade suprema, mas que a verdade encontra-se "em livros escritos e em tradições não-escritas". Essas tradições incluem os pais da igreja da antigüidade e os líderes da igreja de hoje.

O Concílio afirmou ainda que uma interpretação precisa só se torna possível por meio da Igreja Católica Romana — a fornecedora e guardiã da Bíblia — e não mediante indivíduos. Nele se registraram as seguintes palavras: "Ninguém, apoiando-se na própria capacidade, poderá, 'nas questões de fé e de palavras concernentes à edificação da doutrina cristã, distorcendo as Escrituras Sagradas para seu próprio sentido, presumir que as interpretará em conformidade com o que a Santa Madre Igreja [...] sustentou e sustenta; nem mesmo em contrariedade ao que os pais estabeleceram unanimemente'".

O pós-Reforma

Os 200 anos dos séculos XVII e XVIII caracterizaram-se por vários movimentos e atividades marcantes. Figuram, entre outros, a consolidação e disseminação do calvinismo, as reações ao calvinismo, os estudos textuais e lingüísticos e o racionalismo.

A consolidação e a difusão do calvinismo

A Confissão de Westminster, aprovada pelo parlamento inglês em 1647 e pelo parlamento escocês em 1649, apresentou as doutrinas que norteariam o calvinismo na Inglaterra. A postura da Confissão de Westminster em relação às Escrituras foi a seguinte: "A regra infalível de interpretação bíblica está nas próprias Escrituras; portanto, quando houver dúvida sobre o significado verdadeiro e completo de qualquer passagem (que é apenas um, e não muitos), deve ser pesquisado e conhecido em outros trechos que sejam mais claros".

Francisco Turretin (1623-1687) ensinava teologia em Genebra. Como Calvino, pregava que as Escrituras eram fonte infalível e confiável e reforçava a importância de conhecer o texto original. Esses tópicos são tratados em sua obra *Institutio Theologicae Elenctiacae*. Nesse trabalho, ele discute quatro aspectos principais das Escrituras: sua indispensabilidade, autoridade, perfeição e clareza.

Jean-Alphonse Turretin (1648-1737), filho de Francisco Turretin, escreveu *De Sacrae Scripturae Interpretandae Methodo Tractatus* (1728), onde enfocou os seguintes aspectos relativos à exegese gramatical e histórica:

1. As Escrituras devem ser interpretadas como qualquer outro livro.
2. O intérprete precisa atentar para palavras e expressões nas Escrituras.
3. O objetivo do exegeta é descobrir o propósito do autor no contexto.
4. O intérprete deve utilizar a luz natural da razão (nesse aspecto, ele seguiu o pai, que concordava com Aquino no tocante ao papel da razão), não devendo perceber nas Escrituras nenhuma contradição.
5. As "opiniões dos autores sagrados" precisam ser compreendidas sob o aspecto das épocas em que viveram (ou seja, os cenários cultural e histórico devem ser levados em conta).

Johann Ernesti (1707-1781) é "provavelmente o nome mais notável da história da exegese do século XVIII".[34] Seu trabalho *Institutio Interpretis Nove Testamenti* [*Princípios de Interpretação do Novo Testamento*] foi um

34. TERRY, op. cit., p. 707.

manual de hermenêutica durante mais de cem anos. Ele acentuou a importância da gramática na compreensão das Escrituras e repudiou a alegorização, ressaltando um tratamento literal da Bíblia.

As reações perante o calvinismo

O teólogo holandês Jacobus Arminius (1560-1609) rejeitou uma série de ensinamentos de João Calvino e pregava que o homem possui livre-arbítrio. Em 1610, seus seguidores expuseram suas concepções num tratado de nome *Contestação*.

O misticismo — a concepção de que o homem pode adquirir conhecimentos diretos sobre Deus e ter comunhão com ele por meio de uma experiência subjetiva, à parte das Escrituras — desenvolveu-se no pós-Reforma, sob a influência de Jacob Boehme (1635-1705). Boehme preparou o caminho para o pietismo e sua ênfase na espiritualidade interior.

Após o Concílio de Trento, os protestantes puseram-se a delinear suas próprias doutrinas, a fim de defender seus ensinamentos. Assim, o pós-Reforma foi uma época de dogmatismos teológicos, "uma época de caça às heresias e de um rigoroso protestantismo doutrinário".[35]

O pietismo surgiu como reação ao dogmatismo doutrinário. Philipp Jakob Spener (1635-1705) é considerado o fundador do pietismo do pós-Reforma. Luterano que era, repelia o formalismo morto e a teologia de meras palavras e credos. Em suas obras *Pia Desideria* [*Desejos Piedosos*] (1675) e *Priestertum* [*O Sacerdócio Espiritual*], (1677) ele destacou a necessidade de uma vida santa, do sacerdócio de cada cristão e de uma vida de estudo bíblico e oração.

August H. Francke (1663-1727) sublinhou a filologia e as implicações práticas das Escrituras na vida. "Francke insistia em que se lesse a Bíblia inteira com freqüência; em que os comentários deviam ser usados com prudência, para que não tomassem o lugar do estudo das Escrituras; e em que somente os regenerados podiam entender a Bíblia".[36]

Spener e Francke repeliam o tratamento textual das Escrituras, que, como diziam, só tratava da "camada exterior".

35. RAMM, op. cit., p. 60.
36. Ibid., p. 61.

O pietismo influenciou os morávios, que por sua vez influenciaram John Wesley (1703-1791). Wesley sustentava que o significado da Bíblia é claro e que seu intuito é conduzir o leitor a Cristo. Reagindo ao racionalismo, ele desacreditava do raciocínio humano.

Os estudos textuais e lingüísticos

Nos séculos XVII e XVIII, "largos passos foram dados no sentido de descobrir o texto original da Bíblia".[37] Louis Cappell é considerado o primeiro crítico textual do Antigo Testamento, como se vê em sua obra *Critica Sacra*, publicada em 1650. Johann A. Bengel (1687-1752) é conhecido como "o pai da crítica textual moderna". Ele foi o primeiro erudito a identificar famílias ou grupos de manuscritos, com base em características comuns. Em 1734, publicou uma edição crítica do Novo Testamento grego, juntamente com um comentário crítico. Em 1742, escreveu um comentário sobre o Novo Testamento que tratava de versículo por versículo, intitulado *Gnomen Novi Testamenti*. Nessa obra, salientou os aspectos filológico, espiritual e devocional.

Johnann J. Wettstein (1693-1754) corrigiu muitos manuscritos do Novo Testamento e publicou um Novo Testamento grego em dois volumes com um comentário, em 1751.

O racionalismo

Esse movimento sustentava que o intelecto humano sabe discernir o que é verdadeiro e o que é falso. Portanto, a Bíblia está certa se corresponde à razão humana, e o que não corresponde pode ser ignorado ou rejeitado.

Thomas Hobbes (1588-1679) foi um filósofo inglês que pregava o racionalismo com tendências políticas. Hobbes interessava-se pela Bíblia como um livro que continha regras e princípios para a república inglesa.

O judeu Baruch Spinoza (1632-1677) foi um filósofo holandês que ensinava que a razão humana está desvinculada da teologia. A teologia (revelação) e a filosofia (razão) pertencem a campos distintos. Assim sendo,

37. MICKELSEN, op. cit., p. 43.

ele contestava os milagres bíblicos. No entanto, ele determinou várias regras de interpretação das Escrituras, incluindo a necessidade de conhecer o hebraico e o grego e o contexto de cada livro das Escrituras. A razão é o critério absoluto para julgar qualquer interpretação de uma passagem bíblica: "A regra da exegese bíblica só pode ser a luz da razão, para todos" (*Tractatus theologico-politicus*, 1670). A Bíblia só deve ser estudada em virtude de seu interesse histórico.

A Era Moderna

O século XIX

Três elementos do século XIX podem ser examinados: o subjetivismo, a crítica histórica e os trabalhos exegéticos.

No movimento que ficou conhecido como subjetivismo, dois nomes se destacam: Friedrich D. E. Schleiermacher (1768-1834) e Søren Kierkegaard (1813-1855). O subjetivismo é a idéia de que o conhecimento é fruto da experiência individual ou de que o bem supremo decorre de uma experiência ou sentimento subjetivo.

Schleiermacher rejeitava a autoridade da Bíblia e salientava o papel do sentimento e da percepção individual na religião. Foi uma reação ao racionalismo e ao formalismo. Como escreveu em sua obra *Monólogos*, publicada em 1800, o cristianismo devia ser encarado como uma religião de emoções, não como uma série de dogmas ou um conjunto de princípios morais.

O filósofo dinamarquês Kierkegaard, conhecido como "o pai do existencialismo moderno", relegava a razão ao nível mais elementar do ser humano, rejeitava a cristandade, com seu racionalismo formal e dogmatismo frio, e pregava que a fé é uma experiência subjetiva vivida em momentos de desespero.

A crítica bíblica alcançou uma posição de relevo no século XIX. Sua perspectiva era racionalista e seu relevo estava na autoria humana da Bíblia e nas circunstâncias históricas que cercaram o desenvolvimento do texto bíblico. Como racionalistas, os estudiosos da Bíblia contestavam sua natureza sobrenatural e sua inspiração. Em virtude de sua inclinação fi-

losófica para o naturalismo, eles modificavam os milagres registrados nas Escrituras mediante explicações.

Benjamin Jowett (1817-1893) escreveu em *Dissertações e Críticas* que "a Bíblia deve ser interpretada como qualquer outro livro", o que exigia que se conhecessem as línguas originais. Mas, em seu entender, isso significava que a Bíblia não tinha caráter sobrenatural, pois possuía "uma intrincada malha de fontes, redatores e interpoladores" que não a faz em nada diferente "de qualquer outra produção literária".

De acordo com Ferdinand C. Baur (1792-1860), fundador da Escola de Tübingen, o cristianismo evoluiu gradativamente do judaísmo, até se transformar numa religião mundial. Sofrendo forte influência da filosofia de Hegel quanto a tese, antítese e síntese, Baur ensinava que Pedro e Paulo encabeçavam dois grupos antagônicos, mas que por fim vieram a unir-se na igreja católica (universal) primitiva.

David F. Strauss (1808-1874) adotou uma perspectiva mitológica da Bíblia, que o levou a rejeitar a interpretação gramatical e histórica e os milagres. Strauss foi discípulo de Baur.

Julius Wellhausen (1844-1918) desenvolveu a concepção de Karl Graf, denominando-a "hipótese documental". Nessa perspectiva, o Pentateuco é tido como o trabalho de vários autores — um autor, chamado "J", elaborou as partes onde Deus é chamado de "Jeová" (daí "J"), o autor "E" compilou os trechos que dizem "Eloim" (daí "E"), "D" foi o deuteronomista e "P" — o último — representa o regimento sacerdotal [*priestly*, em inglês]. Wellhausen acreditava que o povo do Antigo Testamento evoluiu do politeísmo para o animismo, e daí para o monoteísmo. Adolf von Harnack (1851-1930), outro crítico da Bíblia, examinou-a como um biólogo disseca o cadáver de um animal.

Em contraste com a crítica histórica racionalista desses e de outros líderes do século XIX, muitos eruditos conservadores vinham escrevendo comentários exegéticos sobre a Bíblia. Mickelsen afirma que entre esses figuram: E. W. Hengstenberg, Carl F. Keil, Franz Delitzsch, H. A. W. Meyer, J. P. Lange, Frederic Godet, Henry Alford, Charles J. Ellicott, J. B. Lightfoot, B. F. Westcott, F. J. A. Hort, Charles Hodge, John Albert Broadus e Theodor Zahn.[38] A essa lista podem ser acrescentados J. A. Alexander, Albert W. Barnes, John Eadie, Robert Jamieson e Richard C. Trench.

38. Ibid., p. 47.

O século XX

O século XX abriga muitas correntes de interpretação bíblica. O liberalismo deu continuidade a uma boa parcela da abordagem racionalista e mais crítica do século XIX. A ortodoxia adotou uma concepção tanto literal quanto devocional da Bíblia. A neo-ortodoxia diz que a Bíblia torna-se a Palavra de Deus nos encontros existenciais do homem. O bultmannismo adotou uma perspectiva mitológica da Bíblia.

O liberalismo, que teve grande influência no século XIX, entrou pelo século XX. Nele, a Bíblia é vista como um livro humano não dado pela inspiração divina. Além disso, prega que os elementos sobrenaturais das Escrituras podem ser explicados de forma racional. Dentre os líderes liberais estão: Nels Feré, Harry Emerson Fosdick, W. H. Norton, L. Harold DeWolf e outros.

"As doutrinas de pecado, depravação e inferno ofendem a sensibilidade moral dos liberais, daí o fato de as rejeitarem."[39] A teoria da evolução de Charles Darwin também é aplicada à religião de Israel, por se entender que Israel evoluiu do politeísmo para o monoteísmo. Jesus é considerado um mestre moral e ético, em vez do Salvador que nos tira do pecado.

O fundamentalismo reagiu fortemente ao liberalismo e incentivou uma abordagem literal da Bíblia, como livro sobrenatural que é. Atualmente e em décadas anteriores deste século, muitos estudiosos evangélicos têm-se apegado a uma concepção ortodoxa da Bíblia, enfatizando a interpretação gramatical e histórica, participando assim do legado da escola antioquina, dos vitorinos e dos reformadores.

Karl Barth (1886-1968) condenou vigorosamente o liberalismo morto, em sua obra *Comentário sobre Romanos*, de 1919. Ele discordava dos liberais, que consideravam a Bíblia um documento meramente humano. Ao contrário, nela Deus fala por meio de contatos entre o divino e o humano. Nesses encontros, há revelação e a Bíblia transforma-se na Palavra de Deus. A Bíblia registra e dá testemunho da revelação; em si mesma, não é a revelação. Emil Brunner (1889-1966) e Reinhold Neibuhr (1892-1971) são outros líderes neo-ortodoxos.

Os teólogos neo-ortodoxos negam a inerrância e a infalibilidade da

39. RAMM, op. cit., p. 64.

Bíblia. A criação do universo, a criação do homem, a queda do homem, a ressurreição de Cristo e sua segunda vinda são interpretadas em termos mitológicos. A queda é um mito mostrando que o homem corrompe sua natureza moral. A encarnação e a cruz ensinam-nos que a solução do problema da culpa do homem só pode vir de Deus. Esses acontecimentos se deram num nível histórico diferente, num nível mitológico, e não na história de fato.

Rudolf Bultmann (1884-1976) ensinava que o Novo Testamento devia ser compreendido em termos existencialistas pela "demitização", ou seja, pela destituição de elementos mitológicos "estranhos" — tais como os milagres, entre os quais a ressurreição de Cristo — que, em seu entender, são inaceitáveis atualmente. Esses "mitos" representavam uma realidade para as pessoas nos tempos da Bíblia, mas hoje esses elementos bíblicos não têm sentido literal. Trata-se de recursos poéticos pré-científicos para expressar verdades "espirituais" transcendentes. Jesus, por exemplo, não ressuscitou literalmente dos mortos. O que sua "ressurreição" simbolizou foi a nova liberdade que os discípulos experimentaram.

Influenciado pelo existencialismo do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), o bultmannismo adota uma perspectiva existencialista da Bíblia. Isso significa que a preocupação dos líderes desse movimento é alcançar o âmago da experiência religiosa das Escrituras. Chamado de "nova hermenêutica", o movimento tem por patrocinadores Ernest Fuchs, Gerhard Ebeling e Hans-Georg Gadamer. Na nova hermenêutica, o texto bíblico pode ter o sentido que o leitor desejar. À semelhança da neo-ortodoxia, a nova hermenêutica contesta as verdades proposicionais. A verdade existe no campo existencial, ou seja, é uma experiência, não uma proposição escrita. Portanto, no ensino de Fuchs, não devemos tentar descobrir o sentido dos textos bíblicos. Devemos apenas deixá-los falar conosco, permitir que modifiquem o entendimento que temos de nós mesmos. Assim sendo, a hermenêutica é o processo de entender a si mesmo. Nesse "encontro com o verbo", como o chamou Ebeling, ou vislumbre de percepção, o texto fala à nossa situação. Gadamer sustenta que o sentido da Bíblia nunca pode ser totalmente desvendado. Como foi escrita há muitos séculos, o homem moderno não tem condições de penetrar naquele mundo. Portanto, nosso mundo e o mundo bíblico estão contrapostos.[40]

40. Hans-Georg GADAMER, *Truth and method*, London, Sheed and Ward, 1975, p. 273.

PANORAMA HISTÓRICO-CRONOLÓGICO DOS

	Pais da igreja primitiva	*Apologistas*	*Pais alexandrinos e antioquinos*	*Pais da igreja dos séculos V e VI*
LITERAL	Clemente de Roma Inácio Policarpo	Justino Mártir Ireneu Tertuliano	Doroteu Luciano Diodoro Teodoro João Crisóstomo Teodoreto	
ALEGÓRICO	Barnabé		Panteno Clemente Orígenes	Cassiano Euquério Adriano Junílio Jerônimo Agostinho
TRADIÇÃO				Vicente
RACIONALISMO				
SUBJETIVISMO				

PRINCIPAIS INTÉRPRETES DA BÍBLIA

Idade Média		*Reforma*	*Pós-Reforma*	*Era Moderna*
		Lutero	Confissão de Westminster	
Rashi		Melanchthon		
Hugo de S. Vítor		Calvino	F. Turrentin	Comentaristas exegéticos
Ricardo de S.Vítor		Zuínglio	John Wesley	
André de S. Vítor		Tyndale	J.-A. Turretin	Eruditos evangélicos
		anabatistas	Cappell	
			Ernesti	
			Bengel	
			Wettstein	
	Aquino			
	Nicolau			
	Wycliffe			
Bernardo				
Joaquim				
Langton				
Gregório, o Grande				
Beda, o Venerável				
Rabano Mauro				
Alcuíno				
		Concílio de Trento		
			Hobbes	Jowett
			Spinoza	Baur
				Strauss
				Wellhausen
				Harnack
				Peré
				Fosdick
				DeWolf
			Boehme	Schleiermacher
			Spener	Barth
			Francke	Kierkegaard
				Bultmann

A "demitização" implica eliminar os mitos — isto é, aqueles elementos do Novo Testamento que carecem de base científica — e alcançar o âmago do que a Bíblia diz. Os mitos, embora não sejam cientificamente aceitos pelo homem moderno, têm algo a dizer. Por isso, os estudantes do Novo Testamento precisam descobrir o que tais mitos querem dizer. Isso acontece nos contatos existenciais. Ao criticar o método de Bultmann e dos integrantes da escola da nova hermenêutica, Pinnock salienta que esse movimento impõe significados aos textos bíblicos. "A *intenção* do texto fica em segundo plano diante das necessidades do intérprete. A Bíblia não nos dirige mais; nós é que a dirigimos!"[41]

Conclusão

Além do método literal de interpretação das Escrituras, quatro outros métodos predominaram em várias fases da história da igreja: o alegórico — que praticamente deixa de lado o literal; o tradicional — que em grande parte abandona o individual; o racionalista — que descarta o sobrenatural e o subjetivo — que desconsidera o objetivo. O esquema das páginas 64 e 65 apresenta um panorama histórico desses métodos e de seus principais defensores ao longo da história da igreja.

Hoje ainda existem muitas correntes de pensamento associadas à Bíblia. De quando em quando, pode-se ouvir uma alegorização feita de um púlpito. Por exemplo, afirma-se que a Porta do Peixe, em Neemias 3.3, representa a evangelização (pois Jesus pregava que seus seguidores deviam ser pescadores de homens). A Porta Velha (ou Jeshanah; v. 6) simboliza o velho homem (ou seja, a natureza pecaminosa). E a Porta da Fonte (v. 15) representa o Espírito Santo, que enche nossas vidas com a água viva. Contudo, não se vê em Neemias 3 nenhum fundamento para tal alegorização.

41. Clark H. PINNOCK, *Biblical revelation — the foundation of Christian theology*, Chicago, Moody Press, 1971, p. 223. Veja também Hendrick KRABBENDAM, The New hermeneutic, in: Earl D. RADMACHER & Robert D. PREUS, eds., *Hermeneutics, inerrancy, and the Bible*, Grand Rapids, Zondervan, 1984, p. 535-58; *cf.* 559-84.

A Igreja Católica Romana continua exaltando as tradições da igreja acima das Escrituras, embora aconteça de se ouvir de vez em quando sobre sacerdotes que incentivam os fiéis a lerem a Bíblia. Nos púlpitos liberais, o racionalismo e a experiência humana, ou o subjetivismo, continuam sendo a norma. A razão humana é colocada acima da revelação divina, Deus é *roubado de seu caráter sobrenatural*, e a *Bíblia é destituída de autoridade*.

A neo-ortodoxia não é tão comum hoje quanto há algumas décadas, tendo sido parcialmente substituído pela nova hermenêutica de Bultmann.

Figuram entre outros métodos hermenêuticos surgidos nos últimos anos: o estruturalismo — que despreza o passado histórico dos textos bíblicos e entende que a Bíblia possui os mesmos elementos estruturais básicos inerentes à literatura de ficção de todas as culturas e épocas;[42] a teologia da libertação — que interpreta quase toda a Bíblia pela conveniente ótica dos oprimidos econômica e politicamente; a teologia feminista — que analisa a Bíblia do prisma das vítimas da discriminação sexual; e a hermenêutica étnica — que busca sentidos supraculturais codificados nas Escrituras.[43]

Essa breve retrospectiva da história da hermenêutica mostra a importância de os evangélicos continuarem a enfatizar a interpretação histórica, gramatical e literária da Bíblia. Somente esta, como será tratada neste livro, capacita os cristãos a entenderem a Palavra de Deus corretamente, como fundamento que é de uma vida piedosa.

42. Um exame do estruturalismo pode ser encontrado em Craig L. BLOMBERG, *Interpreting the parables*, Downers Grove, InterVarsity, 1990, p. 144-52.
43. Donald K. MCKIM, Hermeneutics today, *Reformed Journal*, 10-5, Mar. 1987.

capítulo três

Qual ponto de vista é válido?

Em geometria, o axioma é uma verdade evidente por si mesma, "uma afirmação aceita como verdadeira sem necessidade de demonstração". Em lógica, o axioma é uma afirmação que não precisa de prova para ser válida. Um exemplo de tal axioma é o fato de que dois elementos iguais a um terceiro elemento são iguais entre si. Se A é igual a C e B é igual a C, deduz-se que A é igual a B. Outro exemplo de axioma é que o todo é maior do que qualquer uma de suas partes.

O corolário é uma inferência lógica de um axioma. Dada a verdade de um axioma, podem-se inferir certas proposições lógicas a partir dele.

Uma verdade acerca da Bíblia evidente por si mesma é que ela é um livro. Como outros livros, foi escrita em línguas faladas pelos seres humanos com o propósito de transmitir conceitos dos escritores para os leitores.

Outra observação óbvia a respeito da Bíblia é que se trata de um livro divino. É evidente que, apesar de a Bíblia assemelhar-se a outros livros, é incomparável por sua origem ser divina.

A partir desses dois axiomas — a Bíblia é um livro humano e a Bíblia é um livro divino — podemos deduzir vários corolários. Gosto de encarar esses corolários como os princípios básicos de interpretação, ou hermenêutica. Em outras palavras, as regras ou os princípios de interpretação bíblica não são arbitrários. Eles não se impõem sobre a Bíblia como se fossem leis, pois, se assim o fossem, poder-se-ia atribuir a esses princípios mais autoridade do que à própria Bíblia.

Esses princípios de hermenêutica, esses corolários extraídos de axiomas, não são frutos da genialidade rara de uns poucos privilegiados. Os princípios de interpretação não são inventados nem aprendidos — são parte da própria

natureza humana. O homem, na qualidade de comunicador, sempre procurou dirigir-se a seus semelhantes de tal forma que compreendessem a mensagem falada. Quando a palavra é dirigida a uma pessoa, esta automaticamente inicia o processo de interpretação, ao tentar compreender o que lhe está sendo dito. Isso faz parte da natureza humana. Moses Stuart escreveu a respeito em 1832.

> Os princípios de interpretação, no tocante a seus elementos básicos, essenciais, não são invenção do homem nem fruto de seu esforço ou de suas habilidades; mais ainda, mal se pode dizer com razão que foram descobertos por ele. São tão antigos quanto nossa natureza. Desde que o homem foi criado e dotado de fala, desde que foi feito um ser *comunicativo*, social, ele tem tido oportunidade de praticar os princípios de interpretação, e realmente assim tem feito. Desde a primeira vez que um ser humano dirigiu-se a outro mediante a fala até os dias de hoje, as leis básicas de interpretação adquiriram e continuam a ter um caráter prático. A pessoa a quem a palavra era dirigida sempre atuou como "intérprete" todas as vezes que ouviu e compreendeu o que lhe foi dito. Assim sendo, a raça humana inteira é e sempre foi uma raça de intérpretes. Trata-se de uma lei de sua natureza comunicativa racional, inteligente. Da mesma forma que uma pessoa foi feita para dirigir-se a outra por meio da fala, assim também esta outra foi feita para interpretar e entender o que lhe é dito. [...] A interpretação, em seus princípios básicos ou fundamentais, portanto, é uma arte inata, se me permitem dizer assim. É tão antiga quanto a capacidade de proferir palavras. Evidentemente, é uma arte universal, comum a todas as nações, tanto bárbaras quanto civilizadas. No que diz respeito a esse assunto, não se pode incorrer em erro mais óbvio do que supor que a arte de interpretar é [...] por si só totalmente dependente de uma capacidade adquirida para se descobrirem e aprimorarem seus princípios. Não há dúvida de que essa capacidade adquirida contribuiu para a exposição e a organização desses princípios, mas só isso. Os elementos vieram antes que a capacidade tentasse desenvolvê-los.[1]

Em outras palavras, os princípios de interpretação bíblica não passam de descrições da maneira como as pessoas pensam e lêem quando tentam compreender o significado de qualquer escrito. Não se trata de invenções —

1. Moses STUART, Are the same principles of interpretation to be applied to the Scriptures as to other books?, *American Biblical Repository*, 124-6, Jan., 1832; citado também em Milton S. TERRY, *Biblical hermeneutics*, reimp., Grand Rapids, Zondervan, s.d., p. 173-4.

trata-se de descobertas. Eles são observados, em vez de criados. Se fossem concebidos arbitrariamente pelo homem, então cada um poderia instituir suas próprias regras. Mas, como fazem parte da forma como o homem normalmente se comunica, devem ser considerados universais. Não são regras especiais que só se aplicam ao estudo da Bíblia.

Para jogar bem, é preciso conhecer as regras do jogo. Se um jogador as desconsiderasse ou inventasse suas próprias regras, seria o caos. Então, ficaria impossível jogar de forma sensata.

Quando falamos de interpretação bíblica (hermenêutica) como ciência e arte, queremos dizer que, na qualidade de ciência, há regras a ser adotadas, e, na qualidade de arte, essas regras devem ser devidamente seguidas.

Primeiro axioma: a Bíblia é um livro humano

Embora a Bíblia seja uma obra sobrenatural de Deus, como veremos pelo segundo axioma, também é um livro. Como qualquer outro livro, foi escrita em idiomas que permitissem a comunicação de conceitos aos leitores. Os sinais ou símbolos que aparecem nas páginas da Bíblia foram nelas colocados pelos escritores com o objetivo de comunicar algo a alguém. Essa é a finalidade de uma comunicação por escrito: ajudar os leitores a entender determinada coisa, isto é, transmitir uma idéia, comunicar.

A comunicação, falada ou escrita, sempre contém três elementos: a) aquele que fala ou escreve, b) a mensagem, expressa em sons audíveis e inteligíveis ou mediante símbolos gráficos inteligíveis a que chamamos palavras e c) os ouvintes ou os leitores. Quem fala ou escreve procura transmitir aos ouvintes ou leitores uma idéia que tem em mente. Ele consegue isso utilizando símbolos lingüísticos conhecidos tanto por ele próprio quanto por quem recebe a comunicação. O resultado desejado é que este assimile mentalmente os conceitos do orador ou do escritor. Pode-se conhecer o que um orador ou escritor pensa só pelo que ele diz ou escreve. (Como Paulo disse, os crentes só têm condições de conhecer os planos de Deus porque ele os revelou ao homem por meio do Espírito Santo [1 Co 2.9, 10].) Como a Bíblia foi escrita em línguas humanas, é óbvio que seu objetivo é comunicar as verdades de Deus — o Autor original — aos seres humanos.

Uma série de corolários deriva desse axioma que diz que a Bíblia é um

livro humano dado como comunicação escrita em língua humana para que as pessoas o entendam.

(1) *Cada escrito bíblico — isto é, cada palavra, frase e livro — foi registrado em linguagem escrita obedecendo a sentidos gramaticais comuns, incluindo a linguagem figurada.* Isto indica que a Bíblia não foi escrita num código misterioso para ser decifrado por meio de alguma fórmula mágica. Como foi escrita nas línguas do povo (hebraico, aramaico e grego), não precisava ser decodificada, decifrada nem traduzida. Quem a lia não precisava procurar nas entrelinhas um significado "mais profundo" ou fora do normal. Deus comunicou verdades sobre si próprio nos idiomas das pessoas que foram as primeiras a ler as Escrituras — idiomas que elas conheciam.

As palavras eram compreendidas imediatamente. Os leitores entendiam instantaneamente os conceitos transmitidos pelas frases bíblicas. Eles os entendiam com a mesma facilidade com que entendiam outras frases escritas em suas línguas. Não era necessário consultar um mago, um feiticeiro ou alguém que tivesse um raro discernimento espiritual ou uma intuição mística para transmitir o significado.

É claro que numa língua há idiomatismos, expressões incomuns exclusivas dessa língua e figuras de linguagem.

> A premissa fundamental da interpretação é que Deus é um *Deus de senso, não de contra-senso*. Quero dizer com isso que tudo o que Deus revelou por intermédio de seus primeiros porta-vozes deve ter sido entendido tanto por estes quanto por seus ouvintes. [...] Do prisma humano, o próprio fato de dispormos de uma Bíblia é sinal de que ela realmente fazia sentido para as pessoas. Ela comunicou-lhes algo.[2]

Esse corolário mostra que não devemos ler a Bíblia armados de conceitos e idéias preconcebidos; pelo contrário, devemos permitir que ela fale por si só. Por exemplo, na frase "o homem andava a cavalo", deve-se entender por cavalo um animal quadrúpede domesticado, e não um "espírito de vingança". Em Marcos 5.1-20, os demônios não simbolizam a falsa doutrina, nem os porcos representam o inconsciente. Tal abordagem passa por cima

2. Robert L. CATE, *How to interpret the Bible*, Nashville, Broadman, 1983, p. 161.

desse corolário básico, visto que os significados gramaticais normais não são levados em consideração.

Henrichsen salientou:

> Se você dissesse para um auditório "Atravessei o oceano desde os Estados Unidos até a Europa", não ia querer que eles interpretassem sua afirmação como se você tivesse atravessado os mares revoltos da vida e chegado ao porto de uma nova experiência. Da mesma forma, nenhum jornalista que escrevesse sobre a fome predominante num país como a Índia gostaria que a notícia fosse interpretada como se os indianos estivessem experimentando uma enorme fome intelectual.[3]

Ramm observa que a maneira normal de tratar qualquer literatura consiste em descobrir o sentido literal do que foi escrito.

> Sempre que lemos um livro, um ensaio ou um poema, consideramos o sentido literal do documento, até que sua natureza literária nos obrigue a passar para outro nível. Essa é a única forma concebível de começar a entender todos os tipos de literatura.[4]

A própria Bíblia segue o método literal ou comum de interpretação. Por exemplo, existem no Antigo Testamento profecias de que Cristo nasceria em Belém (Mq 5.2), que montaria num jumento (Zc 9.9) e que seria punido por nossos pecados (Is 53.4-8). E tudo isso aconteceu exatamente como predito. Quando os autores do Novo Testamento faziam citações do Antigo, tratavam-no como instrumento humano normal de comunicação. Evidentemente, o chamado método de interpretação literal, ou normal, das Escrituras inclui a linguagem figurada, como será visto no capítulo 7.

Esse corolário também indica que a meta da interpretação bíblica é encontrar o sentido original do texto. A isso se chama exegese, que consiste em ler o significado no texto. É o oposto de eisegese — atribuir significado ao texto. Se uma pessoa pode fazer com que um versículo bíblico tenha o significado que ela deseja e outra pessoa disser que o sentido é outro, algo

3. Walter HENRICHSEN, *A layman's guide to interpreting the Bible*, Grand Rapids, Zondervan, 1985, p. 49-50.
4. Bernard RAMM, *Protestant biblical interpretation*, 3. ed. rev., Grand Rapids, Baker Book House, 1970, p. 123.

que *ela* quer que seja, e se nenhum dos dois sentidos deriva da afirmação bíblica original, então anulamos a capacidade de comunicação da Bíblia como obra literária normal. Se não aceitarmos o sentido normal ou natural dos textos bíblicos, vamos ler as Escrituras sem o menor controle.

Uma questão que os estudiosos da Bíblia às vezes discutem é se o objetivo da interpretação é determinar o sentido que o autor quis dar ou o significado do próprio texto. De certa forma, essa distinção é muito sutil, e alguns a consideram desnecessária. O "sentido que o autor quis dar" e o "sentido do próprio texto" pareceriam a mesma coisa. Contudo, será possível sabermos o que se passava na mente dos autores bíblicos além do que eles escreveram? Não podemos conhecer as intenções de uma pessoa tentando descobrir o que está *por trás* do que ela registrou. Só podemos ler o que ela realmente escreveu; é assim que descobrimos o que ela quis dizer.

A averiguação do que o autor quis dizer virou assunto em voga em certos círculos devido à influência de E. D. Hirsch, Jr. Em seu livro *Validity in Interpretation*[5] [*Interpretações Válidas*], ele rebate a opinião de Hans-Georg Gadamer e de outros que pregavam que um texto pode significar o que o leitor quiser. Segundo Gadamer, o significado extrapola o que o autor quis dizer. Hirsch contesta esse parecer afirmando que o sentido deve ser percebido naquilo que o autor quis dizer. Não resta dúvida de que sua atitude de rebater Gadamer estava correta, mas ele vinculou o significado ao autor, e não ao texto. Quando interpretamos a Bíblia, procuramos entender o que ela diz, não o que o autor humano "quis dizer". Estudamos os textos bíblicos para compreender seu sentido.

2. *Todo texto bíblico foi escrito por alguém para ouvintes ou leitores específicos, que se encontravam num contexto histórico e geográfico específico, e com um objetivo específico.* Esse corolário indica que cada trecho da Bíblia foi escrito originariamente para determinado leitor ou leitores que viviam em certos locais e épocas, e que havia um propósito para tal. Volta-se assim ao fato de que cabe à exegese descobrir o sentido original do texto. Expressando-se de outra forma: que transmitiram aquelas palavras para os primeiros leitores? Antes de podermos descobrir seu significado ou aplicação para nós hoje, nós que não somos os leitores originais, devemos antes tentar descobrir que sentido teve para os primeiros leitores. Deus

5. New Haven, Yale University Press, 1967.

mandou Noé construir uma arca. Mas por acaso isso significa que todo cristão moderno deve construir uma arca? Precisamos entender a ordem que Noé recebeu dentro de um contexto histórico e geográfico específico. Jesus disse que seus 12 discípulos não entrassem em nenhuma cidade dos samaritanos (Mt 10.5). É óbvio que isso não significa que os leitores de hoje nunca devem entrar numa cidade de Samaria.

Suponhamos que você vá à casa de alguém e encontre um bilhete na porta dizendo o seguinte: "Entre e espere". A princípio, você pode sentir-se tentado a entrar, mas logo se pergunta: "Isso foi escrito para mim? Se não foi, para quem é? E que problema ou circunstância está acontecendo?".

3. *A Bíblia foi afetada e influenciada pelo meio cultural em que cada autor humano a escreveu.* Isso significa que o intérprete da Bíblia precisa atentar para os aspectos culturais. O desconhecimento de certos costumes pode gerar interpretações erradas. Essas características culturais incluem, entre outras coisas, a agricultura, a arquitetura, a geografia, o sistema militar e o aspecto político. Essas são questões do capítulo 4.

4. *Cada passagem bíblica era apreendida ou entendida tendo em mente seu contexto.* Entender uma palavra ou frase dentro de seu contexto é outro aspecto da interpretação normal, de como costumamos ler um texto qualquer. Uma única palavra ou frase pode ter vários sentidos, dependendo do contexto em que é empregada. A palavra *tronco* pode significar o caule de uma árvore, uma parte do corpo humano, um antigo instrumento de tortura, um cárcere, um elemento geométrico ou um termo de telecomunicações. É claro que não pode ter todos esses sentidos nem vários deles ao mesmo tempo num único emprego. O leitor pode descobrir o sentido com base no emprego da palavra na frase.

O mesmo acontece com a frase "Ele dobrou o cabo da Boa Esperança". Dependendo do contexto, a pessoa pode literalmente ter ultrapassado o referido cabo circundando-o ou então, no sentido figurado, ter ultrapassado uma idade já madura. Quando desprezamos o contexto, eliminamos uma ferramenta essencial à interpretação.

Como veremos no capítulo 5, até mesmo as palavras *salvo* e *salvação* aparecem na Bíblia com significados diferentes. Nos dois casos, é o contexto que ajuda a esclarecer o sentido.

Jesus disse, em Mateus 24.13: "Aquele, porém, que perseverar até o fim,

esse será salvo". À primeira vista, essa declaração talvez pareça contradizer outras afirmações das Escrituras que dizem que o homem é salvo pela graça, e não por obras. Mas basta examinar o contexto para perceber que não é esse o sentido aqui. Jesus estava falando da Tribulação, como se vê pela referência que fez ao "abominável da desolação", no versículo 15. Ele estava falando dos judeus que seriam perseguidos naquele período, pois, no versículo 16, menciona "os que estiverem na Judéia". Então, o versículo 13 parece indicar que os crentes judeus que sobreviverem à Tribulação, sem ser martirizados, serão libertos ("salvos") no fim, quando Cristo voltar.

Há mais de 400 anos, Myles Coverdale escreveu sobre a importância de atentar para o contexto, assim como para outros elementos já citados. "De muita valia te há de ser, no compreender a Escritura, o reparares assim no que foi dito ou escrito, como em quem, para quem, com que palavras, em que época, onde, até que ponto e em que circunstâncias se disse, atentando para o que precede e para o que sucede."[6] Trataremos com maior minúcia a questão do contexto no capítulo 5.

5. *Cada escrito bíblico adquiriu o caráter de um estilo literário específico.* Embora a forma mais comum de entendermos um texto seja mediante seu sentido normal, claro, ao mesmo tempo reconhecemos diferenças de estilos literários. Quando lemos um romance histórico, não esperamos que todos os detalhes tenham precisão histórica. Mas, quando lemos um livro de Física ou uma gramática latina, não o fazemos como se fosse um romance. Nós não lemos um relatório da mesma forma como lemos revistas em quadrinhos. Não lemos uma receita e um testamento com a mesma atitude.

Como a Bíblia possui diversos estilos literários, é preciso que se levem em conta as características singulares de cada um deles na interpretação bíblica. A Bíblia contém narrativas, poesia, profecias, epístolas, provérbios, literatura dramática, jurídica e sapiencial, visões apocalípticas, parábolas e discursos. Se não estivermos conscientes desses estilos literários, é possível que não interpretemos corretamente as afirmações neles contidas.

6. *Myles Coverdale's rules for reading the Bible*, 1535, apud F. J. MILES, *Understandest thou? Principles of biblical interpretation*, London, Marshall, Morgan, & Scott, 1946, p. xi.

6. *Os primeiros leitores entendiam cada escrito bíblico de acordo com os princípios básicos da lógica e da comunicação.* Quando lemos uma obra literária, dramática, autobiográfica ou jornalística, seguimos os princípios normais de comunicação. Normalmente, quando detectamos alguma incoerência, não acreditamos que o autor esteja contradizendo-se. Se tivermos a impressão de que uma de suas afirmações contradiz outra, procuramos explicar a aparente contradição. Alguns críticos da Bíblia têm essa atitude em relação aos escritores seculares, mas não o fazem com a Bíblia propriamente dita.

Por exemplo, 1 João 1.8 diz: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós". Então, mais adiante no mesmo livro, o apóstolo escreveu: "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus" (3.9). O intérprete da Bíblia procura conjugar esses dois versículos, presumindo que o autor tenha seguido o princípio da coerência (ou não-contradição). Muitos evangélicos explicam essas passagens dizendo que, apesar de nenhum cristão ser totalmente livre do pecado (1.8), ele não *vive* pecando (3.9) porque é uma nova criatura, nascida de Deus. Outros evangélicos afirmam que o versículo 9 diz respeito à ausência de pecado na nova natureza do cristão.

Esses seis corolários mostram que, ao lermos a Bíblia, fazemos as seguintes perguntas (que correspondem aos seis corolários, respectivamente):

1. Qual o significado gramatical das palavras para os leitores contemporâneos do autor?
2. O que essas palavras transmitiram para os primeiros leitores?
3. Como o ambiente cultural influenciou e afetou o que foi escrito?
4. Qual é o significado das palavras dentro de seu contexto?
5. Em que estilo literário o trecho foi escrito e como isso influi no que foi dito?
6. Como os princípios da lógica e da comunicação normal influem no sentido?

E se lermos a exclamação "Que frango!"? Como saber o significado da frase? A palavra *frango* pode significar: a) filho da galinha antes de ser galo, b) bola fácil que o goleiro deixa passar ou c) rapazola, adolescente. Podemos aplicar todos os seis corolários para descobrir o significado. Primeiramente, verificamos qual o sentido gramatical normal. Nesse caso, o significado normal da palavra *frango* é o de uma ave. Mas, se o sentido da oração for figurado, cabe uma das outras duas definições. (No capítulo 7, daremos algumas sugestões para descobrir se uma palavra, expressão ou frase é usada em sentido figurado na Bíblia.)

Em segundo lugar, procuramos conhecer a situação histórica e geográfica em que a frase sobre o frango foi escrita. Quem disse o quê, e para quem? Se a exclamação tivesse sido feita numa situação familiar, é possível que o sentido fosse o terceiro. Se tivesse sido feita num programa esportivo, caberia a segunda definição. Se alguém a tivesse feito durante um jantar, provavelmente o sentido seria o primeiro, ou quem sabe os outros dois. Todas essas possibilidades indicam a necessidade de se aplicarem os outros corolários também.

A próxima pergunta a ser feita seria então a seguinte: "Em que ambiente cultural aquelas palavras foram ditas?". Se a frase em questão fosse de um livro escrito em 1920, é provável que a segunda definição ("bola não defendida") não se aplicasse, pois talvez não fosse usada em tal sentido naquela época.

Em quarto lugar, em que contexto a frase foi usada? Isso é o que melhor deve indicar o sentido que o autor quis dar à frase sobre o frango.

Em quinto lugar, qual o estilo literário usado? Se a frase for de um diálogo num romance, o sentido bem pode ser o terceiro. Mas, se for de um livro sobre transmissão de futebol, é mais provável que se aplique à segunda definição.

O sexto corolário, referente à lógica e à comunicação, não ajuda muito nesse caso. Qualquer um dos três sentidos pode ter sido o pretendido.

Segundo axioma: a Bíblia é um livro divino

Na qualidade de veículo de comunicação, a Escritura é um livro tal como qualquer outro, conforme já observamos. As palavras foram registradas pelas mãos de pessoas. Tendo em vista que esses instrumentos humanos

escreveram os livros da Bíblia em linguagem humana, o primeiro axioma manda-nos prestar atenção às regras naturais de gramática e sintaxe. (A gramática é o estudo das palavras e de sua função nas frases, e a sintaxe, como explica o capítulo 5, diz respeito à forma como as frases são associadas.)

No entanto, a Bíblia é um livro sem igual. É singular porque nos foi dada pelo próprio Deus. Isso fica evidente a partir de suas próprias reivindicações de inspiração. Paulo disse: "Toda Escritura é inspirada por Deus..." (2 Tm 3.16). Embora Deus tenha usado autores humanos para escrever as Escrituras, com seus estilos de linguagem particulares e expressando suas próprias personalidades, as palavras que registraram foram "inspiradas" por ele. Assim, inspiração é a obra sobrenatural do Espírito Santo por meio da qual ele orientou e supervisionou os escritores bíblicos para que o que escrevessem fosse a Palavra de Deus. Esse "sopro" nos escritos, ou supervisão dos escritos, consistiu numa ação verbal completa. Verbal pelo fato de o Espírito Santo ter orientado a escolha das palavras, que não podem ser divorciadas dos pensamentos. A inspiração da Bíblia também foi completa porque abrangeu todos os trechos da Bíblia. Conseqüentemente, ela é infalível quanto à verdade e definitiva em autoridade. A palavra grega para "inspirado" (2 Tm 3.16) é *theopneustos*, cujo sentido literal é "soprado por Deus". Devido à sua origem e natureza divinas, a versão original da Bíblia não continha erros.

A maneira como o Espírito Santo proporcionou a inspiração é apresentada em 2 Pedro 1.21: "... homens [santos] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo". Os escritores registravam as palavras que Deus lhes dava à medida que eram movidos (*pheromenoi*) pelo Espírito Santo. Este orientava o que escreviam, como um veleiro é conduzido pelo vento. Por meio da inspiração, o Espírito Santo levou os escritores a registrarem a revelação de Deus. Eles relataram por escrito as verdades que Deus estava desvendando sobre si mesmo e sobre outros. Como escrevi certa vez:

> A Bíblia *é* revelação (não apenas o registro de uma revelação), e inspiração foi a ação mediante a qual Deus registrou por escrito, de forma infalível, verdades reveladas. A revelação é a comunicação de verdades que de outro modo não seriam conhecidas, enquanto a inspiração é o processo pelo qual essas informações são apresentadas com precisão em linguagem escrita. A revelação

consiste no desvendar de verdades divinas por ação do Espírito, ao passo que a inspiração é a supervisão por ele efetuada do registro de sua revelação.[7]

É óbvio que o significado da palavra *inspiração*, quando referente à Bíblia, difere de seu emprego usual hoje. É comum falar-se de inspiração na música, nas artes e na poesia. O sentido aqui é o de obras compostas de forma extraordinária, que exercem efeito sobre nossas emoções.

Quando falamos de inspiração da Bíblia, não queremos dizer que os *escritores* foram inspirados, mas sim que as próprias *palavras* o foram, ou seja, elas foram *sopradas* por Deus. Em certo sentido, Deus incutiu sua vida nas palavras da Bíblia, de sorte que são realmente palavras suas. Não se pode dizer o mesmo de nenhum outro livro já escrito!

Podemos ver em muitos pontos do Antigo Testamento que os profetas começavam suas declarações com as seguintes palavras: "Ouvi a palavra do SENHOR" ou "assim diz o SENHOR". Suas declarações são mencionadas como a Palavra de Deus inúmeras vezes. Não pode haver dúvida de que os autores do Antigo Testamento percebiam que estavam falando e escrevendo as próprias palavras de Deus.

O Novo Testamento afirma com freqüência a natureza divina do Antigo Testamento. Mateus, por exemplo, escreveu que o nascimento virginal de Jesus aconteceu "... para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta" (Mt 1.22). Mateus declarou que as palavras de Isaías 7.14 não eram meras palavras do profeta; eram o que o Senhor dissera, e Isaías foi o instrumento por meio do qual Deus falou. O evangelista empregou terminologia semelhante em Mateus 2.15: "... para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta...", referindo-se dessa vez à ocasião em que Deus falou por intermédio de Oséias. Mateus 15.4 diz: "Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe, seja punido de morte". É interessante notar que, nessas duas citações de Êxodo 20.12 e 21.17, Mateus não disse "Moisés escreveu", mas sim "Deus disse". As palavras de Moisés eram palavras de Deus. Em Mateus 4.14, o evangelista volta a citar Isaías como instrumento por meio do qual Deus falou: "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías".

7. Roy B. ZUCK, *The Holy Spirit in your teaching*, ed. rev., Wheaton, Victor Books, 1984, p. 49.

Jesus respondeu a uma pergunta dos fariseus referindo-se ao fato de que Davi falara pelo Espírito (Mt 22.43). "... pelo profeta Daniel" (IBB) foram as palavras que Jesus usou para referir-se à citação de Daniel sobre o "abominável da desolação" de Daniel 9.27, 11.31 e 12.11 (Mt 24.15). A profecia de Jeremias sobre a traição de Jesus por 30 moedas de prata é introduzida com as seguintes palavras, em Mateus 27.9: "Então se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias...".

O fato de que Jesus reconhecia a autoridade do Antigo Testamento também fica claro por suas próprias palavras: "Está escrito". Ele usou tal expressão cinco vezes só no livro de Mateus: 4.4, 7, 10; 21.13 e 26.31. Esses versículos contêm citações feitas por Jesus dos livros de Deuteronômio, Isaías e Zacarias.

Nosso Senhor afirmava o caráter divino do Antigo Testamento ao citá-lo com autoridade. Por exemplo, em Mateus 22.37, ele citou Deuteronômio 6.5 e, em Mateus 22.39, citou Levítico 19.18. Em Mateus 23.39, citou Salmos 118.26; em Mateus 11.10, citou Malaquias 3.1 e, em Mateus 18.16, citou Deuteronômio 19.15. Jesus salienta várias vezes, no livro de Mateus, a autoridade divina do Antigo Testamento ao iniciar uma citação com as seguintes palavras: "Nunca lestes?". Ele disse isso em Mateus 19.4 (citando Gn 1.27), Mateus 21.16 (citando Sl 8.2), Mateus 21.42 (citação de Sl 118.22, 23) e Mateus 22.31, 32 (citação de Êx 3.6 e Dt 6.5).

A partir destas constatações só no livro de Mateus, fica claro que Jesus reconhecia a natureza divina do Antigo Testamento. Ele acreditava que as palavras que citava eram palavras do próprio Deus. Outros autores do Novo Testamento também reconheciam a origem divina do Antigo Testamento. Em 1 Timóteo 5.18, Paulo cita Deuteronômio 25.4, começando com as seguintes palavras: "Pois a Escritura declara". É interessante que, no mesmo versículo, ele também cita Lucas 10.7, assim colocando as duas citações na mesma condição de Escritura, ou seja, de texto escrito e aceito como da parte de Deus.

Pedro reconheceu o caráter divino dos escritos de Paulo ao referir-se às cartas deste como Escrituras (2 Pe 3.16). Não é de admirar que os tessalonicenses reconhecessem que o que ouviam de Paulo não eram palavras humanas, mas de fato a Palavra de Deus (1 Ts 2.13). Os próprios apóstolos consideravam o que escreviam a Palavra de Deus, com sua autoridade. Um exemplo disso é o fato de que Paulo escreveu: "... reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo" (1 Co 14.37). A quantidade

de vezes que os autores do Novo Testamento referem-se ao Antigo indica que eles admitiam sua condição de Escritura, de Palavra de Deus, dada pelo Espírito Santo.

Está claro, então, que a Bíblia veio de Deus. Sem sombra de dúvida, a afirmação de que ela é um livro divino constitui um axioma, uma verdade evidente por si própria. Quatro corolários derivam desse axioma, e os intérpretes da Bíblia devem atentar para eles ao estudarem as Escrituras.

1. *Pelo fato de ser um livro divino, a Bíblia é inerrante.* A inferência lógica da inspiração das Escrituras por parte do Espírito Santo é que elas são inerrantes, isto é, os originais não contêm erros. (A inerrância não se aplica às cópias dos originais, pois nestas os escribas cometeram alguns erros no processo de transmissão.) Não deve haver dificuldade para entender que os manuscritos eram inerrantes, uma vez que a inspiração é vista como a ação do Espírito Santo no sentido de vigiar e orientar os escritores para que escrevessem o que ele queria que ficasse registrado, palavra por palavra. Essa supervisão do Espírito Santo era a garantia de que o que eles escrevessem estaria isento de erros. "Se os manuscritos bíblicos originais contivessem alguns erros, por menores que fossem, como poderíamos afirmar que algum deles seja confiável? Como Deus é verdadeiro (1 Ts 1.9; 1 Jo 5.20) e não pode mentir (Tt 1.2; Hb 6.18), ele pode preservar e preservou sua Palavra do erro."[8] A questão da inerrância é abordada em maior profundidade em *Inerrancy*, organizado por Norman L. Geisler (Grand Rapids, Zondervan, 1979), e em *What You Should Know about Inerrancy* [*O que Todos Devem Saber Sobre a Inerrância*], de Charles C. Ryrie (Chicago, Moody Press, 1981). Portanto, quando nos dispomos a interpretar a Bíblia, nós a aceitamos como um livro sobrenatural cujos originais não continham erros.

2. *Como a Bíblia é um livro divino, é fonte indiscutível.* A autoridade da Bíblia para determinar o que cremos e nossa forma de viver deriva do fato de ser inerrante. A inerrância, por sua vez, decorre da verdade da inspiração pelo Espírito Santo. Visto que a Bíblia é obra de Deus, possui autoridade intrínseca. O fato de que Jesus fazia citações do Antigo Testamento freqüentemente, reconhecendo sua origem sobrenatural, é mais uma prova

8. Ibid., p. 48.

de que ele acreditava na autoridade do texto. O que ele considerava indiscutível, nós devemos considerar indiscutível, sem margem para dúvidas. Considerando que a Bíblia é nossa fonte suprema e estamos sujeitos à sua autoridade, enfrentamos o desafio de interpretá-la com a maior precisão possível. Na qualidade de Palavra de Deus, a Bíblia é fidedigna e competente. Portanto, cabe a nós cercar de reverência e zelo nosso entendimento das Escrituras.

3. *Como a Bíblia é um livro divino, apresenta unidade*. Embora tenha sido elaborada por cerca de 40 autores humanos, a Bíblia é obra do próprio Deus, como já dissemos. Podemos esperar, então, que apresente unidade. Várias questões decorrem desse fato. Primeira: a Bíblia não se contradiz. Como obra de Deus, que é a verdade, as Escrituras são coerentes e uniformes. Todas as partes se encaixam. Por exemplo, os textos proféticos dos livros de Daniel, Ezequiel, 2 Tessalonicenses e Apocalipse, além de outros, podem ser correlacionados de forma a obter-se um esboço abrangente do plano de Deus para o futuro. Os acontecimentos profetizados nessas passagens não são contraditórios; eles se correlacionam. Os quatro evangelhos não se contradizem, apesar de mostrarem a vida e o ministério de Cristo por ângulos diferentes.

As passagens que aparentemente contêm discrepâncias precisam ser interpretadas à luz da harmonia das Escrituras. As palavras de Pedro: "... Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados..." (At 2.38) não devem ser entendidas como se a salvação fosse alcançada pelo batismo nas águas. Essa idéia entraria em contradição com outras passagens. Como quer que se interprete Atos 2.38, é preciso que o trecho seja entendido de tal forma que não entre em conflito com outros versículos que deixam claro que o batismo nas águas não é o instrumento de salvação. (O capítulo 5 propõe uma interpretação desse versículo.) Da mesma forma, não se deve jogar Paulo contra Tiago como se um contradissesse o outro. Ambos escreveram sob a inspiração do Espírito Santo; portanto, Deus expôs verdades harmônicas por intermédio dos dois.

Segunda: como a Bíblia é coerente, suas passagens obscuras e secundárias devem ser interpretadas com base em trechos claros e principais. Quando John Knox discutiu com Maria, Rainha da Escócia, em Edimburgo, no ano de 1561, ela disse: "Interpretas as Escrituras de uma maneira, e eles

[católicos romanos] de outra; em quem haverei de acreditar, e quem haverá de julgar?". John Knox respondeu: "A Palavra de Deus é clara por si só. Havendo algum ponto obscuro, o Espírito Santo, que não contradiz a si mesmo, apresenta-o com maior clareza em outros trechos".[9]

Existindo duas interpretações possíveis para uma mesma passagem (e é o que acontece em várias passagens, pois não sabemos ao certo como interpretar cada versículo), a regra prática é a seguinte: adote o sentido evidente, que obedece ao bom senso. Quando Paulo escreveu em Colossenses 1.6: "... em todo o mundo [este evangelho] está produzindo fruto e crescendo...", o mais provável é que estivesse referindo-se ao mundo conhecido da época, e não a toda a população mundial.

Terceira: outra conseqüência da unidade das Escrituras é que, muitas vezes, a Bíblia interpreta a si mesma. Martinho Lutero e João Calvino costumavam dizer: "A Escritura interpreta a Escritura". Certas passagens esclarecem outras. Isso não surpreende, porque a Bíblia é um livro harmônico, uma emanação da mente do próprio Deus.

Quando estudamos as Escrituras, devemos interpretar cada parte tendo em mente o todo. A recomendação de Paulo em 1 Coríntios 7.17 — "Ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído..." — não deve ser entendida como se significasse que, se um homem aceita a Cristo como Salvador, ele pode continuar mantendo uma relação adúltera com uma mulher. Tal interpretação entraria em contradição com todas as outras passagens bíblicas e estaria ignorando sua coerência e destruindo sua harmonia. John Stott citou *Sir* Charles Ogers, que expôs várias regras para a interpretação de documentos legais. Sua sétima regra é a seguinte: "Um contrato deve ser analisado como um todo". E acrescenta:

> Cada parte do contrato deve ser comparada com as outras e daí se tira uma conclusão total. [...] Os termos de cada cláusula devem ser interpretados de forma que os harmonize com as outras disposições do contrato, se essa interpretação não violar o sentido que lhes cabe por natureza.[10]

9. *The history of Reformation of the Church of Scotland*, 1587, v. 4.
10. *The construction of deeds and statutes*, 4. ed., Boulder, Sweet and Maxwell, 1956, p. 27 apud *Understanding the Bible*, Glendale, G/L Publications, 1972, p. 230-1.

Quarta: aceitar a unidade da Bíblia também implica reconhecer o que é chamado de progresso da revelação. Isso não significa que a revelação bíblica evoluiu. O que se pretende dizer é que nas últimas passagens Deus fez acréscimos ao que revelara nas primeiras. Não estamos insinuando que o que ficou registrado nos trechos mais antigos da Bíblia seja imperfeito, sendo as revelações posteriores perfeitas; tampouco que os primeiros registros contenham erros e que os trechos mais novos sejam fidedignos. O que se quer dizer é que uma informação que pode ter sido parcial foi acrescentada posteriormente, de sorte que a revelação ficou mais completa. O que Daniel, Ezequiel, Zacarias e outros profetizaram a respeito do fim dos tempos ganhou nova dimensão em Apocalipse. O que o Antigo Testamento fala sobre morte é lapidado no Novo. A Trindade do Antigo Testamento é apresentada de forma mais completa no Novo. Quando o intérprete reconhece esse progresso da revelação, ele toma o cuidado de não interpretar o Antigo Testamento tendo em mente o Novo. (A relação do Antigo Testamento com o Novo é discutida no capítulo 11.) A existência da revelação progressiva não significa que o Antigo Testamento seja menos inspirado que o Novo, nem menos claro que este.

A revelação progressiva também significa que alguns mandamentos vieram a ser alterados. A circuncisão, ordenada a Abraão e a seus descendentes em Gênesis 17.10, posteriormente foi abolida (Gl 5.2). A lei de Moisés tornou-se obsoleta, como vemos em 2 Coríntios 3.7-11 e em Hebreus 7.11-19. Em Mateus 10.5-7, Jesus deu aos 12 apóstolos instruções diferentes das que transmitiu após sua ressurreição, obviamente, como se vê em 28.18-20. Ele também disse aos discípulos que o Espírito Santo, que estava com eles, haveria de habitar neles (Jo 14.17). É semelhante ao que João escreveu no capítulo 7, versículo 39: "... pois o Espírito até esse momento não fora dado...". Isso dá a entender que a vinda do Espírito Santo aconteceria mais tarde, no dia de Pentecoste (At 2). Ao relatar esse evento ocorrido na casa de Cornélio, Pedro usou as seguintes palavras: "... caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio" (11.15). Estas e outras passagens ressaltam as diferenças que existem na revelação de Deus. Como salientou Ryrie, "o não reconhecimento dessa característica progressiva da revelação implicaria contradições insolúveis entre as passagens bíblicas".[11]

11. Charles C. RYRIE, *Basic theology*, Wheaton, Victor Books, 1986, p. 114.

4. *Como a Bíblia é um livro divino, tem seus mistérios.* É preciso admitir que a Bíblia contém muitas coisas difíceis de entender. Os estudiosos das Escrituras têm de reconhecer que nem sempre são capazes de determinar o sentido de certa passagem.

A Bíblia encerra mistérios em quatro áreas. Uma delas é a profética. Ela contém predições sobre acontecimentos futuros que nenhum ser humano poderia antecipar sozinho, sem revelação divina. Esse fator singular precisa ser levado em conta na interpretação bíblica. Os eruditos liberais tendem a descartar o aspecto preditivo do texto bíblico. Eles afirmam, por exemplo, que o livro de Daniel foi escrito por volta de 200 ou 150 a.C. Isso porque acreditam que Daniel não poderia ter escrito textos proféticos. Dizem que ele escreveu sobre aqueles acontecimentos depois de ocorridos e registrou-os como se os tivesse escrito anteriormente. Os liberais têm essa visão porque partem do pressuposto de que a origem da Bíblia não é sobrenatural.

Outro aspecto do mistério das Escrituras são os milagres. Como é possível explicar que um machado flutuou? Como é possível andar sobre a água? Como alguém poderia ressuscitar dos mortos? Como a terra pode ter sido feita a partir do nada? Nada disso seria possível sem a atuação sobrenatural de Deus. Se aceitamos a natureza divina da Bíblia, então podemos aceitar esses milagres como verdadeiros.

Outro aspecto da natureza misteriosa da Bíblia é sua doutrina. Existe uma série de ensinamentos bíblicos difíceis para a mente finita entender. Como Deus pode ser três pessoas numa só essência? Como Cristo pôde ressurgir dos mortos? Como pode habitar em cada crente? Como Deus pode ser onipresente? Como pode ser soberano e ainda assim o homem ter livre-arbítrio?

Resumindo, aceitar a natureza divina da Bíblia significa reconhecer sua inerrância, sua autoridade, sua unidade e seu mistério. Se for considerada mero livro humano, então, ao tentarmos interpretá-la, não poderemos esperar que seja inerrante, indiscutível, harmoniosa e misteriosa.

De acordo com essas afirmações evidentes por si próprias, a Bíblia é um livro humano e também divino. Nenhum dos dois aspectos pode ser negado. Se admitirmos apenas o aspecto humano, vamos analisá-la racionalmente. Se aceitarmos apenas o lado divino, ignorando os aspectos humanos, vamos examiná-la como um livro místico. Quando a encaramos como um livro humano e divino, procuramos interpretá-la como fazemos com qualquer outro livro, ao mesmo tempo em que afirmamos sua singularidade como o livro das verdades divinas, obra das mãos de Deus.

capítulo quatro

A transposição do abismo cultural

No livro *Alice no País do Espelho*, Humpty Dumpty disse para Alice: "— Existem 364 dias nos quais uma pessoa pode receber um presente de in-aniversário". Alice concordou, e ele acrescentou: "E *um* dia só em que possa receber presente de aniversário, não é? Logo, glória para você!

"— Não sei o que quer dizer com esse 'glória', objetou Alice.

"Humpty Dumpty sorriu.

"— Está claro que não sabe, nem o saberá enquanto eu não o disser. Glória quer dizer um argumento de escachar.

"— Mas 'glória' jamais significou isso, que eu saiba, senhor!

"— Quando eu uso uma palavra, replicou Humpty com superioridade, ela significa o que eu quero que signifique — e nada mais.

"— Mas a questão é se o senhor *pode* dar significado diferente às palavras..."[1]

Alice estava preocupada porque Humpty Dumpty tinha redefinido a palavra *glória*. Sua preocupação provinha do fato de que, em geral, para comunicar-se, uma pessoa não redefine palavras, dando-lhes sentidos completamente diversos dos aceitos em geral. No entanto, quando alguém explica algo diferente que disse, os ouvintes podem entender.

Se lemos a declaração de Humpty Dumpty de que um aniversário significa "glória para você", sem uma explicação, ficamos confusos. Mas, pelo contexto, no qual ele explica a frase, seu sentido fica claro.

1. Lewis CARROLL, *Alice no país do espelho*, trad. e adap. Monteiro Lobato, São Paulo, Brasiliense, 3. ed., 1961.

As pessoas costumam fazer isso com a Bíblia. Isolam uma palavra, uma frase ou um parágrafo e pensam que significa o que acham que significa.

Não levar em consideração o contexto consiste num dos problemas mais graves na interpretação bíblica. Se desconsiderarmos o "meio envolvente" de um versículo bíblico, poderemos acabar interpretando-o de forma completamente errada. Precisamos levar em conta as frases e os parágrafos que antecedem e sucedem o versículo em questão e, ainda, considerar o contexto cultural em que aquela passagem e até mesmo o livro inteiro foram escritos.

A importância desse procedimento decorre das diferenças culturais que existem entre nossa cultura ocidental e a cultura dos tempos bíblicos. "Para entender a Bíblia adequadamente, precisamos esvaziar nossas mentes de todas as idéias, opiniões e métodos modernos e procurar transportar-nos para a época e o ambiente em que viviam os apóstolos e os profetas que a escreveram."[2] Quanto mais tentamos transportar-nos para o contexto histórico dos autores bíblicos e nos desvincular de nossas próprias culturas, mais cresce a probabilidade de interpretarmos as Escrituras com maior precisão.

Quando os reformadores (Martinho Lutero, Philip Melanchton, João Calvino, Ulrich Zuínglio e outros) acentuaram a necessidade do retorno às Escrituras, eles ressaltaram a interpretação histórica, gramatical. Com "histórica", estavam-se referindo ao contexto em que os livros da Bíblia foram escritos e às circunstâncias em jogo. Com "gramatical", referiam-se à apuração do sentido dos textos bíblicos mediante estudo das palavras e das frases em seu sentido normal e claro. Pode-se somar outro aspecto da interpretação a esses dois, a saber, o retórico. A interpretação retórica sugere estudar como as características literárias de um trecho bíblico influem em sua interpretação. Conjugando as três, podemos falar de uma interpretação histórica, gramatical e retórica. Este capítulo versa sobre a interpretação histórica, examinando as circunstâncias e o contexto cultural em que os textos foram escritos. O capítulo 5 aborda os aspectos gramaticais da interpretação, e os capítulos 6 e 7 tratam de diversos aspectos da interpretação retórica.

2. John F. JOHNSON, Analogei fidei as hermeneutical principle, *Springfielder 36*: 249, 1973.

O contexto em que determinada passagem bíblica foi escrita influi no entendimento que se terá dela. O contexto abrange vários elementos:

- o(s) versículo(s) imediatamente anterior(es) e posterior(es);
- o parágrafo e o livro em que o versículo se encontra;
- a dispensação em que foi escrito;
- a mensagem de toda a Bíblia;
- o ambiente histórico-cultural da época em que foi escrito.

Discutiremos no próximo capítulo vários exemplos da importância de se conhecerem o contexto do versículo em si e o contexto do capítulo ou do livro em que ele aparece.

A maioria dos livros sobre interpretação bíblica começa tratando dos primeiros elementos da lista e depois discute o ambiente histórico-cultural da época em que os autores o escreveram. Quero inverter tal ordem, pois este último fator normalmente influi nos outros contextos.

É importante conhecer as circunstâncias que cercavam determinado livro da Bíblia. Para tanto, procura-se responder às seguintes perguntas: Quem escreveu o livro? Em que época foi escrito? O que levou o autor a escrevê-lo? Em outras palavras, a que problemas, situações ou necessidades ele estava referindo-se? De que trata o livro? Ou seja, qual é seu tópico ou tópicos principais? Para quem foi escrito? Quer dizer, quem foram os primeiros leitores ou ouvintes? As respostas a essas indagações podem ajudar-nos a discernir o que o livro está dizendo.

A preocupação central deste capítulo é o ambiente cultural em que os autores humanos da Bíblia trabalharam. Em qualquer cultura ou época, os escritores de um documento, assim como os leitores, sofrem a influência do contexto social. O livro de Naum, por exemplo, demonstra que o profeta conhecia a cidade de Nínive, e o livro de Habacuque reflete o conhecimento que o profeta tinha dos babilônios. Uma série de declarações do livro de Colossenses mostra a possibilidade da influência de uma seita filosófica e religiosa em Colossos, que poderia ter sido uma forma incipiente do que viria a ser mais tarde o gnosticismo. Grande parte do livro de Lamentações quase não faz sentido, a menos que o leitor se lembre de que Jeremias estava escrevendo um canto fúnebre, lamentando a destruição de Jerusalém pelos babilônios. Os acordos que os hititas faziam com seus vassalos (povos conquistados) foram escritos como pactos em determinado estilo literário.

Parece que Moisés adotou esse estilo ao escrever Deuteronômio e trechos de Êxodo.[3]

O conhecimento do contexto cultural de um trecho ajuda-nos também a entender o significado daquele documento para os que primeiro o leram. A *Magna Carta* britânica faz mais sentido quando entendemos o ambiente cultural da Inglaterra do século XIII.

Dada a existência de um abismo cultural entre nossa era e os tempos bíblicos — e como nosso objetivo na interpretação bíblica é descobrir o sentido original das Escrituras — é imperativo que nos familiarizemos com a cultura e os costumes de então. Conforme Sproul escreveu:

> A não ser que acreditemos tenha a Bíblia caído do céu de pára-quedas, escrita com uma pena celestial numa língua celestial curiosa, exclusivamente adequada como instrumento de revelação divina, ou então que foi ditada por Deus direta e imediatamente, sem referência a nenhum costume regional, estilo ou perspectiva, seremos obrigados a encarar os abismos culturais. Isto é, a Bíblia retrata a cultura de sua época.[4]

Que queremos dizer com cultura?

Os dicionários definem "cultura" como "o conjunto dos moldes de comportamento, crenças, instituições e valores espirituais e materiais característicos de uma sociedade". Portanto, a cultura envolve o que as pessoas *pensam* e crêem, *dizem*, *fazem* e *produzem*. Estamos falando de suas crenças, formas de comunicação, costumes e hábitos, e de elementos materiais como ferramentas, habitações, armas, *etc.* A cultura de um indivíduo abrange vários níveis de relacionamentos e influências — suas relações com outras pessoas e grupos, a função que exerce na família e na classe social e a nação ou governo a que está sujeito. A religião, a política, as operações militares, as leis, a agricultura, a arquitetura, o comércio, a economia e a geografia da região onde o indivíduo vive e por onde viaja, o que ele e outros escreveram

3. Desejando obter os pormenores sobre a relação entre a forma desse pacto vassalar e a estrutura de Deuteronômio, veja *The Bible knowledge commentary*, Antigo Testamento, organizado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck (Wheaton, Victor Books, 1985), p. 137, 260.
4. R. C. SPROUL, *Knowing Scripture*, Downers Grove, InterVarsity, 1979, p. 102.

e leram, o que ele veste e a(s) língua(s) que fala — tudo isso influencia seu modo de vida e, no caso de ser um autor bíblico, o que ele escreve.

Quando um missionário vai para um país de cultura diferente, precisa saber como aquele povo pensa, em que acredita, o que diz, faz e produz. Ele precisa entender a cultura local para compreender as pessoas e comunicar-se bem. Se você já viajou para o exterior, sem dúvida alguma experimentou algum tipo de "choque cultural". Isso significa que você sentiu o impacto dos ambientes e dos hábitos diferentes do povo daquela nação. À medida que foi-se familiarizando com aqueles costumes diferentes, o choque amenizou-se.

Quando abrimos as Escrituras, é como se estivéssemos entrando num país estranho. Da mesma forma como ficamos confusos com a maneira de agir das pessoas de outros países, podemos ficar confusos com o que lemos na Bíblia. Assim, é importante sabermos o que os personagens bíblicos pensavam, em que acreditavam, o que diziam, faziam e produziam. À medida que procedemos assim, temos mais condições de compreender e transmitir essas informações com mais exatidão. Se não atentarmos nessas questões culturais, podemos ser culpados de fazer uma eisegese, que é projetar na Bíblia nossos conceitos ocidentais do século XX. "A preocupação com o contexto força-nos a um distanciamento de nossas interpretações particulares e a voltarmo-nos para o [...] mundo do autor."[5]

Hoje, em vários países, é preciso conhecer os costumes locais. Na Inglaterra, dirige-se do lado esquerdo da rua. Se você se esquecer disso, certamente vai ter problemas! Nós "percebemos" costumes diferentes em grande parte da Bíblia. Então, para interpretarmos corretamente a Palavra de Deus, precisamos entender quais eram aqueles costumes e seu significado. A atenção ao estudo cultural da Bíblia

> permite-nos conhecer o sentido original, literal e socialmente designado da palavra, expressão ou hábito. [...] a "interpretação literal" fica aleijada sem o auxílio do estudo das culturas. Como acontece com a história bíblica, as questões culturais não são pormenores que podemos pesquisar se sobrar tempo, mas que podemos desprezar quando premidos pela falta de tempo e

5. Alan JOHNSON, History and culture in New Testament interpretation, in: Samuel J. SCHULTZ & Morris A. INCH, eds., *Interpreting the Word of God*, Chicago, Moody, 1976, p. 131.

pelas circunstâncias. Elas são indispensáveis ao entendimento correto das Escrituras Sagradas.[6]

Como a variedade de costumes culturais influi na interpretação de certas passagens?

Os quatro aspectos culturais — pensamentos (e crenças), fala, ação e produtos — normalmente se sobrepõem. O que alguém pensa afeta seus atos; o que faz está ligado àquilo em que acredita, e assim por diante. Outra visualização dos aspectos culturais agrupa-os em 11 categorias: política, religião, economia, leis, agricultura, arquitetura, vestimentas, vida doméstica, geografia, organização militar e estrutura social.

Apresentamos a seguir alguns exemplos de passagens bíblicas cuja interpretação depende do conhecimento de certos aspectos do contexto cultural.

Política (nacional, internacional e civil)

1. Por que o rei Belsazar concedeu a Daniel a terceira colocação no governo babilônico, e não a segunda (Dn 5.7, 16)? Porque, como nos conta a história secular, Belsazar era na realidade o segundo no comando. Nabonido, seu pai, ausentara-se do país por um período longo.

2. Por que Paulo mencionou em Filipenses 3.20 a pátria celestial de seus leitores? A cidade de Filipos era uma colônia romana. Os habitantes de Filipos não eram cidadãos romanos, mas o imperador romano Otávio Augusto lhes concedera "direitos itálicos", ou seja, concedera-lhes os mesmos privilégios que teriam se sua terra natal fosse a Itália. Ciente disso, Paulo escreveu a respeito de uma pátria ainda mais nobre para os cristãos de Filipos, que era a pátria celestial. Isso teria um significado todo especial para os primeiros leitores dessa epístola.

3. Por que Jonas não queria ir para Nínive? Fontes seculares dão conta de que os ninivitas cometiam atrocidades com seus inimigos. Eles decapitavam

6. Bernard RAMM, *Protestant biblical interpretation*, 3. ed. rev., Grand Rapids, Baker, 1970, p. 157.

os líderes dos povos conquistados e empilhavam as cabeças. Às vezes, colocavam numa jaula um chefe capturado e tratavam-no como animal. Era seu costume empalar os prisioneiros, deixando-os agonizar até à morte. Por vezes, esticavam as pernas e os braços do prisioneiro e esfolavam-no ainda vivo. Não é de admirar que Jonas não quisesse pregar uma mensagem de arrependimento aos ninivitas! Ele achava que mereciam ser julgados por suas atrocidades.

4. Qual a razão de tamanha inimizade entre Edom e Judá durante toda a sua existência? Esse fato pode intrigar os leitores da Bíblia, a não ser que se lembrem do conflito que houve entre os gêmeos Jacó e Esaú. Esse conflito passou a seus descendentes. A nação de Judá descendeu de Jacó, e os edomitas, de Esaú. Isso explica por que Obadias referiu-se quatro vezes às montanhas de Edom como "o monte de Esaú" (Ob 8, 9, 19, 21).

5. Por que Boaz foi até a porta da cidade falar com os anciãos sobre o terreno de Noemi (Rt 4.1)? A porta da cidade era o lugar oficial para a realização de negócios e para o julgamento de casos (Dt 21.18-21; 22.13-15; Js 20.4; Jó 29.7).

6. O que Jesus quis dizer quando declarou: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me"? Como sabemos pelo episódio de sua morte, o indivíduo que carregava a própria cruz até o local da execução tinha sido considerado criminoso. Portanto, tomar a cruz significava seguir Jesus até à morte. Evidentemente, naquela época tomar a cruz não significava passar privações, nem suportar pessoas e circunstâncias desagradáveis.

Religião

1. Por que Moisés deu um mandamento tão estranho quanto este: "... não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe" (Êx 23.19; 34.26; Dt 14.21)? Existem referências a essa prática em escritos descobertos na antiga cidade de Ugarite, próxima à atual Ras Shamra, no Líbano. De acordo com essa descoberta arqueológica, tal hábito era parte de um ritual cananeu. Evidentemente, então, Deus não queria que os israelitas participassem de nenhuma prática religiosa dos cananeus. Outro motivo poderia ser o fato de Deus não querer que os israelitas misturassem uma substância que sustenta a vida (o leite) com um processo associado à morte (cozimento). Como

escreveu Filo, filósofo judeu do século I, é "totalmente inconcebível que a substância que alimentou o animal seja utilizada para sazoná-lo ou temperá-lo depois de morto".[7]

2. Qual a razão de Deus ter lançado as dez pragas sobre o Egito? Quer dizer, por que ele enviou justamente aquelas pragas em vez de outras? Parece que a resposta está no fato de que eram consideradas polêmicas ou atos de contestação da validade dos deuses e deusas egípcios. Com as pragas, Deus estava atacando e expondo a incapacidade e, conseqüentemente, a falsidade dos deuses e deusas egípcios. O quadro a seguir relaciona os deuses que foram atacados pelas pragas. Essas surtiriam grande efeito entre os egípcios. Por exemplo, eles acreditavam que o rio Nilo era protegido por vários deuses e deusas. Mas, quando Deus o transformou em sangue, ficou evidente a incapacidade desses guardiães de cumprirem o papel que o povo lhes atribuía. Por que o gado haveria de morrer (na quinta praga) se a deusa egípcia Hátor, que tinha cabeça de vaca, era a protetora desses animais, e por que o gado morreria na presença do deus-touro egípcio Ápis, que simbolizava a fertilidade? O objetivo dessa praga foi mostrar que Hátor e Ápis eram deuses falsos. A chuva de pedras que destruiu as plantações, na sétima praga, mostrou que várias deusas e deuses foram incapazes de controlar as tempestades no céu e evitar a catástrofe no campo. Entre esses estavam Nut, a deusa do céu; Osíris, o deus da boa safra; e Seti, o deus das tempestades. Na décima praga, Ísis, que era uma das principais divindades e que se acreditava ser a protetora das crianças, não pôde evitar a morte dos primogênitos de todas as famílias egípcias. O conhecimento desses fatos ajuda-nos muito a entender as pragas.

3. Por que Elias propôs que o monte Carmelo fosse o local de sua disputa com os 450 profetas de Baal? Os seguidores de Baal acreditavam que este habitasse no monte Carmelo. Portanto, Elias deixou que eles "jogassem em casa". Se Baal não conseguisse fazer cair um raio sobre um sacrifício em seu próprio território, sua fraqueza se tornaria evidente. Outro ponto interessante é que os cananeus viam a Baal como o deus da chuva, dos raios, do fogo e das tempestades. Como até pouco antes desse episódio dramático houvera uma seca de três anos e meio, estava claro que Baal não era capaz de fazer chover. Sua incapacidade também foi demonstrada pelo fato de não

7. PHILO, *De virtute* 143, apud Jacob MILGROM, You shall not boil a kid in its mother's milk, *Bible Review 1*: 54, Oct. 1985.

conseguir fazer cair fogo do céu sobre o sacrifício.

4. Por que motivo Paulo escreveu, em Colossenses 2.3, que Cristo é o mistério de Deus "em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" e, no versículo 9, que "nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade"? O apóstolo ressaltou esses fatos acerca de Cristo porque os falsos mestres em Colossos estavam pregando que Cristo era Deus apenas parcialmente. As afirmações de Paulo, portanto, formam uma contestação direta àquela falsa idéia.

5. Por que Paulo levantou a questão da carne oferecida a ídolos, em 1 Coríntios 8? Hoje em dia, nenhum convidado senta-se à mesa e pergunta se a carne havia sido oferecida a algum ídolo. É óbvio que esse costume pertence a uma cultura diferente da nossa. A questão é que os coríntios compravam a carne no mercado, ofereciam uma parte a ídolos pagãos num dos muitos templos e levavam o restante para casa, a fim de servir no jantar. Conseqüentemente, alguns cristãos achavam que o fato de comerem aquela carne os tornaria participantes da adoração a ídolos.

6. Por que os herodianos, os saduceus e um escriba fizeram aquelas perguntas para Jesus, em Marcos 12.13-28? As indagações diziam respeito às suas respectivas ocupações e crenças. Os herodianos tinham o apoio de Herodes e dos romanos, por isso discutiram com Jesus a questão do pagamento de impostos a um poder estrangeiro (v. 14). Os saduceus não acreditavam em ressurreição, portanto procuraram calar seu opositor levantando uma situação hipotética sobre uma mulher que teve sete maridos (v. 23). Os escribas judeus, por sua vez, preocupavam-se com os mandamentos do Antigo Testamento; assim, um deles perguntou a Jesus qual era o mais importante (v. 28).

Economia

1. Em Jó 22.6, por que Elifaz acusou Jó de exigir penhores de seus irmãos sem motivo? Na época do Antigo Testamento, essa atitude era considerada um crime desprezível. Se uma pessoa devesse dinheiro a outra e não pudesse pagar, a devedora dava sua capa à credora como penhor ou garantia do pagamento futuro. Contudo, ao cair da noite, a credora devia devolver-lhe a capa, pois provavelmente ela apascentaria ovelhas no campo ao relento e precisaria ter com o que se cobrir. Tomar um penhor de alguém sem motivo

As pragas e as divindades egípcias

Pragas	*Referências*	*Possíveis divindades egípcias atacadas pelas pragas*[8]
1. O Nilo é transformado em sangue	Êxodo 7.14-25	Hapi (também chamado Ápis), o deus-touro, deus do Nilo; Ísis, deusa do Nilo; Cnum, o deus-carneiro, guardião do Nilo e outros.
2. Rãs	8.1-15	Heket, deusa do nascimento, que tinha cabeça de sapo.
3. Piolhos	8.16-19	Seti, deus do deserto.
4. Moscas	8.20-32	Rá, um deus-sol; ou o deus Uatchit, possivelmente representado por uma mosca.
5. Morte do gado	9.1-7	Hátor, deusa com cabeça de vaca; Ápis, o deus-touro, símbolo da fertilidade.
6. Úlceras	9.8-12	Sekmet, deusa que curava doenças; Sunu, deus-pestilência; Ísis, deusa da cura.
7. Chuva de pedras	9.13-35	Nut, a deusa do céu; Osíris, deus das colheitas e da fertilidade; Seti, deus das tempestades.
8. Gafanhotos	10.1-20	Nut, a deusa do céu; Osíris, deus das colheitas e da fertilidade.
9. Trevas	10.21-29	Rá, o deu-sol; Hórus, um deus-sol; Nut, uma deusa do céu; Hátor, uma deusa do céu.
10. Morte dos primogênitos	11.1—12.30	Min, deus da reprodução; Heket, deusa que auxiliava as mulheres na hora do parto; Ísis, deusa que protegia as crianças; o primogênito de Faraó, um deus.

Extraído de: *The Bible knowledge commentary*, Old Testament, Victor Books, 1985, p. 120.

8. Alguns deuses e deusas possuíam mais de uma função ou área de responsabilidade. Além disso, na religião egípcia primitiva, acreditava-se que muitas das divindades adoradas numa cidade ou local e/ou em determinada época haviam incorporado os deuses e deusas de outras regiões e épocas. Assim, a religião egípcia era em grande parte complexa e, às vezes, até contraditória. Encyclopaedia Brittanica, s.v. Egito; Lionel CASSON, *Ancient Egypt*, New York, Time-Life Books, 1965; Pierre MONTET, *Egypt and the Bible*, Philadelphia, Fortress, 1968.

era pecado. Jó não era culpado dessa atitude, como explicou depois (31.19-22).

2. Por que o parente mais chegado de Elimeleque deu sua sandália a Boaz (Rt 4.8, 17)? Segundo as tábuas Nuzi, encontradas no Iraque em escavações que se estenderam desde 1925 até 1931, esse ato simbolizava a cessão de direitos de uma pessoa sobre a terra que pisava. Agia-se assim quando era concluída a venda de um terreno.

Leis

1. Em 2 Reis 2.9, quando Eliseu disse a Elias: "... Peço-te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito", será que ele estava pedindo duas vezes mais poder espiritual do que Elias tinha? Não, estava expressando o desejo de ser seu herdeiro, seu sucessor. De acordo com Deuteronômio 21.17, o primogênito de uma família tinha direito de receber em dobro sua parte da herança deixada pelo pai.

2. Em Colossenses 1.15, a expressão "o primogênito de toda a criação" significa que Cristo foi criado? Não, significa que ele é o Herdeiro de toda a criação (Hb 1.2), assim como o primogênito ocupava um lugar especial de honra e tinha privilégios na família. A palavra grega para primogênito é *prōtotokos*. Se Paulo pretendesse transmitir a idéia de que Jesus foi o primeiro ser criado, ele teria empregado outro termo grego: *prōtoktisis*. Ocorre que esse termo nunca foi utilizado em referência a Jesus.

Agricultura

1. Que há de tão estranho no fato de Samuel pedir chuva ao Senhor na época da colheita do trigo, em 1 Samuel 12.17? A colheita do trigo acontecia em maio ou junho, assim que começavam os seis meses de estio, que iam de abril até o final de outubro. Se chovesse na estação da seca, ficaria evidente a operação do Senhor.

2. Por que Salmos 1.4 compara os ímpios à palha? Para mostrar que o ímpio não tem segurança. Quando os fazendeiros joeiram o trigo, o vento leva a palha, que é mais leve. Nenhum fazendeiro procura guardar e usar a palha, pois não é útil. Os ímpios, como ela, não têm segurança nem utilidade.

3. Por que Amós chamou as mulheres de Betel de "vacas de Basã", em Amós 4.1? As vacas de Basã — área fértil a nordeste do mar da Galiléia — eram conhecidas por serem gordas. As mulheres de Betel, à semelhança daquelas vacas, eram ricas e preguiçosas e pouco faziam além de comer e beber.

4. Qual o motivo de o Senhor ter perguntado para Jó, em Jó 39.1: "Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos...?"? As referidas cabras escondem-se nas montanhas quando vão parir. Alguns naturalistas já tentaram observar o parto desses animais, mas até o momento quase todos fracassaram. Num período de 30 anos, viram essas cabras copularem ou parirem nas montanhas da Judéia somente quatro vezes.[9] Obviamente, Deus estava acentuando a ignorância de Jó no tocante ao que acontece na natureza.

5. Em Mateus 13.31, 32, Jesus cometeu um erro quando disse que a semente de mostarda é a menor de todas? Algumas pessoas dizem que sim, pois lembram que a semente da orquídea, e não a da mostarda, é a menor das sementes. Mas Jesus referiu-se à mostardeira como uma *hortaliça* e, naquela época, a mostarda era realmente a menor semente de hortaliça da Palestina. É evidente que naquele tempo não existiam sementes de orquídeas lá. A semente de mostarda é tão pequena que cerca de 750 sementes pesam um simples grama. Então, seriam necessárias aproximadamente 21 000 sementes para pesar 30 gramas. No entanto, apesar de tão diminuta, a mostardeira pode atingir uma altura de 3,5 a 4,5 metros em um ano!

6. Em Lucas 13.32, Jesus chamou Herodes de raposa porque achava que este era dissimulado e astuto? Não, naqueles dias a raposa era tida como um animal traiçoeiro; assim, Jesus estava insinuando que Herodes era conhecido por sua traição.

7. Por que Jesus condenou a figueira que não tinha frutos, se nem era época de figos? (Mc 11.12-14) Em Israel, as figueiras costumam produzir pequenos botões em março e grandes folhas verdes em abril. Esses pequenos botões eram "frutos" comestíveis. Jesus "amaldiçoou" a figueira na época da Páscoa, ou seja, abril. Como a planta não apresentava botões, não daria frutos naquele ano. Mas o "tempo de figos" ia do final de maio até fins de junho, que é quando amadureciam. A maldição que Jesus lançou sobre a

9. Avinoam DANIN, Do you know when the ibexes give birth?, *Biblical Archaeology Review*, 5: 50-1, Nov.-Dec. 1979.

figueira representava a falta de vitalidade espiritual de Israel (como a falta de botões), a despeito de sua aparente religiosidade (como as folhas verdes).

Arquitetura

1. Como Raabe podia ter uma casa em cima de uma muralha (Js 2.15)? Jericó tinha muralhas duplas, e o intervalo entre elas era cheio de terra, de forma que se podiam construir casas ali e ainda estarem quase ao nível do topo.[10]

2. Como foi possível que quatro homens descessem um paralítico pelo telhado (Mc 2.1-12)? A maioria das casas ocidentais possui telhados inclinados, mas, nos tempos bíblicos, os telhados eram planos e normalmente feitos de telhas. Portanto, não seria difícil que aqueles homens ficassem de pé no telhado, retirassem algumas telhas e descessem o paralítico.

3. Por que os discípulos reuniam-se num cenáculo? (At 1.13). Porque os cômodos nos andares superiores eram geralmente maiores. Os 11 discípulos, portanto, ficariam mais bem acomodados no andar superior.

Vestimentas

1. Qual o significado de "Tomará alguém fogo no seio?" (Pv 6.27). A palavra "seio" pode significar uma dobra na roupa que funcione como um bolso para carregar coisas.

2. Qual é o sentido da ordem "Cinge os teus lombos", em Jó 38.3, 40.7 e 1 Pe 1.13? Quando um homem corria, trabalhava ou guerreava, enfiava a túnica por dentro de uma faixa larga que trazia à cintura para que pudesse ter maior liberdade de movimentos. A ordem, portanto, tem o sentido de induzir um estado de alerta e a capacidade de reação rápida.

10. Em Bryant G. WOOD, Did the Israelites conquer Jericho?, *Biblical Archaeology Review*, 47, Marc.-Apr. 1990, existe um esquema interessante de como deviam ser as muralhas de Jericó com as casas entre elas.

Vida doméstica

1. Qual é o significado de Oséias 7.8: "Efraim [...] é um pão que não foi virado"? Às vezes, um pão assa mais de um lado que de outro se não for virado. Parece que Oséias empregou essa ilustração para dizer que Efraim carecia de equilíbrio, dando mais atenção a determinadas coisas e deixando de atentar para outras.

2. Não foi falta de educação João encostar-se em Jesus na última ceia (Jo 13.23)? Não, eles se sentavam em sofás, não em cadeiras, na hora das refeições; por isso, naquela cultura, não era considerado falta de educação uma pessoa recostar-se em outra.

3. Por que Tiago disse que se ungissem os enfermos com óleo (Tg 5.14)? Existem dois verbos gregos com o sentido de esfregar, ou ungir. O primeiro é *chriō*, que significa ungir num ritual. Não foi esse o termo que Tiago usou. O verbo em Tiago 5.14 é *aleiphō*, cujo significado é esfregar com óleo. Assim sendo, Tiago não estava referindo-se a um ritual. Pelo contrário, ele falava de uma atitude refrescante e estimulante para com as pessoas doentes ou deprimidas. (*Aleiphō* também é empregado em Mateus 6.17 com o sentido de passar óleo na própria cabeça [para refrescar-se], e em Lucas 7.46 em referência ao fato de a pecadora ter esfregado perfume nos pés de Jesus.)

4. Por que, em Lucas 9.59, o homem disse que queria enterrar o pai antes de seguir Jesus? Ele não quis dizer que o pai tinha acabado de morrer, mas que se sentia obrigado a esperar o pai morrer, mesmo que levasse vários anos, provavelmente, para receber a herança. Isso explica sua relutância em seguir Jesus.

5. Por que motivo Jó perguntou: "Por que houve regaço que me acolhesse?" (Jó 3.12)? Uma criança recém-nascida era colocada sobre os joelhos do avô, simbolizando que ela era sua descendente (Gn 48.12; 50.23). Afundado em tristeza, Jó estava questionando por que tinha nascido.

6. Por que as cinco virgens foram tolas por não terem levado azeite de reserva (Mt 25.1-13)? O motivo é que uma cerimônia de casamento podia durar até três horas e, assim, o azeite das lamparinas poderia acabar. As cinco virgens prudentes, por sua vez, "... além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas" (v. 4), mostrando dessa forma que estavam preparadas.

7. Por que o Senhor falou da erva que é lançada no fogo (Mt 6.30)? Os fornos de barro, onde se assavam pães finos parecidos com panquecas, eram aquecidos pela queima do capim.

Geografia

1. Por que Jesus teve de "atravessar a província de Samaria" (Jo 4.4)? Visto que os judeus não se davam com os samaritanos (v. 9), eles costumavam passar ao largo de Samaria quando iam da Judéia, no sul, para o norte. Os viajantes seguiam por uma estrada próxima do rio Jordão ou do mar Mediterrâneo. Mas Jesus atravessou Samaria e foi até Sicar a fim de encontrar-se com a mulher que ele, em sua onisciência, sabia que estaria lá.

2. Por que Davi fugiu para En-Gedi (1 Sm 23.29)? Ele sabia que Saul teria dificuldade de segui-lo até lá, devido ao terreno acidentado do caminho ao sul de Jericó e a oeste do mar Morto. Também havia cavernas ali, o que tornaria ainda mais difícil que Saul o encontrasse. Além disso, existia uma cachoeira refrescante lá. A lógica desses fatores explica porque Davi fugiu para En-Gedi.

3. Por que a carta para a igreja de Laodicéia, em Apocalipse 3.16, dizia que os membros daquela igreja eram "mornos", nem "quentes" nem "frios"? Essa afirmação reflete o fato de que aquela congregação local era como a água da cidade, em termos espirituais. A água percorria em dutos os quase 10 km de Hierápolis a Laodicéia. Ela saía quente das termas de Hierápolis, obviamente, mas quando chegava a Laodicéia já estava morna.

4. Por que Jesus falou de um homem que "desceu" de Jerusalém para Jericó, se esta cidade fica a nordeste daquela (Lc 10.30)? Jericó está situada a mais de 600 m abaixo do nível de Jerusalém, estando a uma distância de cerca de 22 km desta. É óbvio que o percurso de Jerusalém para Jericó era uma descida.

Organização militar

1. Por que Habacuque diz que os babilônios, "... amontoando terra, as [cidades] tomam" (Hc 1.10)? Isso não quer dizer que eles juntavam entulho. A referência é à construção de rampas de terra junto a muralhas. Como muitas cidades eram edificadas no alto dos montes, a única forma de o inimigo atacá-las era amontoando terra e destroços para diminuir a diferença de nível.

2. Por que Paulo afirmou, em 2 Coríntios 2.14, que Deus "em Cristo sempre nos conduz em triunfo..."? No Império Romano, quando um general

retornava vitorioso de uma batalha, ele marchava à frente de seus soldados pelas ruas de sua cidade natal, com os prisioneiros atrás. De forma semelhante, Deus está-nos conduzindo num cortejo espiritual glorioso, pelo fato de estarmos "em Cristo".

Estrutura social

1. Por que nos tempos bíblicos as pessoas às vezes jogavam pó sobre a cabeça (Jó 2.12; Lm 2.10; Ez 27.30; Ap 18.19)? Elas demonstravam assim o enorme pesar que sentiam; era como se estivessem numa sepultura, debaixo da terra.

2. Por que Deus declarou em Malaquias 1.2, 3: "... todavia amei a Jacó, porém aborreci a Esaú..."? Existem duas explicações possíveis. Uma é que, no Oriente Médio da antigüidade, um indivíduo que fizesse um testamento empregava o verbo *amar* em referência ao herdeiro escolhido e *aborrecer* com respeito à rejeição legal de qualquer reivindicação de terceiros. (Semelhantemente, não dar importância ou odiar a sabedoria, como diz Provérbios 1.7, é o mesmo que rejeitá-la.) Outra possibilidade é que se trata de uma forma de comparação, em que o Senhor estava dizendo que amava a Jacó mais do que a Esaú. Vemos um paralelo disso em Gênesis 29.30, 31, onde lemos que Jacó amava Raquel e não amava (ou seja, odiava) Lia.

3. Por que José barbeou-se antes de ir ao encontro de Faraó (Gn 41.14)? Não era costume dos hebreus usar barba? Mas, como os egípcios não usavam barba, José simplesmente seguiu o costume do país.

4. Qual é o significado de "aliança de sal" (Nm 18.19; 2 Cr 13.5)? Não se sabe como o sal era utilizado naqueles pactos, mas o aspecto de conservação a ele associado pode indicar que as partes envolvidas desejavam a conservação de sua amizade.

5. Por que Jesus mandou os discípulos não cumprimentarem ninguém no caminho (Lc 10.4)? Ele não estava incentivando uma atitude anti-social; antes, desejava que não se atrasassem no cumprimento da missão. As saudações consumiam muito tempo: cada um se curvava várias vezes, repetia o cumprimento e então comentava os acontecimentos do dia.

Em suma, está claro que o desconhecimento de tais costumes pode levar a um entendimento errado do significado dos textos. O estudante da Bíblia

depara com muitos outros costumes ao lê-la. Assim sendo, é sábio manter-se atento a costumes raros que sejam mencionados e descobrir o significado das passagens para os que viviam na época.

Os comentários normalmente ajudam a explicar esses costumes. Dentre os bons livros sobre costumes bíblicos figuram: William L. COLEMAN, *Today's Handbook of Bible Times & Customs* (Minneapolis, Bethany House Publishers, 1984); MADELINE S. & J. Lane MILLER, *Harper's Encyclopedia of Bible Life*, ed. rev. (San Francisco, Harper and Row Publishers, 1978); James I. PACKER, Merrill C. TENNEY & William WHITE Jr., eds., *The Bible Almanac* (Nashville) Thomas Nelson Publishers, 1980); J. A. THOMPSON, *Handbook of Life in Bible Times* (Downers Grove, InterVarsity, 1986); Fred H. WIGHT, *The New Manners and Customs of Bible Times*, rev. Ralph Gower (Chicago, Moody Press, 1986); Samuel J. SCHULTZ, *A História de Israel no Antigo Testamento* (5. reimp., São Paulo, Vida Nova, 1990); Robert H. GUNDRY, *Panorama do Novo Testamento* (São Paulo, Vida Nova, 1991) e Henry DANIEL-ROPS, *A Vida Diária nos Tempos de Jesus* (São Paulo, Vida Nova, 1988).

Até que ponto os textos bíblicos são limitados pelos fatores culturais?

Um dos problemas mais importantes que os intérpretes da Bíblia enfrentam é o das passagens restritas a uma cultura. Em outras palavras, será que certas passagens bíblicas estão restritas àquela época pelos aspectos culturais, não podendo portanto ser transportadas para nossa cultura, ou será que tudo o que lemos nas Escrituras vale para hoje? Até que ponto a importância da Bíblia é limitada pelo aspecto cultural? Se determinadas passagens têm essa limitação, então como saberemos quais se aplicam à nossa cultura e quais não se aplicam?

Certas pessoas argumentam, por exemplo, que, como não há mais escravos nem mestres e o mandamento para os escravos em Efésios 6.5 é inaplicável para o mundo contemporâneo, então, dentro ainda do mesmo contexto, o mandamento para as esposas se submeterem a seus maridos também é descabido e não se aplica à atualidade. Acontece que essa concepção não leva em conta que, apesar de hoje não existir mais a escravidão que havia nos tempos bíblicos, é possível aplicar à relação

empregador—empregado o princípio que subjaz o mandamento. Além disso, os mandamentos para as mulheres se submeterem a seus maridos não são anulados em parte alguma da Bíblia. Existem duas outras questões suscitadas por esse problema: o mandamento de 1 Timóteo 2.12, que proíbe as mulheres de ensinar os homens, tem limitações culturais? Os textos bíblicos a respeito do homossexualismo restringem-se àquela época?

A questão da aplicabilidade cultural é importante por causa das duas funções do intérprete: descobrir o significado do texto para os primeiros leitores, dentro daquele contexto cultural, e verificar seu significado para nós, hoje, em nosso contexto.

Deve ser óbvio que nem todos os costumes bíblicos têm aplicação hoje em dia. Se tivessem, então, quando você compra uma casa, o antigo dono deve tirar uma das sandálias e dá-la a você, o comprador, como aconteceu em Rute 4.8.

Vamos ilustrar essa questão da seguinte forma: leia cada um dos itens abaixo e circule o "P" (permanente) ou o "T" (temporário) que segue cada frase.[11]

1.	Cumprimentar uns aos outros com beijo santo (Rm 16.16).	P T
2.	Abster-se de carnes oferecidas a ídolos (At 15.29).	P T
3.	Ser batizado (At 2.38).	P T
4.	Lavar os pés uns dos outros (Jo 13.14).	P T
5.	Oferecer a destra de comunhão (Gl 2.9).	P T
6.	Ordenação por "imposição de mãos" (At 13.3).	P T
7.	Proibir as mulheres de falar na igreja (1 Co 14.34).	P T
8.	Ter um horário fixo para orar (At 3.1).	P T
9.	Cantar salmos, hinos e cânticos espirituais (Cl 3.16).	P T
10.	Abster-se de comer sangue (At 15.29).	P T
11.	Os escravos devem obedecer a seus senhores terrenos (Ef 6.5)	P T
12.	Celebrar a ceia do Senhor (1 Co 11.24).	P T
13.	Não fazer juramentos (Tg 5.12).	P T
14.	Ungir os enfermos com óleo (Tg 5.14).	P T
15.	Proibir as mulheres de ensinar aos homens (1 Tm 2.12).	P T

11. Esse material foi extraído com permissão de *Wherever* (primavera de 1982), publicado por The Evangelical Alliance Mission. O exercício foi tirado dos escritos de Mont Smith, antigo missionário na Etiópia.

16. A pregação deve ser feita em dupla (Mc 6.7). P T
17. Pregar em sinagogas judaicas (At 14.1). P T
18. Comer o que lhe oferecem sem fazer perguntas por motivo de consciência (1 Co 10.27). P T
19. Proibir as mulheres de usar cabelo frisado, ouro ou pérolas (1 Tm 2.9). P T
20. Abster-se de relações sexuais ilícitas (At 15.29). P T
21. Não procurar o casamento (1 Co 7.26). P T
22. Ser circuncidado (At 15.5). P T
23. As mulheres devem orar com a cabeça coberta (1 Co 11.5). P T
24. Tomar a ceia num único cálice (Mc 14.23). P T
25. Fazer votos religiosos formais (At 18.18). P T
26. Evitar orar em público (Mt 6.5, 6). P T
27. Falar em línguas e profetizar (1 Co 14.5). P T
28. Realizar reuniões da igreja em casa (Cl 4.15). P T
29. Trabalhar com as próprias mãos (1 Ts 4.11). P T
30. Levantar as mãos ao orar (1 Tm 2.8). P T
31. Dar a quem lhe pede (Mt 5.42). P T
32. Orar antes das refeições (Lc 24.30). P T
33. Não sustentar viúvas com menos de 60 anos de idade (1 Tm 5.9). P T
34. Dizer "amém" ao final das orações (1 Co 14.16). P T
35. Jejuar para fins de ordenação (At 13.3). P T
36. Usar sandálias e uma só túnica (Mc 6.9). P T
37. As mulheres devem submeter-se a seus maridos (Cl 3.18). P T
38. Não agir com favoritismo em relação aos ricos (Tg 2.1-7). P T
39. Usar pães asmos na ceia (Lc 22.13, 19). P T
40. Lançar sortes para a ocupação dos cargos na igreja (At 1.26) P T
41. Não dever nada a ninguém (Rm 13.8). P T
42. Deve haver sete diáconos na igreja (At 6.3). P T
43. Não comer a carne de animais mortos por estrangulamento (At 15.29). P T
44. Não deixar comer quem não quer trabalhar (2 Ts 3.10). P T
45. Abrir mão de bens pessoais (At 2.44, 45). P T
46. Os sacerdotes devem sustentar a si próprios (2 Ts 3.7, 8). P T
47. Fazer coletas nas igrejas a favor dos pobres (1 Co 16.1). P T
48. Os homens não devem usar cabelo comprido (1 Co 11.14). P T

Esses itens exemplificam a freqüência com que os estudantes da Bíblia enfrentam o problema do que é hoje cabível culturalmente. As respostas a essas perguntas variarão de leitor para leitor. Como vamos saber quais devem ser consideradas permanentes e, portanto, aplicáveis a nós hoje e quais devem ser consideradas temporárias e restritas a determinada cultura? Em outras palavras, que diretrizes podem orientar nossas respostas?

Os princípios abaixo podem ser úteis na decisão de quais hábitos e situações culturais, mandamentos e preceitos bíblicos aplicam-se à nossa cultura e quais não.

1. *Certas situações, mandamentos ou princípios são aplicáveis, contínuos ou irrevogáveis e/ou dizem respeito a temas morais e teológicos e/ou são repetidos em outra parte das Escrituras, sendo, portanto, permanentes e transferíveis para nós.* Precisamos perguntar se a Bíblia atribui à situação, ao mandamento ou ao princípio um caráter normativo. Às vezes é explicada a razão de ser de um mandamento. A pena capital é considerada um mandamento permanente pois, após ter sido dado em Gênesis 9.6, não foi revogado em nenhum outro texto, e a razão apresentada no versículo é que o homem foi feito à imagem de Deus. O mandamento de Provérbios 3.5, 6 sobre confiar no Senhor é repetido em toda a Bíblia, embora com outras palavras. A ordem para os cristãos vestirem a armadura de Deus (Ef 6.10-19) não foi de modo algum revogada. Tampouco Deus voltou atrás no mandamento sobre ser humilde, como expresso em 1 Pedro 5.6. O mandamento para os homens orarem com corações puros é universal, como se vê pela expressão "em todo lugar" (1 Tm 2.8).

Os nazireus deviam deixar o cabelo crescer em sinal de dedicação ao Senhor (Jz 13.5; 1 Sm 1.11). Já no Novo Testamento, era desonroso para o homem usar cabelo comprido (1 Co 11.14). Assim, o Novo Testamento revogou o costume dos nazireus, que constava da lei mosaica do Antigo Testamento. Como disse McQuilkin: "Todo texto bíblico deve ser considerado normativo para qualquer pessoa de qualquer sociedade em todas as épocas, a não ser que a própria Bíblia restrinja o público".[12] "Quando a Bíblia dá uma ordem explícita e não a anula posteriormente, esta deve ser aceita como a vontade revelada de Deus e como mandamento que tem por

12. J. Robertson McQUILKIN, *Understanding and applying the Bible*, Chicago, Moody, 1983, p. 245.

fim moldar nosso comportamento individual e coletivo (nossa 'cultura') na forma dessa instrução."[13] Isso significa que a Bíblia é auto-regulamentadora, tendo até autoridade para determinar quais costumes são pertinentes a certa cultura e quais não. Uma forma de sabermos quais mandamentos devem ser repetidos é verificar se tal mandamento ou situação tem algum paralelo em outro texto bíblico.

2. *Certas situações, mandamentos ou princípios dizem respeito às circunstâncias específicas de um indivíduo não aplicáveis e/ou a temas que não possuem caráter moral ou teológico e/ou foram revogados, sendo portanto inaplicáveis na atualidade.* As instruções que Paulo passou a Timóteo em 2 Timóteo 4.11-13 para que levasse sua capa e os manuscritos limitavam-se àquela circunstância em que o apóstolo se encontrava, obviamente. Não existe nenhum mandamento para que os pais cristãos sacrifiquem seus filhos como foi ordenado a Abraão fazer (Gn 22.1-19); deu-se aquela ordem em tal ocasião específica da vida do patriarca.

Hebreus 7.12 e 10.1 indicam que o sacerdócio segundo a ordem de Arão e até mesmo a totalidade da lei mosaica foram abolidos.

No Antigo Testamento, a punição para os casos de incesto era o apedrejamento (Lv 20.11), mas no Novo Testamento o caso era resolvido pela excomunhão (1 Co 5.1-5).

3. *Determinadas situações ou mandamentos dizem respeito a contextos culturais que se assemelham apenas parcialmente ao nosso e nos quais só os princípios são aplicáveis.* O Novo Testamento cita cinco vezes a saudação mútua com um beijo santo (Rm 16.16; 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Ts 5.26; 1 Pe 5.14). Visto que essa era a forma de cumprimento normal naquela época e como não o é em nossa cultura ocidental, deduz-se que tal hábito não precisa ser trazido para o presente. Mas o princípio que existe por trás deve ser seguido, ou seja, demonstrar delicadeza e amor para com os outros. Na América Latina, esse mesmo princípio é expressado por meio de abraço, em vez de beijo, e nos Estados Unidos um aperto de mão às vezes é acompanhado de um abraço ou de um "tapinha" nas costas.

Vemos outro exemplo em Deuteronômio 6.4-9. Não há dúvida de que os

13. Idem, Limits of Cultural Interpretation, *Journal of the Evangelical Theological Society 23*: 119, June 1980.

pais devem amar o Senhor e ensinar seus mandamentos para os filhos em diversas ocasiões. Contudo, o mandamento no versículo 9 de escrevê-los nos umbrais da casa e nas portas parece falar de um aspecto cultural semelhante, mas não idêntico, ao que existe hoje. Talvez a aplicação moderna do mandamento esteja em dependurar na parede placas com versículos gravados. Evidentemente, continua valendo o princípio de que os pais devem sempre lembrar seus filhos acerca das Escrituras.

Embora a carne que compramos não tenha sido oferecida a ídolos, o princípio de 1 Coríntios 8 continua válido, que é o de não nos envolvermos em nada que escandalize os cristãos mais fracos.

4. *Certas situações ou mandamentos dizem respeito a contextos culturais totalmente diferentes, mas em que os princípios se aplicam.* Certa pecadora demonstrou seu amor por Jesus derramando o perfume de um vaso de alabastro em seus pés (Mt 26.7, 8). É claro que não há como fazermos o mesmo com Jesus hoje, mas continua valendo o princípio de que podemos expressar nosso amor por ele na forma de sacrifícios. Quando Moisés esteve na presença de Deus pisando em terra santa, ele tirou as sandálias (Êx 3.5). Será que isso quer dizer que quando uma pessoa entra na presença de Deus, hoje, tem de tirar os sapatos?

Com relação ao terceiro e ao quarto princípio acima, Virkler fez o seguinte comentário: "Um costume com determinado significado numa cultura pode ter sentido totalmente diferente em outra cultura".[14]

Uma passagem muito discutida tratando-se de trechos bíblicos com "limitações culturais" é 1 Coríntios 11.2-16. Esse texto diz que o próprio cabelo da mulher deve servir de cobertura ou que ela deve usar outro tipo de cobertura? Parece que a segunda opção é a correta, pelo que dizem os versículos de 4 a 7. A cobertura da cabeça era como um xale, que ia das costas até a metade da cabeça, à semelhança de uma *parka,*[15] não como um véu para cobrir o rosto. Alguns arqueólogos desencavaram desenhos e esculturas greco-romanas que apresentam esse tipo de cobertura para a cabeça. No judaísmo do século I e no mundo greco-romano, cobrir a cabeça

14. Henry A. VIRKLER, *Hermeneutics: principles and processes of biblical interpretation*, Grand Rapids, Baker Book House, 1981, p. 224.
15. "Peça de vestuário da Sibéria e do Alasca, originalmente de peles, atualmente um agasalho longo de lã com capuz" (HOUAISS).

em público de fato era sinal de submissão da mulher ao marido. Não usar a cobertura indicava insubordinação ou rebeldia. Há menção disso em 3 Macabeus 36 e nos escritos de Plutarco, estadista romano. Considerando que tal cobertura fosse um xale, existem quatro alternativas de interpretação de como essa passagem aplica-se aos dias de hoje, se é que se aplica.

Uma forma de encarar a questão é entender que hoje as mulheres devem usar xales na igreja em sinal de submissão a seus maridos. Mantendo essa idéia, então o primeiro princípio acima estará sendo seguido — que tanto a situação cultural quanto o princípio que há por trás dela têm aplicação e importância atualmente.

A segunda concepção é que a passagem em questão não tem a menor aplicação para a mulher moderna. Estaremos, assim, tratando do segundo princípio já mencionado, a saber, que nem a situação cultural nem o princípio que a norteia têm aplicação. Segundo esta concepção, as mulheres podem desconsiderar completamente esses versículos no que lhes diz respeito, pois a situação cultural mencionada não tem paralelo em nossa cultura moderna.

Outros intérpretes da Bíblia apresentam uma terceira opinião: que as mulheres de hoje devem usar chapéu na igreja, em sinal de submissão a seus maridos. Encarando a passagem dessa forma, estão seguindo o terceiro princípio, segundo o qual a situação em Corinto é considerada parcialmente semelhante à nossa cultura moderna e o princípio envolvido pode ser aplicado e é permanente. A idéia é que, como hoje em dia as mulheres não costumam usar xales para orar, deveriam usar algo parecido, como chapéus.

Uma quarta forma de ver a questão é que as mulheres modernas não precisam usar chapéus na igreja, mas devem ser submissas a seus maridos. A relação agora é com o quarto princípio exposto acima. O contexto cultural é considerado totalmente diferente, mas o princípio se aplica. Na cultura de Corinto, o xale da mulher simbolizava a autoridade do marido e, ao usá-lo, ela estava demonstrando que se sujeitava àquela autoridade. Em Corinto, as prostitutas sagradas, ou seja, as que trabalhavam em templos pagãos, não usavam xales. É interessante notar também que as judias só passavam a usar uma cobertura para a cabeça depois que se casavam. Não havia necessidade de fazê-lo antes disso, já que não estavam sujeitas à autoridade de um marido. Mas parece que o princípio da submissão é permanente e aplica-se a todas as culturas modernas, pois Paulo fez menção da criação (1 Co 11.9) e da presença dos anjos (v. 10). Defendo a quarta concepção, dado o signi-

ficado do xale na época neotestamentária. Além disso, quando as mulheres usam chapéu na igreja hoje, elas o fazem conscientemente em sinal de submissão à autoridade do marido ou simplesmente para se vestirem bem? (Com respeito ao significado da presença dos anjos, veja Novo Testamento, *The Bible knowledge commentary*, p. 529).

Você gostaria de fazer um exercício interessante? Analise a questão do lava-pés. Esse costume é mencionado dezenove vezes na Bíblia: Gênesis 18.4; 19.2; 24.32; 43.24; Êxodo 30.19; 40.31; Juízes 19.21; 1 Samuel 25.41; 2 Samuel 11.8; Cantares 5.3; Lucas 7.44; João 13.5, 6, 8-10, 12, 14 e 1 Timóteo 5.10. Procure esses versículos e veja se consegue dizer como esse costume era praticado e qual seu significado nas épocas do Antigo e do Novo Testamento. Depois, observe os quatro princípios já discutidos aqui e diga qual se aplica ao lava-pés. Tenha em mente as seguintes indagações enquanto analisa a questão: o lava-pés é tão necessário hoje quanto nos tempos bíblicos? Justifique. As Escrituras nos mandam praticar o lava-pés como uma ordenança da igreja? Justifique. A quem Jesus dirigiu suas palavras em João 13.15? Os cristãos modernos devem segui-las? Justifique. Que razões Jesus deu em João 13 para praticá-lo com os discípulos? Veja principalmente os versículos 1, 7, 12 e 16.

Princípios para descobrir se os costumes bíblicos estão restritos a certas culturas ou se as transcendem

Às vezes fica difícil saber se devemos seguir o terceiro ou o quarto princípio discutido anteriormente, quando abordamos a questão de costumes culturais restritos ou transcendentes. Talvez as etapas relacionadas abaixo sejam úteis.

Primeira: veja se o costume naquela cultura tem um significado diferente em nossa cultura. Parece ser esse o caso no tocante ao uso do xale e ao beijo santo. Hoje em dia, o uso do xale na igreja e o ato de cumprimentar os outros com um beijo têm significados diferentes dos originais nos tempos bíblicos. É nessa etapa que se procura saber se o hábito em questão foge completamente à nossa cultura. Para muitos, o lava-pés é um exemplo disso.

Segunda: se o costume tem significado diferente para nós, descubra o princípio permanente que o norteia.

Terceira: verifique como esse princípio pode ser expressado num equivalente cultural. Paulo escreveu, em 1 Timóteo 2.1, 2, que devemos orar

pelos reis. Mas como ficam os cristãos de países onde não há reis, como acontece com os Estados Unidos? Essa passagem não lhes diz respeito? A impressão é que o contexto cultural é pelo menos parcialmente semelhante, o que permitiria aos cristãos seguir o princípio e orar pelos governantes, sejam eles presidentes ou primeiros-ministros. Tiago disse que um cristão estaria fazendo discriminação e pecando caso cedesse seu lugar na igreja a um cristão rico e dissesse que o crente pobre ficasse de pé ou sentasse no chão (Tg 2.1-4). Quer dizer que os membros ricos deveriam sentar-se no chão da igreja para que os pobres se acomodassem nos bancos? Não, não é essa a exigência para hoje, pois trata-se de um contexto cultural diferente. Todavia, o princípio da humildade continua valendo e os cristãos não devem fazer nenhum tipo de discriminação entre si tendo em mente a condição financeira.

As mulheres deveriam usar xales na cabeça para ir à igreja hoje em dia? Não, porque o uso do xale no mundo greco-romano não teria o mesmo sentido em nossa cultura. Esse ato não contém o mesmo simbolismo original. Mas será que não existe um princípio a ser seguido que pode ter expressão cultural equivalente? O princípio da subordinação (não inferioridade!) da esposa ao marido continua válido, porque é uma verdade mencionada em vários textos bíblicos (*e.g.*, Ef 5.22-24; Cl 3.18; 1 Pe 3.1, 2). Como alguns sugeriram, um equivalente moderno poderia ser o uso da aliança por parte da esposa (e a incorporação do nome do marido ao sobrenome), pois isso mostra que ela é casada e está, portanto, sujeita à autoridade do marido.

Os cristãos de hoje também não precisam tirar os sapatos quando comparecem perante Deus na igreja ou quando oram em particular, mas devem mostrar reverência diante do Senhor.

O discernimento espiritual e o estudo cuidadoso das Escrituras são elementos importantes na análise do impacto dos aspectos culturais na interpretação da Bíblia.

capítulo cinco

A transposição do abismo gramatical

Um fato característico da Reforma foi o retorno à interpretação histórica e gramatical das Escrituras. Esse método contrapunha-se radicalmente ao esquema de interpretação bíblica que vinha sendo utilizado havia séculos: a concepção que desprezava o sentido gramatical normal dos termos e permitia que os leitores atribuíssem a palavras e frases o significado que desejassem.

As palavras, expressões e frases da Bíblia adquiriram muitos significados na Idade Média, e a objetividade foi-se perdendo. "Então, como a Bíblia podia ser uma revelação divina clara?", perguntavam os reformadores.

Eles argumentavam que Deus havia transmitido sua verdade por escrito, empregando palavras e frases cujo sentido normal, evidente, o homem deveria ser capaz de compreender. Portanto, quanto melhor entendermos a gramática bíblica e o contexto histórico em que aquelas frases foram inicialmente comunicadas, tanto mais compreenderemos as verdades que Deus quis transmitir-nos.

Os reformadores almejavam levar as pessoas a adotarem o mesmo tratamento que dispensavam à Bíblia os pais da igreja primitiva, entre os quais Clemente de Roma, Inácio, Policarpo e Ireneu, e também os doutores da escola antioquina, entre eles Luciano, Diodoro, Teodoro da Mopsuéstia, João Crisóstomo e Teodoreto.

Por que a interpretação gramatical é importante?

Vários fatores destacam a importância de atentar para a gramática bíblica (os significados de palavras e frases e a maneira como são combinadas).

A natureza da inspiração

Se cremos que a Bíblia foi *verbalmente* inspirada, como esclarecido no capítulo 1, então acreditamos que cada palavra nela contida é importante. Talvez nem todas as palavras e frases tenham a mesma importância, mas todas elas têm uma finalidade. Do contrário, por que Deus as teria incluído?

A interpretação gramatical é o único método que respeita integralmente a inspiração verbal das Escrituras. Se uma pessoa não acredita que a Bíblia foi verbalmente inspirada, seria uma contradição e no mínimo estranho se ela se preocupasse com os aspectos gramaticais.

O objetivo da exegese

O objetivo da exegese bíblica é descobrir o que o texto diz e quer dizer, e não atribuir-lhe outro sentido. Como disse João Calvino: "A primeira preocupação do intérprete é permitir que o autor diga o que ele realmente disse, em vez de lhe impor o que acha que ele devia dizer".

Os pensamentos são expressados por meio de palavras, e as palavras são os elementos que constituem as frases. Assim sendo, para descobrir os pensamentos de Deus, precisamos estudar suas palavras e como elas são combinadas nas frases. Se negligenciarmos os significados das palavras e a maneira como são empregadas, não teremos como saber quais interpretações são corretas. A afirmação de que é possível atribuir à Bíblia o sentido que se deseja só é verdadeira quando se despreza a interpretação gramatical.

O problema da comunicação

Já se constatou que um cidadão americano comum usa 30 000 palavras por dia em conversas normais. É muita conversa! Quando mais uma pessoa falar, maior será a probabilidade de ser mal interpretada. Um orador ou escritor pode ser mal interpretado se os ouvintes ou leitores não souberem exatamente o que ele quis dizer com determinada palavra ou frase. Às vezes, numa conversa, uma pessoa diz para a outra: "Ah, eu pensei que você estava querendo dizer isso". Fica mais fácil comunicar o que se quer dizer acrescentando outras palavras.

Nossa meta no estudo bíblico é descobrir com a maior exatidão possível o que Deus quis dizer com cada uma das palavras e frases que colocou nas Escrituras. Para muitos leitores, o problema agrava-se pelo fato de a Bíblia ter sido escrita em outras línguas. Como, então, poderemos conhecer exatamente o significado sem saber hebraico, aramaico e grego?

Suponhamos que você abra uma Bíblia escrita em alemão e leia o seguinte: "Denn also hat Gott die Welt geliebt, dass er seinen eingebornen Sohn gab, auf dass alle, die an ihn glauben, nicht verloren werden, sondern das ewige Leben haben". Se você não souber alemão e quiser conhecer o sentido das palavras, há duas opções. Uma é aprender alemão. A outra é pedir que alguém que saiba alemão traduza a frase para você. Por qualquer uma das alternativas você saberá que se trata de João 3.16.

O mesmo acontece com a interpretação bíblica. Nossa intenção é chegar o mais perto possível do sentido original. Para tanto, precisamos aprender as línguas originais ou, se isso não for possível, recorrer a quem as conheça. Estudantes da Bíblia, comentaristas, professores e pregadores que sabem hebraico, aramaico e grego podem ser fontes úteis de informação para ajudar-nos a entender o significado das Escrituras nas línguas em que foram originalmente escritas.

Não queremos dizer com isso que uma pessoa não pode conhecer, estimar e ensinar a Bíblia sem conhecer aquelas línguas. Deus já usou muitos expositores capazes que não sabiam hebraico, aramaico nem grego para pregar e ensinar as Escrituras. E a vida espiritual de muitas pessoas que não conheciam as línguas originais já foi grandemente abençoada ao estudarem uma tradução da Bíblia na sua língua. A questão, entretanto, consiste em ser possível alcançar uma precisão maior quando se conhecem as línguas bíblicas. Essa era a preocupação dos reformadores: procurar entender com a maior exatidão possível o que Deus quer dizer ao homem mediante sua revelação escrita. É por esse motivo que a atenção aos princípios da interpretação gramatical é tão importante.

Que vem a ser interpretação gramatical?

Quando falamos de interpretação gramatical da Bíblia, referimo-nos ao processo de tentar descobrir seu significado por meio da verificação de quatro aspectos: a) o significado das palavras (lexicologia), b) a forma das

palavras (morfologia), c) a função das palavras (partes do discurso[1]) e d) a relação entre as palavras (sintaxe).

Quando tratamos do significado das palavras (lexicologia), preocupamo-nos com: a) a etimologia — origem e evolução das palavras —, b) o emprego — como elas são usadas por um mesmo autor e por outros escritores —, c) sinônimos e antônimos — de que forma termos semelhantes e opostos são empregados — e d) o contexto — como as palavras são usadas em diferentes contextos.

Quando tratamos da formação das palavras (morfologia), procuramos conhecer sua estrutura e como esta influi no significado. Por exemplo, *perto* tem sentido diferente de *preto*, apesar de se usarem as mesmas letras. A palavra *bem* adquire novo significado quando pluralizada: *bens*. A função das palavras (partes do discurso) diz respeito ao papel das diferentes formas. A preocupação é com os sujeitos, os verbos, os objetos, os substantivos, *etc.*, como veremos mais adiante. A relação entre as palavras (sintaxe) é o modo como as palavras são associadas ou unidas para formar expressões, orações e períodos.

Como se descobre o significado das palavras?

Existem quatro fatores que determinam o significado de uma palavra: a etimologia, o emprego, os sinônimos e antônimos e o contexto.

Examinar a etimologia das palavras

Etimologia diz respeito à origem e à evolução das palavras. Os alvos da etimologia são: a) recuperar o sentido elementar da palavra em questão e b) descobrir como evoluiu.

Às vezes os elementos de uma palavra composta ajudam a revelar seu significado. Pode-se ver isso no caso da palavra "hipopótamo", que deriva de duas palavras gregas: *hippos* — "cavalo" — e *potamos* — "rio". Logo,

1. Também usada por Mattoso Câmara (*Dicionário de lingüística e gramática*, Petrópolis, Vozes, 1988, s.v. "Classes de Vocábulos", p. 71), essa denominação equivale às *classes morfológicas*, nomenclatura esta mais corrente entre nossos gramáticos. (N. do E.)

esse animal é uma espécie de cavalo de rio. A palavra grega *ekklēsia*, que é normalmente traduzida como "igreja", vem de *ek* ("para fora") e *kalein* ("chamar ou convocar"). Por isso, no Novo Testamento passou a significar aqueles que eram chamados a sair do grupo dos ímpios para integrar um conjunto de crentes. O sentido original de *ekklēsia* era o de uma congregação de cidadãos gregos convocados por um apregoador público para tratarem de assuntos comunitários.

O termo grego *makrothymia*, cuja tradução é "paciência" ou "longanimidade", é formado por *makros* — "longo" — e *thymia* — "sentimento". Na combinação dessas duas palavras o "s" caiu e o significado é o de um sentimento de longa duração, ou seja, controlar os próprios sentimentos por muito tempo. "Paciência" é uma boa tradução.

No século XVIII, Johann Ernesti (1707-1781) advertiu contra o uso da etimologia como método confiável. Ele escreveu o seguinte:

> O emprego oscilante das palavras, que ocorre em todos os idiomas, dá margem a alterações freqüentes de sentido. São poucas as palavras em qualquer língua que sempre conservam [seu] significado elementar. Portanto, o intérprete precisa tomar muito cuidado para não incorrer numa exegese etimológica precipitada, que normalmente engana muito.[2]

Pode acontecer de uma palavra que sofreu uma evolução assumir um sentido totalmente diferente do original. A derivação a partir do radical de uma palavra quase nunca serve para se chegar ao seu sentido, pois os significados mudam. Por exemplo, o sentido etimológico de entusiasmo é o de "estar possuído por um deus". Evidentemente, o sentido hoje é bem diferente do original, formado pelos elementos *em* e *deus*. A palavra "adeus" deriva de "Deus o acompanhe!", mas poucos têm esse sentido em mente quando dizem "adeus" para alguém.

O verbo *comprar* origina-se do latim *comparare*, mas os sentidos de "comprar" e "comparar" hoje são obviamente muito diferentes. Só é possível entender a conotação atual porque o bom *comprador compara* os produtos antes de adquiri-los. "Tratante", no falar de antigamente, não passava de "pessoa que trata de negócios", mas o caráter desonesto de

2. Johann August ERNESTI, *Elements of interpretation*, 3. ed., Moses Stuart, ed. e trad., Andover, 1837, p. 50.

alguns negociantes ("tratadores") ocasionou a degeneração de sentido. "Libertino" não passava de "filho de escravo liberto".[3] "Caderno", do latim *quaternum*, já não designa a folha de papel dobrada em quatro; nem "secretário", o "confidente", "depositário de segredos". "Pedagogo" está longe de ser o antigo "escravo que conduzia crianças à escola".[4] Diante de frases como "Da *imbecilidade*" de sua natureza não desconfiava, porque conhecia suas forças", "O povo italiano é um povo *hipócrita* e "Sinto muito *nojo* pelo mal que lhe sucedeu", certamente ficaríamos estupefatos, não soubéssemos se tratasse de frases arcaicas, impraticáveis na linguagem moderna. *Imbecilidade* nada mais designava do que a "fraqueza", sentido latino, etimológico; *hipócrita*, em sua etimologia, é "aquele que é ator por natureza, dado a exibições espetaculares", e *nojo*, transposto para os dias atuais, daria "pesar" ou até "luto".[5] Os significados dessas palavras mudaram bastante com o passar do tempo.

O significado original do termo grego *eirēnē* era paz, antônimo de guerra; depois, veio a significar paz interior ou tranqüilidade; depois, bem-estar, e no Novo Testamento é comumente empregado em referência a um bom relacionamento com Deus. É evidente, então, que "a etimologia da palavra não diz respeito a seu significado, mas à sua história".[6]

Às vezes uma palavra adquire sentido completamente diferente daquele dos elementos que a compõem. A palavra *santelmo* ("chama azul que nas tempestades principalmente aparece no topo dos mastros dos navios por causa da eletricidade") tem significado diferente do original: "Santo Elmo" (santo invocado nessas ocasiões), em que "Elmo" entra em lugar de "Ermo", alteração de "Erasmo". Quando uma pessoa veste um pulôver, é

3. Adriano da Gama KURY, *Para falar e escrever melhor o português*: temas da língua portuguesa tratados com clareza, simplicidade e bom humor, 2. ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1989, p. 238-9.
4. Napoleão Mendes de ALMEIDA, Etimologia in: *Gramática metódica da língua portuguesa*, 23. ed., São Paulo, Saraiva, 1971, p. 350, que ia das costas até a metade da cabeça, como um casaco com capuz, § 621*d*.
5. M. Rodrigues LAPA, *Estilística da língua portuguesa*, 2. ed., São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 18-9, 46.
6. James BARR, *The semantics of biblical language*, Oxford, Oxford University Press, 1961, p. 109. Veja também Darrell L. BOCK, New Testament word analysis, in: Scot I. MCKNIGHT, ed., *Introducing New Testament interpretation*, Grand Rapids, Baker Book House, 1989, p. 97-113.

bem provável que não associe o nome do agasalho com o ato de puxar ou mover alguma coisa sobre outra. Mas, no original inglês *pull over*, que deu origem ao termo, o sentido literal é esse. "Fidalgo" pouco tem que ver com "filho d'algo", e "embora" só vagamente lembra "em boa hora".

Na Bíblia, uma palavra não deve ser explicada à luz de sua etimologia *em nossa língua*, o que equivaleria a colocar nas Escrituras o que ali não se encontra. Por exemplo, a palavra bíblica *santo* não deriva de *saudável*. Em termos etimológicos, as palavras hebraica e grega para "santo" não significam saúde espiritual. Da mesma foram, o termo grego *dynamis* ("força") também não significa dinamite. Afirmar que Paulo estava pensando em dinamite quando escreveu Romanos 1.16 — "pois não me envergonho do evangelho, porque é a dinamite de Deus para a salvação de todo aquele que crê..." — é fazer uma "etimologia reversa".[7] "Dinamite" não se enquadra bem com o que Paulo quis dizer, pois "a dinamite explode e arrasa as coisas, fende rochas, abre buracos, destrói o que está a seu redor".[8] Contudo, o sentido de *dynamis* é o de força espiritual dinâmica, ativa, viva.

Às vezes acontece de o intérprete bíblico verificar o sentido de uma palavra no grego clássico e supor que o mesmo seja conservado no Novo Testamento. Essa atitude, contudo, pode às vezes levar a sentidos incorretos. Por exemplo, *euangelion*, no grego clássico, significava a "recompensa por boas novas" dada a um mensageiro. Além disso, os escritores clássicos Sócrates e Xenofonte empregavam essa mesma palavra com o sentido de "sacrifício por uma boa mensagem", e, posteriormente, ela veio a significar "a boa mensagem". No Novo Testamento, adquiriu o significado especial de "as boas novas da salvação" em Jesus Cristo.[9]

Descobrir o emprego das palavras

Como já dissemos, normalmente a etimologia de um termo não ajuda a esclarecer seu significado. Portanto, precisamos descobrir como o autor costuma empregá-la. Essa prática é chamada de *usus loquendi* (lit., o uso

7. D. A. CARSON, *A exegese e suas falácias*, São Paulo, Vida Nova, 1992, p. 32.
8. Ibid.
9. Milton S. TERRY, *Biblical hermeneutics*, 2. ed., 1883; reimp., Grand Rapids, Zondervan, s.d., p. 123.

feito por quem fala). Expressando de outra forma, qual era o sentido mais comum da palavra quando o autor a utilizou? A maneira em que ele a empregou dentro de seu contexto quase sempre ajuda a esclarecer o sentido.

Isso tem importância especial porque uma palavra abrange sentidos diferentes dependendo de como é empregada. Por exemplo, o termo *casa* apresenta sentidos diferentes nas três frase seguintes: "ele foi para casa", "ela casa amanhã", "o número tem duas casas decimais" e "ela pregou o botão mas não fez as casas". O verbo *correr* pode aplicar-se a muitas coisas que envolvem movimento ou ação. Nós dizemos que corremos apressadamente, que um rio corre ao longo da estrada, que um arrepio corre por nossa espinha, que uma circular correu entre os presentes, que as lágrimas correram por nosso rosto, que o tempo corre, *etc.* Pode-se correr o olhar por um documento, correr um trabalho na impressora, correr o risco de perder o emprego, entre outras coisas. Cada utilização transmite uma idéia um pouco diferente. A palavra *mesa* também possui variedade de usos. Como disse Terry, pode significar uma peça de mobília, o lugar em que a refeição é servida, o presidente e os secretários de uma assembléia ("a mesa da câmara"), alimentação ("casa de mesa farta") ou um altar para comunhão.[10] Pense nos diversos empregos do verbo *quebrar*.

No Novo Testamento, a palavra *chamado* aparece pelo menos de duas maneiras. Nos evangelhos sinópticos, o "chamado" divino significa o convite de Deus; já Paulo fala em "chamado de Deus" querendo dizer o gesto de Deus de conceder-lhe um título e uma comissão ("chamado para ser apóstolo", Rm 1.1), a obra de salvação divina (8.28, 30) ou ainda o enfático convite de Deus para os cristãos ("... nos chamou com santa vocação...", 2 Tm 1.9).

A palavra grega *pneuma* ("espírito") deriva de *pneō* ("respirar"), mas na Bíblia raramente o sentido é esse. Significa também vento, atitude, emoções, natureza espiritual, íntimo (em contraposição ao corpo físico), seres imateriais como anjos e demônios e o Espírito Santo. Um estudo da palavra *sarx* ("carne") mostra que ela também possui variedade de sentidos, entre os quais a condição humana (Rm 3.20), o corpo humano (2 Co 12.7), os músculos do corpo humano (Lc 24.39) e a natureza ou tendência pecaminosa do homem (Rm 8.6, 7, 13; Ef 2.3).

10. Ibid., p. 191.

Como veremos mais adiante, o contexto normalmente, mas nem sempre, ajuda a esclarecer o significado de uma palavra. É importante analisar as diversas situações em que o termo é utilizado.

Primeiramente, analise como o mesmo autor emprega a palavra em questão num mesmo livro. Se o contexto não esclarecer o sentido da palavra, procure saber como o autor utilizou-a em outros trechos do livro. A palavra *profetas,* em Efésios 2.20, está falando dos profetas do Antigo Testamento ou do Novo? Examinando como Paulo emprega *profetas* em outros trechos de Efésios — em 3.5 e 4.11 — fica claro que nesses versículos ele estava referindo-se aos profetas do Novo Testamento. Assim, é provável que o sentido seja o mesmo em 2.20.

Em segundo lugar, repare como o autor usa a palavra em questão nos outros livros que escreveu. A análise do uso que João faz de *luz* e *trevas* em 1 João ajuda a esclarecer o emprego que faz dessas palavras em seu evangelho e em Apocalipse.

Em terceiro lugar, veja como outros autores bíblicos utilizaram o termo. Por vezes, o emprego que um autor fez da palavra em determinado contexto pode não revelar seu sentido exato, e talvez ele nem volte a usá-la no mesmo livro ou em outros escritos. Portanto, é bom estudar como ela foi empregada em outros livros da Bíblia. Quando se tenta descobrir o significado da palavra hebraica *'almâ* (se é "moça" ou "virgem"), em Isaías 7.14, vale estudar as oito ocorrências do termo no Antigo Testamento (Gn 24.43; Êx 2.8; 1 Cr 15.20; Sl 68.25; Pv 30.19; Cn 1.3; 6.8; e no título do salmo 45).

Não se quer dizer com isso, porém, que o significado de uma palavra seja sempre o mesmo. Em 2 Pedro 3.10, *stoicheia* significa "elementos", isto é, os componentes básicos do universo. Já em Hebreus 5.12, *stoicheia* quer dizer verdades elementares, básicas; dificilmente o sentido seria de componentes básicos do universo físico. Essa mesma palavra pode assumir ainda outro sentido um pouco diferente em Gálatas 4.3, 9 e Colossenses 2.8, 20.

Em quarto lugar, repare como a palavra é empregada fora da Bíblia. No Antigo Testamento hebraico, cerca de 1 300 palavras só aparecem uma vez.[11] Elas são chamadas de *hapax legomena*, cujo significado literal é "falada uma vez". E cerca de 500 palavras do Antigo Testamento só

11. *Encyclopedia Judaica*, 7:1318.

aparecem duas vezes. Assim sendo, seu significado não pode ser conhecido mediante a comparação com seu emprego em outros trechos da Bíblia. O que pode nos ajudar a descobrir o significado é verificar como foram empregadas em outros escritos, que não a Bíblia. Em Provérbios 26.23, o termo hebraico *sprg*, que é um *hapax legomenon*, foi traduzido por "escórias de prata" na ARA. Já a *Nova Versão Internacional* traduz por "verniz", com base no uso dessa palavra em ugarítico, língua muito parecida com o hebraico. Este sentido parece se encaixar melhor no contexto do versículo. Os estudiosos da Bíblia também descobriram que o emprego de palavras arábes e aramaicas com correspondentes no Antigo Testamento hebraico às vezes podem ajudar-nos a decifrar seu significado.

A utilização de palavras em grego *koinē* (comum) fora do Novo Testamento às vezes ajuda na verificação do sentido de um termo nesse documento. Por exemplo, a palavra *ataktos* foi traduzida com o sentido de desordem em 2 Tessalonicenses 3.6, 11. Talvez isso se deva ao peso dessa palavra no grego clássico, onde era usada em referência a soldados que abandonavam as fileiras e que, portanto, eram considerados desordeiros. Mas, nos papiros, mais próximos da época neotestamentária, a palavra *ataktos* é usada em referência ao menino que "mata" aula na escola. Assim, nos versículos citados acima o sentido seria mais de "preguiçoso", e não de "desordeiro".

Descobrir os significados das palavras semelhantes (sinônimos) e opostas (antônimos)

Perceber a diferença entre uma palavra e seus sinônimos pode ajudar a reduzir o número de significados possíveis. É importante não atribuir a determinada palavra o sentido de seus sinônimos, mas sim procurar descobrir como as palavras apresentam variações de sentido. Às vezes essas variações não são claras, pois os sinônimos podem ter sentido praticamente idêntico. Em Romanos 14.13, contudo, Paulo fala de "tropeço" e "escândalo". Escândalo (*skandalon*, em grego) significa um tipo de ofensa grave, algo que prejudique seriamente outra pessoa. Já tropeço (*proskomma*) significa uma ofensa leve, algo que incomoda outra pessoa. Evidentemente, Paulo estava dizendo que não queria prejudicar outro crente, nem séria, nem ligeiramente.

Em Colossenses 2.22, *preceitos* sugere as leis que devem ser obedecidas e *doutrinas*, as verdades nas quais se deve crer.

Perceber como uma palavra difere de seu sinônimo ou antônimo pode ajudar a esclarecer seu significado. Em Romanos 8.4-9, a palavra "carne" diz respeito ao corpo físico (em contraste com o espírito humano) ou à natureza pecaminosa (em contraste com o Espírito Santo)? A resposta está na comparação entre "carne" e "espírito". Os versículos 6, 9 e 11 dão a entender que "espírito" significa o Espírito Santo, não o espírito humano. Portanto, nos versículos de 4 a 9, o sentido de "carne" provavelmente é o de natureza pecaminosa.

Em 6.23, "morte" quer dizer morte espiritual, não morte natural, pois contrasta com vida eterna.

Examinar o contexto

O exame do contexto é extremamente importante por três razões. Em primeiro lugar, as palavras, as locuções e as frases podem assumir sentidos múltiplos, como já vimos, e o estudo de seu emprego em determinado contexto pode auxiliar-nos a descobrir qual dentre vários significados é o mais provável. Em segundo lugar, os pensamentos normalmente são expressos por uma seqüência de palavras ou de frases, ou seja, por elementos associados, não isolados. "O sentido de qualquer termo específico quase sempre é determinado pelos elementos que o precedem e sucedem."[12] Em terceiro lugar, desconsiderar o contexto normalmente acarreta interpretações falsas. Os missionários gostam de usar Salmos 2.8 — "pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão" — para ilustrar sua expectativa de conversões nos campos das missões. Entretanto, o versículo anterior deixa claro que se trata de Deus Pai falando a Deus Filho.

A interpretação bíblica deve levar em consideração vários tipos de contexto. Em primeiro lugar, há o *contexto inicial*. Normalmente, a frase em que a palavra foi usada esclarece seu sentido. O substantivo *pena* pode significar pena de ave ou sentimento de solidariedade, mas na maioria dos casos a frase esclarece o sentido.

12. A. Berkeley MICKELSEN, *Interpreting the Bible*, Grand Rapids, Eerdmans, 1963, p. 100.

Cotterell e Turner relacionaram sete significados da palavra grega *kosmos*, que costuma ser traduzida por "mundo":

a. a totalidade do universo criado, no qual a terra, os céus, os corpos celestes, *etc.*;
b. a "terra" em contraposição ao céu ou céus;
c. a "humanidade", ou seja, o "mundo" de pessoas;
d. a mortalidade; a "vida no mundo";
e. os seres (humanos e sobrenaturais) rebeldes a Deus, assim como seus domínios, em oposição a Deus;
f. o conjunto de elementos terrenos e sociais (entre os quais alegrias, posses e preocupações);
g. "adorno" ou "adornar".

Cotterell e Turner citam então os seis versículos abaixo, salientando que somente um desses sentidos encaixa-se em cada versículo e que o contexto imediato da frase normalmente esclarece o sentido.[13]

a. "Porque Deus amou ao *kosmos* de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).
b. "Não ameis o *kosmos* nem as cousas que há no *kosmos*. Se alguém amar o *kosmos*, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no *kosmos*, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do *kosmos*" (1 Jo 2.15, 16).
c. "Não seja o *kosmos* das esposas o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário" (1 Pe 3.3).
d. "... e agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse *kosmos*" (Jo 17.5).
e. "... e os que se utilizam do *kosmos*, como se dele não usassem; porque a aparência deste *kosmos* passa" (1 Co 7.31).
f. "Porque nada temos trazido para o *kosmos*, nem cousa alguma podemos levar dele" (1 Tm 6.7).

13. *Linguistics and biblical interpretation*, p. 176-8.

Vamos fazer um exercício interessante: atribua um dos sete significados de *kosmos* a cada um dos seis versículos. (Veja as respostas de Cotterell e Turner no apêndice "Respostas aos Exercícios", no final do livro.)

A questão aqui é que, em geral, cada ocorrência de uma palavra normalmente só aceita um dos significados possíveis, e este freqüentemente é determinado pelo contexto — no caso desses versículos, pelo contexto imediato.

Outro exemplo seria a palavra *fé*, que pode significar confiança em Deus, fidelidade, um conjunto de verdades ou anuência intelectual. Judas 3 e Gálatas 1.23 empregam *fé* num desses quatro sentidos; Romanos 3.3 com outro desses sentidos; Romanos 1.17 e Efésios 2.8 com ainda outro dos quatro significados e Tiago 2.18 com mais outro sentido. Leia os versículos citados e procure descobrir o sentido de *fé* em cada uma dessas situações.

Como já foi dito, a palavra *salvação* ou *salvos* nem sempre significa libertação do pecado. Temos abaixo cinco tipos de emprego:

a. segurança ou libertação de circunstâncias difíceis;
b. saúde física e/ou emocional;
c. libertação de Israel da opressão inimiga;
d. libertação da condenação do pecado através da morte vicária de Cristo;
e. libertação total da existência do pecado.

Leia todos os versículos relacionados abaixo e escreva nas linhas em branco a letra correspondente à definição acima.

___ Êxodo 14.13
___ Lucas 1.71
___ Lucas 18.42
___ João 3.17
___ Atos 15.11
___ Atos 16.30
___ Atos 27.20
___ Romanos 5.9
___ Romanos 13.11
___ Filipenses 1.19 (o sentido literal de "libertação" é "salvação".)
___ Tiago 5.15

Os estudantes da Bíblia também devem ter em mente que a palavra *lei* possui vários significados, os quais podem ser determinados quase sempre por seu emprego na frase. Em Romanos 2.14 e 8.2, *lei* significa "princípio". Em João 1.17, 45, refere-se ao Pentateuco, que são os cinco primeiros livros da Bíblia. *Lei*, em Mateus 22.40, significa, provavelmente, todo o Antigo Testamento menos os Profetas. Essa mesma palavra, em Romanos 2.12 e 8.3, refere-se ao código mosaico.

Vejamos mais um exemplo. É comum a idéia de que a expressão "nos últimos dias" (e "a última hora") fala da mesma era sempre que é empregada. Mas, em Hebreus 1.2, 1 Pedro 1.20 e 1 João 2.18, parece significar *toda* esta era da igreja, enquanto em 1 Timóteo 4.1, 2 Timóteo 3.1, 2 Pedro 3.3 e Judas 18 dá a entender que se trata dos *últimos* dias da era da Igreja.

Acredita-se que a palavra grega *parousia* quase sempre se refere ao arrebatamento. Os contextos mostram como seu sentido etimológico de "presença" está associado a três situações: a) a presença física de pessoas (1 Co 16.17; 2 Co 7.6, 7; 10.10; Fp 1.26; 2.12), b) a presença de Cristo nos ares no momento do arrebatamento (1 Co 15.23; 1 Ts 2.19; 4.15; 5.23; 2 Ts 2.1; Tg 5.7, 8; 2 Pe 3.4; 1 Jo 2.28) ou c) a presença de Cristo na terra com seus santos logo após a tribulação (Mt 24.3, 27, 37, 39; 1 Ts 3.13; 2 Ts 2.8, 9; 2 Pe 1.16; 3.12).

O contexto do *parágrafo* ou do *capítulo* pode ajudar a esclarecer uma palavra, expressão ou frase cujo sentido não tenha ficado claro na oração em que é usada. Por exemplo, em João 2.19, Jesus falou sobre "destruir o templo", e no versículo 21 João explica que o templo ao qual Jesus se referira era seu corpo. Em 7.37, 38, Jesus afirma que do interior do crente "fluirão rios de água viva". No versículo seguinte, o apóstolo explica que Jesus estava falando do Espírito Santo.

O "fogo" mencionado em Mateus 3.11 ("ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo") é sinônimo de dinamismo espiritual? Em outras palavras, será que João Batista estava dizendo que Jesus daria às pessoas fervor espiritual? O fato de a palavra "fogo" ter sido mencionada tanto no versículo anterior quanto no posterior (vv. 10, 12) dá a entender que o versículo 11 também fala de fogo no sentido literal. O que se conclui é que Jesus haveria de batizar alguns com o Espírito Santo, no momento da conversão (1 Co 12.13), e que a outros caberia a punição eterna no inferno.

Outro contexto que precisa ser levado em conta na interpretação bíblica é

o *livro* em que a palavra, expressão ou frase aparece. Citamos como exemplo 1 João 3.6-10, que não pode estar dizendo que um cristão nunca peca, como se vê pelo que João escreveu na mesma epístola, em 1.8, 10 e 2.1. Quando entendemos que, em todo o livro de Tiago, o apóstolo destaca exemplos de fé autêntica, fica mais fácil entender seu comentário sobre fé e obras, em 2.12-25. O que ele queria dizer é que a verdadeira fé é evidenciada pelas obras, pelo menos em certo ponto da vida do cristão. Caso sua pretensa "fé" não tenha produzido nenhum fruto em toda a sua vida, é óbvio que essa "fé" não era autêntica e não pode salvá-lo. Fé "sem obras" (v. 20), ou seja, a concordância mental que não é acompanhada por uma mudança de vida é uma fé falsa, sendo inútil ou morta (vv. 20-26).

Os contextos de *passagens paralelas* também ajudam a esclarecer o significado de determinadas palavras e frases. Passagens paralelas podem ser paralelos verbais, onde aparece uma palavra ou palavras, expressões ou frases idênticas ou semelhantes, ou então paralelos conceituais, onde idéias idênticas ou semelhantes são expressas com outras palavras. Existem paralelos muito próximos entre trechos de 1 e 2 Reis e 1 e 2 Crônicas, entre vários relatos dos evangelhos, entre passagens de Romanos e Gálatas, entre trechos de Efésios e Colossenses, entre certos versículos de 2 Pedro e Judas, entre alguns textos de Daniel e Apocalipse e entre passagens isoladas (*e.g.*, *cf.* Is 2.2-4 com Mq 4.1-3; Rm 4.3 com Hb 11.8-19; e Mt 11.12 com Lc 16.16).

Outro contexto a ser considerado é *a Bíblia como um todo*. Por exemplo, à primeira vista, Gálatas 5.4 — "...da graça decaístes" — parece estar mostrando que o cristão pode perder a salvação. Mas isso seria uma contradição a todo o teor das Escrituras, que foram inspiradas por Deus, "que não pode mentir" (Tt 1.2). O mesmo acontece com Filipenses 2.12 ("desenvolvei a vossa salvação"), que, a princípio, dá a entender que é possível alcançar a salvação por meio de obras. A palavra hebraica *'ānush* é traduzida em Jeremias 17.9 por "desesperadamente corrupto". Mas seu emprego em outras partes do Antigo Testamento indica que o sentido é de gravemente adoecido. (Leia 2 Sm 12.15; Jó 34.6; Is 17.11; Jr 15.18; 30.12, 15; Mq 1.9.) Portanto, com base no contexto do Antigo Testamento como um todo, a *New International Version* está correta ao oferecer a seguinte tradução: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e *impossível de ser curado*, quem o conhecerá?" (grifo nosso).

Será que Eclesiastes 9.5 — "...os mortos não sabem cousa nenhuma..."

— está falando do descanso da alma, da concepção de que os mortos só recobrarão a consciência quando ressuscitarem? Não, porque seria uma contradição com os outros versículos que ensinam que os mortos têm consciência (Lc 16.23, 24; 2 Co 5.8; Fp 1.23). Interpretado tendo em mente a Bíblia como um todo, o versículo de Eclesiastes não está falando de um estado de inconsciência. Como então deve ser entendido? O contexto do parágrafo indica que os mortos não tomam mais conhecimento nem parte em coisas experimentadas nesta vida, como as emoções do amor, o ódio, a inveja e os acontecimentos cotidianos (Ec 9.6), nem são recompensados (v. 5).

A atenção ao contexto da Bíblia como um todo implica dois corolários.

1. Um texto obscuro ou ambíguo nunca deve ser interpretado de forma que contradiga outro texto de sentido claro. A expressão "os que se batizam por causa dos mortos", em 1 Coríntios 15.29, não deve ser interpretada com o significado de que uma pessoa pode ser salva depois de morta. Seria uma contradição ao claro ensinamento de Hebreus 9.27 e de outros versículos.

2. Não se deve dar preferência a uma interpretação complexa, elaborada ou obscura em detrimento de outra simples, mais natural. Quando Jesus disse, em Mateus 16.28, "Em verdade vos digo que alguns aqui se encontram que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino", é óbvio que não estava referindo-se ao futuro reino milenar, pois todos aqueles com quem falou morreram. Então, a explicação mais simples e natural é que estava referindo-se ao antegozo de seu reino ocorrido em sua aparição no monte da transfiguração, apenas seis dias depois (17.1-13). A interpretação normal de "Deus enviou seu Filho" (Gl 4.4) é que Jesus era o Filho de Deus desde a eternidade, e não que ele se "tornou" o Filho quando nasceu ou quando foi batizado.

Como este capítulo trata do significado das palavras (lexicologia), devemos lembrar os seguintes princípios:

1. Geralmente, uma palavra não tem o mesmo significado original, e nem sempre os elementos que a compõem determinam seu sentido.

2. Os significados de palavras em nossa língua não devem ser transportados para os textos bíblicos.

3. Uma mesma palavra pode ter significados diversos em todas as suas várias ocorrências na Bíblia.

4. Cada palavra ou expressão normalmente só tem um significado, que é indicado por seu emprego na frase e/ou em um ou mais contextos.

5. Um mesmo termo da Bíblia nem sempre possui o mesmo sentido.

6. Não se deve atribuir a uma palavra todos os seus possíveis significados em qualquer situação. O contexto de uma declaração normalmente determina o único sentido pretendido dentre todos os vários possíveis. Por outro lado, é preciso admitir que às vezes existe ambigüidade.

Em João 1.5, o apóstolo escreveu que as trevas não prevaleceram contra a luz. O termo grego *katalambanō* pode significar tanto "abranger" quanto "prevalecer". Este pode ser um caso em que João optou deliberadamente pela ambigüidade, e os dois sentidos seriam então possíveis. Um exemplo semelhante é a palavra *anōthen* (3.3), que pode significar "do alto" ou "de novo". É concebível que haja um duplo sentido aqui,[14] ou seja, que o novo nascimento vem tanto do alto (*i.e.*, de Deus) como acontece "de novo" (*i.e.*, um segundo nascimento espiritual em comparação com o primeiro nascimento natural). Quando Paulo afirmou que "toda mulher [...] que ora, ou profetiza, com a cabeça sem véu, desonra a sua própria cabeça" (1 Co 11.5), qual era o alvo da desonra? Seu marido (que é o cabeça da mulher, v. 3) ou sua cabeça física? Será que pretendeu dar um duplo sentido aqui, querendo dizer que tanto o marido (vv. 7-12) quanto a cabeça da mulher (vv. 13-15) eram desonrados? Essas observações sobre ambigüidade não anulam o princípio do significado único, conforme já discutido. Devemos adotar um só sentido, a não ser que o contexto apresente um forte motivo para fazermos o contrário.

Qual a relação da estrutura (morfologia) e da função (partes do discurso) das palavras com a interpretação bíblica?

A *morfologia* trata da flexão das palavras, ou seja, de como elas são formadas ou conjugadas. Por exemplo, quando acrescentamos um "s" ao substantivo concreto, "lança", temos o seu plural, mas, quando lhe acrescentamos a desinência "-r", temos o verbo "lançar", ou, acrescendo-a

14. Moisés SILVA, *Biblical words and their meaning*, Grand Rapids, Zondervan, 1983, p. 149-50.

do sufixo "-mento", temos um substantivo abstrato: "lançamento". O pronome "nós" é um pronome do caso reto, ao passo que "nos", do caso oblíquo. O verbo "corro" está no presente, mas, trocando-se o "o" final por "i", fica no pretérito perfeito. É evidente que a maneira como as palavras são formadas reflete seu significado. A palavra "louva-a-deus" possui significado completamente diverso de "louva a Deus". Uma única letra pode modificar consideravelmente o significado de um termo, como no caso de "seção", "sessão" e "cessão".

No grego e no hebraico, o sentido das palavras também é modificado por meio de flexões no início, no meio ou no final dos vocábulos.

A morfologia é uma parte significativa do aspecto gramatical da interpretação, buscando atentar para cada detalhe das Escrituras, em virtude de sua inspiração verbal.

Visto que a interpretação gramatical diz respeito à gramática da Bíblia, é útil conhecer as *partes do discurso*. São oito[15] ao todo, agrupadas em duas famílias. A família dos "substantivos" inclui os substantivos, os pronomes, os adjetivos e as preposições. A família dos "verbos" trata dos verbos, dos advérbios, das conjunções e das interjeições.

A família dos "substantivos"

O *substantivo* é uma palavra com que se nomeia algo, como, por exemplo, uma pessoa (Jesus), um lugar (Éfeso), uma coisa (sangue), um conceito ou idéia (redenção, graça, bênção, paz) ou uma ação (ascensão). Quanto ao número, o substantivo é classificado em singular (coração) ou plural (olhos). Quanto ao gênero, pode ser masculino (Jesus), feminino (mulher), epiceno (a baleia macha, a baleia fêmea), comum de dois gêneros (o jovem, a jovem) e sobrecomum (membro). Quanto ao grau, pode ser aumentativo ou diminutivo.

O *pronome* é uma palavra que substitui um substantivo e faz referência a elementos citados ou subentendidos. Pode ser pessoal (eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas), possessivo (meu), demonstrativo (este), indefinido (outro), interrogativo (que?) e relativo (que, quem, o qual, cujo).

15. O autor omite duas outras classificações constantes do nosso sistema, quais sejam, os *numerais* e os *artigos*. (N. do E.)

O *adjetivo* é uma palavra que modifica (caracteriza de alguma forma) um substantivo ou pronome. Pode designar tamanho ou quantidade (uma cidade *grande*; *cinco* pães) ou uma qualidade ou característica (um Salvador *maravilhoso*; uma *grandiosa* salvação; uma oração *fervorosa*).

A *preposição* é uma palavra que acompanha outras para formar uma "locução prepositiva". As preposições podem indicar uma variedade de relações, como vemos abaixo, em exemplos tirados de Efésios:

Instrumento: *pelo* seu sangue
Companhia: *com* Jesus
Lugar: *nele*; *na* terra; *em* Éfeso
Benefício: *para* a sua glória
Movimento *de*: *dos* mortos
Movimento *para*: *aos* céus; subiu *às* alturas
Direção: subiu *às* alturas
Origem: a Palavra *de*[16] Deus
Característica: o Pai *da* glória; o Espírito Santo *da* promessa; o dia *da* redenção
Identidade: o penhor *da* nossa herança
Posição: *sobre* todos; *à* sua destra
Difusão: *através de* todos
Acesso: *às* regiões inferiores
Oposição: *contra* as ciladas do diabo
Conformidade: *segundo* a carne
Tempo: *antes* da fundação do mundo

A família dos "verbos"

O *verbo* designa uma ação ou um estado de um substantivo ou pronome. Os verbos variam em tempo (passado, presente, futuro), voz (ativa, passiva, reflexiva) e modo (indicativo, imperativo, subjuntivo).

Exemplo de verbo no passado é "correu". Exemplos do presente são

16. Desejando uma exposição completa sobre as diversas formas de emprego da partícula *de* (no genitivo) no Novo Testamento, veja John BEEKMAN & John CALLOW, *A arte de interpretar e comunicar a palavra escrita*, São Paulo, Vida Nova, 1992, p. 234-50.

"corre", "corremos" e "estou correndo". Um exemplo de verbo no futuro é "correrá". Em Efésios 1.3-9, encontramos uma série de exemplos de verbos no passado: "nos abençoou" ("nos tem abençoado"), "nos escolheu", "nos predestinou", "nos concedeu", "derramou sobre nós". (O pronome "nos" que aparece em muitos desses exemplos não faz parte do verbo; funciona apenas como objeto.)

Paulo usou o tempo presente em 3.14: "Eu me ponho de joelhos". Temos um exemplo de verbo no futuro em 6.16: "... com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados...".

A "voz" do verbo indica se a ação é ativa, passiva ou reflexiva. Na frase: "Deus enviou seu Filho", o verbo "enviar" está na voz ativa. Já na frase: "O Filho foi enviado por Deus", o verbo "enviar" está na voz passiva. Em "nos escolheu nele" (Ef 1.4), o verbo está na voz ativa e, em "no qual fomos também feitos herança" (v. 11), o verbo está na voz passiva.

O modo indica o tipo de ação, enquanto o tempo sugere o momento da ação. Por exemplo, "corri" é uma afirmação no modo indicativo. "(Que eu) corra" corresponde ao modo subjuntivo. "Corre!" é uma ordem (modo imperativo). Em Efésios 4.1, Paulo declara: "Rogo-vos, pois, eu...", e no versículo seguinte expressa várias determinações, sendo a primeira delas que os efésios andem "com toda humildade e mansidão".

Os *advérbios* são mais uma das partes do discurso. O advérbio é uma palavra que modifica ou caracteriza de alguma forma um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Pode indicar modo: ele falou *calmamente*; ele orou *intensamente*; ele andou *depressa*. Os advérbios também podem indicar lugar: "ele foi para *fora*", "ele fugiu para *lá*", "ele caiu *aqui*". Um advérbio também pode indicar intensidade: "ela comeu *muito*". Pode ainda dar uma indicação de tempo": "ele veio *cedo*", "*hoje* sois salvos", "ele correu *ontem*". Os advérbios podem indicar fim ou resultado, como no seguinte exemplo: "ele correu *para perder peso*. (Neste caso, "para perder peso" é uma oração subordinada adverbial, cuja função é caracterizar o verbo "correr".) Um exemplo de advérbio em Efésios 1 é "gratuitamente" (v. 6). Em 4.3, "diligentemente" é um advérbio que modifica o verbo "esforçar". Em 5.2, "em amor" modifica o imperativo "andai", indicando como se deve proceder. Os advérbios também podem ser negativos: "*nem* deis lugar ao diabo" (4.27), "*de maneira alguma* te deixarei" (Hb 13.5), "*não* temerei" (v. 6).

As *conjunções* são elementos que ligam palavras, locuções ou orações.

Temos abaixo alguns exemplos de vários tipos de conjunções, todos tirados de Efésios:

Aditiva: *e* (1.22)
Adversativa: *Mas* (2.4, 13); *antes* (3.28); porém (5.8)
Alternativa: *nem ... nem* (5.4); ou ... ou (5.5)
Conclusiva: *Portanto* (5.7); *pois* (5.5)
Causal: *sendo* (porque é) (2.4); porque (6.12)
Condicional: *se é que* (4.21)
Final: *para que* (4.28); *a fim de* (1.12); *para* (1.18)
Temporal: *depois que* (1.13); *até que* (4.13); *quando* (3.4)
Comparativa: *como* (4.32; 5.25)
Conformativa: *segundo* (4.21); *como ... assim* (5.24)

As *interjeições* são palavras que exprimem um estado emotivo: dor (ai! ui!), alegria (ah! eh!), desejo (tomara!), admiração (puxa! quê!), animação (eia!), aplauso (bravo!), aversão (ih! chi!), apelo (olá!), silêncio (psiu!).

Para que conhecer as partes do discurso?

A função gramatical de uma palavra numa locução ou numa frase influencia seu significado. A palavra "casa", sozinha, pode ser um substantivo, um verbo ou um adjetivo. Na frase "A *casa* foi pintada", é um substantivo. Já em "ele *casa* mês que vem", é um verbo. A capacidade de uma palavra possuir vários significados é chamada de polissemia. Outro exemplo de polissemia é a partícula "com", que apresenta três sentidos diferentes nas seguintes frases: "ele comeu *com* sua esposa", "ele comeu *com* garfo" e "ele comeu *com* prazer". Na primeira frase, "com" transmite a idéia de companhia; na segunda, de meio e na terceira, de emoção.

Os exemplos abaixo podem mostrar como o conhecimento de certos fatos sobre as partes do discurso das expressões e das frases bíblicas pode auxiliar na interpretação.

1. Em Jó 21.2, 3*a*, os verbos *ouvir* e *tolerar* estão na segunda pessoa do plural, o que significa que Jó estava falando com seus três amigos. Mas, em 3*b*, o verbo hebraico traduzido por *zombar* está no singular (*i.e.*, "zombe"),

o que equivale a dizer que ele estava falando com Zofar.

2. A diferença entre *descendente* (singular) e *descendentes* (plural) é um elemento importante na argumentação de Paulo, em Gálatas 3.16.

3. Na expressão "dos apóstolos e profetas", em Efésios 2.20, só existe um artigo *os*. Ele não se repete antes da palavra "profetas". Assim, trata-se de um único fundamento formado de apóstolos e profetas, e não de dois fundamentos.

4. 1 Coríntios 3.9 está dizendo que nós somos cooperadores de Deus ou que cooperamos uns com os outros e pertencemos todos a Deus? A resposta é esta última, pois no grego o termo *de Deus* está no caso genitivo (possessivo). Literalmente: "somos cooperadores pertencentes a Deus".

5. Em Apocalipse 3.10, a preposição grega *ek* significa "fora de", não "através de", como alguns acham que deveria ser traduzida. Portanto, é um forte argumento a favor do arrebatamento que precederá a tribulação.

6. O pronome *ele*, em Daniel 9.27, vem precedido da expressão "um príncipe, que há de vir" (v. 26), e não da palavra Messias. Então, quem fará aliança com muitos será o Anticristo (concepção do pré-milenarismo), e não Cristo (concepção do amilenarismo).

7. Em Efésios 2.13-22, o tempo aoristo (passado) foi empregado nas frases que expressam o que foi realizado com a morte de Cristo ("fostes aproximados", v. 13; "de ambos fez um", v. 14; "tendo derrubado a parede da separação", v. 14; "evangelizou paz", v. 17). Mas o presente foi utilizado para expressar as implicações de sua morte para os crentes ("fazendo a paz", v. 15; "ambos temos", v. 18; "bem ajustado, cresce", v. 21; "estais sendo edificados", v. 22).

8. O presente pode exprimir uma verdade permanente ("porquanto nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade"; Cl 2.9), um fato contínuo ("... aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo"; Fp 3.20), um fato repetido ("quando vedes aparecer uma nuvem no poente, logo dizeis..."; Lc 12.54), um hábito ("todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado"; 1 Jo 3.9) ou um acontecimento futuro ("repartem entre si as minhas vestes"; Sl 22.18).

9. O primeiro verbo de Romanos 3.23, "pecaram", está no tempo aoristo (ação passada indefinida), podendo assim ser traduzido como "todos pecam", que refletiria um ato cometido em qualquer momento. O segundo verbo, "carecem", está no presente e deve ser traduzido por "estão sempre aquém" ou "estão aquém".

10. No hebraico, o tempo perfeito exprime ação completa, seja ela passada, presente ou futura (normalmente passada). (O imperfeito exprime uma não concluída.) Então, por que o tempo perfeito é usado com freqüência quando se trata de acontecimentos proféticos? Porque esses acontecimentos têm cumprimento (desfecho) tão certo, que o perfeito encaixa-se bem. Ele é chamado de "perfeito profético". Esses verbos costumam ser traduzidos no passado, como acontece em Isaías 53.2-9, por exemplo.

11. Podemos perceber a importância das conjunções em Efésios 4.11 (ARC). As primeiras quatro ocorrências da conjunção "e" correspondem à mesma partícula grega (*de*), mas a quinta (entre "pastores" e "doutores") é outra partícula (*kai*), que pode ser mais bem traduzida por um hífen ("pastores-doutores").

12. As conjunções "pois", "porque", "porquanto", "por isso", *etc.* precedem o motivo da afirmação ou afirmações anteriores. Em Romanos 8, essas conjunções (grego, *gar*) aparecem 15 vezes. Em 1.15-18, as razões vão-se acumulando: Paulo estava "pronto a anunciar o evangelho" (v. 15) "pois" não se envergonhava (v. 16), "porque é o poder de Deus para a salvação" (v. 16), "visto que a justiça de Deus se revela no evangelho" (v. 17).

Como a relação entre as palavras (sintaxe) facilita a interpretação da Bíblia?

A palavra "sintaxe" vem do grego *syntassein*, "colocar em ordem". Na definição dos dicionários, sintaxe é a disposição das palavras de maneira a formarem locuções, orações ou períodos. É um ramo da gramática.

Dificilmente uma palavra isolada transmite uma idéia completa. Como os tijolos de uma construção, as palavras são elementos isolados que juntos formam frases, que são as unidades elementares do pensamento. Sozinhas, as palavras "homem", "grande", "bola" e "bateu" não expressam nada de significativo, por isso precisam ser agrupadas. Mas a maneira como forem agrupadas pode alterar o sentido, como podemos ver nas frases abaixo:

"O homem estraçalhou feio o carro."
"O carro estraçalhou feio o homem."
"O homem estraçalhou o carro feio."
"O homem feio estraçalhou o carro."
"O carro feio estraçalhou o homem."

Locuções

A *locução* é um pequeno grupo gramatical de vocábulos sem verbo. Quando estudamos as preposições, vimos diversos exemplos de locuções prepositivas. Vejamos alguns casos de locuções prepositivas no primeiro capítulo de Colossenses: "*da parte de* Deus nosso Pai" (Cl 1.2); "*para com* todos os santos" (Cl 1.4); "*debaixo do* céu" (Cl 1.23).

Outro tipo de locução é a locução verbal, composta por um verbo auxiliar mais o infinitivo, o particípio ou o gerúndio de um verbo principal. Os verbos no gerúndio costumam terminar em "-ndo". Vejamos alguns exemplos em Efésios: "com o qual *podereis apagar*" (6.16), "para que *possais resistir*" (6.13) e "mas *procurai compreender*" (5.17). Em Colossenses, temos: "não vos *deixando afastar* da esperança" (1.23), "grande luta *venho mantendo* por vós" (2.1) e "tudo isso *tem sido* sombra das cousas que hão de vir" (2.14).

Efésios 1.4, 5 apresenta-nos um problema de interpretação que gira em torno de uma locução adverbial. A questão é a seguinte: a locução "em amor" acompanha o pensamento do versículo 4, que diz que Deus nos escolheu nele em amor, ou está ligada à idéia do versículo 5, modificando assim a expressão "nos predestinou"? Algumas versões da Bíblia associam a locução ao versículo 4, enquanto outras a associam à idéia do versículo 5. Provavelmente, a versão mais correta é a que estabelece a relação com a obra divina de predestinação (v. 5), de forma que a frase começaria assim: "Em amor ele nos predestinou...".

Orações

A *oração* é uma unidade gramatical de palavras composta de sujeito (a pessoa, o lugar, a coisa, o conceito ou idéia, ou a ação) sobre quem se fala e de predicado (o verbo que caracteriza a ação, o estado ou a condição). "Cristo morreu" é uma oração, pois é uma unidade gramatical com um sujeito (Cristo) e um predicado (morreu). Muitas orações também possuem um objeto, como no caso de "Ele nos escolheu" (Ef 1.4).

Esses dois exemplos — "Cristo morreu" e "Ele nos escolheu" — são chamados de orações independentes, o que equivale a dizer que cada pensamento fica completo por si só. Existem também as orações subor-

dinadas, que "dependem" das principais ou das independentes para possuir um significado completo. Em Colossenses 1.3, Paulo utiliza esses dois tipos de oração. "Damos sempre graças a Deus" é uma oração independente. O sujeito é subentendido, "nós"; o predicado é "damos sempre graças a Deus"; "sempre" é um advérbio; e "Deus" é um substantivo, objeto do verbo "dar". A oração "quando oramos por vós" é dependente pois, sozinha, não expressa idéia completa. Ela depende de uma oração principal para ter sentido. É fácil identificar uma oração subordinada, porque, quando você tenta enunciá-la, ela não fica completa. Existem muitos tipos de orações subordinadas.

Causais: "... *porque* morrestes..." (3.3)

Concessivas (em que se admite um fato): "Pois, *embora* ausente quanto ao corpo... (2.5)

Comparativas: "... *como se* vivêsseis no mundo..." (2.20)

Condicionais: "... *se* é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes..." (1.23)

Finais: "*a fim de* viverdes de modo digno" (1.10)

Conformativas: "Ora, *como* recebestes [...] *assim* andai nele" (2.6); "... *segundo* fostes instruídos por Epafras..." (1.7).

Temporais: "*Quando* Cristo [...] se manifestar..." (3.4)

Períodos

Em termos de estrutura, os *períodos* podem ser simples ou compostos por coordenação ou subordinação. Um *período simples* possui somente uma oração independente (pelo menos um sujeito e um predicado). Temos um exemplo em Colossenses 3.2: "Pensai [vós] nas cousas lá do alto..." Um *período composto por coordenação* tem no mínimo duas orações independentes (e coordenadas). Vemos um caso no versículo 19: "Maridos, amai a vossas esposas, e não as trateis com amargura". Um *período composto por subordinação* tem pelo menos uma oração principal e uma subordinada. "Damos sempre graças a Deus" (1.3) é uma oração independente e "desde que ouvimos" (v. 4) é uma oração subordinada.

Faremos agora um exercício prático. Indique se os períodos abaixo, de Colossenses, são simples, compostos por coordenação ou por subordinação.

1. "Seja a paz de Cristo o árbitro [...] e sede agradecidos" (3.15) _____
2. "Quando Cristo [...] se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória" (3.4) _____
3. "Revesti-vos [...] de bondade..." (3.12) _____
4. "Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos... (1.18) _____
5. "Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora..." (4.5). _____
6. "onde não pode haver nem grego nem judeu [...] porém Cristo é tudo..." (3.11) _____
7. "Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as cousas lá do alto..." (3.1) _____

Indique nos períodos compostos por subordinação abaixo, extraídos de Colossenses, o tipo de oração subordinada. Assinale se é causal, concessiva, condicional, comparativa, final, temporal, *etc.*

1. "porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude..." (1.19) _____
2. "Portanto, *se* fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as cousas lá do alto..." (3.1) _____
3. "Não mintais uns aos outros, *uma vez que* vos despistes do velho homem..." (3.9) _____
4. "Assim digo *para que* ninguém vos engane..." (2.4) _____
5. "*Quando* Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados..." (3.4) _____
6. "A vossa palavra seja sempre agradável [...] *para* saberdes como deveis responder a cada um" (4.6) _____
7. "... *Assim* como o Senhor vos perdoou, *assim* também perdoai vós" (3.13) _____

Os períodos podem encerrar:

Declaração — de um fato, opinião, reclamação, emoção, observação, *etc.* As declarações podem ser afirmações (aspecto positivo) ou negações (aspecto negativo).

Interrogação — para levantar uma dúvida.

Ordem — para expressar uma determinação ou mandamento (uma ordem com negação é uma proibição).

Pedido — solicitação de alguma coisa.
Desejo — para expressar uma vontade.

Na interpretação de certos versículos, é importante perceber se temos declarações, perguntas ou ordens, ou se a finalidade é outra. (Lembre-se de que chamamos a isso de modo do verbo.)

Jesus disse, em João 5.39: "Examinais as Escrituras". Trata-se de uma afirmação ou de uma ordem? Em 12.27, ele disse: "... Pai, salva-me desta hora". Foi uma declaração ou uma pergunta?

Atos 2.38 mostra-nos a importância dos diversos aspectos sintáticos. Esse versículo possui várias interpretações e dá a entender que o batismo nas águas é um requisito para a salvação. Uma observação importante, só percebida no grego, é que o verbo *arrepender* está no plural, assim como *vossos*, que precede *pecados*. O interessante é que *batizado* e *cada um de vós* referem-se a um *uso* no singular. Parece, então, que a frase "e cada um de vós [sing.] seja batizado em nome de Jesus Cristo" deve ser considerada uma afirmação parentética. A idéia principal, então, é a seguinte: "Arrependei-vos [pl.], para remissão dos vossos [pl.] pecados". Essa ordem está de acordo com muitas outras no Novo Testamento. Assim sendo, a determinação do batismo é dirigida a cada um, dando a entender que quem se arrepende deve passar então pelo batismo nas águas. Vendo por esse ângulo, o versículo não entra em conflito com outras passagens bíblicas.[17]

Ordem e repetição das palavras

A ordem das palavras também exerce importante papel na sintaxe e não deve ser desprezada na interpretação bíblica. Em nosso idioma, a ordem das palavras é significativa. "Deus é amor" e "amor é Deus" são frases que contêm as mesmas palavras, mas a ordem muda o sentido.

Em grego, pode-se salientar uma palavra, locução ou oração colocando-a no início da frase (e às vezes no fim), em vez de obedecer à seqüência normal de sujeito, verbo e objeto. Por exemplo: "no qual" (nele) inicia

17. Stanley D. Toussaint comenta com mais minúcia esse versículo em John F. WALVOORD & Roy B. ZUCK, eds., Acts in: *The Bible knowledge commentary*, Novo Testamento, Wheaton, Victor Books, 1983, p. 359.

Efésios 2.21, ganhando assim ênfase; normalmente, a locução estaria após o verbo "cresce".

Em 1 Coríntios 1.17, o advérbio "não" foi colocado no início da frase grega, para reforçar o aspecto negativo.

Em hebraico, a seqüência normal das palavras é a seguinte: verbo, sujeito, objeto. Assim, se o sujeito ou o objeto vêm primeiro, a ênfase recai sobre ele. Em Isaías 1.14, a ordem é objeto, verbo e sujeito; assim, o primeiro recebe a ênfase: "As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece...". O hebraico também mostra ênfase por meio da repetição. Um exemplo disso é "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos" (6.3).

Resumo

A interpretação gramatical consiste em atentar para as palavras bíblicas e seu emprego. Embora às vezes possa parecer um trabalho algo complicado e técnico, é imprescindível para entendermos a Bíblia corretamente.

A seguir, um resumo dos passos sugeridos para uma interpretação gramatical adequada.

A. Maneiras de descobrir o significado de uma palavra:

1. Examine sua etimologia, até mesmo o significado original e quaisquer outros significados que surgiram a partir dele.
2. Descubra como a palavra é empregada:
   a. pelo mesmo autor no mesmo livro;
   b. pelo mesmo autor em outros livros da Bíblia;
   c. por outros autores na Bíblia;
   d. por outros autores em outros documentos.
3. Descubra como são empregados os sinônimos e os antônimos.
4. Analise os contextos:
   a. o contexto imediato;
   b. o contexto do parágrafo ou do capítulo;
   c. o contexto do livro;
   d. o contexto de passagens paralelas;
   e. o contexto da Bíblia como um todo.

5. Verifique qual dos diversos sentidos possíveis melhor se enquadra na idéia da passagem.

B. Maneiras de descobrir o significado de uma frase:

1. Analise a frase e seus elementos, reparando nas classes de palavras ali contidas, no tipo de período que é, nas orações que o compõem e na ordem das palavras.

2. Descubra o significado de cada palavra-chave (volte aos cinco pontos do item acima) e o modo como elas influenciam o sentido da frase.

3. Analise a participação de cada elemento da frase na idéia transmitida pelo todo.

capítulo seis

A transposição do abismo literário

Em 1973, mudei-me com minha família para Dallas. Três meses antes, minha esposa e eu tomamos um avião para lá à procura de uma casa. Durante a procura, enfrentamos o problema que a maioria das pessoas que pensam em comprar uma casa enfrenta: quando gostávamos do imóvel, o preço fugia de nosso orçamento, senão, quando tínhamos condições de comprá-lo, não nos agradava. Mas, no quarto dia, vimos uma casa de que gostamos e que parecia estar dentro de nossas possibilidades. Na época, ainda estava em construção. As paredes externas tinham sido levantadas, a estrutura interna estava no lugar e o telhado já existia. Entretanto, como era difícil visualizar exatamente o aspecto final, o construtor mostrou-nos outra casa parecida na mesma rua; era uma que já estava pronta e vendida, mas ainda não tinha sido ocupada.

Dentro de 24 horas, assinamos o contrato e escolhemos a cor da tinta, as luminárias, o papel de parede e o carpete.

Enquanto escolhíamos a casa, as cores, as luminárias, as cortinas, *etc.*, tínhamos de pensar nos móveis que já possuíamos. Queríamos que tudo combinasse com a mobília. Esse, obviamente, é um princípio fundamental do projeto de interiores: estabelecer uma correlação entre elementos semelhantes ou coordenar aspectos diferentes. O projeto de interiores ocupa-se dos detalhes estruturais para que o resultado final seja agradável e funcional.

Harmonia (coordenação), variedade e praticidade (funcionalidade) são importantes. No momento da escolha e da colocação dos móveis, os proprietários e os projetistas de interiores estudam a cor, a posição, o modelo, a textura e o formato. Tanto o projetista quando o proprietário inteligente estudam os mesmos elementos ao escolherem as cortinas, o papel de parede,

o piso e acessórios como quadros, luminárias e outras bugigangas. Quando você entra num ambiente bem projetado, esses elementos transmitem-lhe a finalidade e as características do recinto.

O mesmo acontece com a Bíblia. Seu "projeto de interiores" é fabuloso. Quanto mais você conhecer os modelos, os estilos e os formatos dos diversos elementos de um livro bíblico, mais conhecerá seu objetivo e suas características singulares, e melhor o compreenderá. Esse aspecto costuma ser esquecido no estudo e na interpretação bíblica. Por um lado isso é compreensível, pois um bom projeto não atrai toda a atenção para si. Mas, mediante um exame minucioso, você percebe a sabedoria que o norteou. Este capítulo e o seguinte tratarão da interpretação retórica, do estilo e da forma das Escrituras.

Que vem a ser interpretação retórica?

Algumas definições dicionarizadas do termo "retórica" são as seguintes: "estilo de linguagem" e "arte de escrever ou falar cuja forma de comunicação preocupa-se com o aspecto literário".

A "interpretação retórica" refere-se, portanto, ao estudo de como o *estilo* (vocábulos ou formas de expressão particulares) e a *forma* (estrutura sintática) influenciam o modo como o texto deve ser entendido. A interpretação retórica consiste na determinação da qualidade literária de um documento mediante a análise do gênero (tipo de composição), da estrutura (disposição dos elementos) e das figuras de linguagem (expressões que adicionam colorido e força ao texto) e de como esses fatores participam do sentido do texto.

O estudo desses elementos precisa ser incluído no exame e na interpretação bíblica porque, como foi visto no capítulo 3, sendo a Bíblia um livro, ela é, portanto, uma obra literária. "A literatura é uma apresentação interpretativa e *em forma de arte* de uma experiência."[1]

Indagar sobre o gênero literário ou o estilo de determinado trecho da Bíblia é como se o projetista de interiores perguntasse: "Qual é o tipo de cômodo? É uma sala de estar, uma sala de jantar, um gabinete, um dormitório, uma cozinha, uma copa, um salão de jogos?". Normalmente, você

1. Lelando RYKEN, *The literature of the Bible*, Grand Rapids, Zondervan, 1974, p. 13.

identifica o tipo de cômodo pelo que existe nele. Da mesma forma, a observação do conteúdo de um livro bíblico pode ajudar a definir seu gênero ou estilo.

Estudar a estrutura do ambiente equivale a perguntar: "Como será a sala de jantar? Que móveis terá? Em que será diferente de outras salas de jantar?". Duas salas de jantar podem ter cores, tamanhos, estilos de móveis, revestimentos e arrumação diferentes e, no entanto, servir ao mesmo propósito. O gênero literário dos quatro primeiros livros do Novo Testamento chama-se evangelho, mas é claro que nem todos os evangelhos são semelhantes. Eles diferem estruturalmente.

Assim, na interpretação retórica examinamos uma variedade de ambientes literários (gêneros) e verificamos como se combinam (estrutura e estilo).

Quadros nas paredes, utensílios nas prateleiras, arranjos de flores nas mesas — essas e outras minúcias acrescentam colorido, despertam interesse e dão brilho a um ambiente. De forma semelhante, as figuras de linguagem, que são formas coloridas de expressar idéias, aumentam o interesse pelas Escrituras. Se as figuras de linguagem não forem reconhecidas, certas passagens podem ser mal interpretadas.

A Bíblia apresenta brilho literário?

A resposta é afirmativa por duas razões.

Primeiramente, a Bíblia fala de pessoas reais, vivas.

> A literatura bíblica está repleta de aventuras, fatos maravilhosos, batalhas, personagens sobrenaturais, vilões [...] heróis valentes, heroínas belas e corajosas [...] cárceres, sagas, histórias de resgates, romantismo, heróis juvenis. [...] A literatura bíblica tem vida. Os estudiosos das Escrituras costumam passar a impressão de que a literatura bíblica é como um documento maçante que se deve destrinchar e colocar em exposição, como uma relíquia de culturas primitivas.[2]

2. RYKEN, Literary criticism of the Bible: some fallacies, in: Kenneth R. R. Gros LOUIS; James ACKERMAN & Thayer S. WARSHAW, eds., Literary interpretations of biblical narratives, Nashville, Abingdon, 1974, p. 29.

Como literatura, a Bíblia traz o registro de experiências humanas. Ela fala de emoções e conflitos, vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, defeitos e pecados, prejuízos e benefícios espirituais. Intrigas, suspense, emoções, fraquezas, desilusões, contratempos — essas e muitas outras experiências do ser humano podem ser encontradas ali.

Em segundo lugar, a Bíblia foi escrita por autores capazes. Dificilmente, nos dias de hoje, um estudioso da Bíblia concordaria com o seguinte comentário de Dibelius: "O que eles [os autores dos Evangelhos] escreveram, ou era totalmente desprovido de caráter literário [...] ou era semiliterário".[3] Muitos pensam que Amós foi uma pessoa primitiva, inculta, que mal sabia escrever. Contudo, quanto mais você estuda o livro de Amós, mais constata sua grande qualidade literária. Ryken disse muito bem que a Bíblia contém uma "arte literária do mais alto grau". E acrescenta:

> Os autores bíblicos obedeceram a convenções literárias claras e tinham domínio dos princípios literários. Eles sabiam contar histórias com um enredo bem elaborado. Sabiam contar histórias que tinham em comum a tragédia ou a sátira. [...] Os poetas bíblicos sabiam criar boas metáforas e fazer afirmações paralelas. [...] Em sua maioria, eram mestres de estilo.[4]

Peças, poemas, jornais, romances, contos, autobiografias, ficção científica, documentários — esses tipos de literatura possuem várias características que influem em nossa compreensão de seu contexto. Da mesma forma, precisamos identificar os diferentes estilos literários que existem na Bíblia (com respeito tanto a livros inteiros quanto a pequenas seções), tais como história, leis, narrativa, poesia, profecia, evangelhos, epístolas, literatura sapiencial, *etc.* É importante saber se estamos tratando de uma epístola ou de uma narrativa, de poesia ou de escritos proféticos. "Como certas partes da Bíblia têm formato literário, faz-se necessária uma abordagem literária para entender o que está sendo dito."[5] A maestria bíblica, com relação tanto à forma quanto ao estilo, torna-a obra-prima da literatura. Suas histórias e poemas são "frutos de riqueza de habilidade

3. Martin DIBELIUS, *A fresh approach to the New Testament and early Christian literature*, London, Nicholson & Weston, 1937, p. 17.
4. RYKEN, Literary criticism of the Bible: some fallacies, p. 40.
5. RYKEN, *The literature of the Bible*, p. 14.

verbal e imaginação",[6] o que a coloca na condição de livro de notável excelência literária.

Os gêneros literários da Bíblia

Que são gêneros literários?

Gênero, palavra derivada do latim *genus*, significa estilo literário. "Gênero literário" refere-se à categoria ou ao tipo de escrito caracterizado por determinada(s) forma(s) e conteúdo ou um dos dois. A identificação dos diversos gêneros (tipos de literatura) nas Escrituras ajuda-nos a interpretá-las com maior precisão. "Fazemos isso com todo tipo de literatura. Fazemos distinção entre poesia lírica e súmulas jurídicas, entre notícias atuais de um jornal e poemas épicos. Distinguimos o estilo de narrativas históricas daquele de sermões."[7] Marshall fez algumas observações interessantes neste sentido:

> Se eu fosse escrever sobre o que fiz no Natal, o estilo utilizado dependeria de estar escrevendo para minha tia, produzindo um artigo de jornal, registrando uma história natalina para crianças baseada em minhas experiências pessoais, compondo um poema ou ainda escrevendo a letra de uma música. Estamos falando de estilos diferentes para situações diferentes.[8]

A esse respeito, é interessante lembrar que quatro das 25 declarações contidas na *Declaração de Chicago sobre Hermenêutica Bíblica* referem-se ao estilo literário.

"Declaramos que as Escrituras transmitem-nos a verdade de Deus verbalmente por meio de uma grande variedade de estilos literários" (Artigo X). "Declaramos que o conhecimento das categorias literárias, da forma e da estilística, das diversas seções das Escrituras é essencial para uma exegese correta e, portanto, consideramos a crítica literária uma das muitas disciplinas do estudo bíblico" (Artigo XIII). "Declaramos que, apesar de o

6. Ibid., p. 24.
7. R. C. SPROUL, *Knowing Scripture*, Downers Grove, InterVarsity, 1979, p. 49.
8. I. Howard MARSHALL, How do we interpret the Bible for today?, *Themelius 5*: 7, 1980.

registro bíblico de acontecimentos, discursos e declarações acontecer por meio de uma série de estilos literários legítimos, esse registro corresponde aos fatos históricos" (Artigo XIV). "Declaramos a necessidade de interpretar a Bíblia de acordo com seu sentido literal, normal. O sentido literal é o sentido gramatical e histórico, ou seja, o expressado pelo autor. A interpretação literal leva em conta todas as figuras de linguagem e os estilos literários existentes no texto" (Artigo XV).[9]

Exemplos de alguns gêneros literários na Bíblia

1. *Jurídico.* Embora o termo "jurídico" esteja mais associado aos cinco primeiros livros da Bíblia, os textos jurídicos — que incluem os mandamentos para os israelitas — compreendem Êxodo 20—40, Levítico, partes de Números (caps. 5, 6, 15, 18, 19, 28—30, 34, 35) e quase todo o Deuteronômio. Existem dois tipos de textos jurídicos. Um é o da lei apodíctica, que compreende os mandamentos diretos normalmente iniciados com a palavra "não", como acontece nos dez mandamentos (Êx 20.3-17) e em Levítico 18.7-24; 19.9-19, 26-29, 31, 35). Não são leis completas, necessariamente. Em Levítico 19.14, o Senhor disse que Moisés avisasse o povo para não amaldiçoar o surdo nem colocar tropeço diante do cego. Suponhamos que um israelita prejudicasse um mudo, um aleijado ou uma pessoa retardada. Parece evidente, pelo versículo, que o mesmo princípio também devesse ser aplicado a outros tipos de deficientes físicos.

Outro tipo de texto jurídico encontrado nesses livros do Antigo Testamento é a lei casuística. Trata-se de leis específicas. Nesses tipos de mandamento, a lei é apresentada por uma condição que origina determinada situação. Temos exemplos disso em Levítico 20.9-18, 20, 21 e em Deuteronômio 15.7-17. Êxodo 23.4, 5 contém uma única lei casuística, entremeando uma série de leis apodícticas nos versículos 1, 2, 6-9. Essas também não são leis completas. A instrução expressa nesses versículos diz

9. A *Declaração de Chicago sobre Hermenêutica Bíblica* foi formulada numa conferência realizada em Chicago e patrocinada pelo International Council on Biblical Inerrancy. A declaração pode ser obtida junto ao ICBI, P. O. Box 13261, Oakland, CA 94661. Também foi publicada no *Journal of the Evangelical Theological Society 24*: 397-401, Dec. 1982.

respeito a um boi ou a um jumento do inimigo. Mas, e se o inimigo possuísse um camelo ou ovelhas que se desgarrassem? É óbvio que a intenção com o exemplo do boi e do jumento não foi excluir os outros animais.

2. *Narrativa.* Uma narrativa é uma história, evidentemente, mas uma narrativa bíblica é uma história relatada com o intuito de transmitir uma mensagem por meio das pessoas e de seus problemas e circunstâncias. As narrativas bíblicas são seletivas e ilustrativas. Seu objetivo não é compor biografias completas, repletas de detalhes sobre a vida das pessoas; os autores selecionavam cuidadosamente o material que incluíam (é claro que sob a inspiração do Espírito Santo) visando a propósitos determinados. O livro de 2 Samuel, por exemplo, contém uma coletânea sobre a vida de Davi que mostra nos primeiros dez capítulos como ele instituiu e expandiu seu reino. Depois, os capítulos 11 e 12 narram o pecado que cometeu envolvendo Bate-Seba e Urias. Os capítulos de 13 a 21 assinalam os numerosos pecados de Davi, tanto os de caráter pessoal quanto os de âmbito nacional. Os três últimos capítulos (22—24) registram seu hino de louvor, suas últimas palavras, uma relação de seus valentes, o censo de seus soldados e a edificação de um altar. Os acontecimentos relatados nos capítulos de 13 a 21 foram escolhidos com o intuito de ilustrar o fato de que o pecado produz conseqüências devastadoras, embora o autor não o diga com essas palavras.

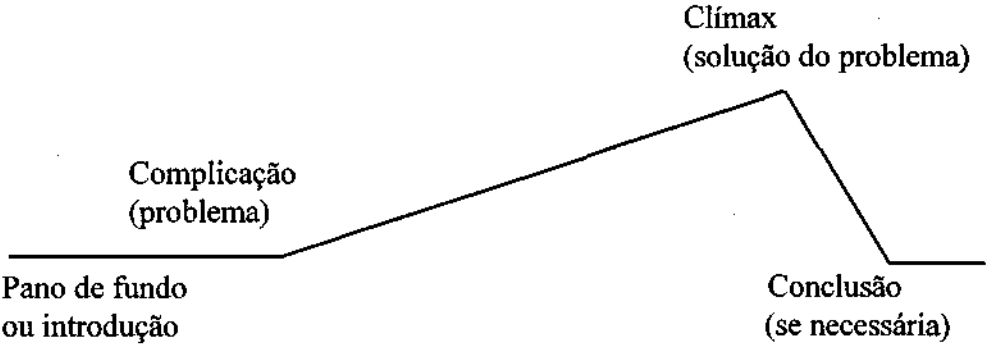
Por outro lado, 1 e 2 Crônicas não apresentam esse tipo de narrativa. Pelo contrário, esses livros omitem toda referência aos pecados de Davi e apresentam amplamente seu lado de rei, os sacerdotes e o templo. Por quê? Na época em que os judeus retornaram do exílio na Babilônia, no reinado de Zorobabel (538 a.C.) e de Esdras (458 a.C.), o povo dizia, quase que com estas palavras: "Nosso templo é insignificante (*cf.* Ag 2.3) e não temos rei". 1 e 2 Crônicas foram escritos justamente para ajudar o povo a reconhecer que a linhagem de Davi, assim como o templo, seriam conservados. O primeiro dos livros fala da esperança futura e o segundo ressalta o legado que receberam. Com esses dois fatos, ao ler 1 e 2 Crônicas, o povo ficaria encorajado a manter-se fiel ao Senhor e a confiar nele.

Por que o autor do livro de Rute incluiu uma genealogia em 4.17-21, o que poderia muito bem ter ficado de fora? Parece que o livro inteiro deixa implícito que Rute e Boaz, sendo fiéis ao Senhor, eram um elo importante na

linhagem do rei Davi. A genealogia em Rute 4 faz menção de Davi duas vezes (vv. 17, 21).

Geralmente, as narrativas obedecem a uma mesma seqüência: acontece um problema logo no início, que traz complicações cada vez maiores, e chega-se ao clímax. Daí em diante, a narrativa segue em direção a uma solução e termina com o problema resolvido.

À medida que o problema evolui, normalmente o suspense aumenta, e as dificuldades e os relacionamentos ficam mais complicados, até que se chega a um clímax dramático. O esquema abaixo ilustra o curso de uma narrativa.[10]



Suspense

Cotterell e Turner chamam o clímax "ápice". "É comum na narrativa a existência de um ápice na direção do qual ela prossegue e a partir do qual descreve uma trajetória descendente abrupta."[11] Repare nessa seqüência quando ler uma narrativa bíblica.

Pode haver seis tipos de narrativa:

a. *Tragédia.* A tragédia é a história da decadência de um indivíduo, do apogeu ao desastre. As vidas de Sansão, Saul e Salomão são exemplos de tragédia.

b. *Épico.* Um épico é uma narrativa que contém uma série de episódios centralizados numa pessoa ou num grupo de pessoas. Exemplo disso é a

10. Jay ADAMS, *Pulpit speech*, Philadelphia, Presbyterian and Reformed Publishing, 1973, p. 24.
11. *Linguistics and biblical interpretation*, Downers Grove, InterVarsity, 1989, p. 245.

peregrinação dos israelitas no deserto.

c. *Romance.* O romance é uma narrativa que aborda a relação romântica entre um homem e uma mulher. Os livros de Rute e Cantares apresentam esse tipo de narrativa.

d. *Heróico.* O estilo heróico consiste numa história tecida em torno da vida e dos feitos de um herói ou protagonista, uma pessoa que por vezes representa outros ou é um exemplo para outros. Abraão, Gideão, Davi, Daniel e Paulo enquadram-se neste caso.

e. *Sátira.* A narrativa satírica trata da exposição das falhas ou da loucura humanas por meio da ridicularização ou da crítica. O livro de Jonas é uma sátira, visto que Jonas, na qualidade de representante de Israel, é ridicularizado por rejeitar o amor universal de Deus. Ironicamente, ele estava mais preocupado com uma planta do que com os pagãos de Nínive. Outra ironia é que Deus compadeceu-se do profeta, embora este não se tivesse compadecido dos ninivitas. Muitos dos que lêem o livro de Jonas reparam que a história termina de maneira abrupta, aparentemente sem que o problema da ira do profeta tivesse sido resolvido. O motivo está justamente no fato de que é assim que as sátiras geralmente terminam. A humilhação de Jonas é um bom final para uma sátira, e os israelitas haveriam de enxergar no comportamento do profeta um reflexo de si próprios e de sua atitude para com as nações pagãs. (O fato de que o livro de Jonas foi escrito em tom de sátira não anula de forma alguma sua historicidade.)

f. *Polêmica.* Uma narrativa polêmica é aquela que ataca agressivamente ou contesta as idéias de terceiros. Temos exemplos desse estilo no episódio da "contenda" de Elias com os 450 profetas de Baal (1 Reis 18.16-46) e nas dez pragas contra os deuses e deusas do Egito.

3. *Poesia.* Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares são os cinco principais livros poéticos do Antigo Testamento. Contudo, há poesia em muitos dos livros proféticos. A ARA apresenta os textos em estilo poético, de forma que a diferença entre a poesia e a prosa é mais perceptível. Existe poesia também em trechos da primeira parte do Antigo Testamento, como é o caso de Êxodo 15, Juízes 5 e 1 Samuel 2. No Novo Testamento, o cântico de Maria foi escrito em estilo poético (Lc 1.46-55), o mesmo acontecendo com as palavras de Zacarias (vv. 67-79). Uma característica singular da poesia bíblica é o paralelismo entre duas (e às vezes três ou quatro) linhas. Essa é uma diferença da poesia ocidental, que normalmente é caracterizada

por métrica e rima, elementos esses que a poesia hebraica desconhece na maioria dos casos. Os estudiosos já debateram exaustivamente a questão da métrica na poesia hebraica. Sua incapacidade de chegar a um consenso sobre o assunto revela a ausência de uma métrica reconhecida na poesia bíblica. Às vezes há rima em alguns versos, mas é raro. Os tipos de paralelismo poético serão discutidos mais adiante neste capítulo.

• Os salmos foram escritos em linguagem poética, evidentemente. Vários tipos de salmos são de conhecimento geral: a lamentação coletiva, a lamentação individual, o salmo comunitário de ações de graças, o salmo individual de ações de graças e o hino de louvor. A *lamentação coletiva* normalmente contém uma súplica introdutória, o lamento em si, uma afirmação de confiança, uma súplica do salmista para ser ouvido e libertado e um voto de louvor. Exemplos disso são os salmos 12, 44, 80, 94 e 137. A *lamentação individual* geralmente contém uma introdução (palavras dirigidas a Deus e/ou arrependimento, e um clamor por socorro), o lamento propriamente dito (que fala dos inimigos do salmista, do próprio salmista e de Deus), uma declaração de confiança, uma súplica para ser ouvido e libertado, uma declaração de confiança de que o salmista foi ouvido e um voto de louvor. Às vezes também há o relato de uma libertação. São exemplos desse caso os salmos 3, 22, 31, 39, 42, 57, 71, 120, 139 e 142. O *salmo comunitário de ações de graças* contém uma exortação, palavras de louvor, uma reflexão sobre necessidades passadas e o relato da libertação. Os salmos 65, 67, 75, 107, 124 e 136 são exemplos.

No *salmo individual de ações de graças* é feita uma proclamação, depois se segue um resumo introdutório, uma reflexão sobre dificuldades passadas e uma narrativa da libertação, com um voto renovado de louvor e/ou instruções. Encontramos exemplos deste caso nos salmos 18, 30, 32, 34, 40, 66, 92, 116, 118 e 138. Os salmos que contêm um *hino de louvor* apresentam uma convocação ao louvor (incluindo um prólogo de aleluias e um convite aos leitores para louvarem o Senhor), a descrição do motivo do louvor (menção da grandeza de Deus expressa na criação e de sua graça manifesta na história, além de ilustrações específicas) e a conclusão, que consiste numa nova convocação ao louvor, na repetição do motivo do louvor ou numa bênção. Alguns salmos de hino de louvor são: 8, 19, 104, 148 (exaltação dele como Criador); 66, 100, 111, 114, 149 (louvor a Deus por ser o Protetor de Israel); e 33, 103, 113, 117, 145—147 (louvor a Deus na qualidade de Senhor da história). Além desses, existem alguns salmos

chamados de *cânticos de Sião* (46, 48, 76, 84, 87, 122), vários outros são *salmos de sabedoria* (36, 37, 49, 73, 112, 127, 128, 133) e dez são *cânticos de confiança* (11, 16, 23, 27, 62, 63, 91, 121, 125, 131).2[12]

No momento de estudar e interpretar os salmos, é importante: a) distinguir essas categorias e os elementos em cada uma delas; b) reconhecer a existência das diversas figuras de linguagem (o capítulo 7 trata delas); c) notar os tipos de paralelismo nos versículos (veja p. 138 sobre o paralelismo poético); d) estudar o contexto histórico dos salmos e e) descobrir a idéia ou mensagem central do salmo.

Os salmos devem ser vistos como uma *orientação para a adoração*. À semelhança do salmista, podemos usá-los para capacitarmo-nos a louvar a Deus, para fazer súplicas a ele e para lembrarmo-nos de seus benefícios. Com os salmos também podemos aprender a ter um *relacionamento honesto* com Deus, onde expressamos alegria, desapontamento, raiva ou outras emoções. Os salmos podem servir ainda para incentivar-nos a refletir e meditar sobre o que Deus tem feito por nós.[13]

4. *Literatura sapiencial*. Os livros de sabedoria são Jó, Provérbios e Eclesiastes. (Alguns incluem Cantares nesse grupo.) Toda literatura sapiencial tem caráter poético, mas nem todo texto poético pertence à literatura sapiencial. Podem-se ver dois tipos de literatura sapiencial nesses livros. Um é a literatura proverbial, que é o caso do livro de Provérbios. Os provérbios ou as máximas são verdades gerais fundamentadas na larga experiência e na observação. São princípios que, em geral, mostram-se verdadeiros. Consistem em diretrizes, não em garantias; preceitos, não promessas. Por exemplo, embora seja geralmente verdade que uma pessoa preguiçosa ficará pobre, podem-se constatar no cotidiano algumas exceções a essa máxima. Outro exemplo é que a piedade normalmente proporciona vida longa, como afirmam vários provérbios, mas já se constataram algumas exceções.

Outro tipo de literatura sapiencial é a reflexiva. Ela compreende uma discussão sobre os mistérios da vida, como acontece em Jó e em Eclesiastes.

12. Os exemplos citados foram extraídos de Gordon D. FEE & Douglas STUART, *Entendes o que lês?*, Um guia para Entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica, São Paulo, Vida Nova, 1984, p. 182-5.
13. Ibid., p. 194.

5. *Evangelhos.* Algumas pessoas encaram os quatro evangelhos como narrativas históricas, como livros que foram escritos simplesmente para registrar informações biográficas sobre a vida de Cristo. É claro que não se trata de biografias no sentido comum da palavra, pois excluem muitos aspectos da vida de Cristo que normalmente seriam encontrados numa biografia histórica. Os evangelhos contêm uma boa quantidade de material biográfico sobre Cristo, mas são mais do que biografias. São doutrina e narrativa, que visam a apresentar informações sobre a pessoa de Jesus Cristo. Os ensinamentos de Jesus por meio de parábolas e de discursos diretos são intercalados com registros de seus milagres e encontros com outras pessoas.

"Os evangelhos são conjuntos de histórias com uma carga de ação bem maior do que seria normal encontrar numa narrativa. O grande objetivo das histórias dos evangelhos é explicar e louvar a Pessoa e a obra de Jesus [...] mediante seus atos, suas palavras e as reações dos outros para com ele."[14]

Estudando o Evangelho de João, é surpreendente notar as muitas reações de fé e de incredulidade, de aceitação e de rejeição a Cristo, registradas nesse livro. Veja o esboço na próxima página.

6. *Discurso lógico.* Este gênero de literatura bíblica também é chamado de literatura epistolar e refere-se às epístolas do Novo Testamento, de Romanos até Judas. As epístolas normalmente incluem dois tipos de textos: a) discurso expositivo, que explica determinadas verdades ou doutrinas, quase sempre apoiado na lógica, e b) discurso exortativo, que exorta a seguir determinados comportamentos ou à aquisição de certas características em face das verdades expostas no texto.

Quanto ao formato, as epístolas geralmente começam por citar o autor, o destinatário (a pessoa ou pessoas a quem a epístola foi endereçada), saudações e, com freqüência, mas nem sempre, agradecimentos por algum tipo de atitude ou pela conduta ou caráter dos leitores. É claro que as epístolas não são como as cartas comuns, visto que transmitem mensagens de Deus, sendo que alguns dos autores afirmam explicitamente que foram escritas sob a inspiração divina, do Espírito Santo, o texto é comunicado

14. RYKEN, *The literature of the Bible*, p. 275.

Aceitação e rejeição de Jesus no evangelho de João

Aceitação	*Pessoas em dívida*	*Rejeição*
2.11		
		2.18 Sua autoridade é questionada
2.23		
4.41		
		5.16, 18 Tentativa de matá-lo
		5.18 Acusado de blasfêmia
6.14		
	6.52	
		6.66 Muitos o deixam
		7.1 Tentativa de matá-lo
		7.20 Acusado de ter demônio
		7.30 Tentativa de prendê-lo
7.31		
		7.32, 44 Tentativa de prendê-lo
	7.40-43	
		8.13 Acusado de mentir
		8.19, 22, 25 Ele é interrogado
8.30		
		8.37, 40 Tentativa de matá-lo
		8.48, 52 Acusado de ter demônio
		8.53, 57 Ele é interrogado
		8.59 Tentativa de apedrejá-lo
	9.16	
9.38		
		9.40 Ele é interrogado
	10.19	
		10.20 Acusado de ter demônio
	10.21	
		10.31 Tentativa de apedrejá-lo
		10.33 Acusado de blasfêmia
		10.39 Tentativa de prendê-lo
10.42		
		11.8 Tentativa de apedrejá-lo
11.27		
11.45		
		11.53 Tentativa de matá-lo
		11.57 Tentativa de prendê-lo
12.9, 11, 13		
		12.34 Ele é interrogado
		12.37 Não acreditam nele
12.42		
16.30		
		19.7 Acusado de blasfêmia
		19.16-18 Ele é crucificado

com autoridade apostólica e deve ser lido nas igrejas. Este último ponto aplica-se até mesmo a uma carta de caráter supostamente particular, como 2 Timóteo, pois a epístola termina em 2 Timóteo 4.22 com a palavra *convosco* (plural). Paulo pode ter dado a entender sutilmente que Timóteo deveria ler a carta para outros. (Isso mostra mais uma vez a importância de reparar em detalhes de gramática, como vimos no capítulo 5.)

Muitas das epístolas foram endereçadas a grupos específicos de cristãos ou a indivíduos (como Timóteo, Tito e Filemom). Diante desse fato, surge a pergunta de como devemos relacionar a nós, hoje, as epístolas e as situações específicas nelas abordadas. O capítulo 12 trata com mais detalhes dessa questão, mas já agora vale dizer que o intérprete da Bíblia deve atentar nas epístolas para certas instruções de natureza nitidamente universal e, portanto, válidas em todas as épocas e culturas. Além disso, é importante diferenciar entre os princípios e as aplicações específicas. Esse ponto também diz respeito à questão dos mandamentos restritos a uma cultura *versus* os mandamentos de livre aplicação, discutida no capítulo 4.

7. *Literatura profética.* A literatura profética consiste em textos que trazem predições feitas na época de sua redação e, com freqüência, incluem determinações para que os ouvintes da profecia modifiquem suas vidas em função das predições. No Antigo Testamento, por exemplo, foi dito aos israelitas para preparem seus corações para a vinda do Messias — Jesus Cristo. O arrependimento de pecados era um ingrediente que costumava acompanhar as predições sobre o retorno do Senhor e os acontecimentos decorrentes.

Há um tipo especial de literatura profética — os textos apocalípticos. A ênfase neste caso recai exclusivamente no fim dos tempos, e o estilo é simbólico. O capítulo 10 comenta a literatura profética.

Como o conhecimento dos gêneros literários ajuda a entender a Bíblia?

Em âmbito geral, o conhecimento do gênero literário ou do estilo de determinado livro da Bíblia é mais útil do que uma análise minuciosa. Ele ajuda a transmitir a essência do livro, de forma que versículos e parágrafos possam ser vistos à luz do todo. Assim fica mais fácil evitar o problema de

tirar os versículos de seu contexto. É também um meio de esclarecer a natureza e o propósito de todo um livro, como se vê, por exemplo, em Jonas.

As formas de construção ajudam-nos a entender por que determinadas passagens encontram-se onde estão. E a atenção ao gênero literário impede-nos de transformar uma passagem no que ela não é, tanto para mais quanto para menos.

Análise estrutural

Formas de construção ou padrões diferentes produzem efeitos diferentes. Vemos isso no projeto de interiores e também na Bíblia. Digamos que você tenha uma luminária, uma cômoda e um espelho. Você poderia colocar o espelho na horizontal, ao lado da cômoda, e a luminária do outro lado. Mas, se desejasse um efeito diferente, poderia colocar o espelho na vertical. Ou talvez nem quisesse o espelho. O arranjo dos objetos depende de seu objetivo e do efeito desejado.

Estamos falando de "estrutura" ou relação entre as partes. A "análise estrutural" da Bíblia consiste no esforço de analisar as relações existentes na malha de elementos estruturais contidos em trechos independentes (tanto curtos quanto longos) das Escrituras.

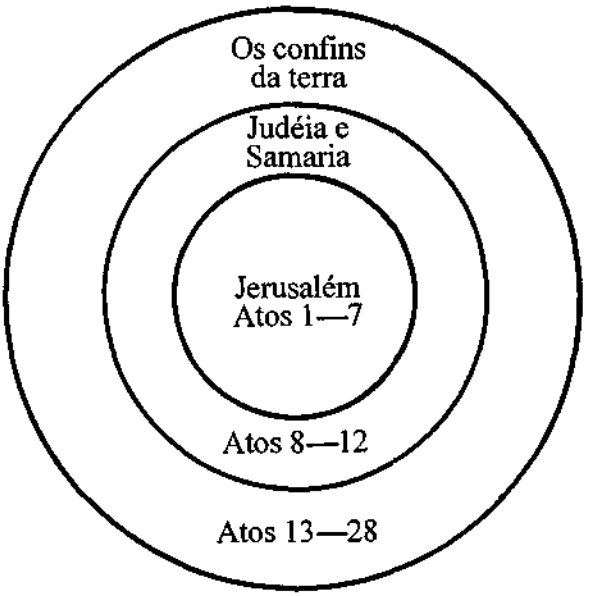
Arranjos estruturais mais amplos

Apresentamos a seguir alguns exemplos de arranjos estruturais dos livros bíblicos, mostrando a variedade de combinações que existe na Bíblia.

Atos pode ser dividido em três partes (cf. p. 158), com base nas três regiões geográficas que Jesus citou em 1.8: "... e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra".

O livro de Apocalipse pode ser dividido em três partes, de acordo com o que Jesus disse em Apocalipse 1.9: "Escreve, pois, as cousas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas".

Apocalipse 1 — As cousas que vistes (passado)
Apocalipse 2 e 3 — As cousas que são (presente)
Apocalipse 4—22 — As cousas que hão de acontecer (futuro)



A estrutura do livro de Rute revela alguns paralelos interessantes dispostos numa forma conhecida por inversão, os quais ilustramos abaixo:

A. História familiar, parentesco e as mulheres de Belém (cap. 1)
B. Boaz e Rute (caps. 2 e 3)
A'. História familiar, parentesco e as mulheres de Belém (cap. 4)

Os capítulos 2 e 3 são paralelos nos seguintes aspectos:

Capítulo 2	Capítulo 3
1. Rute tem permissão de Noemi para ir até o campo.	1. Rute tem permissão de Noemi para ir até a eira.
2. Rute vai para o campo.	2. Rute vai até a eira.
3. Boaz pergunta a Rute quem ela era.	3. Boaz pergunta a Rute quem ela era.
4. Boaz aceita, elogia e alimenta-a.	4. Boaz aceita, elogia e alimenta-a.
5. Rute conta o ocorrido para Noemi e esta a orienta.	5. Rute conta o ocorrido para Noemi e esta a orienta.

A estrutura do livro de Jó é singular. Podemos esboçá-la como abaixo:

I. Prólogo (Jó 1 e 2)
II. Diálogo (3—41)
  A. O lamento inicial de Jó (3)
  B. O primeiro conjunto de discursos (4—14)
    1. Elifaz e Jó (4—7)
    2. Bildade e Jó (8—10)
    3. Zofar e Jó (11—14)
  C. O segundo conjunto de discursos (15—21)
    1. Elifaz e Jó (15—17)
    2. Bildade e Jó (18—19)
    3. Zofar e Jó (20 e 21)
  D. O terceiro conjunto de discursos (22—37)
    1. Elifaz e Jó (22—24)
    2. Bildade e Jó (25—31)
    3. Eliú (32—37)
  E. A intervenção final de Jeová (38—41)
III. Epílogo (42)

Mateus repetiu uma frase cinco vezes em seu evangelho. Isso nos dá uma pista de como o livro pode ter sido organizado. A frase é a seguinte: "Quando Jesus acabou de proferir estas palavras..." (7.28) ou algo parecido. Mateus 11.1 diz: "Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos..."; em 13.53, lemos: "Tendo Jesus proferido estas palavras..."; em 19.1: "E [...] concluindo Jesus estas palavras..."; e em 26.1: "Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos...".

Com base nessas frases, a estrutura do livro pode ser assim delineada:

I. A Preparação do Messias (Mt 1.1—4.11)
II. A Proclamação do Messias (4.12—7.29)
III. A Manifestação do Messias (8.1—11.1)
IV. A Oposição ao Messias (11.2—13.53)
V. A Reclusão do Messias (13.54—19.2)
VI. A Apresentação e a rejeição do Messias (19.3—26.2)
VII. A Crucificação e a ressurreição do Messias (26.3—28.20).

Modelos estruturais menores

Existe uma variedade de modelos estruturais de versículos e passagens nos livros bíblicos que acrescentam brilho e colorido à qualidade literária das Escrituras.

1. *Paralelismo.* Como já foi dito, a poesia bíblica é expressada por meio de uma relação de idéias. Existem vários tipos de relações. Uma delas é a *comparação*. Nesse tipo de paralelismo, o segundo verso repete as idéias do primeiro com sinônimos. Um exemplo está em Salmos 1.5: "Por isso os perversos não prevalecerão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos". O primeiro verso fala de "perversos", ao passo que o segundo menciona "pecadores". "O juízo" tem paralelo na expressão "a congregação dos justos", do segundo verso.

No paralelismo de *contraste*, o segundo verso contrasta com o primeiro. Aquele normalmente começa com a conjunção "mas". Isso acontece em Salmos 1.6: "Pois o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá".

Há uma terceira forma de paralelismo poético, que pode ser chamada de *complementar*. Aqui, o segundo verso completa a idéia do primeiro, ou vice-versa. Em Salmos 1.3, a frase "que, no devido tempo, dá o seu fruto" não exprime sozinha uma idéia completa; ela completa a idéia iniciada no primeiro verso: "Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas".

Salmos 1.4 emprega ainda outro tipo de paralelismo. A este podemos chamar de paralelismo *figurado*, pois o segundo verso esclarece o primeiro por meio de uma figura de linguagem, ou vice-versa. A afirmação de que os ímpios são "como a palha" significa que eles são destituídos de segurança e valor.

O paralelismo *em degraus* não é tão comum, e caracteriza-se pelo fato de o segundo verso repetir parte do primeiro e completar-lhe o sentido. Salmos 29.1 é um caso desses: "Tributai ao Senhor, filhos de Deus, tributai ao Senhor glória e força".

2. *Paralelismo circular.* Neste tipo de paralelismo, o tema central é precedido e sucedido por trechos paralelos. Gênesis 37 conta a história da venda de José ao Egito. O capítulo 38 fala de Judá e Tamar e o 39 dá continuidade à história de José. De certa forma, então, os capítulos 37 e 39

formam um anel em torno do 38, com o objetivo de estabelecer um contraste entre o terrível pecado de Judá e a pureza de José.

3. *Quiasmo*. O quiasmo é uma construção muito comum nas Escrituras. Neste caso, a primeira e a quarta partes formam paralelos de idéias, o mesmo acontecendo com a segunda e a terceira. Salmos 137.5, 6 diz: "Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita. Apegue-se-me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti...". Repare que o primeiro e o quarto verso começam com "se" e o segundo e o terceiro iniciam dizendo: "que se resseque" e "apegue-se-me".

Outro exemplo desse tipo de construção é Mateus 7.6: "Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés, e, voltando-se, vos dilacerem". A menção aos cães no primeiro verso está associada à dilaceração, na quarta. Lançar as pérolas aos porcos, como diz o terceiro verso, encontra paralelo no fato de eles as pisarem com os pés, no terceiro.

4. *Alternação*. Na construção alternada, o paralelismo existe entre os elementos um e três e entre o dois e o quatro.[15] Em Salmos 31.20, o primeiro verso começa com "no recôndito", e o terceiro, com "num esconderijo". Então, a segunda e a quarta partes são parecidas: "os esconderás" e "os ocultarás". Nas quatro aflições por que Jó passou (Jó 1.13-19), os dois primeiros ataques de Satanás alternaram-se entre meios humanos e naturais. A primeira e a terceira aflições foram provocadas por homens (os sabeus, vv. 13-15, e os caldeus, v. 17), e a segunda e a quarta, por agentes naturais ("o fogo de Deus", que pode ter sido um raio, v. 16, e um tufão, vv. 18 e 19).

5. *Inversão*. A inversão é parecida com o quiasmo, a não ser pelo fato de conter mais de quatro elementos e, conseqüentemente, apresentar mais pontos de contraste ou comparação. Os itens um e seis formam paralelos, o mesmo acontecendo com o segundo e o quinto e com o terceiro e o quarto. Isaías 6.10 apresenta esse tipo de construção. O primeiro e o sexto verso falam do coração, o segundo e o quinto referem-se aos ouvidos e o terceiro e o quarto, aos olhos.

15. Kenneth E. Bailey chama isso de "paralelismo em degrau" (*As Parábolas de Lucas*, São Paulo, Vida Nova, 1985, p. 21-2).

O relato do dilúvio conta que este se iniciou sete dias após Deus ter mandado Noé entrar na arca (Gn 7.10). Choveu durante 40 dias (vv. 12, 17). As águas inundaram a terra por 150 dias (v. 24; 8.3). Noé abriu a janela da arca 40 dias depois que o topo das montanhas começou a ficar visível (v. 6). Ele esperou sete dias (duas vezes) antes de soltar a pomba (vv. 10, 12). Temos assim a seguinte inversão no tocante às datas:[16]

7 dias
40 dias
150 dias
40 dias
7 dias

Mostramos abaixo outro tipo de inversão que ocorre no relato do dilúvio.[17]

1. Aliança de Deus com Noé (Gn 6.11-22)
2. Noé leva os animais limpos para a arca (7.1-5)
3. Noé leva os animais imundos para a arca (7.6-10)
4. Noé entra na arca (7.11-16)
5. O dilúvio intensifica-se (7.17-24)
6. O dilúvio amaina, a arca repousa sobre o monte e Deus lembra-se de Noé (8.1-5)
7. O dilúvio cessa (8.6-12)
8. Noé sai da arca (8.13-19)
9. Noé sacrifica alguns animais (8.20-22)
10. A dieta de Noé (9.1-7)
11. A aliança de Deus com Noé (9.8-17)

Nas inversões, a ênfase geralmente recai sobre o tema ou temas centrais. Repare na inversão que existe em Mateus 13.15.[18]

16. S. BAR-EFRAT, Some observations on the analysis of structure in biblical narrative, *Vetus Testamentum 30*: 168, Apr. 1980.
17. Adaptado de William H. SHEA, The structure of the Genesis flood narrative and its implications, *Origens 6*: 22-3, 1979.
18. Para obter mais exemplos de inversões e de outros modelos estruturais de algumas das parábolas do evangelho de Lucas, veja BAILEY, *As Parábolas de Lucas*, p. 104, 118-21, 126-7, 149, 195-6.

6. *Inclusão*. Na inclusão, um parágrafo ou trecho mais extenso termina de forma muito parecida à que começa. Na narrativa do dilúvio, a perversidade do homem é mencionada em Gênesis 6.1-8 e também no final, em 9.20-27.

Em Isaías 1.21, o profeta refere-se a Jerusalém como a "cidade fiel" e, no versículo 26, o parágrafo termina com outra menção da "cidade fiel". Provérbios 31.10-30 começa falando sobre a mulher virtuosa (v. 10) e quase no final volta a referir-se à virtude (v. 29). Em Provérbios 1, os versículos 2 e 7 falam de sabedoria e ensino, definindo todo o propósito do livro de Provérbios.

7. *Trilogia*. Neste tipo de construção, faz-se referência a três elementos correlacionados. Este é o caso de Judas 11: "o caminho de Caim", "o erro de Balaão" e "a revolta de Coré". Fazem-se também três afirmações sobre os falsos mestres contra os quais Judas alertou no versículo 8: eles "contaminam a própria carne", "rejeitam governo" e "difamam autoridades superiores".

8. *Construção acróstica*. Nesta construção, os versículos começam com letras consecutivas do alfabeto. Provérbios 31.10-31 é um caso bem conhecido, como também é o salmo 119. O que acontece neste salmo, porém, é que a cada oito versículos o texto começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico, que contém 22 letras. Os versículos de 1 a 8 começam, cada um, com a primeira letra, os versículos de 9 a 16 começam cada um com a segunda letra, os versículos de 17 a 24 com a terceira e assim por diante. Em Lamentações 1, cada um dos 22 versículos começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico. O mesmo acontece com os capítulos 2 e 4. O capítulo 3, contudo, é um pouco diferente, pelo fato de que três versículos consecutivos começam, cada um, com a primeira letra do alfabeto, sendo seguidos por três outros versículos que começam cada um com a segunda letra do alfabeto, e assim por diante. O capítulo 5 tem 22 versículos, mas estes não seguem a construção acróstica. Existem outros salmos acrósticos, entre eles os salmos 9, 10, 25, 34, 37 e 111. Esse tipo de construção devia servir para facilitar a memorização. Além disso, os acrósticos observados em Lamentações podem também ter funcionado como uma espécie de restrição literária para a expressão da profunda tristeza que Jeremias sentia.

9. Construção ascendente ou *descendente*. Pode-se perceber que 1 João foi escrito com uma construção ascendente.

Bar-efrat apresentou a seguinte construção descendente em 2 Samuel 13.3-20:[19]

Jonadabe—Amnom (vv. 3-5)
Amnom—Davi (v. 6)
Davi—Tamar (v. 7)
Tamar—Amnom (vv. 8-16)
Amnom—servo (v. 17)
Servo—Tamar (v. 18)
Tamar—Absalão (vv. 19, 20)

Conforme o esquema de estrutura ascendente ilustra na página 165, cada parte conduz à seguinte.

10. *Repetição*. Geralmente, utiliza-se a repetição para produzir impacto emocional. Isaías destacou a ignorância de seus leitores ao repetir a pergunta: "Acaso não sabeis? porventura não ouvis?", em Isaías 40.21 e 28. O fato de ele empregar eficazmente o pronome "quem", no início de uma série de perguntas no capítulo, é outra forma retórica de assinalar a ignorância do povo. (Repare no pronome "quem" nos versículos 12 [duas vezes], 13, 14 e 26.)

Como observa Bar-efrat, em 2 Samuel o pecado sexual vem seguido de assassinato por três vezes.[20] O envolvimento de Davi com Bate-Seba precede o assassinato de Urias (2 Sm 11). O envolvimento de Amnom com Tamar vem seguido do assassinato dele (cap. 13) e o envolvimento de Absalão com as concubinas de Davi vem acompanhado do assassinato do próprio Absalão (caps. 15—19).

19. BAR-EFRAT, op. cit., p. 162.
20. Ibid., p. 169.

ESTRUTURA ASCENDENTE DE 1 JOÃO

Vocês têm várias testemunhas, / portanto, conhecem-no	5.13-21
Vocês têm fé nele, / portanto, têm várias testemunhas	5.6-12
Vocês crêem que Jesus é o Cristo, / portanto, sua fé vence o mundo	5.4, 5
Vocês têm o Espírito de Deus, / portanto, amem os irmãos e creiam que Jesus é o Cristo	4.7—5.3
Vocês amam os outros que nasceram dele, / portanto, provem os profetas para saber se seus espíritos vêm de Deus	4.1-6
Vocês são nascidos dele, / portanto, amem os outros que são nascidos dele	3.11-24
Vocês permanecem nele, / portanto, devem praticar a justiça, pois são nascidos dele	2.29—3.10
Vocês se amam uns aos outros, / portanto, estão nele, mas os anticristos não (estes se afastam, negam, enganam)	2.18-28
Andamos na luz, / portanto, devemos amar os irmãos	2.7-17
Temos comunhão com ele, / portanto, devemos andar na luz	1.5—2.6
Somos testemunhas do Verbo, / portanto, temos comunhão com ele	1.1-4

Um dos temas que se repetem no Evangelho de Marcos é a resistência crescente a Jesus. Marcos 2 faz menção de uma série de contestadores, cada um dos quais perguntou: "Por quê?" (vv. 7, 16, 18 e 24). A oposição ocorria porque Jesus perdoava pecados (v. 7), comia com pecadores (v. 16), não seguia a tradição do jejum (v. 18) e "quebrou" a tradição do sábado (v. 24).

Resumo

Como dissemos no início deste capítulo, a observação da qualidade literária da Bíblia ajuda a destacar sua beleza artística e a mostrar ao intérprete um retrato mais fiel das Escrituras e o modo como o conteúdo é transmitido.

capítulo sete

As figuras de linguagem

O professor de literatura inglesa W. MacNeile Dixon, da Universidade de Glasgow, escreveu em 1937:

> Se me perguntassem qual foi a maior força utilizada na formação da história [...] eu responderia [...] a linguagem figurada. Os homens vivem pela imaginação; a imaginação governa nossas vidas. A mente humana não é um foro de debates, como querem os filósofos, mas sim uma galeria de arte. [...] Elimine as metáforas [ou seja, a linguagem figurada] da Bíblia e seu espírito vivo se dissipará. [...] Os profetas, os poetas, os líderes são todos mestres da metáfora, e com ela cativam a alma humana.[1]

A Bíblia contém centenas de figuras de linguagem. E. W. Bullinger agrupou as figuras de linguagem da Bíblia em mais de 200 categorias e forneceu 8 000 exemplos bíblicos, sendo que o sumário ocupou 28 páginas para relacionar as 200 categorias![2]

Que é uma figura de linguagem?

As regras gramaticais determinam a função habitual das palavras. Em alguns casos, porém, o orador ou escritor põe essas regras de lado in-

1. Apud George S. HENDRY, Biblical metaphors and theological constructions, *Princeton Seminary Bulletin 2*: 258, 1979.
2. *Figures of speech used in the Bible: explained and illustrated,* London, Eyre e Spottiswoode, 1898; reimp., Grand Rapids, Baker, 1968, p. xix-xlvi.

tencionalmente a fim de empregar novas formas, as quais chamamos figuras de linguagem. Como escreveu Bullinger: "Uma figura é meramente uma palavra ou frase colocada de forma diferente de seu emprego ou sentido original e simples".[3] Quando dizemos: "Está chovendo forte", trata-se de uma afirmação normal, direta. Mas se dissermos: "Está chovendo canivetes", estaremos dizendo a mesma coisa, só que de uma maneira diferente, mais ilustrativa. Ou quando falamos: "A chaleira está fervendo", queremos dizer que é a água que está fervendo, não a chaleira.

Nas palavras de Sterrett: "Figura de linguagem é uma palavra ou frase utilizada para comunicar um sentido diferente do literal, verdadeiro".[4] Ele deu os seguintes exemplos de expressões figuradas na linguagem moderna: "Ninguém engole esse argumento"; "Apóie-se na Palavra de Deus" e "Morri de rir". No primeiro exemplo, o argumento não é algo que se consiga mastigar e engolir. A idéia é de que ele não convence. O segundo exemplo não está falando de usar a Bíblia fisicamente como ponto de apoio, mas sim de firmar-se em suas verdades de modo que estejamos convictos daquilo em que cremos. E, no terceiro, a idéia comunicada é de intensa alegria.

Quando João Batista exclamou "Eis o Cordeiro de Deus" (Jo 1.29), ele não estava apontando para um animal, mas sim para Jesus, o qual ele estava comparando a um cordeiro. As pessoas que ouviram aquelas palavras, assim como os leitores de hoje, enfrentam o desafio de procurar entender em que sentido Jesus era como um cordeiro. Como era costume dos judeus sacrificar cordeiros, sem a menor dúvida João estava pensando na morte vicária de Cristo por causa das pessoas e em lugar delas.

Em cada um desses exemplos, há certos aspectos que não correspondem ao sentido normal das palavras, embora a verdade continue sendo transmitida. Não é um bom argumento ("ninguém engole"), devemos viver e nos firmar nas verdades bíblicas ("apoiar-se na Bíblia"), rimos muito ("morrer de rir"), Jesus é um sacrifício de substituição ("o Cordeiro de Deus"). As figuras de linguagem expressam verdades de maneira viva, interessante.

Visto que a Bíblia contém tantas figuras de linguagem, é importante conhecê-las e saber que idéia transmitem.

3. Ibid., p. xv.
4. T. Norton STERRETT, *How to understand your Bible*, ed. rev., Downers Grove, InterVarsity, 1974, p. 93.

Por que se utilizam figuras de linguagem?

As figuras de linguagem acrescentam cor e vida

"O SENHOR é a minha rocha" (Sl 18.2) é uma forma colorida e viva de dizer que eu posso depender do Senhor, pois ele é forte e inabalável.

As figuras de linguagem chamam a atenção

O interesse do ouvinte ou do leitor desperta rapidamente quando ele se depara com a singularidade das figuras de linguagem. Isso é nítido, por exemplo, na advertência de Paulo, "Acautelai-vos dos cães..." (Fp 3.2), ou na afirmação de Tiago, "... a língua é fogo..." (Tg 3.6). Quando se faz uma comparação entre duas coisas que em condições normais não se assemelham nem são comparáveis, a reação é de surpresa. Os símiles e as metáforas, por exemplo, costumam ter esse caráter inesperado.

As figuras de linguagem tornam os conceitos abstratos ou intelectuais mais concretos

A frase "por baixo de ti estende os braços eternos" (Dt 33.27) certamente transmite uma idéia mais concreta do que a afirmação: "O Senhor cuidará de ti e te sustentará".

As figuras de linguagem ficam mais bem registradas na memória

A afirmação de Oséias "Como vaca rebelde se rebelou Israel..." (Os 4.16) é mais fácil de lembrar do que se ele tivesse escrito: "Israel é extremamente teimoso". Os escribas e os fariseus dificilmente esqueceriam as palavras de Jesus: "... sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de toda imundícia" (Mt 23.27). As figuras de linguagem são usadas em muitos

idiomas pelo fato de serem facilmente lembradas e deixarem impressões indeléveis.

As figuras de linguagem sintetizam uma idéia

Elas captam e comunicam a idéia de forma concisa. Devido a seu aspecto de forte realismo, não há necessidade de uma descrição completa. Elas dizem muito em poucas palavras. A famosa metáfora "o SENHOR é o meu Pastor" (Sl 23.1) transmite com brevidade muitas idéias sobre o relacionamento do Senhor com os seus.

As figuras de linguagem estimulam a reflexão

Seu brilho leva o leitor a parar e pensar. Quando lê Salmos 52.8 — "quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante, na casa de Deus..." — você é desafiado a meditar nas semelhanças que esse símile induz na mente. O mesmo acontece em Isaías 1.8: "A filha de Sião é deixada como choça na vinha, como palhoça no pepinal, como cidade sitiada".

Como saber se uma expressão apresenta sentido figurado ou literal?

Em geral, uma expressão está em sentido figurado quando destoa do assunto ou quando difere dos fatos, da experiência ou da observação. Quando um comentarista esportivo diz que os "Falcões" derrotaram os "Leões", sabemos que ele está-se referindo a dois times de futebol americano, e não que aves de rapina estejam atacando leões de verdade. As regras abaixo podem ajudar a identificar as figuras de linguagem.

1. Adote sempre o sentido literal de uma passagem, a menos que haja boas razões para não fazê-lo. Por exemplo, quando João disse que 144 000 serão selados — 12 000 de cada uma das 12 tribos de Israel — não há motivo para não respeitar o sentido normal, literal (Ap 7.4-8). No entanto, no versículo seguinte o apóstolo faz menção do "Cordeiro" (v. 9), o que,

obviamente, é uma referência a Jesus Cristo, não a um animal, como João 1.29 deixa claro.

2. O sentido é o figurado se o literal implicar uma impossibilidade. O Senhor disse para Jeremias que o havia colocado "por coluna de ferro, e por muros de bronze" (Jr 1.18). João também escreveu que Jesus segurava sete estrelas na mão direita (Ap 1.16). O Senhor não tem asas (Sl 57.1), nem a terra tem ouvidos ("... prestai atenção, ó terra...", Mq 1.2).

3. O sentido é o figurado se o literal for absurdo, como no caso de as árvores baterem palmas (Is 55.12).

4. Adote o sentido figurado se o literal sugerir imoralidade. Como seria um ato de canibalismo comer a carne de Jesus e beber seu sangue, é evidente que ele estava usando linguagem figurada (Jo 6.53-58).

5. Repare se uma expressão figurada vem acompanhada de uma explicação literal. Aqueles que "dormem" (1 Ts 4.13-15) logo em seguida são chamados de "os mortos" (v. 16). Quando Paulo disse que os efésios estavam "mortos" (Ef 2.1), não quis dizer que tinham morrido de verdade. O apóstolo explicou imediatamente que eles estavam mortos em suas "transgressões e pecados".

6. Às vezes uma figura é ressaltada por um adjetivo qualificativo, como "Pai celeste" (Mt 6.14), "o verdadeiro pão" (Jo 6.32), "a pedra que vive" (1 Pe 2.4).[5] Outras vezes uma locução adjetiva indica que o substantivo anterior não deve ser considerado no sentido literal. Na expressão "a espada do Espírito" (Ef 6.17), a locução "do Espírito" mostra que a espada deve ser entendida no sentido figurado. Exemplo parecido é "o bom combate da fé" (1 Tm 6.12).

A linguagem figurada é o oposto da interpretação literal?

Na seção que acabamos de ver, talvez pareça que a palavra *figurado* foi empregada em sentido oposto ao do termo *literal*. No tópico 2 acima, escrevi: "O sentido é o figurado se o literal implicar uma impossibilidade". Todavia, esta e outras afirmações semelhantes não devem ser entendidas como se a linguagem figurada não transmitisse a verdade literal. Esse estilo,

5. G. B. CAIRD, *The language and imagery of the Bible*, Philadelphia, Westminster, 1980, p. 188.

como já vimos, consiste numa forma original, fora do comum, de expor fatos literais que poderiam ser expressos da maneira normal, direta, comum. Dizer que "ninguém engole o argumento" é uma forma invulgar de dizer: "O argumento é fraco". As duas afirmações expõem um fato *literal*. Uma o faz com estilo figurado; a outra, com o sentido normal. Ou seja, conforme disse Radmacher: "Por trás de cada figura de linguagem existe um sentido literal, que deve ser verificado por meio da exegese histórico-gramatical do texto".[6] Se eu disser: "Ele vira bicho quando isso acontece", o sentido pretendido de "bicho" não seria o normal. Trata-se na verdade de uma expressão figurada que comunica um fato literal — que a pessoa ficou irada (é claro que ninguém pode se transformar num animal).

O estilo figurado é uma forma colorida de comunicar a verdade literal. Como explicou Mounce: "Um escritor pode transmitir seu pensamento por meio de palavras empregadas em seu sentido denotativo direto como pode também escolher um caminho mais agradável — o da linguagem figurada. Mas uma coisa precisa ficar clara: em qualquer um dos casos, o sentido literal é o mesmo. [...] Uma interpretação só é literal quando corresponde ao que o autor quis dizer".[7]

Assim, a linguagem figurada não é a antítese da interpretação literal; é sua componente. Talvez seja melhor não falar em termos de interpretação "figurada *versus* literal", e sim de interpretação "literal-comum *versus* literal-figurada".[8] Portanto, neste livro, *figurado* significa literal-figurado, e *literal*, literal-comum. Esses dois elementos fazem parte da interpretação literal, na acepção comum da expressão. Em vez de dizermos que o sentido figurado é o oposto do literal, talvez seja melhor dizer: "o sentido literal-comum é a antítese do literal-figurado", entendendo que são duas formas legítimas de comunicar as verdades literais — verdades que devem ser interpretadas no seu sentido normal, histórico, gramatical, sem lhes atribuir um sentido que não foi pretendido. Esse conceito é ilustrado no esquema a seguir.

6. Earl D. RADMACHER, The current status of dispensationalism and its eschatology, In: Kenneth S. KANTZER & STANLEY M. GUNDRY, eds., *Perspectives on evangelical theology*, Grand Rapids, Baker, 1979, p. 167.
7. Robert MOUNCE, How to interpret the Bible, *Eternity* 21, May 1963.
8. Radmacher fala de "literal-puro" e "literal-figurado" ("The current status of dispensationalism and its eschatology", p. 167).

Literal-comum	Literal-figurado
• Emprego normal, direto, comum • Fatos literais expostos claramente	• Emprego pitoresco, fora do comum • Fatos literais expostos de forma figurada
Interpretação "literal" (histórica, gramatical)	

Toda figura de linguagem depende de expressões literais-comuns. Quando Pedro escreveu: "O diabo [...] anda em derredor, como leão que ruge..." (1 Pe 5.8), a legitimidade dessa analogia figurada depende de um mínimo de entendimento a nosso respeito de leões. O mesmo se aplica a tipos, símbolos, parábolas, alegorias e fábulas.[9]

Paul Tan usa as palavras *normal* e *habitual* em referência à interpretação literal. "Interpretar a Bíblia no sentido literal consiste simplesmente em explicar o sentido original de acordo com a utilização normal, habitual da linguagem nela contida."[10]

A verdadeira antítese se dá entre o que os reformadores chamavam de interpretação literal (histórica, gramatical) e interpretação alegórica, a qual foi amplamente divulgada durante séculos na Idade Média e que via nas Escrituras passagens de significado secreto, místico. O capítulo 2 trata dessas diferenças e dos problemas da alegorização.

Alguns tipos de figuras de linguagem

As figuras de linguagem que encerram comparação

Muitas figuras de linguagem que encerram comparação são tiradas de elementos da natureza (chuva, água, fogo, solo, flores, árvores, animais, *etc.*). Já outras falam de utensílios humanos (cerâmica, túmulos, ves-

9. Bernard RAMM, *Protestant biblical interpretation*, 3. ed. rev., Grand Rapids, Baker, 1970, p. 124.
10. Paul Lee TAN, *Literal interpretation of the Bible*, Rockwille, Assurance Publishers, 1978, p. 15.

timentas) e outras ainda referem-se às experiências do homem (nascimento, morte, guerra, música).

1. *Símile*. É uma comparação em que uma coisa lembra outra explicitamente (usando *como, assim como, tal qual, tal como*). Pedro usou um símile quando escreveu: "... toda carne é como a erva..." (1 Pe 1.24). As palavras do Senhor em Lucas 10.3 são um símile: "... Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos". Também existem símiles no salmo 1: "Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas" (v. 3) e "são [...] como a palha" (v. 4). A dificuldade dos símiles é descobrir as semelhanças entre os dois elementos. Em que aspecto o homem é como a erva? Em que sentido os discípulos de Jesus eram como cordeiros? De que forma o cristão é como uma árvore e o ímpio como a palha?

2. *Metáfora*. É uma comparação em que um elemento é, imita ou representa outro (sendo que os dois são essencialmente diferentes).[11] Numa metáfora, a comparação está implícita, ao passo que num símile é visível. Uma pista para identificar uma metáfora é que os verbos "ser" e "estar" sempre são empregados. Temos um exemplo disso em Isaías 40.6: "Toda a carne é erva". Note que essa frase difere daquela de 1 Pedro 1.24: "... toda carne é como a erva". (Um símile sempre traz a conjunção *como* ou outras.) O Senhor disse para Jeremias: "O meu povo tem sido ovelhas perdidas" (Jr 50.6). O Senhor comparou seus seguidores ao sal: "Vós sois o sal da terra" (Mt 5.13). Eles não eram sal de verdade; estavam sendo comparados ao sal. Quando Jesus afirmou: "Eu sou a porta" (Jo 10.7, 9), "Eu sou o bom pastor" (vv. 11, 14) e "Eu sou o pão da vida" (6.48), ele estava fazendo comparações. Em certos aspectos, ele é como uma porta, como um pastor e como um pão. O leitor é levado a pensar de que forma Jesus assemelha-se a tais elementos.

3. *Hipocatástase*. Esta figura de linguagem, não tão conhecida, também faz uma comparação em que a semelhança é indicada diretamente. Quando Davi disse: "Cães me cercam..." (Sl 22.16), estava referindo-se a seus

11. "Existe na metáfora alguma característica comum a ambas as partes, a qual, normalmente, não é reconhecida como comum" (Peter COTTERELL & Max TURNER, *Linguistics and biblical interpretation*, Downers Grove, InterVarsity, 1988), p. 301.

inimigos, chamando-os cães. Os falsos mestres também são chamados cães, em Filipenses 3.2, e lobos vorazes, em Atos 20.29. As diferenças entre um símile, uma metáfora e uma hipocatástase podem ser identificadas nas seguintes frases:

Símile: "Vocês, ímpios, são como cães."
Metáfora: "Vocês, ímpios, são cães."
Hipocatástase: "Seus cães."

Em João 1.29, João Batista fez uso de uma hipocatástase: "... Eis o Cordeiro de Deus...". Se ele tivesse dito: "Jesus é como um Cordeiro", estaria usando um símile. Mas se tivesse dito: "Jesus é um Cordeiro", estaria usando uma metáfora. Quando Cristo disse a Pedro: "... Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21.17), ele chamou seus seguidores de ovelhas, usando uma hipocatástase.

O contexto precisa ser avaliado para saber o que a hipocatástase representa. Por exemplo, Jeremias disse: "... um leão subiu da sua ramada" (Jr 4.7). O contexto deixa claro que o leão refere-se à Babilônia.

Cada um dos sete versículos seguintes é um símile, uma metáfora ou uma hipocatástase. Escreva nas linhas em branco o tipo de figura de linguagem correspondente a cada um deles.

Isaías 53.6: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas..." _____

Salmos 84.11: "Porque o SENHOR Deus é sol e escudo..." _____

2 Pedro 2.17: "Esses tais são como fonte sem água, como névoa impelidas por temporal..." _____

João 2.19: "Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei." _____

Isaías 57.20: "Mas os perversos são como o mar agitado..." _____

Salmos 23.1: "O SENHOR é o meu pastor..." _____

Salmos 1.3: "Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas..." _____

As figuras de linguagem que encerram substituição

4. *Metonímia.* A metonímia consiste em substituir uma palavra por outra. Quando dizemos que o Congresso tomou uma decisão, estamos referindo-nos a deputados e senadores. Substituímos os deputados e os senadores pela estrutura política que dirigem. Na afirmação: "A pena é mais forte do que a espada", queremos dizer que o que se escreve (a pena) surte mais efeito do que o poderio militar (a espada).

Na Bíblia, existem pelo menos três tipos de metonímia.

a. A causa é usada em lugar do efeito. Os opositores de Jeremias disseram: "... Vinde, firamo-lo com a língua..." (Jr 18.18). Como seria absurdo produzir ferimentos com a língua, é óbvio que eles estavam referindo-se a palavras. A língua era a causa, e as palavras, o efeito. Repare também em Provérbios 12.18: "... a língua dos sábios é medicina". Atos 11.23 fala de Barnabé: "... e, vendo a graça de Deus..."; o sentido aqui só pode ser que ele testemunhou o efeito da graça de Deus, ou seja, a mudança de estilo de vida verificada nos cristãos de Antioquia.

b. O efeito é usado em lugar da causa. Davi disse: "Eu te amo, ó SENHOR, força minha" (Sl 18.1). A força (efeito) é empregada em lugar da causa (o Senhor).

c. O objeto é empregado em lugar de outro semelhante ou que está a ele relacionado. Quando Paulo disse: "Não podeis beber o cálice do Senhor..." (1 Co 10.21), estava referindo-se ao conteúdo do cálice, não ao cálice em si. Quando o Senhor disse para Oséias que "a terra se prostituiu, desviando-se do SENHOR" (Os 1.2), a menção da terra diz respeito à população. As palavras "Então saíam a ter com ele Jerusalém..." (Mt 3.5) assinalam o fato de que os habitantes de Jerusalém saíam a seu encontro; o local substituiu os cidadãos. Certas versões, como a do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, tentam deixar isso claro traduzindo assim: "Então começaram a ir ter com ele de Jerusalém...". A palavra *olhos* está intimamente ligada à maneira como uma pessoa vê as coisas ou à sua percepção, como em: "O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto" (Pv 12.15). Quando Jesus disse: "se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir" (Mc 3.25), é claro que ele não estava falando de uma casa de verdade; referia-se à família que mora na casa. O "leito sem mácula" (Hb 13.4) é uma metonímia que fala de relações conjugais. Em Mateus 15.8, que representa a metonímia "lábios"?

5. *Sinédoque*. É a substituição da parte pelo todo, ou do todo pela parte. César Augusto emitiu um decreto de que deveria ser feito o censo de "todo o mundo" (Lc 2.1; ARC). Ele falou do todo, mas estava referindo-se apenas a uma parte — o Império Romano. É óbvio que Provérbios 1.16 — "... os seus pés correm para o mal..." — não significa que somente os pés deles correm. Os pés são a parte que representa o todo — eles.

A palavra *grego*, em Romanos 1.16, diz respeito a todos os gentios. O Senhor disse: "... eu chamo a espada sobre todos os moradores da terra..." (Jr 25.29). A espada é a parte que representa o todo — uma catástrofe. Priscila e Áqüila "arriscaram as suas próprias cabeças" (Rm 16.4) por Paulo. Nesta sinédoque, "suas cabeças", a parte representa suas vidas, o todo.

6. *Merisma*. É um tipo de sinédoque em que a totalidade ou o todo é substituído por duas partes contrastantes ou opostas. Quando o salmista escreveu: "Sabes quando me assento e quando me levanto..." (Sl 139.2), ele não estava limitando o conhecimento do Senhor aos momentos em que ele se sentava e se levantava. Pelo contrário, estava dizendo que o Senhor conhecia todos os seus movimentos.

7. *Hendíade*. Consiste na substituição de um único conceito por dois termos coordenados (ligados por "e") em que um dos elementos define o outro. A palavra *hendíade* vem do grego *hen* (um), *dia* (por meio de) e *dis* (duplo). "O sacrifício e serviço", de Filipenses 2.17, deve significar "serviço com sacrifício". Da mesma forma, quando os apóstolos falaram deste "ministério e apostolado", estavam referindo-se a este "ministério apostólico" (At 1.25).

8. *Personificação*. O que ocorre aqui é a atribuição de características ou ações humanas a objetos inanimados, a conceitos ou a animais. A alegria é uma emoção atribuída ao deserto, em Isaías 35.1: "O deserto e a terra se alegrarão...". Isaías 55.12 fala de montes e outeiros entoando cânticos e de árvores batendo palmas. A morte personifica-se em Romanos 6.9 e em 1 Coríntios 15.55.

9. *Antropomorfismo*. Consiste na atribuição de qualidades ou ações humanas a Deus, como ocorre nas referências aos dedos de Deus (Sl 8.3), a seus ouvidos (31.2) e a seus olhos (2 Cr 16.9).

10. *Antropopatia.* Esta figura de linguagem atribui emoções humanas a Deus, como vemos em Zacarias 8.2: "... Tenho grandes zelos de Sião".

11. *Zoomorfismo.* Se o antropomorfismo atribui características humanas a Deus, o zoomorfismo atribui características animais a Deus (ou a outros). São maneiras expressivas e originais de salientar certos atos e qualidades do Senhor. O salmista disse: "[Deus] Cobrir-te-á com as suas penas, sob suas asas estarás seguro..." (Sl 91.4). A imagem que vem à mente dos leitores é de pintinhos ou passarinhos protegidos debaixo das asas da galinha ou do pássaro-mãe. Jó descreveu o que considerou ser a ira de Deus contra ele quando disse: "[Deus] contra mim rangeu os dentes..." (Jó 16.9).

12. *Apóstrofe.* Consiste numa referência direta a um objeto como se fosse uma pessoa, ou a uma pessoa ausente ou imaginária como se estivesse presente. Na personificação, o escritor fala de um objeto como se fosse uma pessoa, enquanto na apóstrofe ele fala com o objeto como se fosse uma pessoa. Quando o salmista falou com o mar: "Que tens, ó mar, que assim foges?..." (Sl 114.5), empregou uma apóstrofe. Mas, num versículo anterior, quando falou sobre o mar ("o mar viu isso, e fugiu", v. 3), fez uso da personificação. Às vezes os profetas convocavam a terra para servir de testemunha do pecado de Israel e de outras nações. Miquéias fala diretamente à terra, em Miquéias 1.2: "Ouvi, todos os povos, prestai atenção, ó terra...". Em Salmos 6.8, o salmista fala como se seus inimigos estivessem presentes: "Apartai-vos de mim, todos os que praticais a iniqüidade...".

13. *Eufemismo.* Consiste na substituição de uma expressão desagradável ou injuriosa por outra inócua ou suave. Falamos da morte mediante eufemismos: "ele passou para o outro lado", "bateu as botas" ou "foi para uma melhor". A Bíblia fala da morte dos cristãos como um adormecimento (At 7.60; 1 Ts 4.13-15).

As figuras de linguagem que encerram omissão ou supressão

14. *Elipse.* É a omissão de uma palavra ou palavras cuja falta deixa incompleta a estrutura gramatical. Às vezes um adjetivo ligado a um substantivo vem substituir ambos. Em português "a capital" significa "a cidade capital". "Os doze" representa "os doze apóstolos" (1 Co 15.5). Em 2 Timóteo 4:18, temos, literalmente: "O Senhor [...] me preservará para o seu reino celestial". A idéia parece ser que o Senhor preservaria Paulo e o conduziria para seu reino celestial. As palavras "me levará" precisam ser introduzidas pelo leitor para completar a estrutura gramatical da frase.

15. *Zeugma.* Consiste na associação de dois substantivos a um mesmo verbo, quando pela lógica o verbo só pede um substantivo. A tradução literal de Lucas 1.64 diz assim: "Sua boca se abriu e sua língua". Mas as versões em nosso idioma acrescentaram "desimpedida" antes de "língua", para que ficasse mais bem escrito.

16. *Reticência.* É uma interrupção repentina do discurso, como se o orador não tivesse podido terminá-lo. Moisés, ao confessar os pecados do povo, disse: "Agora, pois se perdoasses o seu pecado... Se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste" (Êx 32.32, BJ). Ele não concluiu o pensamento na primeira parte da frase ("agora, pois se perdoasses o seu pecado"), provavelmente por ter ficado emocionado. Paulo não concluiu o pensamento em Efésios 3.1, 2: "Por essa razão, eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo por amor de vós, os gentios... Certamente sabeis da dispensação da graça...". O Senhor também interrompeu uma frase quando chorou por Jerusalém (Lc 19.42). Deve ter sido a emoção do momento que o levou a interromper a declaração.

17. *Pergunta retórica.* Uma pergunta retórica é aquela que não exige resposta; seu objetivo é forçar o leitor a respondê-la mentalmente e avaliar suas implicações. Quintiliano (35-100 d.C.), retórico romano, afirmou que as perguntas retóricas aumentam a força e a irrefutabilidade da prova. Quando Deus perguntou para Abraão: "Acaso para Deus há cousa demasiadamente difícil?..." (Gn 18.14), ele não esperava ouvir uma resposta. A intenção era

que o patriarca a respondesse mentalmente. O mesmo aconteceu quando o Senhor perguntou a Jeremias: "... acaso haveria cousa demasiadamente maravilhosa para mim?" (Jr 32.27). Paulo fez uma pergunta retórica em Romanos 8.31: "... Se Deus é por nós, quem será contra nós?". Essas perguntas retóricas são formas de transmitir informações. As primeiras duas perguntas indicam que nada é impossível para Deus, e a indagação de Paulo em Romanos 8.31 diz que ninguém pode vencer o cristão, pois Deus o defende.

Às vezes uma pergunta retórica dirige-se justamente a quem a fez, como acontece em Lucas 12.17, quando o homem rico pensou consigo mesmo: "... Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos?". Quando Jesus perguntou às multidões: "... Saístes com espadas e cacetes para prender-me, como a um salteador?" (Mt 26.55), a pergunta tinha por objetivo fazê-los entender que ele *não* era um salteador. As indagações a seguir pedem uma resposta negativa: "Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir [...] um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra? Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião?" (Lc 11.11, 12). Certas perguntas retóricas repreendem ou admoestam, outras exprimem surpresa, outras ainda visam a chamar atenção.

Que tipo de afirmação está implícito em cada uma das perguntas retóricas abaixo?

"Como pode Satanás expelir a Satanás?" (Mc 3.23) _____

_____

"Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do alqueire, ou da cama?" (4.21) _____

_____

"tendo olhos, não vedes? e, tendo ouvidos, não ouvis?" (8.18) _____

_____

"Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido?" (1 Co 12.17)____

_____

Às vezes se faz uma pergunta com o fim da repreensão. Elas também levam os ouvintes ou leitores a pensar. Por exemplo, Jesus perguntou aos discípulos: "...Por que sois assim tímidos? como é que não tendes fé?" (Mc 4.40). Ele os repreendeu com essas perguntas por estarem com medo e não terem fé. As palavras de Jesus para os sonolentos discípulos no Getsêmani

— "... Ainda dormis e repousais!..." (14.41) — foram uma repreensão pelo fato de estarem dormindo. Quando se interpreta a Bíblia, é importante estar atento às perguntas retóricas, e reparando como estão sendo empregadas e que idéias transmitem.

Figuras de linguagem que encerram exageros ou atenuações

18. *Hipérbole.* É uma afirmação exagerada em que se diz mais do que o significado literal com o objetivo de ênfase. Quando 10 dos espias israelitas apresentaram o relatório da incursão à Canaã, disseram: "... as cidades são grandes e fortificadas até aos céus..." (Dt 1.28). É claro que eles não estavam afirmando que as muralhas das cidades de Canaã realmente chegavam aos céus; estavam apenas dizendo que eram descomunalmente altas.

O salmista valeu-se da hipérbole para acrescentar ênfase quando escreveu: "... todas as noites faço nadar o meu leito, de minhas lágrimas o alago" (Sl 6.6). A *Bíblia de Jerusalém* expressa a idéia da hipérbole numa linguagem um pouco mais literal: "... de noite eu choro na cama, banhando meu leito com lágrimas". Até mesmo esse linguajar mais suave, porém, é hiperbólico. Davi estava chorando muito, mas com certeza não a ponto de sua cama nadar ou ficar encharcada. Em Salmos 119.136 acontece algo parecido: "Torrentes de água nascem dos meus olhos...". É claro que dos olhos dele não saía nenhuma torrente de água. Ele estava tão triste que chorava muito.

Referindo-se ao pecaminoso Israel, o profeta Miquéias indagou: "Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros? de dez mil ribeiros de azeite?..." (Mq 6.7). O que Miquéias desejava, ao utilizar essa hipérbole numa pergunta retórica, era deixar claro que, por mais azeite que o povo oferecesse a Deus, seus pecados não seriam expiados. Depois de Davi haver matado Golias, as mulheres de Israel vieram ao encontro do rei Saul cantando: "... Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares" (1 Sm 18.7). É evidente que Davi não tinha matado dez vezes mais pessoas que Saul; Davi só havia matado uma pessoa. No entanto, a derrota de Golias foi relatada por meio de uma hipérbole que ressaltava o grande significado daquela vitória contra o gigante filisteu.

Ao chorar por Saul e por Jônatas, Davi disse que eles "Eram mais ligeiros do que as águias, mais fortes do que os leões" (2 Sm 1.23). Ninguém consegue correr mais rápido do que uma águia em vôo nem ser mais forte fisicamente que um leão. Portanto, é óbvio que Davi estava usando hipérboles para destacar a velocidade e a força de Saul e de Jônatas nas batalhas. Essa linguagem gráfica produz grande impacto nos leitores.

Por acaso Jesus quis dizer que os escribas e fariseus realmente coavam mosquitos e engoliam camelos? (Mt 23.24) Não. A questão é a seguinte: enquanto os fariseus se preocupavam com pormenores insignificantes da lei, à semelhança da retirada cuidadosa de um mosquito de um líquido, eles negligenciavam aspectos muito maiores, bem mais importantes da mesma lei (v. 23), como a justiça, a misericórdia e a fidelidade, como se estivessem facilmente engolindo um camelo!

Vejamos a seguir outros exemplos de hipérboles: "Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR, Deus dos céus, me deu todos os reinos da terra" (2 Cr 36.23); "pois, que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mt 16.26). O pai do filho pródigo disse para o filho mais velho: "... esse teu irmão estava morto e reviveu..." (Lc 15.32); e Jesus disse: "... tira primeiro a trave do teu olho" (Lc 6.42). É claro que Ciro não governava sobre todos os reinos, que ninguém pode ganhar o mundo inteiro, que o filho pródigo não tinha morrido nem ressuscitado e que não se pode tirar uma trave do olho de alguém. Essas hipérboles, porém, realmente chamam a atenção e dão ênfase.

As hipérboles são um erro? Seu uso condiz com a inerrância das Escrituras? Se os autores que empregaram hipérboles estavam dizendo mais do que pretendiam, devemos entender isso como erro? Não. As hipérboles não refletem erros, pois, como vimos nos exemplos acima, em geral o leitor as entende imediatamente como afirmações exageradas que visam à ênfase e ao impacto. Assim sendo, ele não fica confuso.

As hipérboles são recursos literários para refletir o que os escritores queriam transmitir. Quando Davi disse que Saul e Jônatas "eram mais ligeiros do que as águias", estava expressando com exatidão a idéia de que o antigo rei de Israel e seu filho costumavam ser ágeis nas batalhas. Além disso, a *idéia* expressa pela hipérbole corresponde à realidade. Saul e Jônatas eram realmente ágeis e velozes.

Com angústia e frustração, Jó replicou a seus amigos: "Já dez vezes me vituperastes..." (Jó 19.3). Mas os amigos só lhe haviam falado cinco vezes

— Elifaz nos capítulos 4, 5 e 15, Bildade nos capítulos 8 e 18 e Zofar no capítulo 11. Será que Jó estava enganado e o versículo 3 do capítulo 9 contém um erro? Não, não há engano quando se entende que a hipérbole que Jó usou indica que seus amigos o haviam insultado muitas vezes. Existem quatro outras ocorrências da expressão "dez vezes" no Antigo Testamento. Jacó disse para ou de Labão: "... por dez vezes me mudou o salário..." (Gn 31.7, 41). O Senhor disse a Moisés que os filhos de Israel o "puseram à prova já dez vezes..." (Nm 14.22) Neemias disse a respeito dos judeus: "... dez vezes nos disseram: De todos os lugares onde moram subirão contra nós" (Ne 4.12). Nabucodonosor achou Daniel e seus três amigos "dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino" (Dn 1.20). Essas hipérboles, que não devem ser entendidas ao pé da letra, exprimem com exatidão a verdade pretendida com as afirmações. Quando uma mãe briga com o filho rebelde, dizendo-lhe: "Já lhe disse dez mil vezes que arrumasse o quarto", ela quer dizer "inúmeras vezes", e não mil multiplicado por dez. O que ela disse não está errado; ela falou uma verdade de forma exagerada para dar ênfase ao que queria dizer.

19. *Litotes*. Consiste numa frase suavizada ou negativa para expressar uma afirmação. É o oposto da hipérbole. Quando dizemos "Ele não é um mau pregador", queremos dizer que ele é um pregador muito bom. A atenuação confere ênfase. Quando Paulo disse "... Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante..." (At 21.39), quis dizer que Tarso era na realidade uma cidade importante.

Às vezes uma litotes é uma frase de depreciação, como vemos em Números 13.33: "Éramos aos nossos próprios olhos como gafanhotos, e assim também o éramos aos seus olhos". Lucas empregou esse recurso várias vezes. Ele comentou que "houve não pouco alvoroço entre os soldados" (At 12.18), "não pouco lucro" (19.24, ARC), "não pequena tempestade" (27.20, ARC), e que Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia "não pouco tempo" (14.28). Paulo depreciou a si mesmo com uma litotes, em 1 Coríntios 15.9: "Porque eu sou o menor dos apóstolos...". Essa declaração de autêntica humildade foi feita para salientar a graça de Deus em sua vida, como pecador que não a merecia (veja o v. 10).

20. *Ironia*. A ironia é uma forma de ridicularizar indiretamente sob a forma de elogio. Com freqüência vem marcada pelo tom de voz de quem

fala, para que os ouvintes a percebam. Por isso, às vezes é difícil saber se uma declaração escrita deve ser considerada ironia. Mas normalmente o contexto ajuda a mostrar se é ou não uma ironia. Mical, a filha de Saul, disse a Davi: "... Que bela figura fez o rei de Israel..." (2 Sm 6.20). O versículo 22 indica que o sentido pretendido era o oposto, ou seja, que ele havia-se humilhado ao agir de maneira indigna, no entender de Mical. Às vezes a ironia vem acompanhada de humor, como no caso em que Elias zombou dos profetas de Baal: "... Clamai em altas vozes, porque ele é deus!" (1 Rs 18.27). É claro que Elias não acreditava que o falso deus Baal realmente existisse. Ele fez um elogio a Baal em tom de ironia para incitar os profetas a orarem ainda mais alto. Isso reforçou o fato de que aquele deus falso, ao contrário de Iavé, o Deus verdadeiro, nem sempre ouvia seus adoradores.

Em Jó 12.2, as palavras de Jó a seus três opositores estavam carregadas de ironia: "Na verdade, vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria". Aparentemente, a impressão é de que se trata de um elogio aos três amigos, por serem tão sábios. Já que possuíam toda a sabedoria do mundo, quando morressem, cessaria a sabedoria. Contudo, os outros comen- tários que Jó fez aos amigos, quando os criticou por desconhecerem suas circunstâncias, mostram que no versículo 2 a intenção não era elogiar, mas sim ridicularizar.

Jó queixou-se de que os amigos não o ajudaram. Eles não mostraram a menor solidariedade. Portanto, é claro que falou em tom irônico com Bildade: "Como sabes ajudar ao que não tem força! e prestar socorro ao braço que não tem vigor! Como sabes aconselhar ao que não tem sabedoria! e revelar plenitude de verdadeiro conhecimento!" (26.2, 3).

Quando Jesus disse aos fariseus e aos escribas "... Jeitosamente..." (Mc 7.9), parece que estava começando a fazer um elogio. Mas o resto da frase mostra que estava na verdade ridicularizando-os. Assim, a frase inteira é uma ironia: "... Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição".

Paulo também usou de ironia. Em 1 Coríntios 4.8, escreveu: "... chegastes a reinar", mas na frase seguinte acrescenta: "... oxalá reinásseis...". A primeira frase é sem dúvida irônica. Também escreveu com ironia: "... vós [sois] sábios em Cristo..." (v. 10). O apóstolo voltou a fazer uso do estilo irônico ao dirigir-se aos crentes de Corinto, em 2 Coríntios 11.19. O que parecia ser um elogio — "porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos" — não passava de ridicularização e crítica. Eles se consideravam sábios quando na realidade não eram. Sua falta de

sabedoria evidenciava-se no fato de que "toleravam os insensatos", ou seja, os falsos apóstolos mencionados no versículo 13. O ferrão da ironia é evidente em cada um desses exemplos.

Leia Amós 4.4, 5 e pondere a seguinte pergunta: por que Amós disse que os israelitas fossem pecar em Betel e pecar ainda mais em Gilgal? Por que lhes disse que levassem os sacrifícios e se vangloriassem disso? Com certeza ele não estava incentivando o pecado e o orgulho. Qual era o objetivo dessas expressões de ironia?

Os casos acima são exemplos de ironia verbal. Outro tipo de ironia é a dramática. Essa diz respeito a uma situação oposta à que se espera ou à que deve ser. Por exemplo, uma ironia dramática é o fato de Eliú — mais jovem que Jó e seus três amigos — aparentemente ter maior percepção da situação de Jó do que os três senhores. Isso contraria as expectativas. E também, depois de lermos sobre a integridade de Jó (Jó 1.1, 8; 2.3), ficamos alarmados quando vemos as calamidades por que passou. Parece justamente o oposto do que o leitor acharia por certo encontrar.

Na ironia dramática, o leitor ainda toma conhecimento de certos fatos que as personagens sabidamente desconhecem. Isso se demonstra no fato de o leitor saber que Satanás estava por trás das tragédias que sucederam a Jó, quando ele próprio não o percebia. Caifás, o sumo sacerdote, disse ao Sinédrio: "nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não venha a perecer toda a nação" (Jo 11.50). Quem lê o evangelho de João percebe que Caifás estava falando além de seu próprio entendimento.

Assuero perguntou a Hamã: "... Que se fará ao homem a quem o rei deseja honrar?" (Et 6.6). "A pergunta que o rei Assuero fez a Hamã foi irônica, visto que a intenção era fazê-lo pensar que o rei estava falando dele, quando na verdade estava pensando em Mordecai (v. 6)."[12]

Os termos *ironia* e *sarcasmo* costumam ser usados indistintamente, porque a ironia em geral apresenta um tom de sarcasmo. Mas normalmente o sarcasmo é mais forte. Por ser mais ácido, é próprio de ofensas, da crítica mordaz. Já a ironia é uma forma mais sutil de ridicularizar.[13]

12. Ibid., p. 134.
13. Desejando obter mais detalhes sobre o tema, veja Edwin M. GOOD, *Irony in the Old Testament*, Philadelphia, Westminster Press, 1965, R. Alan CULPEPPER, *Anatomy of the fourth gospel*, Philadelphia, Fortress, 1983 e Paul D. DUKE, *Irony in the fourth gospel*, Atlanta, John Knox, 1985.

21. *Pleonasmo*. Consiste na repetição de palavras ou no acréscimo de palavras semelhantes, que em nossa língua parecem redundantes. Jó disse para Deus: "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi" (Jó 42.5, ARC). Nesta figura de linguagem, as palavras *ouvir*, *ouvidos* e *ouvi* são uma redundância na língua culta. Por isso a ARA traduz assim o versículo: "Eu te conhecia só de ouvir". No grego, Atos 2.30 quer dizer literalmente "Deus lhe havia jurado com juramento". Como para nós seria uma repetição desnecessária, a ARA diz: "... Deus lhe havia jurado...". Outro exemplo é a afirmação de Mateus de que os sábios "alegraram-se com grande e intenso júbilo" (Mt 2.10). A idéia é que estavam exultantes. "Ele respondeu e disse" é um pleonasmo, como também é "elevou os olhos e viu".

Figuras de linguagem que encerram incoerências

22. *Oxímoro*. Consiste na combinação de termos opostos ou contraditórios. O termo *oxímoro* vem de duas palavras gregas: *oxus* ("esperto") e *moros* ("burro"). Como alguns exemplos, temos: "silêncio eloqüente", "covarde valentia", "inocente culpa" e "cópia original". No primeiro exemplo, apesar de o silêncio não ter eloqüência, está tão evidente que é como se tivesse. Pedro fez menção das "dores de parto da morte" de Jesus (grego literal, At 2.24; a ARA registra "grilhões da morte"). Em outras palavras, a morte de Jesus foi tão dolorosa quanto um parto. Apesar de "dores de parto" e "morte" serem experiências opostas raramente associadas, são aqui relacionadas para retratar com maior força a morte do Senhor.

A "glória" dos inimigos de Cristo está "na sua infâmia" (Fp 3.19). Glória e infâmia normalmente não se associam, mas Paulo utilizou esta combinação na frase para retratar com vividez o fato de que eles se gabavam de coisas das quais deviam envergonhar-se. "Sacrifícios vivos" (Rm 12.1) é mais um oxímoro bíblico.

23. *Paradoxo*. Paradoxo é uma afirmação aparentemente absurda ou contrária ao bom senso. Um paradoxo não é uma contradição; é simplesmente algo que parece ser o oposto do que em geral se sabe. Parece um paradoxo o fato de Jesus dizer: "... quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á" (Mc 8.35). Geralmente, quando alguém perde alguma coisa, não a salva ao mesmo tempo. É claro que Jesus falou desse

modo para enfatizar que, quando alguém faz sacrifícios por ele, de fato experimenta uma vida mais completa e agradável.

Figuras de linguagem que encerram sonoridade

24. *Paronomásia.* Consiste no emprego das mesmas palavras ou de palavras de sons semelhantes para produzir sentidos diferentes. Uma paronomásia às vezes é chamada de "jogo de palavras" ou "trocadilho".

Jesus disse para certa pessoa: "... Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos" (Mt 8.22). "Mortos" aqui tem dois sentidos: o primeiro significa aqueles que estão espiritualmente mortos, e o segundo, os que experimentaram a morte física. A palavra *casa* é utilizada de duas formas em 2 Samuel 7. Davi queria construir uma casa para o Senhor (v. 5, um templo). Deus disse-lhe que ele não teria essa oportunidade, mas que ele próprio haveria de construir-lhe uma casa, ou seja, a dinastia de Davi (v. 11).

Miquéias fez uso de uma série de jogos de palavras, em Miquéias 1.10-15. Ele disse para os moradores do vilarejo de Bete-Le-Afra: "... revolvei-vos no pó" (v. 10), como expressão da tristeza do povo. O interessante é que Afra significa pó. Eles deveriam experimentar o significado do nome do vilarejo. Isaías utilizou palavras de sons parecidos para produzir um impacto verbal nos ouvintes ou leitores de Isaías 5.7. O Senhor buscava "juízo" (*mishpoṭ*), mas viu "matança" (*miśpoḥ*), e, em vez de "justiça" (*ts^{e}dāqâ*), havia "sofrimento" (*ts^{e}āqâ*). Esses pares de palavras são marcantes não apenas porque têm sons semelhantes, mas porque apresentam sentidos diametralmente opostos.

Às vezes os autores do Novo Testamento empregavam palavras que começavam com as mesmas letras. Chama-se a isso aliteração. Lucas 21.11 fala de fome (*loimoi*) e epidemias (*limoi*). Em Romanos 1.29, Paulo aproximou duas palavras gregas de sons semelhantes: "possuídos de inveja" (*phthonou*) e "homicídio" (*phonou*). Ele também escreveu (v. 31) que os ímpios são "insensatos" (*asynētous*) e "pérfidos" (*asynthētous*).

No grego, as palavras "irrepreensíveis", "sinceros" e "inculpáveis" (Fp 2.15) começam com as mesmas letras: *amemptoi, akeraioi, amōma.* A aliteração de *kopos* ("trabalho") e *kenos* ("vão"), em 1 Coríntios 15.58 ("no Senhor o vosso trabalho não é vão"), acrescenta impacto à frase.

25. *Onomatopéia.* É uma palavra cuja pronúncia imita o som da coisa significada. Existem muitas palavras assim: murmúrio, sussurro, cicio, chiado, tique-taque, *etc.* O verbo *lançar*, em Jó 9.26, é um caso de onomatopéia no hebraico. O verbo hebraico é *ûš*, cuja pronúncia é como o som da águia (ou do falcão peregrino) quando se lança sobre a presa a uma velocidade elevadíssima. O termo hebraico para "botija", em Jeremias 19.1, 10, é *baqbūq*, cuja pronúncia é como o som de água gorgolejando de uma botija. Jeremias também empregou esse termo como uma paranomásia, pois, no versículo 7, a palavra para "ruína" ou "arruinarei", conforme se encontra na NVI, é *bāqaq*, cujo som é semelhante ao da palavra que tem o significado de botija.

Algumas vezes, duas figuras de linguagem se misturam. Quando Miquéias escreveu: "... prestai atenção, ó terra..." (1.2), ele usou uma apóstrofe, pois referiu-se à terra como se estivesse presente, e uma personificação, pois atribuiu-lhe o sentido humano da audição. Essas mesmas duas figuras de linguagem aparecem em Salmos 114.5: "Que tens, ó mar...?".

Como devemos interpretar as figuras de linguagem?

Descobrir se existe alguma figura de linguagem

Às vezes uma figura de linguagem não é reconhecida como tal, sendo a declaração, portanto, mal interpretada. Quando Paulo falou sobre suportar as adversidades como um bom soldado, competir como um atleta e receber os frutos da safra como um fazendeiro (2 Tm 2.3-6), ele não estava instruindo soldados, atletas nem fazendeiros. O fato de incentivar Timóteo a ser um bom soldado de Cristo Jesus indica que ele estava falando em sentido figurado.

Quando Jesus disse "Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas..." (Mt 7.6), não estava referindo-se a cães, pérolas nem porcos no sentido literal, pois ninguém naquela época daria nada sagrado ou caro para cães ou porcos. Esses animais eram considerados imundos, sendo desprezados. A afirmação, portanto, deve ser entendida como uma figura de linguagem mediante a qual Jesus quis dizer que não se

devem confiar coisas santas aos ímpios. Como normalmente as estrelas não cantam, a declaração de Jó 38.7, "quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam", não deve ser tomada à letra. Deve ser entendida no sentido de que a criação alegrou-se (personificação) com a obra criadora de Deus.

Inversamente, às vezes uma declaração normal é confundida com uma figura de linguagem. Deus disse para Israel: "Feri-vos com o crestamento e a ferrugem; a multidão das vossas hortas, e das vossas vinhas, e das vossas figueiras, e das vossas oliveiras, devorou-a o gafanhoto: contudo não vos convertestes a mim..." (Am 4.9). Não há razão para não adotar o sentido literal desse versículo. Seria um erro pensar que se trata de linguagem figurada falando de adversidades espirituais. O contexto imediato indica que o sentido é o literal, pois a chuva, a seca, a sede (vv. 7, 8) e as pragas do Egito (v. 10) aconteceram de verdade.

Algumas pessoas acreditam erroneamente que a cena do lobo convivendo com o cordeiro, do leopardo convivendo com o cabrito e do bezerro com o leão, com uma criança a conduzi-los (Is 11.6), fala figuradamente de bênçãos espirituais e de paz. Mas não há motivo para adotar outro sentido que não o normal, literal.

Descobrir a imagem e o objeto na figura de linguagem

Em certos casos, ambos estão evidentes no versículo, como acontece em Isaías 8.7: "... eis que o SENHOR fará vir sobre eles as águas do Eufrates, fortes e impetuosas...". A princípio, pode-se ficar na dúvida se o Senhor está falando sobre uma inundação real ou figurada. A resposta está no verso seguinte do versículo: "... isto é, o rei da Assíria, com toda a sua glória...". As "águas fortes e impetuosas" são a imagem, e o objeto, ou referente, é o rei da Assíria. Contudo, algumas vezes o objeto não é especificado e pode até ser confundido. Foi o que aconteceu com as palavras de Jesus em João 2.19: "Destruí este santuário...". Santuário era a imagem e os leitores pensaram que o objeto fosse o templo de Herodes, quando Jesus estava falando de seu corpo.

Especificar o elemento de comparação

Repare no quadro da página seguinte que Salmos 1.3 usa a imagem de uma árvore em referência ao crente. Em que sentido ele é "como árvore plantada junto à corrente de águas"? Como mostra o quadro, ele é um indivíduo seguro, próspero e frutífero, à semelhança de uma árvore. Isaías escreveu: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas..." (Is 53.6). Como se vê, a imagem são as ovelhas, o objeto são todos os seres humanos, e eles se assemelham por ser teimosos. Assim como uma ovelha tende a desgarrar-se do rebanho, o homem tende a desgarrar-se espiritualmente de Deus.

Complete o quadro escrevendo as imagens indicadas nos versículos e especificando depois os elementos de comparação.

Os elementos análogos nem sempre são vistos de imediato em símiles ou metáforas. Quando Salomão disse que o cabelo da sua noiva era como "o rebanho de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade" (Ct 4.1), o sentido desse elogio pode não ficar imediatamente claro para os ocidentais. Aliás, parece tudo, menos um elogio! As cabras da Palestina tinham pêlo escuro e formavam uma cena maravilhosa quando vistas à distância, ao pôr-do-sol, descendo um monte. O cabelo negro da noiva de Salomão também era considerado lindo. Os símiles de Cantares exigem muita atenção para apurar o elemento de semelhança pela ótica do povo do Oriente Médio, nos tempos bíblicos. Quando esse elemento de analogia não está expresso, o estudante da Bíblia precisa tomar cuidado para não eleger a semelhança errada. Esse problema também aparece na afirmação "João come como um porco". Tal associação entre um porco e João fala de alguma semelhança. Mas isso quer dizer que, tanto quanto um porco, ele come muito, come rápido ou esparrama a comida quando come? Para que o intérprete tenha certeza do sentido exato, ele necessita ou de uma afirmação explícita que exponha o elemento de semelhança, ou de uma afirmação implícita no contexto.

Ana orou, em 1 Samuel 2.2: "... Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus". Mas não explicou o que quis dizer ao chamar Deus de rocha. Então, para ajudar na compreensão, o intérprete da Bíblia precisa verificar como as referências a Deus em termos de rocha são utilizadas em outros trechos das Escrituras. Salmos 94.22 palpita o significado. Aparentemente, a associação entre a figura da rocha e Deus significava que seus seguidores podiam refugiar-se de seus problemas nele, pois ele era como uma grande rocha que possuía uma caverna para esconderijo (*cf.* 18.2; 31.2; 62.7; 71.3; 94.22).

	Imagem	Objeto (Referente)	Elemento(s) de Comparação
Símile Salmos 1.3*a*	Árvore	Crente	Seguro próspero, frutífero
Isaías 53.6	Ovelhas	Todos os seres humanos	Espiritualmente teimoso
Isaías 57.20		Perversos	
Metáfora Salmos 23.1		Senhor	
Salmos 84.11		Senhor	
2 Pedro 2.17*a*		Falso mestre	
Hipocatástase Mateus 16.11		Ensinamento falso	
João 2.19		O corpo de Jesus	

Às vezes a imagem está expressa, mas o objeto ou referente, embora não esteja explícito, é indicado pelo contexto. Lucas 5.34 não diz que o "noivo" é Jesus, mas o significado está implícito, já que o Senhor afirma no versículo seguinte que o noivo seria tirado deles. Os convidados do noivo não são especificados, muito embora tudo indique que sejam os discípulos de Jesus,

pois o versículo anterior fala deles, que comiam e bebiam, de forma muito parecida com a dos convidados de um noivo.

Qual o objeto espelhado pela imagem do machado em Mateus 3.10? Em 9.37, que assuntos representam as imagens da grande colheita e dos poucos ceifeiros?

Não presumir que uma figura sempre signifique a mesma coisa

Em Oséias 6.4, o orvalho simboliza a brevidade do amor de Judá, enquanto em 14.5 fala da bênção do Senhor sobre Israel.

Sujeitar as figuras a limites ou controles legítimos por meio dos princípios da lógica e da comunicação

Quando o Senhor disse para a igreja de Sardes "... virei como ladrão..." (Ap 3.3), não quis dizer que viria para roubar. Antes, o elemento de comparação é que viria repentina ou inesperadamente. Quando Jó falou das "colunas" da terra estremecendo (Jó 9.6), estava falando das montanhas da terra, não como se esta se apoiasse em colunas.

Em que uma expressão idiomática se diferencia de uma figura de linguagem?

A expressão idiomática é uma figura de linguagem própria de dado idioma ou de indivíduos de determinada região. Nas palavras de Larson, uma expressão idiomática é "um encadeamento de palavras cujo sentido difere do significado que cada uma delas tem isoladamente".[14] Ela ilustra essa afirmação assinalando que em nossa língua podemos dizer "A febre baixou", mas que, no dialeto aguaruna do Peru, seria "Ele esfriou" e, no ilocano das Filipinas, "A febre não esteve mais nele". Em nossa língua, a

14. Mildred L. LARSON, Meaning based translation: a guide to cross language equivalents, New York, University Press of America, 1984, p. 20.

afirmação "Ele tem um coração duro" significa que é indiferente às necessidades dos outros. Mas, no dialeto shipibo do Peru, essa mesma afirmação significaria que se trata de uma pessoa valente. Esse dialeto possui uma expressão idiomática para indicar que uma pessoa é indiferente: "Seus ouvidos não têm buracos".

Em inglês, há a expressão "ser cavalo de outra cor" ("a horse of a different color"), cujo equivalente em português é "ser outros quinhentos". Um idiomatismo é uma combinação de palavras que, como um todo, possuem um significado diferente do sentido isolado de cada uma delas. Outros exemplos são: "pisar em ovos", "virar a mesa", "ficar de queixo caído", "dar com os burros n'água", "ficar a ver navios", "estar na fossa", "bater as botas", "cair na cama", "pôr o pé na tábua".

Quando a mãe de Jesus lhe disse, nas bodas em Caná, que o vinho tinha acabado, ele replicou: "... Mulher, que tenho eu contigo?..." (Jo 2.4). O grego literal diz: "Que tem comigo e contigo?". Essa é uma expressão idiomática, uma forma singular de dizer: "Que temos em comum no tocante a esse problema?" ou, em outras palavras, "Por que me envolver? o problema é seu".

Quando Elias deu ordem para que Eliseu o seguisse e passasse a ser seu protegido, este pediu permissão para ir despedir-se dos pais. O profeta concordou e perguntou: "Que te fiz eu?" (1 Re 19.20). Parece uma pergunta esquisita, a menos que se perceba ser um idiomatismo que significa: "Que fiz para te deter?" ou, de outra forma, "Por favor prossiga; você tem a minha permissão".

Os lingüistas chamam os idiomatismos de metáforas "mortas", querendo dizer com isso que foram de tal forma incorporados ao idioma que quem os ouve ou lê nem pensa no sentido básico das palavras, só no sentido idiomático. Quando ouvimos ou lemos a expressão "no pé da escada", não nos vem à mente a imagem de um pé humano. Automaticamente pensamos na parte inferior da escada. Temos, nesse caso, uma comparação entre um pé humano e a parte inferior da escada. Mesmo assim, esse idiotismo é uma metáfora "morta", pois quem o escuta ou lê não pensa na comparação; pensa logo no significado da expressão. "Bater as botas", "brincar com fogo", "ver estrelas" e "dormir no ponto" são outros exemplos de expressões idiomáticas.

Não se devem considerar erros os idiomatismos que aparecem nas Escrituras — são maneiras de expressar o pensamento na língua fonte. A

tradução literal do grego de Marcos 6.7 fica assim: "Ele os enviou dois a dois". O a não consta no grego, pois a expressão idiomática grega não o pede. Mas como em nossa língua ele é necessário, todas nossas versões o incluíram. Já o alemão tem outra expressão: "zwei und zwei" ("dois e dois").

Jesus disse a seu respeito: "Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra" (Mt 12.40). "Três dias e três noites" é uma expressão idiomática que significa qualquer intervalo dentro de três dias e três noites. Como Jesus foi crucificado numa sexta-feira e ressuscitou no domingo, teria sido impossível permanecer na sepultura três períodos completos de 24 horas.

O original grego de Romanos 16.4 diz: "Deram seus pescoços". Em nossa língua, tal expressão fica melhor traduzida assim: "Arriscaram o pescoço" ou "arriscaram a vida". O idiomatismo "o filho de" seguido de um substantivo indica que a pessoa tem essa qualidade, como se vê em Efésios 5.6: "os filhos da desobediência" (grego). Os cristãos são "filhos da luz" (1 Ts 5.5), pelo fato de ser caracterizados pela luz, ou seja, não vivem permanentemente nas trevas do pecado. Um "filho da paz" (grego, Lc 10.6) é um indivíduo caracterizado pela paz.

Ligue as figuras de linguagem às suas definições

(Em cada grupo de cinco, associe as definições às figuras de linguagem à direita.)

1. Comparação em que a semelhança é indicada diretamente	a. Metonímia
2. Substituição de uma palavra por outra.	b. Sinédoque
3. Comparação de um elemento com outro por meio da conjunção *como*.	c. Hipocatástase
4. Comparação em que se faz um elemento representar outro mediante o emprego do verbo ser (*é*, *são*, etc.).	d. Símile

5. Substituição da parte pelo todo ou do todo pela parte.	e. Metáfora

1. Atribuição de características ou ações humanas a objetos inanimados, conceitos ou animais.	a. Antropomorfismo
2. Atribuição de características animais a Deus ou a pessoas.	b. Personificação
3. Atribuição de características humanas ou ações humanas a Deus.	c. Zoomorfismo
4. Atribuição de emoções humanas a Deus	d. Eufemismo
5. Substituição de uma expressão inofensiva ou moderada por outra agressiva ou de caráter pessoal.	e. Antropopatia

1. Exagero que extrapola o sentido literal.	a. Ironia
2. Afirmação moderada que suaviza o sentido literal.	b. Hipérbole
3. Espécie de ridicularização que soa como elogio.	c. Pergunta retórica
4. Pergunta que não pede resposta verbal.	d. Paradoxo
5. Afirmação aparentemente absurda.	e. Litotes

Quer testar seus conhecimentos sobre as figuras de linguagem discutidas neste capítulo? Procure as passagens abaixo e escreva que figura foi utilizada em cada uma delas.

Salmos 114.3 _____
João 21.25 _____
Jeremias 17.6*a* _____
Mateus 23.33*a* _____
Isaías 49.13*a* _____
2 Tessalonicenses 3.2*b* _____
Salmos 105.4*b* _____
Deuteronômio 31.18 _____
Mateus 26.26 _____

Rute 2.12*b* _____
2 Coríntios 6.9, 10 _____
Gênesis 42.38*b* _____
Êxodo 34.14 _____
Marcos 15.32 _____
Gênesis 4.1*a* _____
Amós 3.3, 4 _____

Outro exercício é procurar em Isaías 40.1-17 todas as figuras de linguagem que puder encontrar. Alguns versículos contêm várias figuras.

capítulo oito

O exame dos tipos e a compreensão dos símbolos

A maioria dos estudiosos da Bíblia concorda em que o Antigo Testamento contém tipos que posteriormente são especificados de alguma forma no Novo Testamento. Os dois Testamentos correlacionam-se por meio de tipos e antítipos, sombras e concretizações. O Novo Testamento considera um grande número de personagens, elementos e fatos do Antigo como prefigurações do que, então, ainda estava por vir.

Os intérpretes da Bíblia, contudo, possuem opiniões muito divergentes no tocante à ocorrência dos tipos nas Escrituras. Alguns dizem que estes se evidenciam em quase todo o Antigo Testamento. Afirma-se que inúmeros elementos e acontecimentos retratam verdades neotestamentárias. Por exemplo, diz-se que as dobradiças da porta do templo de Salomão representam as duas naturezas de Cristo. Outros sustentam que os tipos ou estão explicitatamente identificados no Novo Testamento, ou encontram-se implícitos. Alguns estudiosos da Bíblia acreditam que tipos são aqueles que o Novo Testamento assim identifica, ou seja, aqueles que se afirma explicitamente serem tipos. Outros ainda entendem que não existe tipologia na Bíblia.

Várias questões precisam ser analisadas. Que é um tipo? Isto é, o que o caracteriza? Que elementos do Antigo Testamento devem ser aceitos como tipos autênticos? Que normas são necessárias para interpretá-los?

Termos neotestamentários associados à tipologia

O termo "tipo" deriva do grego *typos*, que aparece 15 vezes no Novo Testamento. Ele ganhou diversas traduções, como vemos nos exemplos seguintes:

"... nas suas mãos o *sinal* dos cravos..." (Jo 20.25)

"... *figuras* [ou imagens] que fizestes para as adorar..." (At 7.43)

"O tabernáculo [...] segundo o *modelo* que [Moisés] tinha visto" (v. 44)

"a quem escreveu uma carta *nestes termos* [deste tipo ou para esse fim]..." (23.25)

"... Adão, o qual *prefigurava* aquele que havia de vir" (Rm 5.14)

"... viestes a obedecer de coração à *forma* de doutrina..." (6.17)

"Ora, estas cousas se tornaram *exemplos* para nós..." (1 Co 10.6)

"... observai os que andam segundo o *modelo* que tendes em nós" (Fp 3.17)

"... de sorte que vos tornastes o *modelo* para todos os crentes na Macedônia e na Acaia" (1 Ts 1.7)

"... mas por termos em vista oferecer-vos *exemplo* em nós mesmos, para nos imitardes" (2 Ts 3.9)

"... torna-te *padrão* dos fiéis..." (1 Tm 4.12)

"Torna-te, pessoalmente, *padrão* de boas obras..." (Tt 2.7)

"... Vê que faças todas as cousas de acordo com o *modelo* que te foi mostrado no monte" (Hb 8.5)

"... antes tornando-vos *modelos* do rebanho" (1 Pe 5.3)

Esses versículos mostram que *typos* foi traduzido de diversas maneiras: sinal, forma, figura, prefiguração, padrão, modelo e exemplo. A idéia comum em todos esses casos é a de correspondência ou semelhança. A pessoa, o fato ou o elemento tinham o intuito de lembrar outro, de corresponder-lhe de alguma forma. Um devia combinar com o outro.

O estilo de vida dos filipenses devia assemelhar-se ao de Paulo (Fp 3.17). Os cristãos devem espelhar o exemplo de Timóteo (1 Tm 4.12). O tabernáculo representava o modelo mostrado a Moisés (Hb 8.5). Até mesmo a marca dos cravos nas mãos de Jesus lembrava ou representava os próprios cravos. Um elemento corresponde ao outro. Os ídolos refletiam ou correspondiam aos conceitos que o adorador tinha de seus deuses caídos (At 7.43). Quando Paulo mencionou "a forma de doutrina" a que os cristãos romanos vieram a obedecer (Rm 6.17), estava referindo-se à sua doutrina como modelo a ser seguido, ou seja, os ensinamentos que suas vidas deveriam refletir.

Evidentemente, a palavra *typos* não é um termo técnico no sentido de sempre possuir o mesmo significado ou sempre significar um tipo teológico.

Na verdade, a única ocorrência de *typos* associada a uma prefiguração no Antigo Testamento de algo do Novo está em Hebreus 8.5. É possível que *typos* derive do verbo *typtō* — "bater", "golpear". A idéia original, então, era o resultado de um impacto, o agente do impacto ou impressão. A partir daí surgiu a idéia de sinal, molde, selo, forma, modelo, esboço.[1]

O termo correlato *typikōs* aparece em 1 Coríntios 10.11: "Estas cousas lhes sobrevieram como *exemplos*...". A função aqui é de advérbio: "Estas cousas lhes sobrevieram *tipicamente*...".

A palavra *antitypos* é empregada duas vezes no Novo Testamento. Ela representa algo que corresponde a um modelo. 1 Pedro 3.21 diz que o batismo nas águas é um antítipo do dilúvio que ocorreu nos dias de Noé. O dilúvio foi um tipo ou figura do batismo, no sentido de que nos dois casos a palavra simbolizava julgamento; o dilúvio significou morte para os perversos, e o batismo nas águas retrata a morte de Cristo e a identificação do crente com ela. Mais uma vez a idéia de semelhança está presente. De acordo com Hebreus 9.24, o santuário, ou o santo dos santos do tabernáculo, era uma cópia (*antitypa*) do verdadeiro tabernáculo nos céus. Isto é, um correspondia ao outro. O termo *antítipo* significa literalmente "corresponder ao tipo" e sugere um correspondente.

Em 1 Timóteo 1.16 vemos um termo parecido: *hypotyposis*. A "completa longanimidade" de Cristo serviria de "modelo" para aqueles que viessem a crer nele. Paulo empregou a mesma palavra em 2 Timóteo 1.13: "Mantém o *padrão* das sãs palavras que de mim ouviste...".

Existem dois termos associados a *typos*: *deigma* ("Como Sodoma e Gomorra [...] são postas para exemplo", Jd 7) e *hypodeigma*. Este último aparece seis vezes, como vemos a seguir:

"Porque eu vos dei o *exemplo*..." (Jo 13.15)

"... segundo o mesmo *exemplo* de desobediência" (Hb 4.11)

"os quais ministram em *figura* e sombra das cousas celestes..." (8.5)

"Era necessário, portanto, que as *figuras* das cousas que se acham nos céus se purificassem..." (Hb 9.23)

"Irmãos, tomai por *modelo* no sofrimento e na paciência os profetas..." (Tg 5.10)

1. Richard M. DAVIDSON, *Typology in Scripture*, Berrien Springs, Andrews University Press, 1981, p. 184.

"... Sodoma e Gomorra [...] tendo-as posto como *exemplo* a quantos venham a viver impiamente" (2 Pe 2.6)

Em cada um desses casos o termo significa claramente "exemplo", "cópia" ou "modelo" a ser reproduzido.

Outra palavra é *skia*, que significa "sombra". Assim como uma sombra é uma imagem produzida por um objeto, assim também certos elementos do Antigo Testamento eram um esboço ou sombra de coisas por vir. O termo aparece três vezes no Novo Testamento com esse sentido figurado. Hebreus 8.5 diz: "os quais ministram em figura e sombra [*skia*] das cousas celestes...". Curiosamente, três termos semelhantes são utilizados nesse versículo: "figura" (*hypodeigma*), "sombra" (*skia*) e "modelo" (*typos*). "Ora, visto que a lei tem sombra [*skia*] dos bens vindouros, não a imagem real das cousas..." (10.1) Paulo também disse que as festas religiosas e as celebrações da lua nova e do Sábado têm sido "sombra das cousas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo" (Cl 2.16, 17).

Uma sombra representa algo vago, transitório, mas também sugere um grau de semelhança. Cada um desses cinco termos contém a idéia de correspondência ou semelhança. Contudo, deve-se ter em mente que o termo *typos* nem sempre significa um tipo oficial no Antigo Testamento que prefigura algo do Novo. Muitas vezes, o sentido é simplesmente de padrão, exemplo ou modelo a ser adotado.

Quando o tipo é tipo?

Semelhança

- A primeira característica de um tipo é sua semelhança, similaridade ou correspondência com o antítipo. Mas não se deve pensar que se trate de uma correspondência superficial; é sim uma correspondência substancial, autêntica. Deve ser algo natural, em vez de forçado. Como já vimos no caso dos termos gregos que significam tipos ou exemplos, existe a idéia de uma correspondência ou semelhança concretas.

Contudo, nem tudo o que possui um elemento correspondente ou semelhante é um tipo, embora a relação de correspondência esteja presente obrigatoriamente em todos os tipos.

Existem inúmeros elementos no Antigo Testamento que encontram correspondência no Novo, mas não são tipos necessariamente. Um tipo lembra o que representa, mas não se limita a isso. Os fatores que apresentamos a seguir também são necessários para a caracterização de um tipo autêntico.

Realidade histórica

Os personagens, os fatos ou os elementos do Antigo Testamento que são tipos de coisas do Novo possuíam realismo histórico. Um tipo no Antigo Testamento não era algo imaginário. Os tipos consistiam em pessoas que existiram, em acontecimentos reais, em fatos testemunhados.

Quando ao estudioso da Bíblia se depara um tipo no Antigo Testamento, não deve procurar no texto sentidos ocultos ou mais profundos. Ele deve ater-se aos fatos históricos conforme registrados no Antigo Testamento. Em outras palavras, o tipo deve surgir naturalmente do texto, em vez de ser algo que o intérprete acrescente ao texto. O tabernáculo é um tipo (Hb 8.5; 9.23, 24), o que não significa que cada pormenor de sua construção represente, de alguma forma, uma verdade neotestamentária.

Prefiguração

O tipo contém traços de predição, de simbolismo. Ele antevê e chama a atenção para o antítipo. O tipo é uma sombra (Cl 2.17) que indica outra realidade. Os tipos são uma forma de profecia. A profecia consiste numa predição verbal, ao passo que a tipologia é a predição feita pela correspondência entre duas realidades — o tipo e o antítipo. Repetindo, existem muitas semelhanças e correspondências nas Escrituras, mas nem todas são tipos. Num tipo autêntico, a correspondência ou semelhança precisa conter o aspecto de predição, prefiguração do antítipo. Dizendo de outra maneira, o tipo aponta para a frente.

Então quer dizer que as personagens do Antigo Testamento sabiam que diversas coisas eram tipos? Quando os israelitas matavam os cordeiros pascais todo ano, eles sabiam que aqueles cordeiros simbolizavam Cristo, a quem João Batista referiu-se como "O Cordeiro de Deus" (Jo 1.29)? Será

que Melquisedeque sabia que representava Cristo (Sl 110.4; Hb 6.20)? É improvável que eles tivessem consciência dos antítipos. É possível que percebessem que aqueles elementos simbolizavam realidades futuras, mas provavelmente não tinham pleno conhecimento das relações entre os tipos e os antítipos. Como explica Mickelsen: "Muito embora um personagem, um fato ou elemento do Antigo Testamento fosse um tipo, isso não quer dizer que as pessoas da época reconhecessem essa natureza representativa".[2] O mais provável é que fossem elementos proféticos do ponto de vista de Deus e, quando os antítipos eram revelados, o aspecto profético ficava evidente. O que Deus via em antecipação, o homem via posteriormente em retrospectiva. O homem percebe as semelhanças quando olha para trás e compara o tipo com o antítipo. Os tipos eram placas de sinalização que falavam de pessoas, acontecimentos ou fatos futuros.

Elevação

Em tipologia, o antítipo é maior que o tipo e a ele superior. Ocorre uma expansão, uma elevação, uma intensificação. Cristo é superior a Melquisedeque. A obra redentora do Senhor é superior à da Páscoa, o tipo do qual ele é o antítipo. Muitos aspectos do Antigo Testamento ilustram verdades do Novo, mas, se não houver essa elevação (e a prefiguração), não se trata de tipos. Os antítipos ocupavam posição mais elevada que a dos tipos.

Planejamento divino

Os tipos não são meras analogias ou ilustrações a que os leitores da Bíblia dão atenção. Pelo contrário, são semelhanças planejadas por Deus. O tipo era projetado para apresentar uma similaridade com o antítipo, que, por sua vez, fora criado por Deus para ser o "cumprimento" e a elevação do tipo. É claro que, como um espaço de séculos separava a maioria dos tipos de seus antítipos, tinha de haver um planejamento divino para que aqueles retratassem ou representassem estes.

2. A. Berkeley MICKELSEN, *Interpreting the Bible*, Grand Rapids, Eerdmans, 1963, p. 246.

Esse fato mostra que os tipos têm valor apologético, pois a tipologia confirma o planejamento divino na relação entre o Antigo e o Novo Testamento.

Como vamos saber quais personagens, acontecimentos e fatos do Antigo Testamento Deus pretendeu que servissem de tipos? Deus deve ter criado os tipos, mas a questão é descobrir com que finalidade os criou. Chegamos agora ao maior problema do estudo da tipologia. Como afirmamos no início deste capítulo, alguns professores bíblicos enxergam muito mais tipos que outros. Há também aqueles que sustentam que os tipos são apenas os que se encontram expressos no Novo Testamento. Outro grupo ainda adota a posição intermediária entre essas duas opiniões, e afirma que tipos podem ser tanto os que estão explicitados como também os que estão implícitos, ou seja, que são insinuados mas não declarados.

Os pais da igreja primitiva, principalmente Orígenes e Jerônimo, localizaram tipos em muitos acontecimentos e fatos de pouca importância, e essa tipologia extremada resultou no processo de alegorização. Outros, mais modernos, também procuram descobrir uma infinidade de tipos na Bíblia. Wilson escreveu o seguinte: "Quando lemos sobre o mar Vermelho ou sobre o Jordão, sabemos que são tipos pelo simples fato de ensinarem tantas lições interessantes e úteis".[3] Aliás, Wilson comenta 1 163 tipos que afirma ter "descoberto" na Bíblia. Na verdade, grande parte dos elementos a que ele chama tipos não passa de figuras de linguagem, das quais grande número são símiles e metáforas. Outros são ilustrações ou analogias. Habershon também enxerga uma grande quantidade de tipos na Bíblia.[4]

Dentre os estudiosos da Bíblia que consideram os tipos elementos explícitos e implícitos, figuram: Solomon Glassius, autor de *Philologia Sacra* (em cinco volumes, 1623-1636); Johannes Coceio (1602-1669), que escreveu *Summa Doctrina de Foedere et Testaments Dei*; Joseph Frey (*The Scripture Types*, 1841); Patrick Fairbairn (*Typology of Scripture* [1852; reimp., Grand Rapids, Zondervan, s.d.]) e Milton S. Terry (*Biblical Hermeneutics* [Grand Rapids, Zondervan, s.d.]).

No grupo dos que sustentam a terceiro opinião — a de que os tipos são exclusivamente os assim especificados nas Escrituras — estão Joseph Angus

3. Walter L. WILSON, *Wilson's dictionary of Bible types*, Grand Rapids, Eerdmans, 1957, p. 9.
4. Ada R. HABERSHON, *The study of the types*, Grand Rapids, Kregel Publications, 1957.

(*The Bible Hand Book*, rev. Samuel G. Green [New York, Fleming H. Revell, 1908]); Sylvester Burnham (*The Elements of Biblical Hermeneutics* [Hamilton, Publican Press, 1916]); Thomas Hartwell Horne (*An Introduction to the Critical Study and Knowledge of the Holy Scriptures*, 2 vols. [Philadelphia, J. Whetham and Son, 1841]); Herbert Marsh (*Lectures on the Criticism and Interpretation of the Bible* [London, J. G. & Rivington, 1838]) e Moses Stuart (*Hints on the Interpretation of Prophecy* [Andover, Allen, Morrill and Wardwell, 1842]). Marsh expressou tal concepção nos seguintes termos: "No Antigo Testamento, devem ser considerados tipos todos os elementos que o Novo Testamento assim designar; não mais".[5]

Em resumo, um tipo deve ter pelo menos estes cinco elementos: uma semelhança ou correspondência visível com o antítipo, realismo histórico tanto da parte do tipo quanto do antítipo, o aspecto da prefiguração ou predição do antítipo, a elevação, que confere superioridade ao antítipo, e o planejamento divino.

Os tipos devem ser identificados como tais no Novo Testamento?

Se entendemos as cinco características dos tipos vistas acima, ainda temos de resolver se os tipos podem ser tanto os que estão implícitos quanto os que estão explícitos ou se estão limitados aos expressamente identificados no Novo Testamento. Por exemplo, muitos professores bíblicos afirmam que José e Moisés são tipos representativos de Cristo, baseados nas muitas semelhanças que percebem entre as vidas de José e de Cristo ou de Moisés e de Cristo. De fato, existem várias analogias entre José e Cristo, mas que fundamento temos para afirmar com certeza que Deus queria que víssemos José como um tipo representativo de Cristo?

Analisando os cinco característicos ou elementos, podemos dizer que as vidas de José e de Cristo apresentam semelhanças, têm fundamento histórico, evidentemente, e, sem dúvida alguma, Cristo é superior a José. Mas podemos afirmar que a vida de José tenha sido uma representação profética de Cristo, divinamente projetada para ser um tipo que representasse Cristo?

5. Herbert MARSH, *Lectures on criticism and interpretation of the Bible*, London, J. G. & Rivington, 1838, p. 373.

Dada a dificuldade de afirmarmos com certeza que José satisfazia a estas duas últimas condições, podemos questionar se era de fato um tipo válido, autêntico de Cristo. É certo que ele retrata Cristo, pelas muitas analogias que se vê entre os dois, mas simples correspondências não constituem um tipo. Habershon fez uma relação de 131 comparações entre José e Cristo (uma das quais, curiosamente, é que ambos foram até Siquém!). Ela também vê Moisés como uma prefiguração de Cristo, fundamentada em 69 comparações. Se José é um tipo que representa Cristo, por que os professores bíblicos não dizem que Isaque, Samuel, Elias, Jeremias e Daniel também o são? É claro que também havia semelhanças entre todos estes e Cristo.

Outros acreditam que Salomão simbolizasse Cristo. Contudo, mais uma vez Deus nos conta a história de Salomão para retratar Cristo? Podem-se perceber algumas analogias e semelhanças, e é claro que ambos foram figuras históricas, mas as Escrituras apresentam algum indício de que Salomão fosse uma prefiguração de Cristo, de que Cristo era superior a Salomão e de que tudo isso fora planejado por Deus? Será que a vara de Arão que floresceu simbolizava a ressurreição de Cristo, como acreditam vários autores? Novamente, onde estão o aspecto profético e o planejamento divino?

Como evitar a transformação de todos os elementos do Antigo Testamento em "analogias evidentes, nítidas", conforme se exprimiu Glassius em 1623? Onde devemos estabelecer o limite? Que tipo de controle temos? Sou da opinião que, para uma figura ser um tipo, ela tem de obedecer a uma sexta condição: *precisa ser especificada no Novo Testamento*. O texto deve indicar de alguma forma que o elemento é um tipo. Como já vimos, essa especificação não precisa ser feita necessariamente pelo termo *typos* ou por palavras correlatas. Os tipos, portanto, são especificados no Novo Testamento; as ilustrações, por outro lado, são mais amplas e numerosas. As ilustrações e as analogias não vêm rotuladas, mas os estudiosos da Bíblia são capazes de perceber paralelos e analogias entre as verdades do Antigo e do Novo Testamento.

♦ Um tipo pode ser definido como uma personagem, um acontecimento ou um fato do Antigo Testamento historicamente verídico, que foi projetado por Deus para prefigurar, em preparação, outra personagem, acontecimento ou fato real especificado no Novo Testamento, o qual corresponde e completa (eleva) o tipo. Já uma ilustração pode ser definida como uma personagem, um acontecimento ou fato bíblico de fato ocorrido na história,

que retrata ou é análogo a alguma verdade espiritual, com naturalidade e espontaneidade, não estando expresso no Novo Testamento como tipo.

Segundo essa definição, uma ilustração contém três dos seis elementos necessários a um tipo: correspondência ou semelhança, historicidade e planejamento divino. Contudo, elas não são proféticas, não trazem elevação ou intensificação, nem são ditas tipos.

Por exemplo, Elias é o retrato do homem que ora com fervor (Tg 5.17). Uma ilustração é apenas uma dentre muitas possibilidades. Tiago também poderia ter usado Samuel ou Daniel como exemplos de homens de oração. José retrata Cristo, visto que ambos foram rejeitados e libertados. Moisés ilustra a qualidade de profeta de Cristo, enquanto Davi é sua representação como rei. Os sacerdotes do Antigo Testamento exemplificam o ministério sacerdotal dos cristãos, e a arca pode ser uma ilustração da segurança que Cristo proporciona aos crentes. Em cada um desses casos, há paralelismos ou analogias, mas um simples paralelismo ou uma simples analogia não implicam a existência de um tipo legítimo. Quando Paulo se referiu à igreja como "santuário dedicado ao Senhor" (Ef 2.21), estava apenas fazendo uma analogia, traçando um paralelo entre o templo de Salomão e a igreja, sendo ambos lugar de habitação espiritual de Deus. Ele não estava dizendo que o templo de Salomão era um tipo da igreja. Nem mesmo o paralelo que Jesus estabeleceu entre a experiência de Jonas, que permaneceu "no ventre do grande peixe", e seu próprio sepultamento (Mt 12.40) precisa ser considerado um tipo. O episódio de Jonas não foi necessariamente profético, nem apontava para o futuro, como também não foi identificado como um tipo (embora alguns sustentem que os termos "assim como" e "assim" no versículo 40 indicam que se trate da especificação de um tipo). "É possível que certas personagens e acontecimentos do Antigo Testamento tenham sido interpretados erroneamente como tipos, quando deviam ser entendidos como simples ilustrações."[6]

O tipo aponta para o antítipo e o prefigura, ao passo que, na ilustração, o fato aludido no Novo Testamento remonta a uma personagem ou a uma situação análoga no Antigo Testamento e traça alguns paralelos. Um aponta para o futuro; o outro se volta para o passado.

6. Ernest F. KEVAN, The principles of interpretation, in: Carl F. H. HENRY, ed., *Revelation and the Bible*, Grand Rapids, Baker, 1958, p. 288.

Em que a tipologia difere da alegorização? O quadro a seguir pode ajudar a salientar as diferenças entre tipos, ilustrações e alegorização.

Como se pode ver na tabela da página seguinte, o tipo e a ilustração possuem correspondência ou semelhança, enquanto a alegorização não encontra correspondente exato e usa, então, um sentido ou sentidos ocultos no texto. No caso dos tipos e das ilustrações, a autenticidade histórica é identificada, ao passo que na alegorização é desconsiderada ou negada. O tipo prefigura ou prenuncia o antítipo, já a ilustração não possui esse aspecto profético e a alegorização examina o que está por trás do texto, em vez de olhar para a frente. Na relação tipo—antítipo, existe uma elevação; isso já não acontece nem na ilustração, nem na alegorização. O projeto divino está presente tanto nos tipos quanto nas ilustrações, mas não na alegorização, que é fruto da imaginação do intérprete. O tipo é identificado como tal no Novo Testamento, o que não acontece com uma ilustração nem com uma alegorização.

Que tipos são válidos?

Nosso estudo até o momento mostrou que, para um termo bíblico ser um tipo, ele precisa satisfazer todas as seis condições. Precisamos fazer as seguintes perguntas para sabermos quais os tipos válidos nas Escrituras:

1. Existe correspondência ou semelhança clara entre o tipo e o antítipo? O tipo apresenta os mesmos fatos, princípios e relações que o elemento neotestamentário correspondente?
2. O antítipo está de acordo com o contexto histórico do tipo?
3. O tipo é uma prefiguração ou prenunciação do antítipo? ou não passa de exemplo, de ilustração? O tipo aponta para a frente, para o futuro?
4. O antítipo eleva ou "cumpre" o tipo, sendo-lhe ainda superior?
5. Pode-se perceber o propósito divino na relação tipo—antítipo?
6. O Novo Testamento especifica de alguma forma o tipo e o antítipo?

Tipologia[7]	*Ilustração (Exemplo, Paralelo)*	*Alegorização*[8]
1. O tipo e o antítipo possuem *uma correspondência ou semelhança exata.*	1. A ilustração e o fato possuem uma *correspondência ou semelhança exata.*	1. Não há correspondência exata. Pelo contrário, procura-se no texto um sentido oculto, forçado.
2. O tipo possui *historicidade.* (A relação tipo—antítipo depende do sentido literal.)	2. A relação entre a ilustração e o fato depende da *autenticidade histórica* da primeira.	2. A autenticidade histórica do AT é *desconsiderada ou negada.* O significado literal não é importante.
3. O tipo é uma *prefiguração ou prenunciação do antítipo. É profético; volta-se para o futuro* e aponta para o antítipo.	3. Na ilustração *não existe prefiguração.* Não é profética; é apenas um exemplo. O fato *remonta* ao exemplo do AT.	3. A alegorização consiste na formação de conceitos ocultos, estranhos e subjacentes ao texto do AT. Ela procura o que está *por trás*, não adiante.
4. O tipo encontra *cumprimento* (ou *conclusão, elevação*) no antítipo. Este é maior e superior à aquele.	4. A ilustração *não encontra cumprimento* (ou *conclusão, elevação*) no fato que ilustra.	4. A alegorização *não "cumpre"* os textos do Antigo Testamento.
5. O tipo é *divinamente instituído.* É planejado por Deus.	5. A ilustração é *divinamente instituída* para retratar um fato.	5. A alegorização é fruto da *imaginação do intérprete*, não dos desígnios de Deus.
6. O tipo e o antítipo são *especificados como tais* no NT.	6. O conjugado fato-ilustração *não é chamado de tipo.*	6. A alegorização *não é indicada* no texto.

7. Para um elemento das Escrituras ser um tipo, deve satisfazer *todos* os seis requisitos.
8. O estilo alegórico utilizado pelos judeus-alexandrinos e pelos pais alexandrinos da igreja (Clemente e Orígenes) não é o mesmo que a *alegoria* a que Paulo se referiu em Gálatas 4.

Com base nesses seis critérios, quais personagens, fatos ou elementos do Antigo Testamento são tipos? Acho possíveis os 17 a seguir:

Tipo	*Antítipo*	*Passagem*
Personagens		
1. Melquisedeque	O sacerdócio eterno de Cristo	Hb 7.3, 15-17
2. Arão	O ministério sacerdotal de Cristo	Hb 5.4, 5
Fatos		
3. Festa da Páscoa	Cristo, nosso sacrifício	1 Co 5.7
4. Festa dos Pães Asmos	O caminhar santificado do cristão	1 Co 5.7, 8
5. Festa das Primícias	A ressurreição de Cristo, garantia da ressurreição dos crentes	1 Co 15.20-23
6. Festa de Pentecoste	A vinda do Espírito Santo	Jl 2.28; At 2.1-47
7. Festa das Trombetas	O reagrupamento de Israel	Mt 24.21-23
8. Dia da Expiação	Conversão de Israel pelo sangue de Cristo	Zc 12.10; Rm 11.26, 27; Hb 9.19-28
9. Festa dos Tabernáculos	Provisão divina para as necessidades humanas (com Israel no reino)	Jo 7.2, 37-39
10. Sábado	Descanso espiritual do cristão	Cl 2.17; Hb 4.3, 9, 11
Elementos		
11. Tabernáculo	Cristo — o acesso do crente a Deus e a base da comunhão com ele	Hb 8.5; 9.23, 24
12. Cortina do Tabernáculo	Cristo — o acesso do crente a Deus	Hb 10.20
13. Holocausto	O sacrifício perfeito de Cristo	Lv 1; Hb 10.5-7; Ef 5.2

14. Oferta de manjares	O sacrifício perfeito de Cristo do mais elevado grau	Lv 2; Hb 10.8
15. Sacrifícios pacíficos	O sacrifício de Cristo, base de nossa comunhão com Deus	Lv 3; Ef 2.14; Cl 1.20
16. Sacrifício pelos pecados	A morte de Cristo pelo pecador em relação à condenação do pecado	Lv 4.1—5.13; Hb 13.11, 12
17. Sacrifício pelo sacrilégio	A morte de Cristo como expiação da trans-transgressão do pecado	Lv 5.14—6.7; Hb 10.12

Somente uma das sete festas de Israel — a Páscoa — é especificamente identificada como tipo (1 Co 5.7), mas Colossenses 2.16, 17 fala de todas as festas religiosas como "sombra das coisas que haviam de vir". É com base nisso que a tabela acima apresenta todas as festas como tipos. Semelhantemente, Hebreus 9.9, 10 dá a entender que todos os cinco sacrifícios de Israel eram tipos.

Que dizer de Adão? Por que não é mencionado como tipo de Cristo? É verdade que Adão era um *typos* de Cristo, conforme Romanos 5.14. Mas, como vimos anteriormente, o termo *typos* nem sempre se refere a um tipo autêntico. Não se trata de termo técnico relativo a tipos, pois normalmente significa apenas exemplo, padrão ou analogia. Adão era análogo a Cristo em alguns aspectos, mas não o prefigurava. Por conta da queda, sua vida dificilmente simbolizaria ou prefiguraria Cristo. Romanos 5.14 diz apenas que Adão foi um exemplo, uma ilustração de Cristo, uma vez que tinham uma coisa em comum: ambos foram cabeças de uma raça — Adão, o cabeça da humanidade; Cristo, o Cabeça da igreja. Os três dias e as três noites que Jonas passou na barriga do peixe simbolizam o sepultamento de Cristo. A serpente de bronze que Moisés levantou no deserto ilustra a necessidade de as pessoas recorrem a Cristo hoje para obter salvação, mas ela não prefigurava nem simbolizava Cristo para aquela geração.

Em outras palavras, Adão, Jonas e a serpente de bronze são ilustrações, não tipos legítimos, pois não satisfazem todos os seis requisitos do tipo autêntico.

Paulo escreveu que certos fatos ocorridos com os israelitas sob a direção

de Moisés "se tornaram exemplos" (1 Co 10.6). Os versículos de 1 a 4 desse capítulo fizeram alusão aos quatro seguintes acontecimentos: a travessia do mar Vermelho, a nuvem que os conduziu, a provisão do maná e a rocha. Alguns estudiosos da Bíblia consideram-nos tipos legítimos. Já outros acreditam que typos, no versículo 6, fala desses fatos como ilustrações, não como tipos. Esse versículo afirma que o objetivo de tais exemplos é que "não cobicemos as cousas más, como eles cobiçaram". O versículo 11 diz algo parecido: "Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos [*typiks*], e foram escritas para advertência nossa...".

As atitudes dos israelitas no deserto servem, portanto, de exemplos para os cristãos não tomar parte na idolatria, na imoralidade, no pôr o Senhor à prova e na murmuração (vv. 7-10). Parece improvável que esses sejam tipos. Seria mais apropriado tratá-los como exemplos negativos para os cristãos.

Quais as etapas a ser seguidas na interpretação dos tipos?

1. *Descobrir o sentido literal do tipo.* Aspecto fundamental na interpretação precisa sempre é a apuração do sentido literal do texto.

2. *Reparar no ponto ou nos pontos de correspondência ou semelhança entre o tipo e o antítipo.* Por exemplo, Melquisedeque era rei e sacerdote, e era superior a Aarão. Pelo menos nesses dois aspectos ele representava Cristo, pois Cristo é Rei e Sacerdote, e seu sacerdócio é superior ao de Arão. Devem-se procurar as semelhanças principais, não as secundárias e insignificantes.

3. *Reparar nos elementos de contraste ou de diferenças, para evitar caracterizá-los como aspectos do tipo.* Melquisedeque era humano, mas Cristo era Deus e homem. Aarão tinha de oferecer sacrifícios por seus próprios pecados, enquanto Cristo não precisava fazê-lo por causa da natureza santa que possuía como Deus encarnado. Na Páscoa, os israelitas sacrificavam animais, mas Cristo, nossa Páscoa, sacrificou-se a si mesmo. Os sacrifícios que retratavam vários aspectos de Cristo eram repetidos, ao passo que a morte do Senhor na cruz foi um evento definitivo.

4. *Atentar para as afirmações explícitas no Novo Testamento que atestem a correspondência tipológica.*

Por que se preocupar com a tipologia?

Embora os eruditos divirjam nesse pormenor, o estudo dos tipos e dos antítipos sem dúvida tem sua utilidade.

Uma das vantagens é que nos permite enxergar o traçado divino da história, pelo fato de ele escolher pessoas, acontecimentos e elementos de Israel para retratar e predizer aspectos de Cristo e de seu relacionamento com os crentes de hoje. Enxergar essas relações tipo—antítipo ajuda-nos a ver a mão de Deus na história.

Quando seguimos cuidadosamente os critérios de identificação dos tipos, temos instrumentos mais concretos para interpretar o Antigo Testamento. Se a água da bacia do tabernáculo representava o Espírito Santo, por que não afirmarmos também que a madeira de acácia representa a condição humana de Cristo? Quando desconsideramos os seis critérios de identificação dos tipos, caímos num mar de incertezas, o que nos pode levar a dizer, como Keach, que o fato de Sansão ter dominado um leão no deserto corresponde à vitória de Cristo sobre o leão rugidor, o diabo, no deserto.[9]

Tendo em mente os seis critérios, examine a seguinte lista de 37 elementos, todos os quais foram considerados tipos por vários autores, e verifique quais são tipos, quais são ilustrações e quais são alegorias.

Escreva um "T" diante dos que lhe parecem tipos, um "I" diante dos que acredita serem ilustrações e um "A" diante dos que pensa serem alegorias.

_____ 1. Adão representa Cristo.
_____ 2. A vara de Arão que floresceu representa a ressurreição de Cristo.
_____ 3. A hospedaria da parábola do bom samaritano simboliza a igreja, a qual deve estar repleta de cristãos para alimentar os recém-convertidos.
_____ 4. Salomão, na glória de seu reino, representa Cristo em sua glória.
_____ 5. O fato de Davi ter comido os pães da proposição do tabernáculo representa Cristo comendo cereais no sábado.

9. Benjamin KEACH, *Preaching from the types and metaphors of the Bible*, reimpr., Grand Rapids, Kregel, 1972, p. 977.

_____ 6. A água da bacia do tabernáculo simboliza a Palavra ministrada pelo Espírito Santo.

_____ 7. O episódio em que Jonas foi cuspido da barriga do peixe fala da ressurreição de Cristo.

_____ 8. A serpente de bronze levantada no deserto retrata a crucificação de Cristo.

_____ 9. O fato de Jacó ter usado uma pedra por travesseiro simboliza a caminhada de Jesus do templo até a cruz.

_____ 10. Os pavios do candelabro do tabernáculo representam a natureza pecaminosa do cristão, que precisa sempre ser aparada.

_____ 11. O episódio em que o servo de Abraão saiu em busca de uma noiva para Isaque retrata a busca do Espírito Santo de uma noiva (a igreja) para Cristo.

_____ 12. José representa Cristo.

_____ 13. O fato de Moisés ter orado com os braços erguidos fala da crucificação de Cristo.

_____ 14. Abraão é um retrato de todo o que crê.

_____ 15. O aparo dos pavios do candelabro por parte do sacerdote representa Cristo lidando com nossos pecados.

_____ 16. Melquisedeque fala do sacerdócio eterno e superior de Cristo.

_____ 17. A roupa de Esaú que Jacó usou quando enganou seu pai, Isaque, simboliza a igreja vestida com a justiça de Cristo.

_____ 18. A flor de farinha usada na oferta de manjares representa a homogeneidade e o equilíbrio do caráter de Cristo.

_____ 19. O cozimento da flor de farinha usada na oferta de manjares representa o sofrimento por meio do qual Cristo foi provado.

_____ 20. O encontro de Sansão com o leão simboliza o encontro de Cristo com Paulo, na estrada de Damasco.

_____ 21. A madeira de acácia usada no tabernáculo fala da condição humana de Cristo.

_____ 22. O altar de incenso no tabernáculo simboliza a função intercessora de Cristo.

_____ 23. As peles de carneiro tingidas de vermelho (colocadas como cobertura do tabernáculo) representam Pedro e Paulo depois de salvos.

_____ 24. A Festa da Páscoa fala de Cristo, nosso sacrifício.

_____ 25. O sacrifício de Isaque pelas mãos de Abraão representa o sacrifício de Cristo por nós.

_____ 26. As campainhas e as romãs na orla da túnica de Aarão falam da proclamação do evangelho.

_____ 27. As unhas fendidas de certos animais (Lv 11.3) simbolizam o cristão cujo caminhar espiritual está dividido.

_____ 28. O maná no deserto simboliza a provisão espiritual que Cristo dá ao crente.

_____ 29. Caim representa o homem natural.

_____ 30. Enoque representa os santos que serão arrebatados antes da Tribulação.

_____ 31. A Festa de Pentecoste representa a criação da igreja no dia de Pentecoste.

_____ 32. As dobradiças das portas do Santo Lugar e do Santo dos Santos no templo de Salomão representam os propósitos na vida do cristão.

_____ 33. Abel representa o homem espiritual cujo sacrifício de sangue evidencia sua compreensão de um substituto para seu pecado.

_____ 34. Eva representa a igreja na qualidade de noiva de Cristo.

_____ 35. Os dois pães na Festa de Pentecoste simbolizam os judeus e os gentios.

_____ 36. O descanso sabático simboliza o descanso espiritual do cristão e a paz que experimenta em Cristo.

_____ 37. A cobertura de peles de bode do tabernáculo representa a prestimosidade.

A compreensão dos símbolos

Em que consiste um símbolo?

A palavra "símbolo" deriva do grego *symballē*, que significa "reunir". O símbolo é o objeto (real ou imaginário) ou a ação ao qual se atribui um significado com vistas a representar em vez de afirmar as qualidades de outro elemento.

Símbolos e tipos representam alguma outra coisa. Entretanto, o tipo representa um elemento futuro, mas o símbolo não está preso à idéia de tempo. A certa altura, o tipo tem seu cumprimento no antítipo. O tabernáculo no deserto era tipo de Cristo; como tipo, nenhum outro

tabernáculo lembrava ou falava de Cristo. Por outro lado, quando se diz que Cristo é como um leão, qualquer leão pode servir para retratar determinada característica do Senhor.

Um símbolo "não tem sentido simbólico em si mesmo. Esse sentido é-lhe atribuído e só lhe cabe ao ser usado como símbolo".[10] Melquisedeque era tipo Cristo porque ambos eram sacerdotes. Essa é uma associação normal, em que o sentido do tipo decorre de sua própria essência. Já no caso de um símbolo, o sentido é-lhe atribuído. Normalmente, ninguém associaria um símbolo ao que ele representa. Por exemplo, a imagem de figos bons normalmente não lembra em nada os judeus cativos na Babilônia; no entanto, é o que simbolizam em Jeremias 24.3-5.

Quais são alguns dos princípios que regem a interpretação de símbolos?

1. *Reparar nos três fatores da interpretação dos símbolos: o objeto (que é o símbolo), o referente (o elemento simbolizado) e o significado (a semelhança entre o símbolo e o referente).* Em João 1.29, o cordeiro (objeto) retrata Cristo (referente), e o significado (semelhança) é que Cristo serviu de sacrifício como muitos cordeiros também serviram. Ainda em Isaías 53.6, as ovelhas (objeto) simbolizam os seres humanos (referentes), e o significado (semelhança) é que estes se desgarram espiritualmente de Deus assim como acontece com as ovelhas no plano natural.

2. *Lembrar-se de que os símbolos estão fundamentados na realidade.* Os símbolos baseiam-se em objetos ou ações reais, tais como um leão, um urso, uma panela ao fogo, o ato de sacudir a poeira dos pés, *etc.* Quando se diz que Cristo é um cordeiro ou leão, ele não é literalmente um cordeiro nem um leão, mas, como esses animais realmente existem, é possível estabelecer uma correspondência significativa entre o objeto e o referente. Nas passagens proféticas, os símbolos às vezes apóiam-se na imaginação, em vez de nos fatos. Nenhuma fera conhecida hoje tem sete cabeças e dez chifres (Ap 17.3); nenhum leopardo jamais teve quatro cabeças e quatro asas (Dn 7.6),

10. Sylvester BURNHAM, *The elements of biblical hermeneutics*, Hamilton, Publican Press, 1916, p. 49.

como também nenhuma mulher normalmente é transportada num cesto (Zc 5.5-11). No entanto, esses símbolos contêm aspectos reais, como cabeças, chifres, um leopardo, asas, uma mulher e um cesto.

3. *Descobrir que significado ou semelhança, se existente, o texto atribui de forma explícita ao referente.* Quando um objeto ou uma ação numa profecia é usado como símbolo, o texto normalmente o indica. Por exemplo, em Apocalipse 9.1, a estrela que caiu do céu é chamada no versículo 2 de "ele", a quem foi dada uma chave. Isso indica que a estrela simboliza uma pessoa. Comparando esse texto com 20.1, parece não restar dúvida de que se trata de um anjo. O dragão do versículo 2 é identificado no mesmo versículo como Satanás. Sodoma e Egito, em 11.8, simbolizam Jerusalém. Os dez chifres das quatro bestas de Daniel 7 são, ou seja, simbolizam ou lembram "dez reis que se levantarão" (v. 24).

4. *Se o versículo não indicar o significado ou o elemento de semelhança do símbolo, consultar outras passagens, analisar a natureza do símbolo e verificar que característica principal este e o referente têm em comum.* Quando João referiu-se a Cristo como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29), usou a figura do cordeiro para simbolizar Cristo, sem contudo explicitar a semelhança.

5. *Tomar o cuidado de não atribuir ao referente a característica errada do símbolo.* Um leão é feroz e forte, mas somente sua ferocidade está associada a Satanás (1 Pe 5.8) e apenas sua força refere-se a Cristo (Ap 5.5). As pombas são dóceis e estouvadas, mas em Mateus 10.16 apenas sua docilidade é associada aos cristãos, enquanto em Oséias 7.11 somente seu estouvamento é relacionado a Israel.

6. *Procurar o elemento principal de semelhança.* Resista à tentação de traçar muitos paralelos entre o símbolo e o elemento que simboliza.

> Quando [...] a água representa a Palavra de Deus, é porque ambas purificam; não porque sejam claras, refrescantes, baratas ou saudáveis. Quando o azeite simboliza o Espírito Santo, é porque a unção se faz com ambos. O azeite não simboliza o Espírito pelo fato de gerar luz ao ser queimado, nem porque é utilizado para amolecer a crosta de uma ferida, tampouco porque só é extraído

do fruto quando espremido. A procura de muitos pontos de semelhança significa tratar indevidamente o símbolo.[11]

7. *Entender que um elemento principal pode ser representado por vários objetos.* Cristo, por exemplo, é representado por um cordeiro, um leão, um ramo, uma raiz, *etc.* O Espírito Santo é simbolizado pela água, pelo azeite, pelo vento e por uma pomba.

8. *Na literatura profética, não presumir que, pelo fato de uma profecia conter alguns símbolos, tudo o mais na profecia tenha caráter simbólico.* Em Apocalipse 19.19, a "besta" é um símbolo, mas isso não significa que "os reis da terra, com os seus exércitos", no mesmo versículo, também deva ser encarado como símbolo. No versículo 15, a espada que sai da boca de Cristo é um símbolo (do juízo que faz por suas palavras), mas isso não quer dizer que as nações citadas no mesmo versículo simbolizem outra coisa.

9. *Na literatura profética, não transformar em símbolos as descrições de fatos futuros que sejam prováveis ou plausíveis.* Apocalipse 8.12 afirma que um terço do sol, da lua e das estrelas serão feridos e escurecerão. Como se trata de um fato plausível, o sol, a lua e as estrelas mencionadas no versículo não precisam ser encarados como símbolos. Em Apocalipse 9, os gafanhotos que saíram do abismo representam um fato possível de acontecer, seja como gafanhotos de verdade, seja como criaturas semelhantes a gafanhotos; assim sendo, não devem ser tomados como simbolização dos turcos, como já se pensou no passado. A profecia dos 144 000, em 7.4-8, não precisa ser tomada como um número simbólico. Deve ser considerada ao pé da letra, porque se sabe que serão selados 12 000 indivíduos de cada uma das 12 tribos de Israel. Como os nomes das tribos têm sentido literal, não simbólico, não há motivo para atribuir um sentido simbólico aos números.

Alguns exemplos de símbolos na Bíblia

Apresentamos a seguir, dispostos em cinco categorias, apenas alguns dos símbolos que existem na Bíblia.

11. Thomas E. FOUNTAIN, *Keys to understanding and teaching your Bible*, Nashville, Thomas Nelson, 1983, p. 128.

Objeto ou Ação (Símbolo)	*Significado*
Símbolos divinos	
Espada a oriente do Éden (Gn 3.24)	A cisão da relação entre o homem e Deus
Sarça ardente (Êx 3.2)	A santidade de Deus
Coluna de nuvem (Êx 13.21, 22)	A presença e a orientação divinas
Símbolos vistos em visões	
Panela ao fogo (Jr 1.13)	O julgamento vindo do norte
Figos bons (Jr 24.3-5)	Os judeus cativos na Babilônia
Figos ruins (Jr 24.3, 8)	O remanescente dos judeus que permaneceram em Judá
Ossos secos que recebem nova carne (Ez 37)	A restauração de Israel
Quatro bestas (Dn 7)	Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma
Carneiro e bode (Dn 8)	Pérsia e Grécia
Cesto de frutos de verão (Am 8.1-12)	O julgamento vem (assim como as frutas indicam o final do verão)
Candelabro de ouro (Zc 4.2)	Israel dá testemunho de Deus para o mundo
Duas oliveiras (Zc 4.3, 11-14)	Zorobabel e Josué
Azeite (Zc 4.1-6)	O Espírito Santo
Mulher dentro do cesto (Zc 5.5-11)	O Israel pecaminoso
Sete candeeiros de ouro (Ap 1.12-20)	As sete igrejas
Sete estrelas (Ap 1.12-20)	Os anjos (ou ministros) das sete igrejas
Símbolos materiais	
Sangue (Dt 12.23-25; Lv 17.11; Hb 1.3; 7.16; 9.14; 13.20)	A vida
Pão e vinho (Lc 22.19, 20)	O corpo e o sangue de Cristo
Querubim esculpido (Êx 25.18-22)	A santidade de Deus
Pomba (Mt 10.16)	A submissão do cristão
Pomba (Os 7.11)	O estouvamento de Israel
Dragão (Ap 12.3-17; 13.2, 4, 11; 20.2)	Satanás
Chifre (1 Sm 2.1; Sl 112.9; Lm 2.3)	A força e a defesa

Incenso (Ap 8.3, 4)	A oração
Chaves (Mt 16.19)	A autoridade
Cordeiro (Is 53.6)	A desobediência humana
Cordeiro (Jo 1.29)	Cristo como sacrifício vicário
Leão (1 Ap 5.8)	A ferocidade de Satanás
Leão (Ap 5.5)	A realeza de Cristo
Arco-Íris (Gn 9.13-16; Ez 1.28; Ap 4.3)	A fidelidade de Deus
Serpente (Gn 3.1; 2 Co 11.3; Ap 12.9, 14, 15; 20.2)	Satanás
Pedra (Dn 2.44, 45; Is 28.16)	Cristo
Água (Jo 7.38, 39)	O Espírito Santo
Água (Ef 5.26)	A Palavra de Deus
Água (Tt 3.5)	A regeneração
Gestos simbólicos	
Imposição das mãos sobre outra pessoa (Gn 48.13, 14, 17; Mt 19.15)	A transmissão de uma bênção
Bater no peito (Lc 18.13)	A manifestação de remorso
Sentar-se sobre pó e cinzas (Jó 42.6) ou em pano de saco e cinzas (Lc 10.13)	A manifestação de arrependimento
Rasgar a própria roupa (Jó 1.20)	Expressão de tristeza
Rasgar a própria roupa (Mc 14.63)	Expressão de raiva
Sacudir o pó dos pés ao sair de uma cidade que tivesse rejeitado Cristo (Mt 10.14; At 13.51)	Significa que os discípulos haviam de rejeitar a cidade a tal ponto que nem o pó dela queriam levar consigo
Lavar as mãos (Mt 27.24)	A manifestação de inocência e de transferência de responsabilidade
Atos simbólicos	
Um serafim (anjo) toca os lábios de Isaías com uma brasa viva (Is 6.5, 6)	Isaías foi purificado no íntimo (Is 6.7)

Jeremias esconde um cinto de linho na fenda de uma rocha e mais tarde o retira, quando já estava podre (Jr 13.1-8)	Os deuses falsos que Judá adorava eram inúteis como um cinto podre (Jr 13.10)
Jeremias observa um oleiro trabalhando um vaso de barro (Jr 18.1-4)	Deus é soberano sobre seu povo (Jr 18.5, 6)
Jeremias quebra uma botija de barro (Jr 19.10)	Judá haveria de ser destruída como uma botija de barro (Jr 19.11)
Jeremias usa um jugo (Jr 27.1, 2)	Zedequias haveria de render-se à autoridade da Babilônia (Jr 27.12)
Jeremias encaixa pedras na argamassa do pavimento do palácio do Egito (Jr 43.8 ,9)	A Babilônia conquistaria o Egito (Jr 43.10-13)
Ezequiel come um rolo contendo lamentações, suspiros e ais (Ez 2.8—3.3)	Ezequiel deveria transmitir uma mensagem de lamento e de ai a Israel (Ez 2.10)
Ezequiel faz um esboço de Jerusalém, põe cerco e uma rampa contra ela (Ez 4.1-3)	Jerusalém seria atacada pela Babilônia (Ez 4.3)
Ezequiel fica deitado sobre seu lado esquerdo 390 dias e, sobre o lado direito, 40 dias, pesa a comida e, usando esterco de vaca, cozinha o alimento (Ez 4.4-6, 9-15)	Os habitantes de Jerusalém haveriam de comer alimentos contaminados em rituais nas nações que os escravizariam (Ez 4.13)
Ezequiel rapa a cabeça e a barba, queima um terço dos cabelos, corta outro terço e o lança ao vento e uma parte prende às vestes (Ez 5.1-4)	Um terço da população de Jerusalém morreria de peste ou de fome, outro terço à espada e o outro terço seria disperso (Ez 5.12)
Oséias casa-se com uma prostituta, que o abandona; ele a compra novamente e volta a amá-la (Os 1.2, 3; 3.2)	Deus restaurará Israel, ainda que tenha pecado contra ele (Os 3.5)
João come um rolo (Ap 10.9, 10)	João deveria assimilar a mensagem que Deus lhe haveria de dar (Ap 10.11)

Até mesmo as ordenanças da igreja — o batismo e a ceia do Senhor — são atos simbólicos. O batismo nas águas simboliza a identificação do crente com o sepultamento, a morte e a ressurreição de Cristo. Quando o cristão toma os elementos da ceia do Senhor, está simbolicamente proclamando a morte do Senhor: o pão representa o corpo de Jesus, que foi quebrado na crucificação, e o cálice representa seu sangue, que foi derramado na cruz para a remissão dos pecados.

Números simbólicos

Parece que certos números transmitem determinados conceitos, pelo fato de estarem freqüentemente associados a tais idéias. Em geral o número 7 é associado à perfeição (Gn 2.2, 3; Ap 1.12; 4.5; 5.1; 8.1; 15.1; 16.1). O número 40 costuma ser relacionado à provação, como os 40 anos que Moisés passou em Midiã (At 7.29, 30), os 40 anos que Israel peregrinou no deserto (Nm 32.13) e os 40 dias em que Jesus foi tentado (Lc 4.2).

Contudo, apesar de certos números apresentarem conotações simbólicas devido às idéias que lhes são associadas, isso não é motivo para atribuir-lhes sentido diferente do normal, literal. Embora a duração do período de tentação que Jesus atravessou esteja associada à idéia de provação, ele foi realmente tentado durante 40 dias. Ainda que os sete candeeiros de ouro simbolizem as sete igrejas (Ap 1.12, 20) e o número 7 simbolize perfeição, isso não nos dá o direito de negligenciar o sentido literal do número 7 e imaginar que existisse uma quantidade maior ou menor de candeeiros.

Nomes simbólicos

Os nomes de certas pessoas e locais nas Escrituras revestem-se de significado simbólico. Mas o estudioso da Bíblia não deve procurar significados simbólicos em nomes, a menos que ela o indique. O nome Eva foi dado à mulher de Adão "por ser a mãe de todos os seres humanos" (Gn 3.20). Em hebraico, *Eva* significa "vivo". Parece que é uma expressão da fé de Adão em relação ao futuro, muito embora Deus tivesse acabado de declarar que ambos morreriam (v. 19). Deus mudou o nome de Abrão para Abraão com o intuito de mostrar que ele haveria de ser o pai de muitos

povos. Abrão quer dizer "pai exaltado", e Abraão, "pai de muitos" (17.5). Deus também mudou o nome de sua esposa, Sarai, para Sara, cujo significado é "princesa" (v. 15).

Às vezes as mães davam nomes aos filhos que retratavam as circunstâncias do nascimento ou as características que acreditavam que os filhos adquiririam. Jacó não amava sua esposa Lia, e, assim, quando o Senhor lhe deu um filho, ela o batizou de Rúben, simbolizando que o Senhor atendera à sua aflição". A palavra *Reuben* soa como a expressão hebraica "ele atendeu à minha aflição". Provavelmente o sentido do nome de seu segundo filho, Simeão, é "aquele que ouve". Levi soa como a palavra hebraica para "unido", por isso Lia batizou o terceiro filho de Levi; disse ela: "Agora, desta vez, se unirá mais a mim meu marido, porque lhe dei à luz três filhos...". Quando o quarto filho nasceu — Judá — ela louvou o Senhor, pois a palavra *Judá* é parecida com o termo hebraico para louvor (29.31-35). Os filhos de Raquel, a outra esposa de Jacó, também receberam nomes que falavam das circunstâncias do nascimento (veja 30.1-24 e as notas de rodapé da Bíblia Vida Nova).

A filha de Faraó batizou o menino que encontrou no Nilo de Moisés, "e disse: Porque das águas o tirei" (Êx 2.10). A palavra *Moisés* assemelha-se ao verbo hebraico que significa "retirar". Em hebraico, Moisés é *mōsheh*, e o verbo *māshâ* significa "retirar".

Ana chamou seu filho de Samuel, pois disse: "Do SENHOR o pedi" (1 Sm 1.20). Entretanto, o nome Samuel não tem ligação com o termo hebraico *shā'al*, que significa "pedido", mas sim com *shāma'*, cuja tradução é "escutado". Ana queria dizer que Deus havia ouvido seu pedido. "Samuel" deriva de palavras hebraicas que significam "escutado por Deus".

O nome Daniel quer dizer "Deus julgou" ou "Deus é meu Juiz". Nabucodonosor mudou o nome de Daniel para Beltessazar, que significa "Senhora, proteja o rei". Nabucodonosor queria que Daniel esquecesse o nome de Deus, o qual fazia parte de seu nome. Foram feitas alterações semelhantes nos nomes dos três amigos do jovem (Dn 1.6, 7).

Os três filhos de Gômer, que era a esposa de Oséias, representavam mensagens para os israelitas. Jezreel, como se chamava o primeiro, significava que Deus quebraria o arco de Israel no vale Jezreel (Os 1.5); o nome da menina, *Lō-Ruḥamâ*, queria dizer "desfavorecida" e indicava que o amor de Deus por Israel cessaria temporariamente (v. 6); e o nome do segundo menino, *Lō-'Ammî*, cujo significado era "não-meu-povo", trazia a

mensagem para Israel de que Deus não considerava como povo aquele Israel que vivia no pecado.

Jesus mudou o nome de Simão para Cefas (aramaico) e Pedro (grego), que significa pedra (Jo 1.42; *cf.* Mt 16.18). Esse novo nome falava de seu papel futuro na instituição da igreja (At 2).

Os nomes de lugares às vezes ganhavam significado quando associados a fatos ocorridos naqueles locais ou a características de seus habitantes. Quando o anjo do Senhor apareceu a Hagar, ela batizou o poço de Beer-Laai-Roi, pois, como explicou, "Não olhei eu neste lugar para aquele que me vê?" (Gn 16.13, 14). No hebraico, o significado é "poço daquele que vive e me vê". Jacó mudou o nome da cidade Luz para Betel, pois disse: "É a casa de Deus, a porta dos céus" (28.17, 19).

Às vezes uma cidade ou nação ganhava outro nome. Por exemplo, Deus chamou os líderes de Jerusalém como "príncipes de Sodoma" e os habitantes de Jerusalém como "povo de Gomorra" (Is 1.10), porque seu pecado igualava-se ao daquelas cidades antigas. Ezequiel chamou Judá de Sodoma (Ez 16.46), e, em Apocalipse 11.8, Jerusalém é chamada simbolicamente de Sodoma e de Egito. Os estudiosos divergem quanto à menção que Pedro fez da Babilônia em 1 Pe 5.13 — deve ser entendida como uma referência à verdadeira Babilônia, no rio Eufrates, ou simbolicamente a Roma? Os que sustentam esta última possibilidade argumentam que o termo "Babilônia" pode ter sido usado para fazer uma menção indireta de Roma, a fim de proteger os cristãos locais contra as perseguições de Nero. De acordo com fatos históricos, Pedro passou os últimos anos de sua vida em Roma, e seu "filho" Marcos, mencionado no mesmo versículo, pode ser João Marcos, que Paulo afirmou estar em Roma (Cl 4.10).

Cores simbólicas

Às vezes determinadas cores adquiriam significado simbólico, mas repito que se deve tomar cuidado para não extrapolar o que as Escrituras dizem claramente. A púrpura era uma cor usada em tecidos que, aparentemente, simbolizava a realeza (Jz 8.26; Es 1.6; 8.15; Ct 3.10; Dn 5.7, 16, 29; Mc 15.17, 20) ou a riqueza (Pv 31.22; Lc 16.19; Ap 17.4; 18.16).

O branco geralmente esta associado à pureza (Is 1.18; Dn 7.9; Mt 17.2;

28.3; At 1.10; Ap 1.14; 3.4, 5; 4.4; 6.11; 7.9, 13, 14; 19.11, 14; 20.11).

Devemos evitar atribuir significados a outras cores, tais como azul, vermelho, escarlate, preto ou amarelo, já que as Escrituras aparentemente não especificam seu significado por associações. Repetindo, os estudiosos da Bíblia devem evitar o acréscimo de algo que não se encontre lá.

capítulo nove

O exame das parábolas e a análise das alegorias

As parábolas, as alegorias e as fábulas exigem atenção especial no estudo bíblico. A parábola é um tipo de linguagem figurada em que se fazem comparações; mas, em vez de usar uma só palavra ou expressão para a comparação ou analogia, como ocorre num símile, numa metáfora ou numa hipocatástase, a parábola faz uma ampla analogia em forma de história. Uma parábola é uma história baseada em fatos do cotidiano com o objetivo de ilustrar ou aclarar uma verdade. Apesar de ter base plausível, ela pode não ter realmente ocorrido com todos os detalhes como foi apresentada. Os acontecimentos históricos podem servir de ilustrações, mas as parábolas são histórias especiais, não necessariamente fatos históricos, contadas para ensinar certa verdade. Como se baseiam na realidade, diferem das alegorias e das fábulas, que serão discutidas mais adiante neste capítulo.

Parábola vem do grego *para* ("ao lado" ou "junto a") e *ballein* ("lançar"). Assim, a história é lançada com a verdade para ilustrá-la. Os ouvintes e leitores, ao perceber a comparação ou analogia entre a história e a situação em que se encontram, são estimulados a pensar. Antes de interpretar uma parábola, pergunta-se: Qual é o objetivo da história? Que verdade espiritual está sendo ilustrada? Que analogia está sendo feita? Podem existir parábolas estranhas e surpreendentes, mas nunca inverossímeis ou fictícias.

Além de fazer referência a histórias, a palavra grega *parabolē* também diz respeito a afirmações curtas (às vezes chamadas de similitudes) e a provérbios. As similitudes geralmente falam de costumes no tempo presente, ao passo que as parábolas falam de determinado momento no passado (*e.g.*, "... o fazendeiro saiu a semear", Mt 13.3).

Cinco das seis similitudes apresentadas a seguir são chamadas de parábolas, tendo o autor empregado o termo grego *parabolē*.

As similitudes de Jesus

Uma afirmação paradoxal

"... o que sai do homem é o que o contamina [...] os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola" (Mc 7.15, 17). Significado: o mal procede do coração (vv. 21-23).

Uma recomendação

"... propôs-lhes uma parábola: Quando por alguém fores convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar [...]. Pelo contrário, quando fores convidado, vai tomar o último lugar; para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-te mais para cima..." (Lc 14.7, 8, 10). Significado: quem se exaltar será humilhado e vice-versa (v. 11).

Uma pergunta

"... Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto está com eles o noivo?" (Lc 5.34) Significado: os discípulos de Jesus não estavam jejuando porque encontravam-se junto a ele. (Apesar de essa pergunta de Jesus não ser chamada de *parabolē*, assemelha-se às outras.)

Uma máxima a respeito da vida

"... Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco. Então lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola" (Mt 15.14, 15). Significado: os fariseus, cegos espiritualmente, estavam desviando outros espiritualmente (v. 12; *cf.* Mt 23.16, 17, 19, 24, 26).

Observações da natureza

"Ainda lhes propôs uma parábola, dizendo: Vede [...] todas as árvores. Quando começam a brotar [...] sabeis por vós mesmos que o verão está próximo" (Lc 21.29, 30). Significado: certos acontecimentos indicarão que "está próximo o reino de Deus" (v. 31).

"Porque não se colhem figos de espinheiros, nem dos abrolhos se vindimam uvas" (Lc 6.44). Significado: as boas ações derivam de um coração bom, não de um coração mau.

No Novo Testamento, a palavra *parabolē* é usada uma vez com o sentido de provérbio. Isso acontece em Lucas 4.23 ("... médico, cura-te a ti mesmo..."); a palavra grega realmente é traduzida por "provérbio". Podemos ver no quadro abaixo outros provérbios que Jesus falou:

Os provérbios de Jesus

Declarações

"... Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte" (Mt 5.14).

"Ninguém pode servir a dois senhores..." (Mt 6.24)

"... Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes" (Mt 9.12).

"... Não há profeta sem honra senão na sua terra e na sua casa" (Mt 13.57).

"... Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco" (Mt 15.14).

"O discípulo não está acima do seu mestre..." (Lc 6.40)

"... digno é o trabalhador do seu salário... " (Lc 10.7)

"... Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés..." (Jo 13.10)

"... o servo não é maior do que seu senhor..." (Jo 13.16)

"Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres" (Mt 24.28).

Perguntas

"Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor?..." (Mt 5.13)

"... Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do alqueire, ou da cama?..." (Mc 4.21)

Ordem

"... Médico, cura-te a ti mesmo..." (Lc 4.23)

O Antigo Testamento também traz algumas parábolas. À semelhança de *parabolē*, no Novo Testamento, a palavra hebraica *māshāl*, no Antigo Testamento, refere-se a histórias curtas, mas também tem outros significados. Tudo indica que *māshāl* deriva do verbo que significa "ser como", denotando assim uma semelhança ou analogia. É empregada no caso de citações breves: "... Também Saul entre os profetas?" (1 Sm 10.12); "dos perversos procede a perversidade..." (24.13). Nessas citações, a pergunta ou

afirmação expressa na forma de provérbio popular assinala uma semelhança entre a declaração e a realidade. As máximas ou ditados sábios do livro de Provérbios comparam essas observações com a realidade do dia-a-dia (Pv 1.1, 6; 10.1; 25.1). *Māshāl* também é usada com o sentido de óraculos (*e.g.*, Nm 24.20-23), zombaria (Is 14.4), adágios — em que uma pessoa é retratada como mau exemplo para os outros (Jó 17.6; 30.9; Sl 44.14) e discursos longos (Jó 27.1; 29.1). *Māshāl* também é empregada em referência a enigmas ou charadas, como em Salmos 49.4 e 78.2. Alguns consideram parábola o que Isaías disse a respeito da vinha do Senhor, em Isaías 5.1-7, enquanto outros o consideram alegoria.

Apesar de não ser chamada de parábola, a história que Natã contou sobre a ovelha (2 Sm 12.1-13) apresenta as características de uma parábola autêntica.

Quem contou a maioria das parábolas da Bíblia foi Jesus. A tabela a seguir fornece uma relação de suas parábolas. Como se pode ver, Mateus e Lucas registraram a maior parte delas. O evangelho de Mateus contém 18, sendo 11 exclusivas. Lucas contém 22, das quais sete também figuram em Mateus, e as outras 15 só aparecem no evangelho de Lucas. Marcos só traz cinco, sendo apenas duas exclusivas de seu evangelho, além de ser curtas (Mc 4.26-29; 13.34-37).

As parábolas de Jesus

1. As duas casas	Mateus 7.24-27 (Lucas 6.47-49)
2. O remendo novo e os odres novos	Mateus 9.16, 17
3. O semeador	Mateus 13.3-8 (Marcos 4.3-8; Lucas 8.5-8)
4. O joio	Mateus 13.24-30
5. O grão de mostarda	Mateus 13.31, 32 (Marcos 4.30-32; Lucas 13.18, 19)
6. O fermento	Mateus 13.33 (Lucas 13.20, 21)
7. O tesouro escondido	Mateus 13.44
8. A pérola de grande valor	Mateus 13.45, 46
9. A rede de pesca	Mateus 13.47-50
10. O credor incompassivo	Mateus 18.23-35
11. Os trabalhadores na vinha	Mateus 20.1-16
12. Os dois filhos	Mateus 21.28-32
13. Os lavradores maus	Mateus 21.33-46 (Marcos 12.1-12; Lucas 20.9-19)
14. As bodas	Mateus 22.1-14

As parábolas de Jesus (continuação)

15. Os dois servos	Mateus 24.45-51 (Lucas 12.42-48)
16. As dez virgens	Mateus 25.1-13
17. Os talentos	Mateus 25.14-30
18. A semente plantada às ocultas	Marcos 4.26-29
19. O porteiro	Marcos 13.34-37
20. Os meninos mal-educados	Lucas 7.31-35
21. Os dois devedores	Lucas 7.41-43
22. O bom samaritano	Lucas 10.25-37
23. O amigo à meia-noite	Lucas 11.5-8
24. O homem rico	Lucas 12.16-21
25. A figueira estéril	Lucas 13.6-9
26. A grande ceia	Lucas 14.15-24
27. A torre inacabada e a guerra precipitada do rei	Lucas 14.28-33
28. A ovelha perdida	Mateus 18.12-14 (Lucas 15.4-7)
29. A dracma perdida	Lucas 15.8-10
30. O filho pródigo	Lucas 15.11-32
31. O administrador infiel	Lucas 16.1-9
32. A recompensa do servo	Lucas 17.7-10
33. O juiz iníquo	Lucas 18.1-8
34. O fariseu e o publicano	Lucas 18.9-14
35. As dez minas	Lucas 19.11-27

Extraído de: *The Bible knowledge commentary*, Novo Testamento, Wheaton, Victor Books, 1983, p. 35. Reproduzido com permissão.

Por que Jesus falava por parábolas?

Quando os discípulos perguntaram a Jesus por que falava com as pessoas por meio de parábolas (Mt 13.10; Mc 4.10), ele disse que tinha duas finalidades. Uma era revelar verdades a seus seguidores, e a outra, ocultar a verdade "aos de fora" (Mc 4.11). Embora talvez pareçam objetivos contraditórios, a resposta a esse dilema deve residir no caráter dos ouvintes. Como os doutores da lei (3.22) já haviam expressado sua incredulidade e rejeitado Jesus, eles revelaram o endurecimento de seus corações. Assim, não tinham condições de compreender o significado das parábolas do Senhor. Cegados pela incredulidade, rejeitaram-no; então, quando ele falava por parábolas, os escribas geralmente não captavam o sentido. Por outro

lado, os seguidores do Senhor, que estavam abertos para ele e para suas verdades, compreendiam-nas.

As parábolas eram um meio de comunicação eficaz, pois, devido a seu formato de história, logo despertavam o interesse dos ouvintes. Quando o povo ouvia as histórias de Jesus, todas as quais eram baseadas na realidade, *imediatamente mergulhavam nelas junto com Cristo. A curiosidade era* aguçada pelo desejo de saber como a história evoluiria e terminaria.

As parábolas estimulavam a reflexão das pessoas. Com suas analogias, Jesus queria que os ouvintes "avaliassem situações que lhes eram bem familiares e fossem levados a aplicar esse julgamento a fatos cujo significado não estavam enxergando".[1] Jesus não narrava as parábolas apenas para entreter o público com histórias. Ele as contava de forma que as pessoas visadas as "aplicassem a si, ainda que com ressentimento ou relutância".[2] Assim, suas parábolas quase sempre deixavam as pessoas desarmadas.

Que fatores caracterizavam as parábolas de Jesus?

As parábolas de Jesus prendiam a atenção por falarem de aspectos comuns do cotidiano. *Comércio*: pescador, construtor, mercador, dinheiro, juros, dívidas, tesouro, patrão, senhor, servos, credor, devedor, coletor de impostos, viajante, pérola, administrador. *Agricultura e pecuária*: fazendeiro, pastor, ovelhas, solo, sementes, árvores, pássaros, espinhos, colheita, chiqueiro, vinha, viticultores, torre de observação, celeiros e figueiras.

Dentre os aspectos *domésticos* que Jesus citou, figuram: casas, cozinhar (fermento e comida), costurar, moedas, varrer, dormir, comer, crianças brincando, viúva, odres, porteiro. Ele também fez menção a eventos *sociais* nas parábolas, dos quais um casamento, um banquete, damas de honra, pai e filho, um amigo que chega à meia-noite, um anfitrião e convidados. Dentre os elementos *religiosos*, temos: um sacerdote, um levita, um samaritano e um fariseu; e, dentre os *civis*, juiz, rei e guerra.[3]

1. William BARCLAY, *And Jesus said: handbook on the parables of Jesus*, Philadelphia, Westminster, 1970, p. 13.
2. Geraint V. JONES, *The art and truth of the parables*, London, SPCK, 1964, p. 114.
3. Para obter maiores detalhes sobre os aspectos culturais e literários das parábolas, veja Kenneth E. BAILEY, *As Parábolas de Lucas*, São Paulo, Vida Nova, 1985.

As parábolas de Jesus continham suspense, tramas simples, contrastes fortes e, em certos casos, exageros.[4] O leitor fica em suspense imaginando o que o senhor misericordioso fará com o servo inclemente (Mt 18.21-35). Que acontecerá aos arrendatários que mataram os servos e o filho do fazendeiro (21.33-46)? Que fará o rei do convidado não devidamente trajado para as bodas (22.1-14)? Que há de fazer o senhor do servo mau quando retornar (24.45-51)? Quando o filho pródigo sai de casa, que acontecerá? Quando voltar para o pai, será aceito (Lc 15.11-32)? Se dois homens se negam a ajudar outro, ferido, caído à beira da estrada, que fará o terceiro transeunte (10.25-37)?

Existe uma abundância de contrastes nas parábolas do Senhor, os quais despertam o interesse dos ouvintes e dos leitores. Na página 232, apresentamos uma relação desses muitos contrastes. Repare também em quantas vezes duas pessoas são comparadas a um único indivíduo, como no caso dos dois servos que investiram as minas e do servo que não aplicou nenhuma; o credor compassivo em relação aos dois devedores sem condições de saldar a dívida, e os dois viajantes e o bom samaritano.

Muitas parábolas contêm três personagens principais ou grupos de personagens, como podemos ver na relação abaixo.

O credor incompassivo (Mt 18.23-35): o rei, o servo perdoado, o servo não perdoado.

Os trabalhadores na vinha (Mt 20.1-16): o fazendeiro, os trabalhadores contratados de manhã e os trabalhadores contratados na décima primeira hora.

Os dois filhos (Mt 21.28-32): o homem, o primeiro filho, o segundo filho.

Os lavradores maus (Mt 21.33-46): o fazendeiro, os lavradores, o filho.

As bodas (Mt 22.1-14): o rei, os que se recusaram a comparecer, os que compareceram.

Os dois servos (Mt 24.45-51): o senhor, o servo prudente, o servo mau.

As dez virgens (Mt 25.1-13): o noivo, as cinco virgens prudentes, as cinco virgens tolas.

4. Leland RYKEN, *How to read the Bible as literature*, Grand Rapids, Zondervan, 1984, p. 141-4.

Os contrastes nas parábolas

Casa edificada sobre a rocha	Casa edificada na areia
Roupa nova	Roupa velha
Vinho novo	Odres velhos
Semente em solo bom	Semente em solo ruim
O semeador semeou trigo	O inimigo semeou joio
Pequena semente de mostarda	Árvore frondosa
Pequena porção de fermento	Alimento em grande quantidade
Tesouro e pérola	Todas as posses de pouco valor de um indivíduo
Peixes bons	Peixes ruins
Um servo a quem se perdoou uma grande dívida	Ele se recusa a perdoar a outrem uma pequena dívida
Trabalhadores labutam um dia inteiro por um denário	Outros trabalhadores labutam uma hora pelo mesmo salário
Um filho recusa-se a trabalhar mas posteriormente trabalha	Um filho promete trabalhar, mas não trabalha
Os convidados de um casamento negam-se a comparecer	Os que foram coagidos a comparecer comparecem
Servo fiel	Servo mau
Cinco virgens prudentes	Cinco virgens tolas
Dois servos aplicam suas minas	Um servo não investe uma única mina
Credor	Dois devedores não podem pagar
Sacerdote e levita passam pelo ferido	Bom samaritano cuida do ferido
Amigo à meia-noite	Amigo dormindo
O rico adquire mais riquezas	O rico perde a alma
Dono de uma figueira ansioso por cortá-la	Viticultor deseja esperar mais um ano
Celebração da volta do filho pródigo	Não há celebração para o mais velho

Os talentos (Mt 25.14-30): o senhor, os servos que aplicaram os talentos, o servo que não aplicou seu único talento.

Os dois devedores (Lc 7.41-43): o credor, o devedor de grande dívida, o devedor de pequena dívida.

O bom samaritano (Lc 10.25-37): o judeu ferido, os sacerdotes negligentes, o samaritano.

O amigo à meia-noite (Lc 11.5-8): o homem a quem se pediu ajuda, o hóspede que pede ajuda, o amigo necessitado.

A grande ceia (Lc 14.15-24): os convidados apresentam três desculpas.

A ovelha perdida (Lc 15.4-7): os pastores, as 99 ovelhas, uma ovelha perdida.

O filho pródigo (Lc 15.11-32): o pai, o filho pródigo, o primogênito.

O juiz iníquo (Lc 18.1-8): o juiz, a viúva, o adversário.

As minas (Lc 19.11-27): o servo com dez minas, o servo com cinco, o servo com uma.

Existe uma infinidade de conflitos nessas parábolas. Entre eles, citamos os homens que trabalharam uma hora e os que trabalharam o dia inteiro (Mt 20.1-16), as virgens prudentes que se recusaram a fornecer azeite às tolas (25.1-13), o homem insistente em conflito com o amigo que já se tinha deitado (Lc 11.5-8), a viúva persistente e o juiz (18.1-8), e o conflito entre o filho pródigo e o pai e entre o filho pródigo e o irmão mais velho (15.11-32).

Às vezes as parábolas apresentam desfechos insólitos. Fica surpreso quem lê que um indivíduo que trabalhou apenas uma hora recebesse o mesmo salário daqueles que trabalharam o dia todo (Mt 20.1-16), ou que um rei ficou tão irado que enviou seu exército para eliminar certos assassinos e queimar a cidade deles (22.6-7). Também é incrível que o pai do filho pródigo tenha corrido a seu encontro (Lc 15.20), ou que um samaritano tivesse demonstrado mais compaixão e bondade do que os sacerdotes, pois aos olhos dos judeus nenhum samaritano era bom (10.25-37). É notável também que todos os que foram convidados para um banquete tenham recusado o convite (Mt 22.3), ou que o homem a quem outro devia uma pequena quantia se negasse a cancelar a dívida, quando o grande débito que ele próprio tinha com outro havia sido perdoado (18.23-35).

O efeito de certas parábolas aumenta com a surpresa que provocam ao se desviarem do que seria normal esperar.

> Um rei normalmente não permite que um servo contraia uma dívida de milhões (Mt 18.24). Dificilmente os convidados que estão lotando uma sala vão voltar atrás e recusar o convite que antes tinham aceito (Lc 14.18-20). Não é normal que um trabalhador espere receber por um dia de trabalho o equivalente a uma hora; como aconteceu com os que trabalharam o dia todo, na parábola, ele insiste em receber o que é justo (Mt 20.9).[5]

Exageros, hipérboles, inversões e situações atípicas aumentam o impacto de muitas das parábolas.[6]

Ryken fala da "ênfase final", em que o último elemento da parábola é o mais importante.[7] Na parábola do semeador, o solo fértil é mencionado por último. O último servo, que não investiu sua mina, foi julgado com rigor; o último viajante na parábola do bom samaritano foi generoso e os que foram convidados por último para o banquete aceitaram o convite.

Outra característica interessante das parábolas de Jesus é o discurso direto, ou seja, ele falava o que as personagens realmente diziam. Esse fator também incrementa a qualidade de história das parábolas. Associado a isso está o discurso chamado solilóquio, em que a personagem fala consigo mesma, assim revelando aos ouvintes e leitores seus pensamentos, planos e preocupações. Talvez o monólogo mais famoso das parábolas seja o do filho pródigo, que disse: "... Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores" (Lc 15.17-19). Em outra parábola, o administrador infiel diz para si mesmo: "... Que farei, pois que o meu senhor me tira a administração? Trabalhar na terra, não posso; também de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que farei, para que, quando for demitido da administração, me recebam em suas casas" (16.3, 4). Um homem rico "... arrazoava consigo mesmo, dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: Destruirei os

5. G. B. CAIRD, *The language and imagery of the Bible*, Philadelphia, Westminster, 1980, p. 164.
6. Para saber mais sobre esses elementos nas parábolas, veja Norman A. HUFFMAN, Atypical features in the parables of Jesus, *Journal of Biblical Literature 97*: 207-20, 1978.
7. RYKEN, op. cit., p. 142.

meus celeiros, reconstruí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então direi à minha alma: Tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come e bebe, e regala-te" (12.17-19).

Depois de ouvir as insistentes súplicas da viúva, o juiz disse consigo mesmo: "... como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, *por fim, venha a molestar-me*" (18.5).

Uma pecadora molhou os pés de Jesus com lágrimas, beijou-os e derramou perfume sobre eles. O fariseu que havia convidado Jesus para jantar disse em seu íntimo: "... Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou..." (7.39). Em outra parábola, um servo mau disse consigo mesmo: "... Meu senhor demora-se" (Mt 24.48).

Existe mais outro aspecto literário das parábolas, que é a ocorrência de perguntas retóricas. Elas estimulam os leitores a responder mentalmente aos desafios propostos por Jesus. Por exemplo, o Senhor perguntou: "Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?" (Lc 15.4) Ele fez uma pergunta parecida ao citar o caso da mulher que perdeu uma de suas dez moedas: "Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente, até encontrá-la?" (v. 8). Um proprietário de terras perguntou a um de seus empregados: "Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?" (Mt 20.15).

Quando falou dos dois servos, Jesus começou perguntando: "Quem é, pois, o servo fiel e prudente a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?" (24.45). E, quando começou a falar das crianças mal-educadas, perguntou: "A que, pois, compararei os homens da presente geração, e a que são eles semelhantes?" (Lc 7.31).

Três das cinco frases da parábola que Jesus contou sobre a recompensa do servo são perguntas retóricas (Lc 17.7-10). Na parábola da viúva persistente, Jesus fez a seguinte pergunta retórica: "... Contudo, quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na terra?" (18.8).

Em outras ocasiões, ele fez perguntas às quais queria que os ouvintes respondessem. Depois de falar a Simão Pedro sobre os dois devedores, perguntou-lhe: "... Qual deles, portanto, o amará mais?" (7.42). Após contar a parábola do bom samaritano para o doutor da lei, Jesus perguntou-lhe: "Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?" (10.36). Quando contou o caso dos dois filhos, Jesus

perguntou aos principais sacerdotes e anciãos: "Qual dos dois fez a vontade do pai?..." (Mt 21.31).

Todos esses aspectos literários das parábolas — suspense, contraste, descrição, conflito, surpresa, hipérbole, inversão, ênfase final, discurso direto e perguntas retóricas — demonstram o impacto incomum que as histórias de Jesus devem ter provocado nos que as ouviram.

Que tipos de parábolas Jesus contou?

Ao ler as 35 parábolas de Jesus, percebe-se que algumas delas assemelham-se a outras. Possuem um tema comum, como no caso das parábolas sobre as sementes, ou uma personagem comum, como as parábolas sobre os servos, sobre os proprietários de terras, sobre os pais e sobre os reis. Já outras parábolas têm em comum um aspecto emocional, tal como a alegria ou a compaixão. Em algumas, o que se oferece é aceito, ao passo que em outras se recusa o que é oferecido. Várias delas falam de recompensa e castigo. Todas ensinam algo sobre Jesus, sobre seu reino ou sobre seus seguidores. O quadro das páginas de 239 a 242 ilustram esses grupos.

Ao interpretar as parábolas, é importante ter em vista que todas se referem de alguma forma ao reino de Deus. Muitos estudiosos da Bíblia admitem esse fato, dos quais alguns antidispensacionalistas e a maioria dos dispensacionalistas. O quadro da página 243, que trata do reino nas parábolas, relaciona-as em sete grupos: o progresso no reino, o conflito entre a concepção de Jesus e a dos fariseus a respeito do reino, a graça e os pecadores no reino, as características dos cidadãos do reino, a rejeição do Rei e do seu reino, o julgamento dos que rejeitam o Rei e/ou recompensa para os que o aceitam e a vigilância e a prontidão para a vinda do Rei.

Os evangelhos fornecem amplo fundamento para que se veja a relação das parábolas com o reino ou o governo de Deus. Em primeiro lugar, Mateus inicia 11 de suas parábolas dizendo: "O reino dos céus é semelhante..." (13.24, 31, 33, 44, 45, 47; 18.23; 20.1; 22.2), ou "o reino dos céus será semelhante a..." (25.1), ou ainda "será como..." (v. 14). Além disso, Marcos conta que Jesus disse: "... O reino de Deus é assim como..." (Mc 4.26). Todas as sete parábolas de Mateus 13 dizem respeito ao reino. A parábola do semeador não começa com a afirmação "o reino dos céus é semelhante a...", mas, quando Jesus a explicou, estabeleceu a relação com o reino ao dizer:

"A todos os que ouvem a palavra do reino..." (v. 19). Os versículos 38, 41, 43 e 52 também citam o reino. Nesse mesmo capítulo, Jesus diz: "... Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus..." (v. 11).

Em segundo lugar, há duas parábolas em Lucas que vêm logo após uma referência ao reino. Jesus contou a parábola da grande ceia assim que disse: "Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus" (Lc 14.15), fazendo uma clara associação entre a parábola e o banquete em seu reino. Como o povo achava que o reino de Deus se manifestaria imediatamente (19.11), Jesus contou a parábola das minas. Ao contar a parábola do juiz iníquo e da viúva persistente, ele concluiu dizendo: "... Contudo, quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na terra?" (18.8)

Em terceiro lugar, todas as parábolas que mencionam um rei ou a viagem e o retorno de um proprietário de terras falam nitidamente desta era em que Jesus está ausente e na qual esperamos seu retorno. Essas parábolas, somadas às outras que acabamos de mencionar e que falam do reino, pressupõem a existência do reino hoje em dia, de uma forma ou de outra, sendo que o Rei não está presente na terra. (Veja o quadro da página 244 para saber o significado das parábolas sobre o reino em Mateus 13.) No final da parábola dos dois filhos, Jesus fez a associação com o reino, ao dizer: "... Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus" (21.31). Na parábola dos dois servos, ele menciona a volta do senhor (24.46), que verificará a fidelidade do servo, e o servo mau, que disse: "Meu senhor demora-se" (v. 48). Nessa mesma parábola, Jesus falou sobre o senhor: "virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera..." (v. 50).

Na parábola das dez virgens, elas saem com lamparinas "a encontrar-se com o noivo" (Mt 25.1). As palavras de Jesus no final da parábola também ressaltam a necessidade de vigiar durante sua ausência, porque ninguém sabe quando ele voltará (v. 13).

Na parábola dos dez talentos, o reino dos céus é comparado a "... um homem que, ausentando-se do país..." (v. 14), "... depois de muito tempo, voltou..." e mandou que lançassem o servo inútil "nas trevas" (v. 30).

A parábola do porteiro, na qual Jesus exortou seus seguidores a ficar de sobreaviso (Mc 13.33), veio logo depois de ele dizer: "Então verão o Filho do homem vir nas nuvens, com grande poder e glória" (v. 26). Nessa mesma parábola, Cristo compara a situação a "um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie" (v. 34). O porteiro é alertado para

vigiar, pois não sabe quando o dono da casa voltará. Essa é mais uma referência ao estado de alerta (vv. 35-37).

A parábola das minas também fala de um homem que viaja para "uma terra distante" e retorna (Lc 19.12, 15). Essa mesma parábola menciona "certo homem nobre" que parte para "tomar posse de um reino" (v. 12; *cf.* v. 15).

Quando o estudioso da Bíblia não percebe o destaque que se dá ao reino nas parábolas, deixa passar uma chave importante para compreender essas histórias e o motivo pelo qual Jesus as contava.[8]

Alguns princípios da interpretação de parábolas

Atentar para o significado natural da história

Estamos falando agora do que já foi dito em outros capítulos sobre interpretar primeiramente uma passagem de acordo com seu significado gramatical, normal, sem lhe acrescentar outro sentido.

Como já vimos, parábola é uma história que procura ilustrar uma verdade por analogia. Então, duas coisas são combinadas numa parábola — um caso plausível e a verdade espiritual por ele exemplificada ou explicada. Portanto, para entender corretamente essa verdade espiritual, é imprescindível que primeiramente se compreenda na totalidade o caso narrado. Imagine uma casa construída sobre uma rocha, que suporta tempestades, e outra construída sobre areia, que desaba sob fortes chuvas e ventanias. Entenda tudo o que puder sobre a semente de mostarda que, diminuta como é, produz uma árvore frondosa em pouco tempo. (Veja a explicação sobre a semente de mostarda no capítulo 4, p. 98.) Uma vez que você compreenda a situação real descrita na parábola dentro de todo o seu contexto cultural, estará em melhores condições de entender a mensagem transmitida. Uma rede de pesca, uma vinha, um banquete matrimonial, lamparinas, talentos, uma figueira estéril há três anos, o valor de uma única moeda para uma dona de casa, o desprezo das pessoas pelos coletores de impostos, o significado das

8. Desejando mais detalhes sobre a doutrina do reino nas parábolas, veja J. Dwight PENTECOST, *The parables of Jesus*, Grand Rapids, Zondervan, 1982, p. 161-80.

minas — o entendimento dessas coisas esclarece o significado das parábolas e ajuda a fazer corretamente a transposição para a verdade espiritual.

Classificação das parábolas

Parábolas sobre sementes

1. O semeador (Mt 13.3-8)
2. O joio (Mt 13.24-30)
3. O grão de mostarda (Mt 13.31, 32)
4. O fermento (Mt 13.33)
5. O joio semeado às encondidas (Mc 4.26-29)

Parábolas sobre aspectos da natureza

1-5. Todas as parábolas sobre sementes citadas acima
6. As duas casas — sobre a rocha e sobre a areia (Mt 7.24-27)
7. O remendo de pano novo e os odres novos (Mt 9.16, 17)
8. Os tesouros escondidos — num campo (Mt 13.44)
9. A pérola de grande valor (Mt 13.45, 46)
10. A rede de pesca — com peixes bons e ruins (Mt 13.47-50)
11. Os trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16)
12. Os lavradores maus (Mt 21.33-46)
13. A figueira estéril (Lc 13.6-9)
14. A ovelha perdida (Lc 15.4-7)

Parábolas sobre servos

A. Parábolas nas quais o senhor viaja e deixa os servos sozinhos. Quando retorna, recompensa os servos fiéis e/ou pune os maus.
   1. Os dois servos (Mt 24.45-51)
   2. Os talentos (Mt 25.14-30)
   3. O porteiro (Mc 13.34-37)
   4. As minas (Lc 19.11-27)

B. O servo viaja ou se ausenta e volta para apresentar-se a seu senhor. O acerto de contas é inesperado.
   1. O credor incompassivo (Mt 18.23-35)
   2. Os trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16)

Classificação das parábolas (continuação)

3. Os lavradores maus (Mt 21.33-46)
4. O administrador infiel (Lc 16.1-9)
5. A recompensa do servo (Lc 17.7-10)

Parábolas sobre pais

1. Os dois filhos (Mt 21.28-32)
2. Os lavradores maus (Mt 21.33-46)
3. As bodas (Mt 22.1-14)
4. O filho pródigo (Lc 15.11-32)

Parábolas sobre reis

1. O credor incompassivo (Mt 18.23-35)
2. As bodas (Mt 22.1-14)
3. A guerra precipitada do rei (Lc 14.31-33)
4. As minas (Lc 19.11-27)

Parábolas sobre dinheiro (ou tesouros)

1. O tesouro escondido (Mt 13.44)
2. A pérola de grande valor (Mt 13.45, 46)
3. O credor incompassivo (Mt 18.23-35)
4. Os trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16)
5. Os talentos (Mt 25.14-30)
6. Os dois devedores (Lc 7.41-43)
7. O bom samaritano (Lc 10.25-37)
8. O homem rico (Lc 12.16-21)
9. O administrador infiel (Lc 16.1-9)
10. O fariseu e o publicano (Lc 18.9-14)
11. As minas (Lc 19.11-27)

Parábolas sobre colheitas

1. O joio (Mt 13.24-30; veja os vv. 30, 39)
2. Os lavradores maus (Mt 21.33-46; veja o v. 41)
3. Os talentos (Mt 25.14-30; veja os vv. 24, 26)
4. O joio semeado às escondidas (Mc 4.26-29)

Classificação das parábolas (continuação)

Parábolas sobre mulheres

1. O fermento (Mt 13.33)
2. As virgens (Mt 25.1-13)
3. A dracma perdida (Lc 15.8-10)
4. O juiz iníquo (Lc 18.1-8)

Parábolas de teor social ou doméstico

1. As bodas (Mt 22.1-14)
2. As dez virgens (Mt 25.1-13)
3. O porteiro (Mc 13.34-37)
4. As crianças mal-educadas (Lc 7.31-35)
5. O bom samaritano (Lc 10.25-37)
6. O amigo à meia-noite (Lc 11.5-8)
7. A grande ceia (Lc 14.15-24)
8. A dracma perdida (Lc 15.8-10)
9. O filho pródigo (Lc 15.11-32)
10. A recompensa do servo (Lc 17.7-10)
11. O juiz iníquo (Lc 18.1-8)
12. O fariseu e o publicano (Lc 18.9-14)

Parábolas sobre compaixão

1. O bom samaritano (Lc 10.25-37; veja o v. 33)
2. A grande ceia (Lc 14.15-24; veja o v. 21)
3. A ovelha perdida (Lc 15.4-7; veja o v. 4)
4. O filho pródigo (Lc 15.11-32; veja o v. 20)

Parábolas sobre regozijo

1. O tesouro escondido (Mt 13.44)
2. A ovelha perdida (Lc 15.4-7)
3. A dracma perdida (Lc 15.8-10)
4. O filho pródigo (Lc 15.11-32)

Parábolas sobre celebrações

1. As bodas (Mt 22.1-14)

Classificação das parábolas (continuação)

2. As dez virgens (Mt 25.1-13)
3. A grande ceia (Lc 14.15-24)
4. O filho pródigo (Lc 15.11-32)

Parábolas sobre recusa

1. O credor incompassivo (Mt 18.23-35). O servo cuja dívida fora cancelada recusou-se a cancelar uma dívida que tinham com ele; assim, o rei prendeu-o e, por fim, recusou-se a anular sua dívida.
2. Os lavradores maus (Mt 21.33-46). Os lavradores que haviam sido contratados recusaram-se a tratar bem os servos do proprietário e seu filho, portanto o proprietário recusou-se a deixar a vinha aos cuidados daqueles lavradores.
3. As bodas (Mt 22.1-14). Como os convidados da festa recusaram-se a comparecer, o rei negou-se a permitir que vivessem.
4. Os talentos (Mt 25.14-30). O servo que tinha um único talento não quis investi-lo, por isso o senhor não permitiu que ele continuasse nem com aquele talento.
5. O homem rico (Lc 12.16-21). O homem rico recusou-se a honrar a Deus, portanto Deus não permitiu que vivesse.
6. A figueira estéril (Lc 13.6-9). O dono de uma figueira não quis deixá-la crescer.
7. A grande ceia (Lc 14.15-24). Os convidados do banquete desculparam-se por não comparecer e recusaram-se a ir.

Identificar o problema, a pergunta ou a situação que originou a parábola

Quando se entende por que Jesus contou determinada parábola em certas ocasiões, fica mais fácil perceber a analogia entre o caso relatado e a verdade espiritual que ele estava transmitindo.

O reino nas parábolas

O progresso no reino

O joio; o grão de mostarda; o fermento; o joio semeado às escondidas

O conflito entre a concepção de Jesus e a dos fariseus a respeito do reino

Remendo de pano novo e odres novos; as crianças mal-educadas

A graça e os pecadores no reino

O tesouro escondido (Israel); a pérola de grande valor (a igreja); os trabalhadores da vinha; os dois filhos; as crianças mal-educadas; os dois devedores; a figueira estéril; a grande ceia; a ovelha perdida; a dracma perdida; o filho pródigo; o fariseu e o publicano

As características dos cidadãos do reino

Compaixão: o bom samaritano
Humildade: a recompensa do servo
Fidelidade: os dois servos; os talentos; as minas
Oração persistente: o amigo à meia-noite; o juiz iníquo
Reação para com as riquezas: o homem rico; o administrador infiel
Perdão: o credor incompassivo
Disposição de se sacrificar: a torre inacabada e a guerra precipitada do rei

A rejeição do Rei e de seu reino

O semeador; os dois filhos; os lavradores maus; as bodas; as crianças mal-educadas; a grande ceia; as minas

O julgamento dos que rejeitam o Rei e/ou recompensa para os que o aceitam

As duas casas; o joio; a rede de pesca; os trabalhadores da vinha; os lavradores maus; as bodas; os dois servos; as dez virgens; os talentos; o porteiro; os dois devedores; a figueira estéril; a grande ceia; as minas

A vigilância e a prontidão para a vinda do Rei

As dez virgens; o porteiro

As parábolas sobre o reino em Mateus 13

Parábolas	*Referências*	*Significados*
1. O semeador	13.13-23	A maioria das pessoas rejeitará as boas novas do evangelho.
2. O trigo e o joio	13.24-30, 36-43	Pessoas de fé autêntica e pessoas que dizem falsamente ter fé coexistirão durante o período que separa as duas vindas de Cristo.
3. O grão de mostarda	13.31, 32	A cristandade, com a inclusão de crentes e incrédulos, progredirá rapidamente a partir de um começo humilde.
4. O fermento	13.33-35	As pessoas que afirmam pertencer a Deus crescerão em número, sem impedimento.
5. O tesouro escondido	13.44	Cristo veio para comprar (redimir) Israel, que é o tesouro de Deus.
6. A pérola	13.45, 46	Cristo deu a vida para conceder redenção à igreja.
7. A rede	13.47-52	Os anjos separarão os ímpios dos justos quando Cristo vier.

Extraído de: *The Bible knowledge commentary*, Novo Testamento, Wheaton, Victor Books, 1983, p. 52. Reproduzido com permissão.

As parábolas podem ser agrupadas nos nove tipos de situações ou finalidades a seguir. Ao estudar determinada parábola, consulte esta lista para identificar o caso em que se enquadra.

Parábolas em resposta a perguntas. Os discípulos de João perguntaram a Jesus: "... Por que jejuamos nós e os fariseus, e teus discípulos não jejuam?" (Mt 9.14). Jesus contou, então, a parábola do remendo de pano novo e dos odres novos para mostrar que seus caminhos eram novos. Um perito na lei perguntou a Jesus: "... Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" (Lc 10.25; cf. Mt 19.16) e "... quem é o meu próximo?" (Lc 10.29). Logo em seguida, Jesus contou a parábola do bom samaritano (vv. 30-37) e a parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16).

Pedro perguntou a Jesus: "... Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?" (18.21). Diante dessa per-

gunta, Jesus contou a parábola do credor incompassivo. Quando os principais sacerdotes e os anciãos perguntaram "Com que autoridade fazes estas coisas? e quem te deu essa autoridade?", ele replicou com a parábola dos dois filhos e dos lavradores maus.

Parábolas em resposta a pedidos. A parábola do amigo à meia-noite (Lc 11.5-8), na qual Jesus estava nitidamente ressaltando a insistência na oração, veio logo após um de seus discípulos fazer o seguinte pedido: "... Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos" (v. 1). A parábola do homem rico (12.16-21) foi contada logo em seguida ao pedido que alguém na multidão fez ao Senhor para que mandasse o irmão dele repartir a herança paterna (v. 13). Jesus não aceitou julgar a causa e, alertando as pessoas para se precaverem contra a cobiça (vv. 14, 15), contou a parábola do homem rico.

Parábolas em resposta a críticas. Um fariseu que convidou Jesus para jantar pensou consigo mesmo: "... Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora" (Lc 7.39). Jesus percebeu e contou a história dos dois devedores (vv. 41-43). Quando os fariseus e os doutores da lei reclamaram — "este recebe pecadores e come com eles" (15.2) — Jesus contou as parábolas da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho perdido ou pródigo. Com essas histórias, Cristo demonstrou que comia com pecadores porque eles, como os três elementos perdidos, precisavam ser "achados" espiritualmente.

Parábolas contadas com propósito definido. Jesus contou a parábola do juiz iníquo para mostrar a seus discípulos que deviam "orar sempre e nunca esmorecer" (Lc 18.1). Como alguns fariseus estribavam-se em sua própria justiça e menosprezavam a todos (v. 9), Jesus contou a parábola do fariseu e do publicano. E, como o povo pensava que o reino de Deus se manifestaria imediatamente (19.11), contou a parábola das minas.

Parábolas sobre o reino contadas porque Israel rejeitara Jesus como Messias. Mateus 12 relata o auge da rejeição de Jesus por parte dos fariseus, quando o acusaram de realizar milagres pelo poder de Satanás (v. 24). Como muitas pessoas o estavam rejeitando (e somente aqueles que faziam sua vontade tinham uma relação espiritual íntima com ele, vv. 48-50), Jesus

propôs as sete parábolas do reino, em Mateus 13. Consulte o quadro da página 244, que contém uma relação das parábolas sobre o reino em Mateus 13, para saber o significado de cada uma delas tendo em mente a rejeição do Messias por parte de Israel.

Parábolas subseqüentes a uma exortação ou a um princípio. Várias vezes Jesus fez uma exortação ou mostrou um princípio e, em seguida, contou uma parábola para ilustrá-lo ou explicá-lo. Por exemplo, Marcos 13.33 relata que Jesus alertou: "Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo". Depois, ele contou a parábola do porteiro (vv. 34-37).

Jesus pode ter contado a história da ovelha perdida em mais de uma ocasião. Em Lucas 15.4-7, essa parábola vem logo após a reclamação dos fariseus e dos mestres da lei de que ele recebia pecadores e comia com eles. Em Mateus 18, ele contou a parábola da ovelha perdida (vv. 12-14) logo depois de exortar os discípulos a não desprezarem as crianças (v. 10).

A declaração: "Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus" (Lc 14.15) foi seguida da parábola da grande ceia (vv. 16-24). Depois de exortar os discípulos, dizendo: "Por isso ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá" (Mt 24.44), o Senhor contou a parábola dos dois servos (vv. 45-51).

Parábolas seguidas de exortação ou princípio. Às vezes Jesus contava uma parábola e, em seguida, fazia uma exortação ou mostrava um princípio. Por exemplo, a parábola do amigo à meia-noite (Lc 11.5-8) veio acompanhada da exortação à oração persistente (vv. 9-10).

A parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20.1-15) precede o princípio: "... os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos" (v. 16). É interessante que praticamente as mesmas palavras também precedem a parábola, pois Jesus afirmou, em 19.30: "Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros".

O fato de que o conceito de discipulado está associado à idéia de sacrifício está ilustrado na parábola da torre inacabada e da guerra precipitada do rei (Lc 14.28-32). O princípio em si é expresso no versículo 33.

A estranha parábola do administrador infiel (Lc 16.1-8) vem seguida da declaração de Jesus no versículo 9, que explica a essência da narrativa: "... Das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando estas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos". Em outras

palavras, deve-se usar o dinheiro com sabedoria, pensando na eternidade.

Depois de relatar a história do servo que devia manter-se fiel às suas obrigações mesmo sem reconhecimento, Jesus disse que seus discípulos deviam obedecer sem pensar em recompensas posteriores. "Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer" (17.10).

A parábola do fariseu e do publicano foi direcionada aos fariseus que se gabavam de sua própria justiça, como já dissemos. O comentário sobre o orgulho deles precede a parábola (18.9), mas, logo após contá-la, Jesus explicou: "... todo o que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado" (v. 14).

A parábola do casamento do filho do rei (Mt 22.1-14) termina com o seguinte princípio: "Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos". Semelhantemente, a parábola das dez virgens (25.1-13) termina com uma exortação do Senhor: "Vigiai, pois..." (v. 13).

Parábolas que ilustram uma situação. Jesus começou a parábola das duas casas salientando que todo aquele que ouvia suas palavras e as praticava era como quem construía a casa sobre a rocha (7.24). Em seguida, acrescentou que quem não pratica o que ele diz é como quem constrói uma casa sobre a areia (v. 26).

O que deu motivo para Jesus comparar o povo daquela época a crianças brincando no mercado? Jesus fez essa comparação, em Lucas 7.31-35, depois de os fariseus rejeitarem abertamente suas palavras (vv. 29, 30). Em Lucas 13, vemos outra situação retratada numa parábola. Depois de explicar que a falta de arrependimento leva à condenação eterna (vv. 1-5), Jesus contou a parábola da figueira estéril (vv. 6-8), na qual sugere claramente a iminência do julgamento.

Parábolas de finalidade implícita. A parábola dos talentos (Mt 25.14-30) não afirma seu propósito, nem é precedida ou seguida de uma exortação ou de um princípio, nem tampouco é uma resposta a uma pergunta, pedido ou crítica. Contudo, parece que ela fala do que se espera dos seguidores de Jesus durante a ausência deste (veja o v. 14) e indica que ele espera que seus discípulos o sirvam fielmente nesse período.

A finalidade da parábola do joio semeado às ocultas (Mc 4.26-29) também não está expressa, mas parece dar a entender um rápido aumento do

número de cristãos nesta era. Aparentemente, a idéia é essa, pois a parábola fala da ceifa ou julgamento (v. 29) e é seguida da parábola do grão de mostarda (vv. 30-32).

Identificar a principal verdade que a parábola ilustra

Geralmente, uma parábola ensina uma única verdade, como no caso de uma ilustração num sermão. Quando Jesus explicava uma parábola, quase sempre afirmava uma única verdade espiritual. Por exemplo, quando o pastor encontrou a ovelha perdida, alegrou-se, e Cristo disse que esse é um retrato da alegria que há no céu quando um pecador se arrepende (Lc 15.7). O versículo 10 traz a mesma interpretação da parábola da dracma perdida. A interpretação de Jesus da parábola do juiz iníquo, em que o juiz acaba julgando a causa da viúva insistente, é que Deus haverá de fazer justiça aos que se chegam a ele (18.7). O que o Senhor queria, ao contar a parábola dos trabalhadores na vinha, era mostrar que "os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos" (Mt 20.16). Ele ensinava uma lição espiritual simples de cada vez e não tentou atribuir nenhum significado espiritual à vinha, ao denário, à sexta hora, à nona hora, à décima primeira hora nem ao empregado na vinha.

Entretanto, existe uma analogia entre certos detalhes das parábolas e determinados fatos espirituais, a fim de reforçar o tema principal. Às vezes isso se faz necessário para amarrar o tema. Na parábola da ovelha perdida, é óbvio que o pastor representa Jesus, que a ovelha simboliza um pecador perdido, como o Senhor explicou em Lucas 15.7, e que as 99 ovelhas representam "noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento". Todavia, há outros detalhes, como o deserto, os ombros do pastor, sua casa e seus amigos e vizinhos, em que não se deve procurar uma analogia espiritual. Eles não passam de elementos necessários para dar veracidade e acrescentar colorido.

Na parábola do bom samaritano, Jesus não forneceu nenhuma interpretação dos salteadores, das roupas do homem, de suas feridas, do azeite e do vinho, da montaria, das duas moedas de prata nem do hospedeiro. Esses elementos completam a história e colocam-na dentro do contexto cultural apropriado.

Às vezes Jesus explicava vários detalhes de uma parábola, como no caso

da história do semeador. Ele mostrou o significado dos quatro tipos de solo onde a semente caiu (Mt 13.18-23). Ele também interpretou diversos aspectos da parábola do joio, entre os quais o semeador, o campo, a boa semente, o próprio joio, o inimigo, a ceifa e os ceifeiros (vv. 37-39).

Como o Senhor não costumava fazer analogias de todos os detalhes das parábolas que contava, esses exemplos de Mateus 13 devem ser encarados como exceções. O propósito da história das dez virgens foi encorajar os seguidores de Jesus a aguardarem com expectativa sua volta, e não traçar paralelos a partir de cada detalhe, como o azeite, as vasilhas e as lamparinas. Também não se devem extrair das parábolas verdades que não apresentem confirmação bíblica. Algumas pessoas acreditam que a parábola das dez virgens adverte contra o egoísmo, pois as virgens sábias recusaram-se a compartilhar o azeite. Ocorre que a passagem não dá nenhuma indicação de que o propósito da parábola fosse esse.

Sair à caça de significados para cada detalhe de uma parábola equivale a transformá-la numa alegoria. Como veremos mais adiante neste mesmo capítulo, uma alegoria é uma história na qual cada elemento ou quase todo elemento possui algum significado. Um exemplo conhecido é a alegorização que Agostinho fez da parábola do bom samaritano. O homem que caiu nas mãos dos salteadores é Adão. Jerusalém é o céu, e Jericó representa a condição mortal do ser humano. Os salteadores são o diabo e seus anjos, que roubaram a imortalidade da vítima. Com a surra que lhe deram, persuadiram-no a pecar e, quando o abandonaram semimorto, o diabo e seus anjos deixaram o ser humano num estado em que ele tem certa consciência de Deus ao mesmo tempo em que é oprimido pelo pecado. O sacerdote simboliza a lei, e o levita, os profetas. O bom samaritano é Cristo, que, ao tratar os ferimentos do homem, procura restringir o pecado. O azeite representa a esperança, e o vinho, o espírito fervoroso. O jumento é a encarnação de Jesus, e o fato de o homem ser colocado sobre o jumento retrata sua fé na encarnação de Cristo. A hospedaria é a igreja. O dia seguinte simboliza a ressurreição de Cristo, as duas moedas representam os dois princípios do amor ou então esta vida e a vida futura. O hospedeiro é o apóstolo Paulo.[9]

Não resta dúvida de que se trata de um caso de eisegese — acrescentar ao texto o que não estava lá. Em nenhum momento a passagem indica que

9. AGOSTINHO, *Quaestiones evangeliorum*, 2.19.

todos esses elementos devam receber algum tipo de interpretação, além do que é óbvio que as interpretações de Agostinho são puramente arbitrárias. Vejamos mais alguns exemplos de eisegese na interpretação de parábolas: o administrador infiel simboliza Satanás, e as três medidas de farinha na história do fermento representam a santificação do corpo, da mente e do espírito ou a salvação da raça humana.

Outro exemplo de eisegese alegórica pode ser visto na interpretação que Orígenes fez da parábola das dez virgens. Ele disse que as cinco lâmpadas das sábias representam cinco sentidos naturais, todos controlados pelo uso correto. O azeite é o ensino da Palavra, os vendedores de azeite são os mestres e seu preço simboliza a perseverança. Esse tipo de interpretação também é arbitrário, pois não existe nenhuma indicação no texto em questão, nem em outras passagens bíblicas, de que a parábola deva ser entendida assim.

Confirmar o tema principal da parábola por meio de um ensinamento bíblico explícito

Estamos certos em supor que o noivo da parábola das dez virgens represente Cristo? Sim, pois o que Jesus disse em Mateus 9.15 deixa claro que ele se identificou como o Noivo. Os seguidores de João queriam saber por que os discípulos de Jesus não jejuavam, ao que Jesus respondeu que os convidados do noivo só jejuam quando este parte. Então, ele é o Noivo, e os discípulos, os convidados. João Batista também falou do amigo que auxilia o Noivo, denotando claramente que ele era servo de Cristo, o Noivo (Jo 3.27-30). Imediatamente antes de contar a parábola das dez virgens, Jesus falou de seu retorno e da importância de estar preparado, pois a data desse evento é desconhecida (Mt 24.36, 42, 44). Visto que a mesma exortação à vigilância é feita no final da parábola, é claro que Jesus queria ser considerado o Noivo.

Contudo, certos elementos das parábolas nem sempre têm o mesmo significado em outros trechos das Escrituras. O fermento costuma representar o mal (*e.g.*, Êx 12.15; Lv 2.11; 6.17; 10.12; Mt 16.6, 11, 12; Mc 8.15; Lc 12.1; 1 Co 5.7, 8; Gl 5.8, 9). Mas, se na parábola de Mateus 13.33, o sentido é de mal, soará a redundância, pois se sabe que o joio já representa o mal (vv. 24-30). Como o fermento provoca a fermentação, Jesus pode ter

desejado dar a entender que "aqueles que se dizem pertencer ao reino crescerão em número, e nada poderá impedi-los".[10]

Reparar na reação explícita ou implícita dos ouvintes

Normalmente, a reação dos ouvintes serve de pista para o significado da parábola. Depois de contar a história do bom samaritano, Jesus fez a seguinte pergunta a um intérprete da lei: "Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?". Jesus estava querendo explicar que "ser o próximo" significava compadecer-se de alguém em necessidades. Ele explicitou a tônica da questão com o seguinte mandamento: "... Vai, e procede tu de igual modo" (Lc 10.37). A idéia de seguir o exemplo do samaritano, cuja origem o intérprete da lei odiava, deve ter deixado o doutor muito abalado! Essa conclusão inesperada deve tê-lo levado a ampliar o conceito que tinha de amor ao próximo como nunca havia feito (v. 27).

Na parábola do homem rico (Lc 12.16-21), Jesus adverte contra a ambição e o materialismo (v. 15). Sua última frase, no versículo 21, estabelece um paralelo entre o homem rico que morreu moço e aqueles que acumulam riquezas para si mas não são ricos em Deus. O que a parábola queria dizer, então, é que as riquezas espirituais têm muito mais valor do que as materiais. Não era que a morte podia chegar a qualquer momento, mas sim que a vida de uma pessoa não deve girar em torno de posses e prazeres. Alegorizar trechos da parábola, tais como a colheita, os celeiros e os bens, é extrapolar seu objetivo, o qual está evidente.

Quando Jesus contou a parábola do credor incompassivo, concluiu dizendo: "Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (Mt 18.35). Antes de relatar a parábola dos dois filhos, Cristo lançou um desafio aos que o ouviam: "E que vos parece?..." (21.28). Em seguida, atraiu a participação deles perguntando: "Qual dos dois fez a vontade do pai?..." (v. 31). Quando responderam "O segundo", ele explicou a parábola na segunda metade do versículo 31.

Que tal um estudo interessante? Repare como cada parábola começa e

10. Louis A. BARBIERI Jr., Mathew, in: John F. WALVOORD & Roy B. ZUCK, eds., *The Bible knowledge commentary*, Novo Testamento, Wheaton, Victor Books, 1983, p. 51.

como termina, ou observe a reação esperada. A tabela abaixo pode ser útil nesse estudo. Os primeiros três exemplos já estão preenchidos para ajudá-lo a começar. Isso será útil para identificar o que Jesus quis dizer com as parábolas.

Preste atenção no contexto cultural e histórico; examine as afirmações diretas das Escrituras; permita que a passagem fale por si mesma sem lhe acrescentar outro sentido; atente também para o aspecto retórico-literário e para a estrutura da passagem.

Ao interpretar as parábolas, siga os mesmos passos utilizados na interpretação de qualquer outro texto bíblico.[11]

Parábola	*Como começa*	*Ouvinte(s)*	*Ordem ou reação esperada*
1. As duas casas (Mt 7.24-27)	(Parte do Sermão da Montanha)	Discípulos de Jesus	Espanto
2. Remendo novo e odres novos (Mt 9.16, 17)	Pergunta sobre jejum	Discípulos de João	(não mencionada)
3. O semeador (Mt 13.3-8)	(não mencionado)	Multidão	Discípulos perguntam por que Jesus falava por parábolas (v. 10)
4. O joio			
5. O grão de mostarda			
6. O fermento			
7. O tesouro escondido			
8. A pérola de grande valor			
9. A rede de pesca			

11. Para obter maiores detalhes sobre as parábolas, veja Craig L. BLOMBERG, *Interpreting the parables*, Downers Grove, InterVarsity, 1990; R. C. MCQUILKIN, *Our Lord's parables*, 1929; reimp., Grand Rapids, Zondervan, 1980; Bernard Brandon SCOTT, *Hear then the parable*, Minneapolis, Fortress, 1989; David WENHAM, *The parables of Jesus*, Downers Grove, InterVarsity, 1989 e Kenneth BAILEY, *As Parábolas de Lucas*, São Paulo, Vida Nova, 1985.

Parábola	*Como começa*	*Ouvinte(s)*	*Ordem ou reação esperada*
10. O credor incompassivo			
11. Os trabalhadores da vinha			
12. Os dois filhos			
13. Os lavradores maus			
14. As bodas			
15. Os dois servos			
16. As dez virgens			
17. Os talentos			
18. O joio semeado às escondidas			
19. O porteiro			
20. As crianças mal-educadas			
21. Os dois devedores			
22. O bom samaritano			
23. O amigo à meia-noite			
24. O homem rico			
25. A figueira estéril			
26. A grande ceia			
27. A torre inacabada e a guerra precipitada do rei			
28. A ovelha perdida			
29. A dracma perdida			
30. O filho pródigo			
31. O administrador infiel			
32. A recompensa do servo			

Parábola	*Como começa*	*Ouvinte(s)*	*Ordem ou reação esperada*
33. O juiz iníquo			
34. O fariseu e o publicano			
35. As minas			

Análise das alegorias

Alegoria é uma narrativa ou expressão que pode ou não ser verídica e contém muitos aspectos que simbolizam de realidades espirituais. Geralmente a parábola possui um só elemento principal de comparação, ao passo que a alegoria contém vários. A parábola consiste no registro de um acontecimento factível, enquanto a alegoria pode ser tanto factível quanto fictícia. Como já vimos, nem todas as parábolas contêm uma interpretação explícita, mas, se contiverem, esta normalmente se encontrará no fim da história. Já numa alegoria, as interpretações das analogias ocorrem ao longo da história. Se por um lado uma parábola é um símile ampliado, uma alegoria é uma metáfora ampliada. Da mesma forma que as parábolas, as alegorias visam a transmitir verdades espirituais por meio da comparação. Apresentamos a seguir um resumo desses aspectos:

Parábola	*Alegoria*
Contém um elemento principal de comparação	Contém muitos elementos de comparação
Corresponde à realidade	Pode ter fundo real ou fictício
A interpretação, se houver, vem logo após a história (ou às vezes no início)	As interpretações estão entremeadas na história
É um símile ampliado	É uma metáfora ampliada

Às vezes, mais de um aspecto da parábola pode vir explicado, como quando Jesus interpretou a parábola do semeador e a do joio. Entretanto, apesar de vários elementos ser interpretados, cada parábola possui um só

ponto *principal*.[12] O cerne da parábola do semeador é que muitas pessoas rejeitam a mensagem do evangelho, e o da parábola do joio é que alguns alegam falsamente ter fé em Cristo, mas só serão separados dos verdadeiros crentes no fim dos tempos.

As fábulas, por sua vez, consistem em histórias fictícias em que animais ou objetos inanimados são personificados com o intuito de passar uma lição de moral. Jotão contou uma longa fábula para os siquemitas sobre certas árvores que solicitaram primeiramente a uma oliveira que reinasse sobre elas, depois a uma figueira, a uma videira e a um espinheiro (Jz 9.7-15). Em seguida, Jotão aplicou a fábula, nos versículos de 16 a 20, quando repreendeu o povo por aceitar Abimeleque como rei, da mesma forma que as árvores elegeram um mero espinheiro para reinar sobre elas. Outra fábula bíblica é uma história que o rei Jeoás contou, a saber, acerca do cardo que mandou avisar o cedro de sua exigência de que este desse sua filha para desposar o filho do primeiro. Mas um animal selvagem pisou o cardo (2 Rs 14.9). Jeoás estava insinuando que o cardo era Amazias, rei de Judá, e com isso queria dizer que o rei poderia ser derrotado com a mesma facilidade que um animal selvagem pisa um cardo, apesar de Amazias ser arrogante (v. 10).

O quadro da página 256 contém 14 passagens que costumam ser consideradas alegorias. Alguns professores da Bíblia consideram Cantares uma grande alegoria que retrata o relacionamento de Deus com Israel ou o de Cristo com a igreja. Entretanto, como o livro não apresenta nenhum indício de que seja esse o caso, é melhor encará-lo como uma exaltação do amor e do matrimônio humano. Alguns entendem Eclesiastes 12.3-7 como uma alegoria, mas, em vez de interpretar essa passagem como o declínio de uma casa ou como a melancolia dos familiares diante da morte do patriarca, é mais sensato supor que Salomão empregou várias figuras para retratar a decadência física e psicológica decorrente da velhice.

Veja após o quadro seguinte os três princípios que devem ser obedecidos na interpretação das alegorias.

12. Blomberg, porém, acredita que cada personagem principal de uma parábola esteja associada a um grande elemento de comparação (*Interpreting the parables*, p. 68-9). Ele sustenta que 18 das parábolas de Jesus contêm três elementos — parábolas que apresentam três personagens principais cada; elas ensinam, portanto, três grandes personagens (ibid., p. 171-253). Outras 16, afirma Blomberg, contêm dois elementos ou um único elemento (ibid., p. 255-88).

As alegorias da Bíblia

1. Salmos 23.1-4	O Senhor é o Pastor do crente
2. Salmos 80.8-16	Israel é uma vinha destruída
3. Provérbios 5.15-20	A fidelidade conjugal é como uma cisterna
4. Provérbios 9.1-6	A sabedoria é como uma dona-de-casa
5. Isaías 5.1-7	Israel é como uma vinha improdutiva
6. Ezequiel 13.8-16	Os profetas de Israel são como um muro caído
7. Ezequiel 16	O povo de Jerusalém é como uma criança que cresceu e tornou-se prostituta
8. Ezequiel 17	Nabucodonosor e o Egito são duas águias, e Judá é uma vinha
9. Ezequiel 23	Samaria e Jerusalém são duas prostitutas
10. João 10.1-16	Jesus na figura de pastor
11. João 15.1-6	Jesus na figura de videira
12. 1 Coríntios 3.10-15	Os obreiros cristãos são como construtores
13. Gálatas 4.21-31	Hagar e Sara são duas alianças
14. Efésios 6.11-17	A defesa espiritual do cristão representada como uma armadura

Reparar nos elementos de comparação explicados ou interpretados na passagem

Em João 10.1-16, o pastor é Jesus, pois ele chama a si mesmo "o bom pastor" (vv. 11, 14). Além disso, apesar de nunca afirmar que as ovelhas sejam os cristãos, essa analogia é evidente pelo fato de ele ter dito que o bom pastor "dá a sua vida pelas ovelhas" e suas ovelhas o conhecem. Os ladrões e salteadores, que roubam ovelhas, não são identificados explicitamente, mas são referidos como "todos quantos vieram antes de mim" (v. 8), os quais podem ser falsos líderes religiosos. Há outros elementos da alegoria não interpretados, como o porteiro (v. 3), o estranho (v. 5), o mercenário e o lobo (v. 12), o aprisco e o rebanho (v. 16).

Em João 15.1, fica evidente que a videira é Jesus, pois ele afirma: "Eu sou a videira verdadeira" e chama a Deus Pai de agricultor. Os ramos são os

crentes ("vós os ramos", v. 5).

Leia as passagens abaixo e responda às perguntas, que ajudam a esclarecer os elementos interpretados nas alegorias.

Salmos 80.8-16

Quem é a videira trazida "do Egito"? _____

Provérbios 5.15-20

Que simbolizam a cisterna e o poço mencionados no versículo 15? (veja o v. 18) _____

No contexto da fidelidade conjugal, mencionada no versículo 16, qual o significado de fontes que se derramam pelas praças? (veja o v. 17) _____

Provérbios 9.1-6

Que representa o quadro da mulher que convida pessoas simples para comer de seu pão, como diz o versículo 5? (veja o v. 6) _____

_____

Isaías 5.1-7

Que representa a vinha do versículo 1? (veja o v. 7) _____

_____

Que são os frutos bons mencionados nos versículos 2 e 4? (veja o v. 7) _

_____

Ezequiel 13.8-16

Que representam o vento, a saraiva e a chuva? (veja o v. 15) _____

_____

Quem são os que caiaram a parede, mencionados no versículo 14? (veja os vv. 15, 16) _____

Ezequiel 16

Quem é o bebê abandonado que o Senhor encontrou e do qual cuidou? (veja o v. 3) _____

Qual o significado de sua beleza, mencionada no versículo 13? (observe o v. 14) _____

De quem dependiam os hierosolimitanos, como uma prostituta depende de seus amantes? (veja os vv. 26, 28, 29) _____

Ezequiel 17

Quem a primeira águia, mencionada nos versículos 3 e 4, representa? (veja o v. 12) _____

Que pode significar o fato de o topo do cedro ter sido levado para uma terra de mercadores, como dizem os versículos 3 e 4? (veja os vv. 12, 13) _____

Quem é a segunda águia, mencionada nos versículos 7 e 8? (veja os vv. 15, 17) _____

Ezequiel 23

Quem são as duas prostitutas, Oolá e Oolibá? (veja o v. 4) _____

Qual a interpretação do fato de os babilônios ter contaminado as duas mulheres? (veja os vv. 23, 24) _____

João 10.1-16

Quem é o pastor? (veja os vv. 11, 14) _____

Quem são as ovelhas? (veja os v. 14) _____

João 15.1-6

Quem é a videira? _____

Quem é o agricultor? _____

Quem são os ramos? _____

1 Coríntios 3.10-15

Quem é o construtor prudente? _____

Quem o fundamento representa? _____

Quem são os construtores? _____

Quais são os materiais? _____

Gálatas 4.21-31

Que representam Hagar e seu filho Ismael? _____

Que representam Sara e seu filho Isaque? (veja os vv. 26-28, 31) _____

Efésios 6.11-17

Que é o cinto? _____

Que é a couraça? _____

Com que os pés do cristão devem ser calçados? _____

_____

Que é o escudo? _____

Que é o capacete? _____

Que é a espada? _____

Como está claro nessas passagens, cada alegoria possui vários elementos de comparação, embora nem todos os elementos (pessoa, objeto ou ato) sejam interpretados. Isso conduz-nos ao segundo princípio.

Não procurar interpretar os detalhes não explicados nas alegorias

Alguns acreditam que o mercenário, em João 10.12, simboliza os líderes religiosos da época de Jesus, mas, como a passagem não oferece nenhuma interpretação dessa personagem, não podemos ter certeza. Talvez não passe de um detalhe que completa o quadro da alegoria. Na parábola da videira, em Salmos 80.8-16, o "javali da selva" que a devastava não é identificado, embora outras passagens bíblicas dêem a entender que possa tratar-se de uma referência sutil aos assírios e aos babilônios que atacavam Israel e Judá.

Na alegoria da casa que a sabedoria construiu (Pv 9.1-6), não é preciso indagar o que a carne, o vinho, a mesa e as criadas representam. Não passam de elementos que acrescentam colorido e complementam a cena da preparação de um banquete que, obviamente, é comparado à sabedoria no versículo 6.

Os elementos da alegoria da vinha, em Isaías 5.1-7, também não devem ser entendidos como alguma verdade espiritual. Como o texto não explica o significado do outeiro fertilíssimo, das pedras, da torre, do lagar (vv. 1, 2), da sebe e do muro (v. 5), não devemos buscar paralelos. O mesmo acontece com a água, o sangue, o óleo, as roupas, as jóias e a comida mencionados na alegoria de Ezequiel 16.9-13. Esses detalhes simplesmente enfeitam a narrativa e passam para o leitor a imagem do grande cuidado que o Senhor tem com Israel, o qual teve um começo humilde.

Descobrir o ponto central do ensinamento

Como acontece com as parábolas, o intérprete também deve procurar descobrir o principal elemento de analogia ou semelhança das alegorias. Embora haja muitos elementos de *comparação*, o leitor deve perguntar: qual a principal *verdade* que essa alegoria ensina? A verdade ensinada em Salmos 80.8-16 está indicada no final da passagem, quando o salmista ora para Deus proteger a vinha (vv. 14, 15). O ponto central de Provérbios 9.1-6 é que as pessoas dão ouvidos ao "convite" da sabedoria e, ao participarem do banquete, tornam-se sábias. O cerne da longa alegoria de Ezequiel 16 está indicado nos últimos versículos: Deus punirá os hierosolimitanos por seu pecado (v. 59), mas também os restaurará (vv. 62-63).

A mensagem da alegoria de João 15.1-6 está nitidamente expressa: os ramos (crentes) devem habitar em Cristo para dar frutos (v. 4).

A interpretação das alegorias não deve ser confundida com a "alegorização" ou o método alegórico de interpretação. A alegorização é um processo que procura outros sentidos não expressos no texto, idéias que divergem das que estão claramente indicadas nas passagens bíblicas. Exemplo de alegorização é a tentativa de Agostinho de fazer analogias com praticamente todos os aspectos da parábola do bom samaritano (veja a p. 248). Trata-se de uma alegorização, pois o texto bíblico não fornece nenhuma base para tais explicações fantasiosas. A alegorização foi discutida mais detalhadamente no capítulo 2, que trata da história da interpretação. Discutiu-se também no mesmo capítulo a questão de Paulo ter-se valido ou não do estilo alegórico em Gálatas 4.21-31.

capítulo dez

A interpretação da profecia

A maioria das pessoas tem uma curiosidade inata a respeito do futuro. Nós temos essa tendência de olhar para a frente. Por algum motivo, o amanhã desperta-nos a curiosidade e fascina mais do que o passado.

As pessoas utilizam vários meios para procurar saber o que vem pela frente, para decifrar o futuro. Pagam para que alguém "leia" suas mãos, consultam a bola de cristal, recorrem a mesas de *Ouija*,[1] freqüentam reuniões de bruxas, *etc*. Milhões seguem os conselhos de astrólogos, os quais se baseiam nas posições das estrelas e dos planetas.

Num lado menos esotérico, muitos executivos acompanham as tendências de Wall Street para direcionar seus investimentos. Já outros buscam a orientação de amigos e conselheiros para tomar decisões que influenciarão seu futuro. Na antigüidade, as pessoas chegavam a consultar as linhas do fígado de animais sacrificados, ou então "adivinhavam" o futuro tendo por base o vôo dos pássaros. Os faraós do Egito e Nabucodonosor da Babilônia tinham astrólogos e adivinhadores a seu serviço. É natural que a incerteza que cerca o futuro deixe muitas pessoas ansiosas. Elas correm atrás de algo que lhes dê alguma certeza a respeito do futuro.

A única voz que fala com certeza sobre o futuro é a do próprio Deus. Como planejou o futuro, ele o conhece. As profecias são únicas no sentido de que só Deus pode declarar o futuro. Como escreveu Isaías: "... Quem fez ouvir isto desde a antigüidade? quem desde aquele tempo o anunciou? porventura não o fiz eu, o SENHOR? pois não há outro Deus senão eu..." (Is 45.21). O termo *profecia* vem de duas palavras gregas que significam "falar por ou antes". Assim sendo, profetizar é falar e escrever sobre aconte-

1. Marca comercial. Mesa com as letras do alfabeto e outros sinais usada para receber mensagens mediúnicas. (N. do T.)

cimentos futuros. A perspicácia humana não pode prevê-los. Por isso, há um erro quando certos estudiosos afirmam que os escritores bíblicos escreveram sobre os fatos depois de ocorridos mas os registraram *como se* fossem profecias a respeito de acontecimentos futuros.

As profecias da Bíblia procedem do próprio Deus: "... nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação" (2 Pe 1.20). O termo grego traduzido aqui por "elucidação" é *epilyseōs*, cujo significado literal é "desatar". A idéia é que nenhuma profecia bíblica partiu do profeta em si. Em outras palavras, os textos proféticos das Escrituras não se originaram no próprio profeta. Na qualidade de livro divino, a Bíblia contém predições que só Deus poderia fornecer. Muitas dessas predições já se cumpriram, principalmente na vida de Cristo. No entanto, um grande número de profecias, algumas das quais contêm detalhes impressionantes, aguardam cumprir-se durante e após sua vinda.

A gama de textos proféticos na Bíblia é ampla. As Escrituras contêm predições sobre nações gentílicas, Israel, pessoas, o Messias, o planeta Terra, a tribulação, o milênio, a vida após a morte e a vida eterna. Algumas predições falavam de acontecimentos que se cumpriram logo em seguida, ao passo que outras se referiam a fatos que aconteceriam dezenas ou mesmo centenas de anos mais tarde. Aquelas às vezes são chamadas de profecias "próximas", e estas, de profecias "distantes". Como exemplos de profecias "próximas" temos: Samuel profetizou a morte de Saul (1 Sm 28.16-19); Jeremias profetizou os 70 anos de cativeiro na Babilônia (Jr 25.11); Daniel predisse que o reino de Belsazar seria dominado pelos medos e persas (Dn 5.25-30); Jesus predisse que Pedro o negaria (Mt 26.34) e que Judas o haveria de trair (vv. 23-25); Ágabo profetizou que Paulo seria preso (At 21.10, 11).

Talvez não haja outra área da interpretação bíblica em que os evangélicos divirjam mais do que na escatologia, que é o estudo dos acontecimentos futuros (do grego *eschatos* — "último").

Por que estudar as profecias?

Embora há muitos anos exista uma divergência de opiniões no tocante à interpretação dos textos proféticos da Bíblia, ela nos dá uma série de motivos para os estudarmos.

A profecia consola

Depois de garantir aos cristãos de Tessalônica que seus entes queridos que morreram haveriam de preceder o arrebatamento dos santos vivos, Paulo escreveu: "Consolai-vos [*parakaleō*], pois, uns aos outros com estas palavras" (1 Ts 4.18). Essas notícias consolaram e encorajaram os cristãos (a palavra grega *parakaleō* tem esses dois sentidos).

No discurso que Jesus fez no cenáculo, ele iniciou seu comentário sobre o retorno aos céus com as seguintes palavras: "Não se turbe o vosso coração..." (Jo 14.1). Sem dúvida alguma, os discípulos acalmaram-se quando ouviram Jesus dizer que voltaria e os receberia para que, onde ele estivesse, eles também estivessem (v. 3; *cf.* 17.24).

A profecia acalma

Nosso dias são marcados por imoralidade, violência, insegurança, ódio e um crescente desinteresse pelas verdades espirituais. E dias terríveis virão (2 Tm 3.1-5). Mesmo assim, os cristãos confiam no fato de que Deus conhece e controla o futuro. É por isso que a segunda vinda de Cristo é chamada de "bendita esperança" (Tt 2.13). Será um acontecimento que abençoará os que pertencem a Cristo.

A profecia converte

Vários sermões dos apóstolos, no livro de Atos, mencionaram os planos de Deus para o futuro e, em conseqüência disso, muitas pessoas converteram-se a Cristo. Grande parte da mensagem de Pedro em 3.12-26 conta como Jesus cumpriu diversas profecias do Antigo Testamento. "Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram..." (4.4). Paulo concluiu sua mensagem em Atenas, no monte de Marte (Areópago), afirmando que Deus "... estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou..." (17.31). O resultado da pregação do apóstolo foi a conversão de algumas pessoas a Cristo (v. 34).

Enquanto Paulo esteve em regime de prisão domiciliar (28.30), ele pregou o reino de Deus e ensinou acerca do Senhor Jesus Cristo (v. 31). Neste

século, muita gente se converteu a Cristo depois de ouvir sermões sobre os acontecimentos proféticos.

A profecia purifica

Como o cristão sabe que o Senhor pode vir a qualquer momento, ele é levado a viver uma vida que o agrade. Logo após ter mencionado a "bendita esperança", Paulo falou do desejo do Senhor de "purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras" (Tt 2.14). Enquanto os cristãos aguardam o novo céu e a nova terra, devem empenhar-se "por ser achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis" (2 Pe 3.14). João afirmou que quando Cristo "se manifestar, seremos semelhantes a ele", e acrescentou: "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1 Jo 3.2, 3).

A profecia compele

Diante da brevidade da vida e do pronto retorno do Senhor, que Paulo disse aconteceria "num momento, num abrir e fechar dolhos" (1 Co 15.52), os cristãos devem ser firmes, sem permitir que nada os abale, e sempre "abundantes na obra do Senhor" (v. 58). Como cada cristão terá de comparecer "perante o tribunal de Cristo" (2 Co 5.10), devemos tentar persuadir os homens para buscar a salvação em Cristo (v. 11). "Pois o amor de Cristo nos constrange", ou seja, nos motiva a agir (v. 14).

A profecia esclarece

As profecias bíblicas contêm muitos detalhes acerca do que Deus fará no futuro. Esses fatos, que aparecem em muitas partes da Bíblia, fornecem um quadro harmônico dos planos futuros de Deus para a igreja, para o mundo, para os incrédulos, para as nações e para Satanás.

Quais são as diferenças entre as concepções do milênio?

A interpretação das profecias bíblicas põe o estudioso sério da Bíblia em contato com muitos detalhes proféticos. Contudo, duas questões são essenciais ao estudo escatológico. São elas a questão do milênio (a Bíblia prega um futuro reinado milenar de Cristo na terra?) e a questão dispensacionalista (a Bíblia prega a existência de diferentes dispensações?).

Que é pré-milenarismo?

O termo *milênio* deriva das palavras latinas *mille* ("mil") e *annus* ("ano"). O prefixo "pré-" significa "antes". Assim, o termo "pré-milenarismo" quer dizer que o milênio, que durará mil anos, será precedido pela volta de Cristo à terra. Às vezes os pré-milenaristas são chamados de quiliastas, do grego *chilioi*, que significa "mil".

Os dogmas básicos dos pré-milenaristas são os seguintes:

1. Cristo voltará durante o arrebatamento no final desta era e reinará com seus santos na terra por mil anos. (Os pré-milenaristas divergem no tocante à relação entre o arrebatamento e a tribulação. Confira a nota de rodapé da p. 271.)
2. No milênio, Israel desfrutará as bênçãos que Deus prometeu a Abraão e a Davi relativas à terra, à nacionalidade ("semente") e ao rei ("trono") da nação.
3. Assim, a igreja atual não está sendo o cumprimento dessas promessas feitas a Israel como nação.

Que é amilenarismo?

O prefixo "a-" significa "não" ou "nenhum"; portanto, amilenarismo é a concepção de que Cristo não reinará de fato na terra durante mil anos.

Os dogmas básicos do amilenarismo são os seguintes:

1. O reino existe hoje, neste período, entre as duas vindas de Cristo. Como ele governa atualmente dos céus, não reinará na terra durante mil anos. "Estamos vivendo o milênio agora."[2]

2. O reino consiste ou na igreja na terra (a concepção de Agostinho sendo perpetuada pela Igreja Católica Romana), ou nos santos nos céus (concepção de Benjamin Warfield). Conseqüentemente, não haverá nenhum reinado futuro de Cristo na terra, e o número mil é meramente simbólico — indica apenas que se trata de um longo período.

3. As promessas feitas a Israel a respeito de uma terra, da nacionalidade e do trono estão-se cumprindo agora num aspecto espiritual entre os cristãos da igreja.

4. As promessas que Deus fez a Israel eram condicionais e foram transferidas à igreja pelo fato de Israel não ter satisfeito a condição de obedecer a Deus.

5. Cristo reina hoje nos céus, sentado no trono de Davi, e Satanás está preso entre as duas vindas de Cristo.

Que é pós-milenarismo?

Como o prefixo "pós-" significa "depois", o pós-milenarismo acredita que a vinda de Cristo ocorrerá depois do milênio. Essa concepção encerra os seguintes pontos:

1. A igreja não é o reino, mas trará o reino à terra pela pregação do evangelho (uma condição utópica, cristianizada). Ou então, como muitos teólogos liberais acreditam, o milênio acontecerá mediante o esforço humano e por meio de processos naturais.

2. Cristo não estará na terra durante o período do reino. Ele governará no coração das pessoas e voltará à terra após o milênio.

3. O milênio não durará mil anos no sentido literal.

4. A igreja, não Israel, desfrutará o cumprimento das promessas feitas a Abraão e a Davi em sentido espiritual.

A concepção que se deve ter sobre a questão do milênio não se resolve

2. Anthony A. HOEKEMA, Amillennialism, in: Robert G. CLOUSE, ed., *The meaning of the Millennium*, Downers Grove, InterVarsity, 1977, p. 181.

com recurso à história. Mas vale notar que um razoável número de líderes nos primeiros séculos da igreja primitiva era nitidamente pré-milenarista (veja o quadro "O Pré-Milenarismo na Igreja Primitiva").

O amilenarismo começou com Clemente de Alexandria (155-216 d.C.) e Orígenes (c. 185-254). Desejando obter mais detalhes sobre suas concepções, leia o capítulo 2, que fala da história da interpretação. Orígenes "espiritualizou" grande parte das Escrituras e pregava que a era atual entre as duas vindas de Cristo é o milênio. O imperador Constantino (272-337) ajudou a preparar o caminho para a evolução do amilenarismo ao unir a igreja ao Estado. Foi isso que levou o teólogo Agostinho (354-430) a pregar que a igreja é o reino na terra. Apesar de ter espiritualizado muitas das profecias bíblicas, ele ensinava que Cristo voltaria por volta de 1000 d.C. Na Idade Média, o papado ensinava que a Igreja Católica Romana era o reino de Deus na terra. É fácil ver por que naquela época a igreja negava o reinado futuro de Cristo aqui.

Vários reformistas eram amilenaristas. Entre eles figuram: João Wycliffe, Martinho Lutero, Philip Melanchthon, João Calvino e Ulrich Zuínglio. Mas William Tyndale e muitos anabatistas eram pré-milenaristas. Em geral os morávios e os huguenotes eram pré-milenaristas.

O pós-milenarismo foi pregado inicialmente por Daniel Whitby (1638-1725) e defendido por Jonathan Edwards, Charles Wesley, Charles Hodge, A. A. Hodge, Augustus H. Strong, James Snowden e Lorraine Boettner.

O pós-milenarismo praticamente morreu há vários anos. O impacto de duas guerras mundiais levou muitos a renunciarem a essa doutrina, pois pregava uma visão otimista de que o mundo estava cada vez melhor. Contudo, há questão de poucos anos, o pós-milenarismo renasceu.

A atual "teologia do domínio" é pós-milenarista. Os teólogos dessa doutrina afirmam que os cristãos devem "dominar" (exercer domínio, liderança) em todos os aspectos da sociedade, até o governo. Nesse sentido, ensinam que a igreja deveria cristianizar a sociedade, instaurando assim o reino. Dentre os defensores dessa concepção estão Greg L. Bahnsen, David Chilton, Kenneth L. Gentry Jr., James B. Jordan, Gary North, Rousas J. Rushdoony e Douglas Wilson.

O pré-milenarismo na igreja primitiva

1. *Clemente de Roma* (c. 30-95)
"De fato, sua vontade se cumprirá em breve, repentinamente, como também confirmam as Escrituras, dizendo: 'Certamente venho sem demora...' e '... de repente virá ao seu templo o SENHOR, a quem vós buscais...'." (*Primeira Carta aos Coríntios*, 23)

"Esperemos, pois, pelo reino de Deus minuto a minuto, em amor e justiça, cientes de que não sabemos o dia da aparição de Deus." (*Segunda Carta aos Coríntios*, 12)

2. *O Didaquê (c. 105)*
"Então aparecerão os sinais da verdade; primeiramente, o sinal de um descortinamento no céu; depois, o sinal do som de uma trombeta e, em seguida, a ressurreição dos mortos, mas não de todos." (16.6, 7).

3. *O Pastor de Hermas* (c. 140-150)
"Escapastes de grande tribulação graças à vossa fé e porque não duvidastes da existência da tal besta. Ide, portanto, e falai aos eleitos do Senhor sobre seus prodígios, e dizei-lhes que essa besta simboliza a grande tribulação que se aproxima." (*Visões*, 1.4.2)

4. *Barnabé*
Barnabé acreditava que, decorridos seis mil anos de história, Cristo haveria de voltar para destruir o anticristo e estabelecer seu reino na terra para o sétimo "dia" de mil anos (*Epístola de Barnabé*, 15).

5. *Policarpo (70-155)*
"Se o agradarmos nesta era, receberemos também a era por vir, segundo nos prometeu que nos ressuscitará dos mortos, e que, se nos mostrarmos dignos dele em nosso viver, 'também reinaremos com ele'."

O pré-milenarismo na igreja primitiva (continuação)

6. *Inácio* (c. 35-107)
Em seus escritos, faz menção dos últimos tempos e enfatiza a atitude de expectativa pela volta de Cristo.

7. *Papias* (80-163)
Escreveu que o milênio sucederá a ressurreição dos mortos, "quando o reinado do próprio Cristo será estabelecido na terra" (fragmento VI, citado por Ireneu e Eusébio).

8. *Justino Mártir* (c. 100-164)
"Mas eu e todos os cristãos sensatos, em todos os aspectos, sabemos que haverá a ressurreição dos mortos e um período de mil anos em Jerusalém, que será então construída, adornada e ampliada, como declararam os profetas Ezequiel, Isaías e outros [...]. E João, um dos apóstolos [...] predisse, por uma revelação que lhe foi dada, que aqueles que crêem em nosso Cristo passarão mil anos em Jerusalém e, em seguida [...] a grande e eterna ressurreição e o julgamento de todos os homens também acontecerão (*Diálogo com Trífon*, 80-81).

9. *Ireneu (c. 130-202)*
"Mas, depois que esse anticristo tiver devastado todo este mundo, ele reinará durante três anos e seis meses e se assentará no templo, em Jerusalém; então o Senhor virá dos céus nas nuvens, na glória do Pai, e enviará esse homem e seus seguidores para o lago de fogo; mas trará para os justos os dias do reino, ou seja, o descanso, o bendito sétimo dia; e restaurará a Abraão a prometida herança, em cujo reino o Senhor declarou que muitos vindos do oriente e do ocidente haveriam de sentar-se com Abraão, Isaque e Jacó [...]. Assim, a bênção predita pertence, sem sombra de dúvida, aos dias do reino, quando os justos terão domínio sobre sua própria ressurreição" (*Contra Heresias*, 5, 30-33).

10. *Tertuliano* (c. 160-220)
Tertuliano referiu-se a Cristo em sua segunda vinda como a pedra de Daniel 2, que haveria de esmagar os reinos gentílicos e estabelecer seu reinado eterno (*A Ressurreição da Carne*, 22).

O pré-milenarismo na igreja primitiva (continuação)

"Nós confessamos que um reino na terra nos foi prometido [...] instalar-se-á após a ressurreição durante mil anos na Jerusalém construída por obra divina" (*Contra Marcião*, 3.25).

11. *Hipólito* (m. 236)
Fez uma exposição de Daniel 2, 7 e 8, onde mostra que esses capítulos falam de um reinado literal de Cristo na terra (*Tratado Sobre Cristo e o Anticristo*).

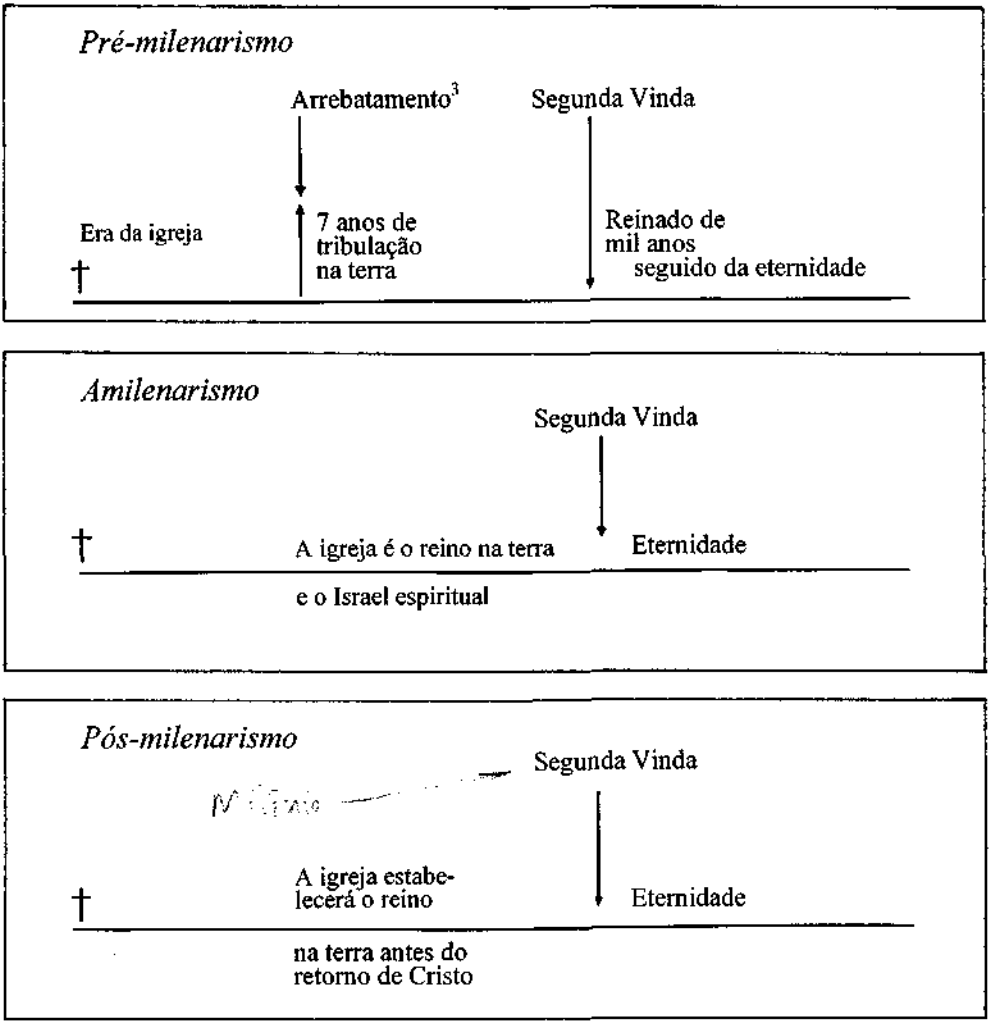
12. *Cipriano* (195-258)
"Por que nas orações que repetimos com tanta freqüência rogamos e suplicamos que o dia de seu reino chegue logo, se nossas maiores vontades e fortes desejos são obedecer ao diabo aqui, em vez de reinar com Cristo? (*Da Moralidade*, 18).

13. *Comodiano* (século III)
"Virão também aqueles que superaram o cruel martírio nas mãos do anticristo, e eles mesmos viverão todo o período. Mas nos mil anos Deus destruirá todos aqueles males" (*Instruções para a Vida Cristã*, 44).

14. *Nepos* (século III)
Escreveu *Compilação dos Alegoristas* em defesa do pré-milenarismo depois de Orígenes tentar atacar essa doutrina e explicá-la figuradamente.

15. *Lactâncio* (240-330)
"Aproximadamente na mesma época, o príncipe dos demônios, que é o arquiteto de todos os males, será acorrentado e aprisionado durante os mil anos do reinado celestial, quando a justiça reinará no mundo, para que não possa mais intentar nenhum mal contra o povo de Deus" (*Epítome dos Princípios Divinos*, 7, 24).

As três concepções a respeito do milênio podem ser ilustradas como segue:



Os fundamentos hermenêuticos do amilenarismo

1. *O reino na igreja.* O sistema interpretativo do amilenarismo parte do pressuposto de que o reino de Deus tem sua manifestação hoje na igreja, como sustentava Agostinho.

3. Esse esquema apresenta a concepção pré-tribulacionista do pré-milenarismo. Outros pré-milenaristas têm uma visão pós-tribulacionista, afirmando que o arrebatamento acontecerá após a tribulação, simultaneamente com a segunda vinda. Já outros sustentam um arrebatamento "mid-tribulacionista", a idéia de que o arrebatamento ocorrerá no meio da tribulação, a qual durará sete anos.

2. *A unidade do povo de Deus.* Como Deus sempre governou em seu reino e, como esse reino encontra expressão na igreja atualmente, os amilenaristas concluíram que Deus tem um único plano genérico que engloba todas as eras. Esse plano sempre consistiu em conceder salvação para seu povo, seja nos dias de Moisés, num passado ainda mais distante, seja nos dias de hoje. Esse programa apóia-se sobre três alianças: a aliança das obras — um acordo entre Deus e Adão no qual aquele prometeu vida a este, se lhe obedecesse, e morte, caso contrário; a aliança da redenção — um acordo entre as Pessoas da Trindade mediante o qual decidiram proporcionar a redenção; e aliança da graça — um acordo entre Deus e os pecadores eleitos pelo qual ele lhes provê graça para serem salvos.

3. *Israel e a igreja.* Visto que existe um só "programa", ou seja, salvação, para um único "povo de Deus" em todas as eras, Israel e a igreja não contam com "programas" diferentes na economia divina. Ambos desfrutam do mesmo plano eterno. Assim, as promessas feitas a Israel aplicam-se à igreja. Como escreveu Allis: "O milênio deve ser interpretado espiritualmente, no sentido de que seu cumprimento deu-se na igreja cristã".[4]

4. *"Espiritualização" das profecias.* Que pertinência à igreja podem ter as promessas feitas a Israel (sobre uma terra, uma nação e um rei — Gn 12.2; 15.18-20; 2 Sm 7.12-16) e as promessas sobre o reino de Deus? Os amilenaristas "espiritualizam" essas profecias. Eles querem dizer com isso que vêem o que chamam de "aspecto espiritual" em tais passagens. Em seu entender, a promessa em Isaías 11.6-9 sobre feras que se tornarão mansas diz respeito a determinada transformação espiritual, como a que ocorreu com Saulo de Tarso, que deixou de ser um perseguidor cruel como lobo, transformando-se num seguidor de Cristo manso como ovelha.[5] Contudo, perceber um aspecto "espiritual" e relativo à igreja em textos proféticos é enxergá-los de forma não natural. "Espiritualizar" quase passa a ser sinônimo de alegorizar. Os amilenaristas, por sua vez, argumentam que o

4. Oswald T. ALLIS, *Prophecy in the church*, Philadelphia, Presbyterian and Reformed Publishing, 1945, p. 3.
5. Lorraine BOETTNER, *The millennium*, Philadelphia, Presbyterian and Reformed Publishing, 1957, p. 90.

Novo Testamento recorre ao sentido não-literal das passagens do Antigo, mas os textos proféticos podem ser espiritualizados, porque contêm linguagem figurada e simbólica em abundância; ademais, os grandes ensinamentos da Bíblia são espirituais, não terrenos.[6] O primeiro desses argumentos, sobre o emprego de passagens do Antigo Testamento no Novo, será discutido no próximo capítulo. Os outros aspectos, abordaremos mais adiante neste mesmo capítulo.

Os fundamentos hermenêuticos do pré-milenarismo

1. *A interpretação normal, gramatical das Escrituras.* Segundo os pré-milenaristas, a interpretação normal dos textos bíblicos significa que as promessas sobre o retorno de Cristo para estabelecer um reinado milenar na terra devem ser tomadas à letra. Seu reino é uma realidade hoje nos céus (At 28.31; Rm 14.17; 1 Co 4.20; Cl 1.13), mas se instalará na terra durante o milênio que se seguirá à volta de Cristo à terra. Os crentes integram o reinado ou governo atual de Deus (Jo 3.3, 5).

2. *Israel com uma terra e um Rei.* Considerando que as promessas feitas a Israel — sobre a constituição de uma nação, seu reajuntamento, a posse da terra e o governo do Rei e Messias — são incondicionais e ainda não se cumpriram, elas continuam aguardando cumprimento. Pode-se ver isso na natureza das três alianças bíblicas: a abraâmica, a davídica e a nova.

Ryrie explicou o significado dessa questão hermenêutica:

> 1) A aliança abraâmica prometeu a Israel uma condição permanente como nação? Em caso positivo, a igreja não está sendo o cumprimento das promessas de Israel; esta, como nação, é que ainda vislumbra um futuro; e 2) a aliança abraâmica prometeu a Israel a posse permanente da terra prometida? Em caso afirmativo, Israel ainda tem de tomar posse da terra, pois nunca a possuiu totalmente em toda a sua história.[7]

6. ALLIS, op. cit., p. 17-8.
7. Charles C. RYRIE, *The basis of the premillennial faith*, New York, Loizeaux, 1953, p. 48-9.

3. *Israel e a igreja.* Como ainda resta a Israel possuir a terra sob o governo de seu Rei e Messias, as promessas à nação não foram transferidas para a igreja. Como esta se iniciou no dia de Pentecoste, ela não equivale à nação de Israel e, portanto, não herdará as promessas feitas aos judeus. A interpretação gramatical faz, assim, uma forte distinção entre Israel e a igreja. Esta não tem hoje a posse da Palestina, que foi prometida aos judeus. E, na era neotestamentária, desde os primórdios da igreja, sempre houve uma diferença entre os judeus ímpios, os gentios ímpios e a igreja (1 Co 10.32).

4. *Interpretação coerente.* O pré-milenarismo afirma que sua hermenêutica é coerente, pois não aborda os textos não-proféticos pelo sentido normal e analisa as passagens proféticas num sentido espiritualizado, não-literal.

Quais são as diferenças fundamentais entre a teologia das alianças e a teologia dispensacionalista?

A teologia das alianças consiste num sistema teológico centrado na chamada aliança da graça, que foi um acordo entre Deus e os pecadores eleitos pelo qual ele lhes provê graça para salvação. A maioria dos teólogos das alianças também é amilenarista, embora alguns sejam pré-milenaristas. As três doutrinas principais da teologia das alianças são: 1) A "igreja" é formada pelo povo redimido de Deus em todas as eras, não somente pelos da era atual, que se estende do dia de Pentecoste até o Arrebatamento. 2) As alianças abraâmica, davídica e nova encontram cumprimento na era moderna. (Os teólogos do pré-milenarismo sustentam que, apesar da possibilidade de haver cumprimento de alguns aspectos dessas três alianças nesta era moderna, haverá também um cumprimento futuro. Os amilenaristas, à semelhança dos teólogos das alianças, negam qualquer cumprimento futuro dessas alianças.) 3) O programa divino tem finalidade soteriológica, ou seja, proporcionar salvação para as pessoas.

Em linhas gerais, a teologia dispensacionalista gira em torno de dois conceitos: 1) a igreja não equivale a Israel e 2) o plano divino tem um propósito doxológico, ou seja, glorificar o próprio Deus (Ef 1.6, 12, 14). Com respeito ao primeiro deles, considera-se a distinção entre a igreja e

Israel, pois aquela possui um caráter distinto. Paulo escreveu a respeito de uma dispensação na qual Deus eleva tanto os judeus crentes quanto os gentios à uma mesma condição de igualdade como membros do corpo de Cristo. Esse fato era desconhecido nos tempos do Antigo Testamento (3.5, 6). No Antigo Testamento, desde a época de Moisés, Deus tratava essencialmente com Israel, mas hoje a igreja é composta por judeus e gentios crentes, que formam um único corpo de Cristo, a igreja. Em 1 Coríntios 12.13, lemos do batismo dos crentes no corpo de Cristo, e 10.32 fala da diferença entre Israel e a igreja.[8] A dispensação ou administração vindoura é o futuro reino milenar (Ef 1.10). Romanos 10.1 também faz alusão ao caráter exclusivo de Israel.

Considera-se a diferença entre a igreja e Israel não só pelo caráter bem definido da primeira, mas também por sua época própria. A era da igreja começou após a ressurreição (Ef 1.20-22) e a ascensão de Cristo (4.7-12). Como todos os crentes nesta era são batizados no corpo de Cristo (1 Co 12.13), o princípio da era da igreja deve ser associado ao início do ministério de batismo do Espírito Santo. Os cristãos gentios na casa de Cornélio, "... assim como nós, receberam o Espírito Santo", afirmou Pedro (At 10.47), e "... caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio" (11.15). A alusão que Pedro fez ao fato de os judeus já terem recebido o Espírito Santo e de que o Espírito Santo desceu sobre eles "como também sobre nós no princípio" refere-se ao que aconteceu no dia de Pentecoste, conforme relata Atos 2. Está claro que é desse acontecimento que ele está falando, pois o Senhor dissera pouco antes, enquanto ascendia aos céus, que eles haveriam de receber o Espírito Santo (1.8).

A igreja, que nasceu no dia de Pentecoste, possui um programa próprio, que distingue a era moderna da dispensação inaugurada com o fornecimento da lei a Israel. Essa nação recebeu promessas especiais, enquanto outras foram feitas à igreja, que é o corpo de Cristo. É claro que em cada dispensação as pessoas são salvas pela fé, não por obras.

Além disso, Deus tratava com a humanidade de forma diferente antes da instituição da lei mosaica. E, antes da queda do homem, em Gênesis 3, havia outra dispensação em vigor. Assim, as Escrituras distinguem pelo menos cinco dispensações.

8. Earl D. RADMACHER, The current state of dispensationalism and its eschatology, in: Kenneth S. KANTZER & Stanley M. GUNDRY, eds., *Perspectives on evangelical theology*, Grand Rapids, Baker, 1979, p. 171.

Os dispensacionalistas partem de um estudo hermenêutico coerente, considerando a interpretação normal, gramatical um fundamento essencial à sua hermenêutica. Com essa base, fazem a distinção entre Israel e a igreja quanto à dispensação. Como expressou Radmacher: "A interpretação literal [...] é a 'linha-mestra' do dispensacionalismo [...]. Sem dúvida, o mais significativo desses [princípios] é a manutenção da diferenciação entre Israel e a igreja".[9] Ryrie também comentou essa questão: "Se a interpretação direta e normal consiste no único princípio hermenêutico válido e se for aplicada coerentemente, a pessoa se tornará dispensacionalista. Na medida em que uma pessoa acredita que a interpretação normal é fundamental, nessa mesma medida ela se tornará obrigatoriamente dispensacionalista".[10] Aceitar os termos *Israel* e *igreja* em sentido normal, literal equivale a conservar sua distinção. *Israel* sempre significa o Israel étnico, nunca se confundindo com o termo *igreja*, nem as Escrituras jamais empregam *igreja* em substituição ou como sinônimo de *Israel*.

Como já se disse, o segundo conceito da teologia dispensacionalista é o programa doxológico de Deus. Embora os teólogos das alianças não neguem que o plano divino visa a glorificá-lo (mediante a aliança da graça atualmente em vigor), parece que eles enfatizam mais o propósito soteriológico do Senhor. Por exemplo, Hoekema escreveu que o objetivo do reino de Deus "é redimir o povo de Deus do pecado".[11] Os dispensacionalistas também salientam que o plano divino de salvação pela fé unifica todas as dispensações, ao mesmo tempo em que eleva a graça de Deus à condição de princípio *fundamental* que unifica todas as dispensações. Em outras palavras, o programa de Deus em cada dispensação visa a glorificá-lo. Se por um lado os teólogos das alianças e os dispensacionalistas ressaltam a glória de Deus (doxologia) e a salvação (soteriologia), os dispensacionalistas pregam que o grande propósito de Deus em cada dispensação é glorificar a si mesmo. Um dos meios *principais* de fazer isso é mediante a salvação pela fé (em todas as eras), mas o *alvo* final é sua glória.

9. Earl D. RADMACHER, The current state of dispensationalism and its eschatology, in: Kenneth S. KANTZER & Stanley M. GUNDRY, *Perspectives on evangelical theology*, Grand Rapids, Baker, 1979, p. 171.
10. Charles C. RYRIE, *Dispensationalism today*, Chicago, Moody Press, 1965, p. 21.
11. HOEKEMA, op. cit., p. 178.

Que princípios devem ser seguidos na interpretação de profecias?

Como mostrou o capítulo 3, existem dois axiomas que formam a base de uma série de corolários relativos à interpretação. Esses mesmos dois axiomas — a Bíblia é um livro e a Bíblia é um livro divino — compõem a estrutura dos princípios que devem ser obedecidos na interpretação de profecias. Os primeiros três princípios apóiam-se no axioma de que a Bíblia é um livro, e os outros cinco, no axioma de que a Bíblia é um livro divino.

Seguir os princípios normais da hermenêutica conhecidos como interpretação histórica, gramatical e literária

Levar em conta o aspecto histórico na interpretação profética equivale a considerar o contexto cultural e as circunstâncias dos profetas. Os profetas falavam em lugar de outro — Deus. Eles tinham a responsabilidade de transmitir as mensagens que recebiam de Deus. Eles costumavam falar de circunstâncias da época, às vezes indicando o que Deus haveria de fazer num futuro próximo e outras vezes referindo-se a eventos que se cumpririam num futuro distante. Expressando de outra forma, as palavras de Deus não estavam desvinculadas do curso da história. Até mesmo as palavras de Paulo a respeito do arrebatamento da igreja (1 Ts 4.13-18) visavam a atacar um problema que os cristãos de Tessalônica estavam enfrentando. O apóstolo João escreveu o livro de Apocalipse para os cristãos num momento em que estavam sofrendo perseguições, no reinado do imperador romano Domiciano (51-96 d.C.). Quando os cristãos do século I liam que o plano de Deus previa o estabelecimento do reinado de Cristo na terra e a simultânea destruição de seus inimigos, deviam ficar reconfortados, como têm acontecido com os cristãos de todas as gerações, desde aquela época.

Moisés, Samuel, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel e cada um dos doze profetas de Oséias a Malaquias, bem como os profetas do Novo Testamento, falaram a palavra profética de Deus dentro de seu contexto cultural.

Considerar o sentido normal, gramatical das palavras proféticas

Em nenhum momento as Escrituras dão a entender que, nos textos proféticos, devemos passar por cima do sentido normal das palavras e frases e desconsiderar seu significado. As regras da interpretação gramatical devem ser aplicadas tanto à literatura profética quanto à não-profética.

O cumprimento deve ser interpretado em relação ao que diz a profecia. Quando Isaías falou do milênio, disse que muitas pessoas ultrapassariam bastante os cem anos de idade (Is 65.20). Não há motivo para adotar outro sentido que não o literal e gramatical. O versículo seguinte (v. 21) diz: "Eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto". Mais uma vez, não há nenhuma indicação nessa passagem de que a construção de casas deve ser encarada figuradamente.

É claro que a linguagem figurada e a simbólica são muito utilizadas nos textos proféticos, mas isso não quer dizer que *todas* as profecias são figuradas ou simbólicas. Devemos partir do pressuposto de que se deve adotar o sentido normal das palavras, a não ser diante da existência de uma figura de linguagem ou simbolismo. (Veja o cap. 7 para obter mais detalhes sobre esse assunto.) Não se devem procurar sentidos mais profundos e místicos.

Se por um lado é verdade que algumas profecias são condicionadas à reação das pessoas a quem se dirigem, outras são incondicionais. Quando Deus fez a aliança com Abraão, em Gênesis 15, ele assumiu sozinho a obrigação, passando entre as partes dos animais que cortara em dois (vv. 12-20). Nenhuma condição foi vinculada à declaração do Senhor de que daria aquela terra aos descendentes de Abraão. As reafirmações da aliança abraâmica mostram que foi uma "aliança perpétua" segundo a qual "toda a terra de Canaã" haveria de ser deles "em possessão perpétua" (17.7, 8). Repare também nas referências à natureza perpétua da aliança em 17.13, 19; 26.2-4; 28.13-15; 1 Crônicas 16.16, 17 e Salmos 105.9, 10.

Portanto, como Israel ainda não possui toda a extensão da terra, como definido em Gênesis 15.18-21, devemos considerar as promessas da aliança abraâmica acerca da terra de Israel como incondicionais e ao mesmo tempo futuras.

Examinar o aspecto literário, que prevê o emprego de linguagem figurada e simbólica

Como vimos no capítulo 7, uma língua envolve o emprego de figuras de linguagem. A primeira profecia da Bíblia, em Gênesis 3.15, contém linguagem figurada. A predição "tu lhe ferirás o calcanhar" indica que Satanás aleijaria os filhos de Eva, abrangendo aí a raça humana como um todo e, depois, a crucificação de Cristo. Jesus, que era a descendência, haveria então de "ferir a cabeça [de Satanás]", ou seja, derrotá-lo. Esta última afirmação pode ser uma sinédoque, onde a parte — a "cabeça" — representa o próprio Satanás. Cristo o fará por ocasião de sua segunda vinda.

A descrição que João fez do Cristo glorificado, registrada em Apocalipse 1.13-16, contém vários símiles, cada qual iniciado pela conjunção *como*. Existem em Apocalipse várias outras figuras de linguagem, das quais metáforas, metonímias, personificações, hipérboles e perguntas retóricas. Temos um exemplo de hipérbole em 18.5: "porque os seus pecados se acumularam até ao céu...". Apocalipse 13.4 contém a seguinte pergunta retórica: "Quem é semelhante à besta?". Vemos outra pergunta retórica em 18.18: "Que cidade se compara à grande cidade?".

Grande parte da literatura profética da Bíblia relata as visões que os profetas tiveram. Esses textos são chamados de "apocalípticos". Trechos de Ezequiel, Daniel, Zacarias e muitas passagens de Apocalipse são apocalípticos. (*Apocalíptico* vem do grego *apokalypsis*, traduzido por "revelação" em Apocalipse 1.1. Então, um apocalipse é um descortinamento produzido por Deus.) A maior parte da literatura apocalíptica foi escrita por profetas que, na ocasião, não se encontravam em território israelita. Ezequiel e Daniel estavam na Babilônia, e o apóstolo João encontrava-se na ilha de Patmos. Apesar de Zacarias estar em Jerusalém, depois de retornar da Babilônia, ainda assim escreveu numa época em que Israel estava sob domínio gentio. Ele declarou as profecias dos primeiros seis capítulos no segundo ano de Dario (520 a.C.). As últimas profecias (Zc 7-14) ocorreram no quarto ano do rei Dario (518 a.C.). Os textos apocalípticos desafiavam e encorajavam o povo oprimido de Deus.[12]

12. Elliott E. JOHNSON, Apocalyptic genre in literal interpretation, in: Stanley D. TOUSSANT & Charles H. DYER, eds., *Essays in honor of J. Dwight Pentecost*, Chicago, Moody Press, 1986, p. 202.

Além de a literatura apocalíptica ter sido escrita nos tempos do exílio ou da opressão gentílica, ela possui outras quatro características: 1) consiste em profecias transmitidas em visões detalhadas; 2) contém muitos símbolos; 3) era comum a presença de um anjo nas visões, o qual muitas vezes as interpretava e 4) inclui mensagens que falam de um futuro distante.

O forte conteúdo simbólico da maior parte dos textos proféticos dificulta a interpretação das profecias. Esse fator já levou muitos estudiosos da Bíblia a supor que, como as profecias contêm simbolismos, os textos proféticos devem ser interpretados simbolicamente na íntegra. Isso, porém, é um erro. Se obedecermos ao princípio básico da hermenêutica, que determina uma interpretação normal, gramatical, deveremos compreender a literatura profética, bem como outros estilos de literatura bíblica, em seu sentido normal, literal-comum, a menos que haja motivos para considerarmos o significado figurada ou simbolicamente.

Por exemplo, não existe motivo para não tomarmos ao pé da letra a alusão ao silêncio no céu de "cerca de meia hora" (Ap 8.1), da mesma forma que não há razão para não adotarmos o sentido literal de "saraiva e fogo de mistura com sangue" (v. 7). E, quando João escreveu no mesmo versículo que "foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde", o contexto imediato não sugere em nada que não se deva tomar o sentido normal dessas palavras. Mas, no versículo 8 do mesmo capítulo, lemos que "uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar". A frase dá a entender que João não estava falando de uma montanha de verdade.

Quando o sentido normal de uma afirmação indicar impossibilidade ou falta de lógica, está caracterizado o emprego de linguagem figurada (veja a discussão no cap. 7). Portanto, a estrela que se menciona no versículo 10, que "... caiu do céu sobre a terça parte dos rios...", não deve ser uma estrela de verdade, pois se sabe que qualquer estrela é maior que a terra. Alguns acreditam que essa "estrela" será um meteoro. Também no versículo 12 temos uma referência a um anjo de verdade que toca uma trombeta de verdade, e não há razão para não acreditarmos que um terço do sol será literalmente atingido, bem como um terço da lua e um terço das estrelas. No entanto, exatamente o versículo seguinte (v. 13) fala de uma águia que bradava. Como as águias não falam, é óbvio que se trata de um simbolismo. É igualmente óbvio que uma prostituta não se pode sentar sobre dez montes ao mesmo tempo (17.9), o que nos leva a concluir que os montes são

símbolos. Aliás, a interpretação é dada no próprio versículo: os sete montes são (representam) sete reis. A idéia é que ela dominará sete reis. De acordo com o versículo 14, dez reis pelejarão contra o Cordeiro. Com base em outras passagens, entendemos que o Cordeiro é Jesus Cristo (Jo 1.29; Ap 5.6-13); ou seja, trata-se de uma figura de linguagem, mas a peleja (17.14) deve ser entendida em sentido literal.

E que dizer do emprego de números nos textos proféticos? Certo autor propôs o seguinte: "Num livro em que quase todos os números parecem ter valor simbólico (7 selos, trombetas, taças, *etc.*; 144 000 israelitas; 42 meses/1 260 dias/3 anos e meio), será que os 1 000 anos não representam um longo período, em vez de determinada quantidade de anos de nosso calendário?".[13] Mas será que todos os números que ele mencionou devem ser considerados simbólicos? Será que não têm o significado numérico comum? Se 7, 42 e 1 260 não devem ser tomados ao pé da letra, que dizer da referência às 2 testemunhas em 11.3? E se 1 000 significa apenas um número elevado, como fica a alusão às 7 000 pessoas, no versículo 13? Como podemos afirmar que 7 000 não significa 7 000 literalmente? E se 1 000 representa um número elevado, indefinido, então as referências a 4 anjos (7.1) e a 7 anjos (8.6) falam apenas de números baixos? Se esses números do livro de Apocalipse não possuem valor numérico normal, literal, então o que foi feito do princípio da interpretação normal, gramatical? Como podemos assegurar que 144 000 seja um número simbólico, quando o trecho em 7.5-8 fala especificamente de 12 000 de cada uma das 12 tribos de Israel?

Os neo-pós-milenaristas modernos também tendem a interpretar os números do Apocalipse em termos simbólicos. Por exemplo, Chilton escreveu que os 1 000 referidos em 20.4-6 representam "um número elevado, arredondado [...] que indica grande quantidade".[14]

Muitos amilenaristas argumentam que, pelo fato de o livro de Apocalipse conter tamanho simbolismo, grande parte, senão toda a literatura profética deve ser encarada pelo aspecto não-literal, ou seja, pelo lado "espiritual". Allis procurou reforçar essa concepção dizendo: "Deus é Espírito; os ensinamentos mais preciosos das Escrituras são espirituais".[15] De fato, a

13. Robert MOUNCE, Why do the experts disagree?, *Eternity*, 59-60, Sept. 1975. Como escreveu Hoekema, mil anos representam "um período completo, um período muito longo de duração indeterminada" (op. cit., p. 161).
14. David CHILTON, *Days of vengeance*, Fort Worth, Dominion Press, 1987, p. 506.

Bíblia refere-se a muitos fatos e verdades espirituais. No entanto, isso não serve de base para se tomarem os textos proféticos no sentido alegórico, adicionando às passagens o que não é percebido pela interpretação normal, gramatical, com sua linguagem figurada. Por exemplo, não há justificativa para pensar que a filha de Sião (Zc 9.9) represente a igreja. O restante do versículo deve ser entendido de acordo com o sentido literal, ou seja, Cristo, o Rei, vem montado num jumento. Portanto, para que haja coerência, a alusão à filha de Sião e à filha de Jerusalém deve ser entendida como uma referência aos judeus, não à igreja.

Às vezes, porém, os amilenaristas argumentam que as promessas feitas a Abraão têm-se cumprido espiritualmente na igreja, pois os cristãos de hoje são chamados de filhos de Abraão (Gl 3.7, 29; *cf.* Rm 4.11; Gl 3.9, 14). Esses versículos mostram que todos os crentes desde Abraão podem ser considerados seus "filhos" no sentido de que foram salvos pela fé, como foi o patriarca (Rm 4.1-3, 9-13, 16, 17). O fato de nossa salvação operar mediante a fé, como aconteceu com Abraão, e a nossa conseqüente ligação espiritual com ele não dissipam de forma alguma as promessas que lhe foram feitas, ou seja, a respeito da posse perpétua da terra prometida por parte de seus descendentes naturais.

Perceber a ênfase das profecias no Messias e no estabelecimento de seu reino

Este princípio e os quatro que apresentaremos a seguir estão associados ao axioma de que a Bíblia é um livro divino. Como o autor divino do livro é Deus, não é de surpreender que as profecias falem essencialmente de Cristo em sua primeira e segunda vinda. Como disse um anjo para o apóstolo João: "... o testemunho de Jesus é o espírito da profecia" (Ap 19.10). O objetivo das profecias é testemunhar Jesus Cristo e glorificá-lo. Sua primeira vinda teve por objetivo estabelecer seu reinado na terra, mas Israel o rejeitou (Jo 1.11); por isso disse que o reino lhes seria tirado e dado a outra geração (Mt 21.43). Como disse Jesus para os discípulos: "Mas importa que primeiro ele padeça muitas cousas e seja rejeitado por esta geração" (Lc 17.25).

As Escrituras deixam claro que Jesus voltará para estabelecer seu reino na

15. ALLIS, op. cit., p. 17.

terra. Ele reina hoje dos céus, mas a manifestação terrena do reino, quando ele vier pessoalmente, ainda é um evento do futuro. O livro dos Salmos o retrata como "o Rei da Glória" que entrará pelos portões de Jerusalém (Sl 24.7-10). De acordo com Isaías 9.6, 7, ele é o Filho sobre cujos ombros repousará o governo do mundo e ele reinará no trono de Davi e sobre seu reino. Como descendente justo de Davi, "... reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça *na terra*" (Jr 23.5, grifo nosso). Jesus, que nasceu em Belém, "... há de reinar em Israel" (Mq 5.2), "e o SENHOR reinará sobre eles no monte Sião..." (4.7) Zacarias escreveu a respeito do Senhor: "Naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras...", "... virá o SENHOR..." e "... será rei sobre toda a terra..." (Zc 14.4, 5, 9)

A história tem um curso a seguir; ela vai de acordo com o plano divino de Deus, que culminará no retorno de Cristo, seguido por seu reinado de mil anos na terra. Este será sucedido pela eternidade no novo céu e na nova terra. Evidentemente, é um equívoco reduzir o reino de Deus ao governo do Senhor na alma de uma pessoa ou concebê-lo meramente como a imortalidade do cristão.

Entender o princípio da "perspectiva"

Ao olharem para o futuro, muitas vezes os profetas vislumbravam as duas vindas de Cristo como se fossem os picos de duas montanhas separadas por um vale. Eles viam os picos, mas não os vales. Com nossa perspectiva, porém, ao olharmos para trás vemos o espaço de tempo que separa a primeira vinda da segunda. É comum o Antigo Testamento mesclar as duas vindas de Cristo na mesma passagem. Isaías 61.1, 2 é um exemplo disso. O Senhor começou a ler esse capítulo na sinagoga em Nazaré (Lc 4.16-21) e parou no meio do versículo 2: "... e apregoar o ano aceitável do Senhor...". Ele não continuou lendo "...e o dia da vingança do nosso Deus...", que é uma referência clara ao retorno do Senhor, quando vingará os inimigos. Isaías 9.6, 7 é outro exemplo. A primeira parte do versículo 6 fala do nascimento de Jesus, enquanto a parte intermediária e o versículo 7 mencionam sua segunda vinda, quando falam do governo que repousa sobre seus ombros e de seu reinado no trono de Davi.

Como os profetas do Antigo Testamento viam os acontecimentos relacionados às duas vindas de Cristo simultaneamente, em geral não entendiam

como se desenrolariam. Como escreveu Pedro: "Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando atentamente qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam" (1 Pe 1.10, 11).

"Na maior parte do tempo, os profetas não tinham consciência de que no mesmo quadro existia uma infinidade de detalhes que estavam apenas começando a vislumbrar. Devido à perspectiva profética, os profetas podem ter visto apenas os acontecimentos A, B e Z, sem sequer perceber os fatos intermediários."[16] Joel afirmou, em sua profecia sobre o dia do Senhor (Jl 2.28-32), que o Espírito Santo seria derramado sobre os israelitas. Quando Pedro se levantou no dia de Pentecoste, explicou que a vinda do Espírito Santo que tinham presenciado era "... o que foi dito por intermédio do profeta Joel" (At 2.16). Mas tinha sido apenas um cumprimento parcial, porque Joel predisse não apenas a vinda do Espírito Santo, mas também que as pessoas teriam sonhos e visões, e profetizou a incrível ocorrência de "prodígios no céu e na terra". É evidente que não foram vistos no dia de Pentecoste "sangue, fogo, e colunas de fumo", nem o sol se convertendo em trevas e a lua em sangue (Jl 2.30, 31). Esses acontecimentos ainda estão por se cumprir. O que ocorreu em Pentecoste foi um cumprimento parcial de algumas das profecias de Joel, mas o cumprimento final está reservado para dias futuros. É melhor encará-lo como um cumprimento final parcial, em vez de perceber um "duplo sentido" ou múltiplos cumprimentos. Um acontecimento é precursor do outro, mais importante, dramático.

Procurar a interpretação divinamente embutida no texto

Às vezes os próprios textos proféticos trazem as interpretações. Era comum o caso de anjos que interpretavam os acontecimentos que os profetas vislumbravam nas visões registradas na literatura apocalíptica. No capítulo 2 de Daniel 2, a cabeça de ouro da estátua de Nabucodonosor representava ele mesmo (vv. 37, 38); os braços e o peito de prata simbolizavam o reino me-

16. Walter C. KAISER Jr., *Back toward the future*, Grand Rapids, Baker, 1989, p. 122.

do-persa, que sucedeu ao império babilônico (v. 39) e o reino de bronze representava o reino seguinte, a saber, a Grécia (v. 39). A pedra cortada do monte sim- bolizava o reino de Deus (vv. 44, 45).

Um anjo explicou a Daniel que os dez chifres do quarto animal ou do quarto reino correspondiam a dez reis (7.24). O carneiro de dois chifres representava os reis da Média e da Pérsia, o bode peludo era o rei da Grécia e o chifre entre os olhos do bode simbolizava o primeiro rei da Grécia (8.20-21). A mulher no cesto, na visão de Zacarias, representava a iniqüidade dos israelitas (Zc 5.6).

Tenney observou que vários símbolos do livro de Apocalipse têm explicação. Entre eles temos as sete estrelas, que são os anjos das igrejas (1.20); os sete candeeiros, que são as sete igrejas da Ásia Menor (v. 20); as sete tochas de fogo, que representam os sete espíritos de Deus (4.5); as taças de incenso, que simbolizam as orações dos santos (5.8); o grande dragão, que é Satanás (12.9); as sete cabeças da besta, que correspondem a sete reis (17.9); os dez chifres da besta, que são dez reis (v. 12); as águas onde a meretriz estava assentada, que representavam "povos, multidões, nações e línguas" (v. 15) e a mulher que é a grande cidade (v. 18) identificada em 18.2 como a Babilônia.[17]

Alguns símbolos do livro de Apocalipse não são explicados, incluindo a pedrinha branca (2.17), a coluna (3.12), os 24 anciãos (4.4), as duas testemunhas (11.3), a mulher vestida do sol (12.1, 2, 14), e o lagar (14.19, 20; 19.15). Entretanto, alguns destes símbolos podem ser explicados com base em costumes locais.

> Por exemplo, a pedrinha branca pode muito bem ser explicada como a cédula que se coloca numa urna ou como o seixo que se entregava em locais de diversão e que funcionava como bilhete. Poderia funcionar também como a pedra que um jurado jogava em sinal de absolvição do réu. Da mesma forma, a coluna está associada às colunatas que sustentavam os telhados e enfeitavam os pórticos dos templos romanos. Assim, cada cristão está sendo comparado a uma coluna majestosa; só que aqui é na casa de Deus, não num templo romano.[18]

17. Merrill C. TENNEY, *Interpreting revelation*, Grand Rapids, Eerdmans, 1975, p. 187.
18. KAISER, op. cit., p. 46.

Comparar passagens paralelas

Visto que boa parte dos textos bíblicos (cerca de um quarto da Bíblia) era profética na ocasião em que foram escritos e como foram todos dados pela inspiração do Espírito Santo, não devemos surpreender-nos ao verificar que todas as profecias bíblicas, ao serem agrupadas, formam um quadro harmônico do futuro. Não se vê a menor contradição na infinidade de minudências a respeito dos acontecimentos futuros. Apocalipse 13 precisa ser estudado paralelamente a Daniel 9, e os últimos versículos de Joel 2 precisam ser estudados em paralelo com Apocalipse 19. Todas as passagens sobre o milênio em Isaías 9; 24; Joel 2; Zacarias 14 e Apocalipse 20.1-10 precisam ser estudadas conjuntamente. Chafer observou que o Antigo Testamento contém sete temas proféticos principais: profecias sobre os gentios, Israel como nação, as dispersões e os reagrupamentos de Israel, a vinda do Messias, a grande tribulação, o dia do Senhor e o reino messiânico. Ele acrescentou ainda que os temas proféticos do Novo Testamento dizem respeito à nova era da igreja, ao novo plano divino, a Israel como nação, aos gentios, à grande tribulação, a Satanás e às forças do mal, à segunda vinda de Cristo, ao reino messiânico e à eternidade.[19] Esses eventos não se contradizem e se encaixam, por obra da inspiração divina, formando um panorama harmônico do futuro.

Procurar as profecias que já se cumpriram e as que ainda estão por cumprir-se

Como já vimos, é importante entender que somente parte dos últimos versículos de Joel 2 teve algum cumprimento no dia de Pentecoste. O cumprimento final de Joel 2.18-32 espera pelo reinado milenar de Cristo.

Considerando que a Bíblia é um livro divino, esperamos coerência dela. Em primeiro lugar, isso quer dizer que, se determinadas profecias já se cumpriram literalmente, podemos esperar que as que ainda estão por cumprir-se aconteçam da mesma forma, literalmente. "O fato de que tantas profecias já tiveram um cumprimento literal reforça a expectativa de que as

19. Lewis Sperry CHAFER, *Systematic theology*, abr. ed. [ed. por John F. WALVOORD], 2 v., Wheaton, Victor Books, 1988, p. 383-95.

que ainda não se cumpriram tenham o mesmo cumprimento literal."][20]

Em suma, o estudo das profecias bíblicas deve ser acompanhado das seguintes perguntas:

1. O que é condicional e o que é incondicional?
2. O que é figurado ou simbólico e o que não é figurado?
3. O que já se cumpriu e o que ainda aguarda cumprimento distante?
4. Que interpretação Deus oferece na própria passagem?
5. Qual a interpretação depreendida de passagens paralelas?

Conforme se afirmou no início deste capítulo, o estudo das profecias, apesar de difícil em certos aspectos, pode proporcionar grandes bênçãos espirituais. Todo cristão deve amar "sua vinda" (2 Tm 4.8), ou seja, ansiar por seu retorno. Como escreveu o apóstolo João no penúltimo versículo da Bíblia, "vem, Senhor Jesus" (Ap 22.20).

20. John F. WALVOORD, *The prophecy knowledge handbook*, Wheaton, Victor Books, 1990, p. 17. Walvoord apresenta uma relação, em dois longos apêndices, das inúmeras profecias bíblicas e de seus cumprimentos passados e futuros (p. 647-769).

capítulo onze

O emprego do Antigo Testamento no Novo

O uso do Antigo Testamento no Novo é um dos aspectos mais complexos da interpretação bíblica. Quando se lê o Novo Testamento, fica-se impressionado com a quantidade de citações ou alusões ao Antigo. Mediante um exame circunstanciado das citações, pode-se verificar que nem sempre elas correspondem exatamente, palavra por palavra, às passagens originais. Por acaso isso anula tudo o que dissemos sobre os princípios da interpretação normal? Quando os autores do Novo Testamento citavam com liberdade o Antigo, estavam porventura descartando a interpretação normal, gramatical e histórica?

Qual a relação entre esse fato e a doutrina da inspiração verbal e da inerrância das Escrituras? Se existem discrepâncias entre o Antigo Testamento e suas citações no Novo, podemos continuar confiando na inerrância bíblica?

Quando os autores do Novo Testamento citavam o Antigo, por acaso o estavam interpretando com base em outros parâmetros? Em caso afirmativo, isso nos dá liberdade para fazermos o mesmo hoje?

Uma das indagações associadas a essa questão é a seguinte: os autores do Novo Testamento expuseram significados de passagens do Antigo que os autores deste não haviam vislumbrado? Os autores do Novo Testamento abusaram da liberdade, então, ao fazer "reinterpretações"? Até que ponto iam a intenção e o conhecimento dos autores do Antigo Testamento? Por acaso conheciam os significados que viriam a ser expostos mais tarde no Novo? Ou será que o que escreveram estava acima de seu entendimento? O

que Deus tinha em mente extrapolava a consciência dos escritores do Antigo Testamento? Em caso afirmativo, um versículo ou uma passagem poderia ter mais de um sentido? E esse sentido exposto no Novo Testamento alguma vez entra em conflito com o significado no Antigo? Como podemos nortear nosso entendimento desses significados sem abandonarmos os princípios da interpretação normal? Temos permissão de procurar sentidos ocultos no Antigo Testamento, sentidos esses que não dispõem de nenhum fundamento no texto em si? Até que ponto os autores do Novo Testamento "complementaram" o sentido de certas passagens do Antigo, se é que o fizeram?

Examinemos primeiramente o volume de citações do Antigo Testamento no Novo. Em seguida, estudaremos sua forma e suas variações, atentando também para a maneira como são iniciadas e para a língua original (se vêm do hebraico ou da tradução grega do Antigo Testamento, conhecida como a versão dos Septuaginta). Depois, observaremos com que objetivos as citações foram feitas. Finalmente, sugeriremos procedimentos para a interpretação das citações do Antigo Testamento no Novo.

Volume de citações e alusões ao Antigo Testamento no Novo

Embora os estudiosos divirjam no tocante ao número de citações do Antigo Testamento no Novo, a maioria concorda que varia de 250 a 300. Por que a dificuldade de saber o número exato? Como as citações nem sempre são idênticas às passagens originais, às vezes não podemos afirmar com certeza que estamos diante de uma citação. Além disso, ocasionalmente há citações interligadas, o que dificulta sua identificação. Em outros casos, uma passagem do Antigo Testamento pode estar sintetizada, o que suscita a dúvida quanto a considerá-la ou não uma citação.

Muitos evangélicos concordariam com a contagem feita por Nicole: 295 citações distintas.[1] Destas, observou ele, 224 são citações diretas precedidas por uma introdução do tipo "como está escrito", por exemplo. Várias outras utilizam a conjunção "e" para conectar a segunda citação com a primeira. Em 19 passagens, os autores fazem uma paráfrase ou síntese de textos do

1. Roger NICOLE, The Old Testament in the New Testament, in: Frank E. GAEBELEIN, ed., *The expositor's Bible commentary*, Grand Rapids, Zondervan, 1979, 1:617.

Antigo Testamento, em vez de citação direta. Em 45 citações, sua extensão (*e.g.*, 1 Pe 3.10-12) ou natureza específica (*e.g.*, Mt 27.46) é fornecida sem explicação anterior de que se trata de citação do Antigo Testamento.[2]

Nicole observou também que as 295 citações ocupam 352 versículos do Novo Testamento. Segundo Bratcher, 23 dos 27 livros neotestamentários citam o Antigo Testamento — todos com exceção de Filemom e 1, 2 e 3 João.[3] Os livros com maior volume de citações do Antigo Testamento são Mateus, Atos, Romanos e Hebreus, sendo que cada um contém dezenas delas.

Um total de 278 versículos do Antigo Testamento são citados, alguns dos quais várias vezes. Destes, o mais citado no Novo é Salmos 110.1: "Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés". E também citado em Mateus 22.44; Marcos 12.36; Lucas 20.42, 43; Atos 2.34, 35; Hebreus 1.13; 10.13.

Segundo Nicole, dos 278 versículos citados do Antigo Testamento, 94 são do Pentateuco, 99 dos profetas e 85 dos escritos. Incluem-se aqui todos os livros do Antigo Testamento, à exceção de Rute, Esdras, Neemias, Ester, Eclesiastes e Cantares (há quem acrescente 1 e 2 Crônicas, Lamentações e Obadias).

O número de alusões é muito maior. Como é bem mais difícil distingui-las, a lista varia de 442 a 4 105. Todos os livros do Novo Testamento, porém, fazem alusões ao Antigo, e é provável que a todos os livros deste. As alusões incluem referências à terminologia ou a expressões do Antigo Testamento, bem como a fatos históricos e a personagens. Por exemplo, Romanos 5.12-14 faz uma alusão clara, mas não cita, a queda de Adão e Eva no pecado, registrada em Gênesis 2 e 3. Em 1 Coríntios 10.1-15, Paulo menciona fatos ocorridos durante a peregrinação do povo de Israel no deserto, numa clara alusão ao que está registrado em Êxodo 32 e em Números 11, 14, 21 e 25.

O livro de Apocalipse faz alusões ao Antigo Testamento cerca de 331 vezes, segundo Atkinson.[4] Mas, apesar de tantas alusões, não faz uma

2. Ibid.
3. Robert G. BRATCHER, *Old Testament quotations in the New Testament*, 3. ed. rev., New York, United Bible Societies, 1987, p. v.
4. B. F. C. ATKINSON, The textual background of the use of the Old Testament by the New, *Journal of the Transactions of the Victoria Institute 79*: 49, 1947.

citação direta sequer do Antigo Testamento.

"Mais de 10% do Novo Testamento é composto de citações ou alusões diretas do Antigo."[5] Essa utilização tão ampla do Antigo Testamento mostra claramente a relação orgânica entre os dois Testamentos. Isso era de esperar, tendo em vista que se trata de um só autor divino. Mostra também que, ao interpretar o Novo Testamento, o estudante da Bíblia não pode descartar o Antigo.

Citando com tanta freqüência o Antigo Testamento, os autores do Novo demonstraram sua confiança na autoridade do primeiro. Em nenhum momento um escritor neotestamentário questiona ou rejeita a verdade de uma passagem do Antigo Testamento por ele citada. Esses escritores afirmaram 56 vezes que as citações que faziam do Antigo Testamento provinham de Deus. Quando o autor de Hebreus citou Salmos 95.7-11 em Hebreus 3.11, começou dizendo: "Assim, pois, como diz o Espírito Santo..." (v. 7). Os autores do Novo chamam de "Escritura" uma série de declarações divinas do Antigo Testamento, o que comprova que eles consideravam o Antigo Testamento a Palavra de Deus. Paulo escreveu em Romanos 9.17: "Porque a Escritura diz a Faraó...", enquanto o restante do versículo é uma citação de Êxodo 9.16, no qual o Senhor fala a Faraó. Em Gálatas 3.8, Paulo escreveu: "Ora, tendo a Escritura [...] preanunciou o evangelho...", e o restante do versículo é uma citação de Gênesis 12.3, em que Deus se encontra falando.

Em outros trechos, os escritores do Novo Testamento referiram-se a autores do Antigo pelo nome e mencionaram também o Autor divino, mostrando assim que acreditavam na dupla autoria da Bíblia. Citaremos alguns exemplos: "Ora, tudo isso aconteceu, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta" (Mt 1.22); "o próprio Davi falou, pelo Espírito Santo..." (Mc 12.36); "irmãos: Convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi..." (At 1.16); "assim como também [Deus] diz em Oséias" (Rm 9.25).

Moisés, Davi, Isaías, Jeremias, Daniel, Joel e Oséias são mencionados nominalmente em citações neotestamentárias.

5. Roger NICOLE, New Testament use of the Old Testament, in: Carl F. H. HENRY, ed., *Revelation in the Bible*, Grand Rapids, Baker Book House, 1958, p. 142.

Tipos de introdução das citações

Os autores do Novo Testamento começavam suas citações de diversas maneiras. Vejamos alguns exemplos:

"Está escrito"	Marcos 7.6; 14.27 Lucas 22.37; João 6.45
"Não está escrito...?"	Marcos 11.17; João 10.34
"Ainda não lestes esta Escritura?"	Marcos 12.10
"Não tendes lido no livro de Moisés?"	Marcos 12.26
"Ouvistes que foi dito"	Mateus 5.21, 27, 33, 38, 43
"Porque assim está escrito por intermédio do profeta"	Mateus 2.5
"Isto aconteceu para se cumprir?"	Mateus 1.22; 21.4
"Para que se cumprisse"	Mateus 2.15
"Então se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias"	Mateus 27.9
"Para que se cumprisse o que foi (fora) dito"	Mateus 2.23; 4.14; 8.17; 13.35
"Para se cumprir o que foi dito	Mateus 12.17
"Se a lei não dissera"	Romanos 7.7
"Pelo que diz"	Efésios 5.14
"Pois a Escritura declara"	1 Timóteo 5.18
"Como diz a Escritura"	João 7.38
"Pois Moisés disse"	Marcos 7.10
"O próprio Davi falou"	Marcos 12.36
"Dizendo [Deus]"	Hebreus 2.12 (veja também o "e outra vez" em Hb 1.5, 6; 2.13)
"[Ele] diz"	Hebreus 1.6, 7
"... o Espírito Santo [...] após ter dito"	Hebreus 10.15
"Porque o Senhor assim no-lo determinou"	Atos 13.47

Muitas vezes acontece de as passagens do Antigo Testamento serem citadas sem a precedência de nenhuma introdução. Temos exemplos disso em Mateus 9.13; 12.7; 18.16; 19.19; 23.39; Marcos 9.48; 10.6-8, 19; 12.26, 29, 31; 15.34; Lucas 23.30.

Às vezes, várias citações são interligadas, como acontece em Marcos 1.2, 3; João 12.38-40; Romanos 3.10-18; 9.25-29; 10.18-21; 11.8; 15.9-12; 2 Coríntios 6.16-18; Hebreus 1.5-13 e 1 Pedro 2.6-9. Se sua Bíblia indicar as fontes dessas citações, seria um exercício interessante observar a variedade de textos do Antigo Testamento que são citados conjuntamente em cada uma dessas passagens.

As alterações no texto das citações

Quando os autores do Novo Testamento citavam o Antigo, era comum utilizarem outras palavras ou mesmo omitir algumas. Eles modificavam a sintaxe livremente ao fazer paráfrases, omitir certos trechos, fazer citações parciais, empregar sinônimos e perceber novos aspectos de uma verdade. Examinaremos várias dessas modificações e depois estudaremos os motivos que levaram os autores a citar o Antigo Testamento.

As alterações na gramática

1. Às vezes os autores do Novo Testamento substituíam um substantivo por um pronome. Quando Mateus citou Isaías 40.3, "... endireitai no ermo vereda a nosso Deus", disse: "... endireitai as suas veredas" (Mt 3.3). Ele substitui "a nosso Deus" por "suas".

Isaías escreveu: "Todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR..." (Is 54.13) Quando Jesus citou esse versículo, disse: "... E serão todos ensinados por Deus..." (Jo 6.45). No caso dessa citação, "todos [eles]" obviamente se adequava melhor a seus objetivos do que "todos os teus filhos". Ao citar Jeremias 31.33, "Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel...", o autor de Hebreus diz "com eles" (Hb 10.16) em vez de "com a casa de Israel".

2. Certas vezes usavam-se substantivos em lugar de pronomes. "... Bendito é o rei que vem em nome do Senhor..." (Lc 19.38) coloca de forma

mais clara Salmos 118.26: "Bendito o que vem em nome do SENHOR...".

3. Um substantivo plural pode substituir um singular. Mateus mencionou o fato de Jesus falar por "parábolas" (Mt 13.35), mas, no original hebraico do versículo citado (Sl 78.2), "parábola" está no singular. "A boca", Em Salmos 10.7, é citada com o sujeito da frase no plural em Romanos 3.14.

4. Às vezes os escritores modificavam um pronome. Isaías disse: "...Eis que a virgem [...] e lhe chamará Emanuel" (Is 7.14). Quando Mateus citou essa passagem, disse. "... e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel" (Mt 1.23, ARC). Ambas as afirmações são verdadeiras, claro. A virgem o chamou Emanuel, e as pessoas chamavam-no por esse mesmo nome. Zacarias 12.10 afirma: "... olharão para mim, a quem traspassaram", mas, quando João citou o versículo, escreveu: "Eles verão aquele a quem traspassaram" (Jo 19.37). Moisés contou ao povo que Deus tinha dito: "... eu os provocarei a zelos com aquele que não é povo..." (Dt 32.21). Paulo citou essa passagem de forma mais contundente ao trocar "os" por "vos": "... eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação..." (Rm 10.19).

5. Por vezes, aquele que fala é mencionado na citação. João Batista citou Isaías 40.3, mas aludiu ao fato de que era a ele que Isaías estava-se referindo. Isaías disse: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do SENHOR...", e João, por sua vez, respondeu a pergunta que os líderes religiosos fizeram sobre sua identidade dizendo: "... Eu sou voz do que clama no deserto..." (Jo 1.23). Obviamente, ele teve de modificar um pouco a citação para poder responder à indagação.

6. Pode acontecer de o discurso direto passar a indireto. Vemos isso em Oséias 2.23: "... e a Não-meu-povo direi: Tu és o meu povo...", que é citado em Romanos 9.25 assim: "... Chamarei povo meu ao que não era meu povo...".

7. Já em outras situações o discurso indireto passa a direto. "Ele", em Isaías 29.16 ("ele não me fez"), passou a "tu" em Romanos 9.20 ("por que [tu] me fizeste assim?"). Além disso, a afirmação transformou-se numa pergunta.

8. A forma verbal às vezes é modificada ligeiramente. O Senhor instruiu o povo acerca dos cordeiros pascais: "... nem lhe quebrareis osso nenhum" (Êx 12.46). Quando João aplicou essa passagem a Jesus, passou-a do imperativo para o indicativo: "... Nenhum dos seus ossos será quebrado" (Jo 19.36). O profeta falou no modo imperativo em Isaías 6.9: "... Ouvi, ouvi, e não entendais...". Mas quando Jesus citou esse versículo em Mateus 13.14,

colocou no futuro do indicativo: "... Ouvireis com os ouvidos, e de nenhum modo entendereis...".

9. Uma referência genérica pode ser citada de forma mais específica no Novo Testamento. Amós 5.26 diz: "... levastes a tenda de vosso Moloque [...] a estrela do vosso deus..." (ARC). Quando Estêvão citou esse texto em Atos 7.43, falou sobre "o tabernáculo de Moloque e a estrela do deus Renfã".

10. Às vezes a abrangência da referência é modificada. Amós 5.27 diz: "... vos desterrarei, para além de Damasco...", mas Estêvão ampliou a citação assim: "... vos desterrarei para além de Babilônia" (At 7.43).

11. A ordem das frases pode sofrer alteração. Quando Jesus citou cinco dos dez mandamentos em Lucas 18.20, enumerou-os numa seqüência ligeiramente diferente da que se vê em Êxodo 20.12-16.

12. Pode acontecer de duas passagens ser combinadas e atribuídas ao mais famoso dos dois autores do Antigo Testamento. É o que acontece em Marcos 1.2, 3. O versículo 2 cita Malaquias 3.1, e o versículo 3, Isaías 40.3; no entanto, Marcos começa dizendo: "Conforme está escrito na profecia de Isaías...". Não há dúvida de que Isaías é um autor de mais destaque que Malaquias, e seu livro abre a seção conhecida como "os Profetas" no Antigo Testamento, a qual termina com Malaquias.

13. Em certos casos, os autores do Novo Testamento reproduziram livremente o sentido de passagens do Antigo por meio de paráfrases. Mateus 13.35 é um desses casos: "... publicarei cousas ocultas desde a criação [do mundo]"; trata-se de uma paráfrase de Salmos 78.2: "... publicarei enigmas dos tempos antigos". Isaías escreveu: "Naquele dia recorrerão as nações à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos..." (Is 11.10). Paulo o reproduziu livremente: "... Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios, nele os gentios esperarão" (Rm 15.12). Embora as palavras não sejam exatamente as mesmas, a idéia se mantém. O apóstolo poderia ser criticado se houvesse afirmado que estava fazendo uma citação literal; mas, como não disse isso, parece lógico que pudesse ter liberdade, sob a inspiração do Espírito Santo, de parafrasear a idéia expressa em Isaías 11.10.

Vejamos outros exemplos. Jeremias 31.34, "... Pois, perdoarei as suas iniqüidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei", transforma-se em: "... Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas

iniqüidades, para sempre" (Hb 10.17). As últimas duas linhas de Isaías 29.13, "... o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens...", transformam-se em: "E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens", conforme disse Jesus em Mateus 15.9. Amós referiu-se a ídolos "... que fizestes para vós mesmos" (Am 5.26), mas Estêvão reproduziu o trecho livremente, dizendo: "... figuras que fizestes para as adorar..." (At 7.43)

A omissão de certos trechos dos versículos

Os autores do Novo Testamento de vez em quando abreviavam os versículos citados do Antigo. Encontramos um exemplo disso na última linha de Marcos 4.12, em que Jesus afirma: "... para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles". Trata-se de uma síntese da segunda metade de Isaías 6.10: "... para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos, e a entender com o coração, e se converta e seja salvo". Além da síntese, foi usado o correspondente "haja perdão" em lugar de "seja salvo".

Zacarias fez o seguinte comentário a respeito da entrada triunfal do Senhor: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém...". Ao citar essa passagem, João trocou o imperativo afirmativo por um negativo: "Não temas, filha de Sião..." (Jo 12.15). Também é interessante observar que Zacarias 9.9 tem seis linhas, mas João só citou três. Mateus, por sua vez, citou quatro delas (Mt 21.5).

Mateus 15.8, "Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim", consiste numa seleção propositada de um trecho de Isaías 29.13: "... este povo se aproxima de mim, e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim...".

As citações parciais

Quando Jesus fez a leitura de Isaías 61.2, como mostra Lucas 4.18, 19, ele parou de ler no meio do versículo 2. Ele deixou de ler o trecho "... e o dia da vingança do nosso Deus". Isso porque o dia da vingança pertencia ao futuro, não sendo aplicável à sua primeira vinda. A última parte de Isaías 56.7 diz: "... porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos".

Contudo, Jesus citou esse versículo com as seguintes palavras: "... A minha casa será chamada casa de oração" (Mt 21.13). Ele omitiu "para todos os povos". Por quê? Porque durante seu ministério terreno o templo pertencia exclusivamente aos judeus. Na época, não era para todos os povos, como será no milênio.

Quando Mateus citou Zacarias 9.9, em Mateus 21.5, omitiu as palavras "justo e salvador". O motivo foi que, na ocasião, Jesus não estava trazendo salvação nem libertação em âmbito nacional, pois sabia que Israel o havia rejeitado e o crucificaria dali a poucos dias.

O emprego de sinônimos

A palavra "estrada", em Isaías 40.3 (IBB), foi substituída por "veredas", em Mateus 3.3. João deve ter achado mais conveniente citar a passagem dessa forma para seus ouvintes no deserto da Judéia.

Em Hebreus 10.5, temos um caso mais complicado do emprego de sinônimos: "... antes corpo me formaste". Também está assim na Septuaginta — a versão grega do Antigo Testamento, de onde muitos autores do Novo Testamento extraíram citações. Contudo, o hebraico diz: "... furaste as minhas orelhas" (Sl 40.6). O ato de furar a orelha de um escravo representava sua disposição de servir seu senhor por toda a vida (Êx 21.6). A idéia de furar a orelha estava intimamente ligada ao fato de que Deus Pai havia preparado um corpo para Jesus. Como comentou Westcott: "O 'corpo' é o instrumento de execução do mandamento divino, assim como a 'orelha' é o instrumento que o recebe".[6] É evidente que a Septuaginta fez uma tradução livre do hebraico, utilizando as palavras "corpo" e "formaste" em lugar de "orelhas" e "furaste".

Não há nada de errado na citação da Septuaginta, pois os autores fizeram isso sob a inspiração do Espírito Santo. Obviamente, a Septuaginta era a tradução mais comum à disposição nos dias de Jesus e da igreja primitiva. Portanto, nada mais natural que extrair as citações dessa fonte. Por outro lado, muitas das citações do Antigo Testamento no Novo vêm do hebraico, com o qual a Septuaginta concorda na maioria dos casos.

6. B. F. WESTCOTT, *The epistle to the Hebrews: the Greek text with notes and essays*, 3. ed., 1889; reimp., Grand Rapids, Eerdmans, 1980, p. 308.

A apresentação de novos aspectos da verdade

Quando Paulo citou Salmos 68.18 em Efésios 4.8, escreveu "concedeu dons aos homens" em vez de "recebestes homens por dádivas". Paulo estava simplesmente desenvolvendo a idéia de que, como o Senhor recebeu dádivas *dos* homens antes de subir aos céus, por conseguinte podia conceder dons *aos* homens. O apóstolo também estava aplicando a declaração de Salmos 68.18 aos dons espirituais; o significado no Antigo Testamento referia-se à distribuição dos despojos que um general vitorioso fazia com os soldados.

Quando Paulo citou Oséias 2.23 em Romanos 9.25, alterou ligeiramente as palavras, e o significado passou a ser que o Senhor estava chamando os gentios de "Meu povo" (Rm 9.24), em vez de limitá-lo aos judeus, como fez Oséias.

Paulo fez uma adaptação significativa do mandamento de Deuteronômio 5.16. O Antigo Testamento diz: "Honra a teu pai e a tua mãe, como o SENHOR teu Deus te ordenou, para que se prolonguem os teus dias, e para que te vá bem na terra que o SENHOR teu Deus te dá". Quando Paulo citou esse versículo em Efésios 6.2, 3, em vez de dizer "... para que te vá bem na terra que o SENHOR teu Deus te dá", disse: "... e sejas de longa vida sobre a terra". A diferença é de natureza dispensacionalista. A promessa em Deuteronômio aplicava-se a Israel. O Senhor estava prometendo-lhes vida na terra em troca da obediência ao mandamento. Contudo, como Paulo estava dirigindo-se aos cristãos na era da igreja, ele não fez menção da terra que o Senhor estava dando; falou apenas de "vida sobre a terra".

Todos os textos acima ilustram o fato de que os autores do Novo Testamento muitas vezes conservavam a idéia contida nas passagens citadas do Antigo, em vez de sempre fazer citações *ipsis litteris* (embora também o fizessem com freqüência). Não devemos concluir que as variações vocabulares ou textuais que verificamos sejam indevidas. Elas não interferem na doutrina da inspiração verbal das Escrituras, pois o Espírito Santo, sendo Deus, tinha liberdade para modificar os textos do Antigo Testamento como desejasse. O resultado final é a Palavra de Deus inspirada, seja ela uma citação completa e exata, seja parcial e modificada.

A Septuaginta é a tradução grega do Antigo Testamento hebraico. Foi redigida por doutores judeus sediados em Alexandria, no Egito, aproximadamente 200 anos antes de Cristo. É claro que ela não foi inspirada pelo Espírito Santo. Como já vimos, difere do hebraico em vários trechos. Então,

se nem sempre é precisa, como os autores do Novo Testamento puderam usá-la para fazer citações? Na realidade, isso não representa problema se entendermos que, até mesmo hoje, quando fazemos uma citação, não quer dizer que aprovemos na íntegra o livro em questão. Estudiosos evangélicos já afirmaram que nenhuma citação neotestamentária da Septuaginta difere *significativamente* do Antigo Testamento hebraico.

Há aproximadamente 150 anos, Horne dividiu as citações do Antigo Testamento no Novo em 11 categorias: citações fiéis ao hebraico; citações praticamente fiéis ao hebraico; citações cujo sentido é fiel ao hebraico, mas as palavras não; citações que transmitem a idéia geral mas resumem ou ampliam o original; citações que provêm de várias passagens das Escrituras; citações que diferem do hebraico mas concordam com a Septuaginta; citações literais da Septuaginta ou que modificam o número de pessoas; citações extraídas da Septuaginta com algumas modificações; citações cujo sentido concorda com a Septuaginta, mas as palavras não; citações que diferem da Septuaginta mas concordam exatamente ou quase exatamente com o hebraico; citações que diferem tanto da Septuaginta quanto do hebraico e devem ter sido extraídas de alguma outra tradução ou paráfrase.[7]

Os objetivos das citações do Antigo Testamento

Quem escreve livros ou artigos para revistas costuma citar outros autores. A intenção é reforçar o que estão dizendo, exemplificar ou ilustrar sua concepção, sintetizar o que querem dizer ou fazer comparações ou traçar paralelos entre seu texto e o de outros autores. Por razões semelhantes — embora em certos casos um pouco diferentes — os autores humanos do Novo Testamento citaram o Antigo Testamento. Apresentamos a seguir dez formas de citação do Antigo Testamento no Novo.

7. Thomas H. HORNE, *An introduction to the critical study and knowledge of the Holy Scriptures*, Philadelphia, J. Whetahm & Son, 1841, p. 311-3.

Para ressaltar o cumprimento ou a concretização de uma predição do Antigo Testamento

De acordo com Mateus 1.22, 23, o nascimento virginal de Cristo foi o cumprimento da profecia de Isaías 7.14. Mateus escreveu: "Ora, tudo isto aconteceu, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)". Mateus também se referiu ao local em Belém onde Cristo nasceu como o cumprimento da profecia de Miquéias 5.2.

Outro exemplo é Mateus 8.17. Aqui o evangelista escreveu que o ministério de cura dos enfermos, o qual Jesus possuía, representava o cumprimento das palavras de Isaías 53.4: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si...". Está claro aqui que a promessa de ele levar as nossas dores cumpriu-se no ministério terreno de cura; ela não está relacionada, como acreditam alguns, com a "cura na expiação". Além disso, Mateus 4.14-16 fala do cumprimento da profecia de Isaías 9.1, 2. De acordo com Mateus 21.4, a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém montado num jumento foi o cumprimento do que disse o profeta em Zacarias 9.9.

Os antítipos, que representam o cumprimento de prefigurações ou tipos, também obedecem a esse emprego que o Novo Testamento faz do Antigo. Temos em 1 Coríntios 5.7 um exemplo: "... Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado".

Para confirmar que um acontecimento neotestamentário está de acordo com um princípio do Antigo Testamento

No Concílio de Jerusalém, depois de muita discussão e de discursos de Pedro, de Barnabé e de Saulo, Tiago tomou a palavra. Ele disse que a salvação dos gentios não contradizia com o Antigo Testamento. Declarou: "Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito" (At 15.15), e nos três versículos seguintes citou Amós 9.11, 12.

Outro exemplo em que uma verdade neotestamentária está em acordo com um princípio do Antigo Testamento é Romanos 2.23, 24. Paulo afirmou que, apesar de os judeus se gabarem da lei, desonravam a Deus ao violá-la.

Esse fato encontra confirmação, como disse o apóstolo, numa declaração em Isaías 52.5, que diz que o nome de Deus é blasfemado entre os gentios porque os judeus violam a lei.

Para explicar uma proposição do Antigo Testamento

No dia de Pentecoste, Pedro começou a citação de Joel 2.28-32, em Atos 2.16-21, dizendo (v. 17): "E acontecerá nos últimos dias...". Mas a passagem de Joel começa assim: "E acontecerá depois...". O que aconteceu foi que Pedro, guiado pelo Espírito Santo, estava explicando que "depois" significava os últimos dias.

Para confirmar uma proposição do Novo Testamento

Grande número de citações do Antigo Testamento é feito com o intuito de confirmar proposições do Novo. Jesus citou Êxodo 3.6 em Mateus 22.32: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó", para confirmar que Deus é o Deus dos vivos e que a ressurreição, portanto, acontecerá de fato.

Quando pregou contra o divórcio, Jesus ressaltou que o marido e a esposa são "uma só carne" (Mc 10.8). Ele citou Gênesis 2.24 para reforçar a idéia: "Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne".

Paulo reforçou sua tese de que a justiça vem pela fé (Rm 1.17) citando Habacuque 2.4: "... o justo viverá pela sua fé". E o fato de que Deus justifica o ímpio (Rm 4.5) é corroborado pela citação que fez de Salmos 32.1, 2 em Romanos 4.7, 8.

Deus é "... rico para com todos que o invocam", disse Paulo (Rm 10.12), e confirmou a declaração ao citar Joel 2.32 no versículo seguinte: "... Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo".

O fato de que todo cristão comparecerá perante o tribunal de Deus (Rm 14.10) encontra confirmação no versículo seguinte, onde o apóstolo cita Isaías 45.23.

Ao versar sobre a questão da carne sacrificada a ídolos, Paulo aconselhou os cristãos de Corinto a comer "de tudo que se vende no mercado" (1 Co 10.25). Ele apresentou o fundamento para essa instrução no versículo seguinte (v. 26), no qual cita Salmos 24.1: "Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém...".

O autor da epístola aos Hebreus incentivou os leitores a ter perseverança, dizendo: "... para que havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa" (Hb 10.36). Em seguida, citou Habacuque 2.3 para reforçar o fato de que as promessas de Deus se cumpririam em breve. Mas, ao fazer tal citação, ele modificou ligeiramente as palavras para que se adaptassem a seu objetivo. Habacuque 2.3 indica que a revelação do Senhor para o profeta ainda estava por cumprir-se. Como escreveu Habacuque: "... se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará". As palavras "certamente virá" foram modificadas em Hebreus 10.37 para que fizessem referência ao Senhor, de sorte que a citação, que sofreu uma pequena modificação com vistas a adaptar-se aos objetivos do autor, diz o seguinte: "... aquele que vem virá, e não tardará".

O fato de que Deus nos "dá maior graça" (Tg 4.6) é confirmado pela citação de Provérbios 3.34: "... Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes".

Para ilustrar uma verdade do Novo Testamento

Paulo disse que muitos israelitas não aceitaram as boas novas do evangelho (Rm 10.16). Isso é ilustrado pela mesma situação nos dias de Isaías. O profeta escreveu: "Quem creu em nossa pregação?..." (Is 53.1).

O fato de que "a palavra da cruz é loucura para os que se perdem" (1 Co 1.18) é retratado no Antigo Testamento, em Isaías 29.14, texto que é citado em 1 Coríntios 1.19: "...Destruirei a sabedoria dos sábios...".

Para aplicar o Antigo Testamento a um acontecimento ou a uma verdade do Novo

Em Romanos 9.15, Paulo cita Êxodo 33.19: "... Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter

compaixão". Deus disse isso para Moisés em Êxodo para assegurar-lhe sua presença e bênção (veja Êx 33.14-20). Mas, em Romanos 9, Paulo aplicou essas palavras a uma situação diferente: o fato de Deus ter escolhido Jacó em vez de Esaú (Rm 9.11-13). O apóstolo queria mostrar que Deus escolhe as pessoas em virtude de sua misericórdia, não dos esforços delas (v. 16).

Em 1 Coríntios 9.9, Paulo cita Deuteronômio 25.4: "... Não atarás a boca ao boi que debulha...". Ele estava associando esse versículo do Antigo Testamento, cujo contexto é a bondade e a justiça para com os pobres e necessitados, a seu argumento de que quem serve ao Senhor tem o direito de ser sustentado por aqueles a quem serve.

Soldados, viticultores e pastores, todos usufruem de seu trabalho (1 Co 9.7). O soldado é pago pelo serviço prestado, o viticultor come as uvas da vinha e o pastor bebe o leite das ovelhas. No versículo 10, Paulo afirma que os que lavram e os que debulham também recebem uma parte da colheita. Então, o apóstolo chega ao ponto principal fazendo duas perguntas retóricas nos versículos 11 e 12: "Se nós vos semeamos as cousas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais? Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida?". Em seguida, ele dá mais um exemplo para reforçar a idéia. Os que servem no templo alimentam-se do templo, e os sacerdotes tiram do altar seu sustento (v. 13). Ele repete a ênfase: "Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho" (v. 14).

Paulo estava utilizando mais um dos muitos exemplos de cenas rurais para reforçar sua idéia ao citar Deuteronômio 25.4, com respeito ao fato de que os fazendeiros devem permitir ao gado comer do grão que estiver debulhando. Entretanto, logo após a citação, escreve: "... Acaso é de bois que Deus se preocupa? Ou é seguramente por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito..." (1 Co 9.9, 10). Agora temos um problema, pois parece que Paulo não entendeu Moisés. Como ele podia dizer que Deus não estava falando de bois em Deuteronômio 25.4?

Para descobrirmos a solução, é importante atentarmos para o contexto dos capítulos 24 e 25 de Deuteronômio. Deus estava tratando da questão da justiça e da preocupação com os necessitados. Dentro desse tema, discutiu a dispensa do serviço militar no primeiro ano de casado (24.5), a proibição contra tomar em penhor as mós (v. 6), a pena de morte para quem seqüestrar um irmão israelita e vendê-lo (v. 7), a obediência às instruções referentes à lepra (vv. 8, 9), a devolução de mantos tomados por penhor (vv. 10-13), o

pagamento imediato do salário dos trabalhadores pobres (vv. 14, 15), a responsabilidade pessoal no tocante ao pecado (v. 16), o tratamento com justiça dos estrangeiros, dos órfãos e das viúvas (vv. 17, 18), a misericórdia para com os necessitados, permitindo que apanhem as sobras da colheita do trigo, das oliveiras e das uvas (vv. 19-22) e a limitação da pena dos culpados a no máximo 40 açoites (25.1-3). Em seguida, o versículo 4 determina que se tenha compaixão dos bois enquanto debulham. Sem a focinheira, eles poderiam comer um pouco dos grãos. O capítulo prossegue fornecendo diretrizes sobre a justiça nas relações humanas. Em Deute- ronômio 25.5-10, há uma explicação das regras do levirato, segundo as quais o irmão do indivíduo que morre sem deixar descendência era obrigado a casar-se com a viúva para perpetuar o nome da família. Os versículos 11 e 12 falam da punição da esposa que se mostra injusta e grosseira com o indivíduo que atacou seu marido, e os versículos de 13 a 16 tratam da questão da honestidade no tocante a pesos e medidas usados no comércio.

Todas essas regras de Deuteronômio 24.5—25.16 dizem respeito aos direitos humanos, à exceção da que proíbe que se amordace o boi. Por acaso Paulo interpretou errado o versículo quando disse que falava dos obreiros cristãos? (1 Co 9.9, 10) Uma explicação seria que o "boi" representa "criaturas que prestam serviço", as quais "poderiam ser bois, jumentos ou seres humanos".[8] Mas será que a palavra "boi", em Deuteronômio 25.4, pressupõe outros animais ou seres humanos? Que outros animais seriam amordaçados? E é claro que os trabalhadores no campo não o seriam.

Podemos chegar a uma explicação melhor se entendermos que o versículo 4 contém um provérbio, como o ditado moderno "a cavalo dado não se olham os dentes". Quando dizemos esse ditado, raramente o fazemos pensando num cavalo de verdade, embora tal fosse o sentido original. A idéia original era que, se alguém lhe desse um cavalo, você não deveria examinar-lhe a boca (o que poderia dar alguma indicação de como estaria a saúde do animal). O sentido figurado que passou a existir é que não se deve examinar nem questionar o que se recebe de presente.

Entendendo que se trata de um provérbio, o versículo 4 expressa o princípio de agir com justiça para com os trabalhadores. Deve-se dar-lhes a oportunidade de usufruir materialmente do trabalho que executam. Ana-

8. Elliott E. JOHNSON, *Expository hermeneutics: an introduction*, Grand Rapids, Zondervan, 1989, p. 109.

lisando por esse ângulo, Moisés realmente estava falando de pessoas, não de animais. Por isso, Paulo estava certo ao usar o versículo em referência a trabalhadores. O apóstolo estava aplicando o princípio do Antigo Testamento — que mandava os israelitas ser bondosos com seus empregados — às congregações neotestamentárias: seus membros deviam ser bondosos com os trabalhadores cristãos. Nos dois casos, a bondade consistiria na cessão de bens materiais.

Os parágrafos de Deuteronômio 24.5—25.16 obedecem a um esquema interessante, como podemos ver abaixo.

1. Bondade — para com os recém-casados (24.5)
2. Dívidas (24.6)
3. Castigo (24.7-9)
   a. Dívidas (24.10-13)
   b. Bondade — para com os trabalhadores pobres (24.14, 15)
   c. Castigo (24.16)
   aa. Dívidas (24.17, 18)
   ba. Bondade — para com os respigadores (24.19-22)
   ca. Castigo (25.1-3)

1a. Bondade — para com os bois, que figuradamente representam os trabalhadores (25.4)
2a. Dívidas (obrigações para com a cunhada viúva e sem filhos; 25.5-10)
3a. Castigo (por mau tratamento e desonestidade no comércio; 25.11-16).

Para sintetizar um conceito do Antigo Testamento

Mateus fez duas citações que não figuram no Antigo Testamento. Aparentemente, ele sintetizou conceitos do Antigo Testamento, em vez de simplesmente citá-los. Um desses casos está em Mateus 2.23, em que escreveu sobre o fato de Jesus morar em Nazaré, que seria o cumprimento do que fora dito pelos profetas: "... Ele será chamado Nazareno". Considerando que nenhum versículo do Antigo Testamento faz essa afirmação (Nazareno em grego é *Nazoraios*), pode ser que Mateus estivesse fazendo um jogo de palavras com base em Juízes 13.5, que fala de um nazireu e/ou, o que é mais provável, com base em Isaías 11.1, que diz que do "tronco" de Jessé sairá um rebento (*nezer*, em hebraico).

Para utilizar a terminologia do Antigo Testamento

Vez por outra um escritor neotestamentário citava passagens do Antigo Testamento para reforçar o que queria dizer. Salmos 19.4 afirma: "no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo". Está-se falando aqui da proclamação que os céus fazem a respeito da "glória de Deus" (v. 1), a que chamamos "revelação natural". Paulo empregou essa terminologia em Romanos 10.18, mas não em referência à comunicação celestial. Ele estava na verdade destacando o fato de que os israelitas (v. 16) tinham ouvido a mensagem do evangelho "pela palavra de Cristo", que resulta em fé (v. 17). Paulo achou por bem citar Salmos 19.4, não para aplicá-lo ao que queria dizer, nem para discutir sobre a revelação natural, como acreditam alguns. Seu objetivo, ao usar as mesmas palavras do Antigo Testamento, foi fazer ver que os israelitas haviam ouvido a mensagem, porque fora disseminada amplamente pelos cristãos. Como os israelitas ouviram as boas novas do evangelho, deveriam ter correspondido com fé, invocando o nome do Senhor para que fossem salvos (Rm 10.13).

Simeão tomou o menino Jesus nos braços, louvou a Deus, abençoou Maria e José e disse a Maria: "também uma espada traspassará a tua própria alma..." (Lc 2.35). Naquele momento, Simeão devia estar pensando em Salmos 37.15: "A sua espada, porém, lhes traspassará o próprio coração". Se realmente tinha esse salmo em mente, então estava dizendo que o salmista falava diretamente de Maria, pois este se referia ao castigo dos perversos; as palavras de Davi não tinham nada que ver com o nascimento de Jesus. Simeão, porém, estava apenas fazendo uso das palavras de Salmos 37.15 para expressar o que tinha em mente.

O mesmo deve ter acontecido quando Jesus citou o Antigo Testamento, ao gritar na cruz: "... Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). É isso que diz Salmos 22.1, em que há alusão direta a Davi, como está claro nos versículos 1 e 2. Além de utilizar as palavras de Salmos 22.1, Jesus estava associando a situação de Davi à sua. Vamos abordar essa questão mais pormenorizadamente no décimo objetivo do emprego do Antigo Testamento no Novo.

Para traçar um paralelo com um acontecimento do Antigo Testamento

Quando se referiu a "um remanescente segundo a eleição da graça" (Rm 11.5), ou seja, um remanescente de judeus cristãos, Paulo disse que se tratava de uma situação semelhante à que ocorreu nos dias de Elias, quando um remanescente de sete mil pessoas não adorou a Baal (v. 4, citando 1 Rs 19.18). A referida situação na época de Paulo encontrava paralelo no Antigo Testamento.

No mesmo capítulo, o apóstolo traçou um paralelo entre o endurecimento do coração de Israel na era da igreja (Rm 11.7, 8) e o endurecimento que também tinha ocorrido no tempo de Isaías, como se vê pela citação que faz de Isaías 29.10. Paulo expressou, então, o desejo de que os pecadores israelitas fossem punidos, citando a oração de Davi que pedia punição para seus inimigos (Rm 11.9, 10, em citação de Salmos 69.22, 23).

Em Romanos 8.36, Paulo volta a fazer um paralelo com um acontecimento do Antigo Testamento. Ele cita Salmos 44.22: "Mas, por amor de ti somos entregues à morte continuamente. Somos considerados como ovelhas para o matadouro", quando fala da perseguição que os cristãos estavam sofrendo. Esse salmo trata da derrota dos israelitas diante de seus inimigos (vv. 10, 19).

Para associar com Cristo uma situação do Antigo Testamento

Diversas vezes os autores do Novo Testamento fizeram alusão a declarações do Antigo Testamento e as ampliaram ou estenderam, extrapolando o contexto histórico original para estabelecer uma relação com Cristo. Embora as passagens nos dois Testamentos falassem de situações históricas completamente diferentes, os autores do Novo Testamento percebiam paralelos ou analogias com Cristo. As situações do Antigo Testamento eram "elevadas" no Novo como referência a Cristo. As referências do Novo Testamento não contradiziam as passagens citadas do Antigo, tampouco lhes estavam dissociadas. Na realidade, eram expansão de verdades relacionadas.

Em Mateus 2.15, o evangelista cita Oséias 11.1: "... e do Egito chamei o meu filho", e começa a citação dizendo: "... para que se cumprisse o que

fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta". Ocorre um problema quando examinamos o contexto de Oséias 11.1. Esse versículo fala nitidamente de Israel (também chamado "filho" de Deus em Êx 4.22). Visto que o "filho", em Oséias 11.1, é Israel, e o "filho", em Mateus 2.15, é Cristo, como Mateus pode ter dito que o fato de Jesus ter passado a infância no Egito até a morte de Herodes era o cumprimento de Oséias 11.1? Uma solução é entender que nem *sempre* o termo *cumprimento* significa a concretização de uma predição. Já vimos isso em Mateus 2.23. As palavras gregas traduzidas por "para que se cumprisse" *realmente* expressam a realização de uma profecia, como é o caso de Mateus 1.22; 4.14; 8.17; 12.17 e 21.4. Por outro lado, o verbo "cumprir", em 2.15, 17, 23; 13.14, 35 e 27.9, indica uma expansão ou ampliação das declarações do Antigo Testamento para que tivessem relação com Cristo. Nesses versículos, os fatos ou declarações do Antigo Testamento "cumpriram-se", não no sentido da efetivação de profecias, mas no sentido de "ganharem significado maior (ou mais importante)".

Quando Deus Pai "chamou" seu Filho "do Egito", foi como chamar Israel do Egito na época do êxodo. O que antes estava incompleto em certo aspecto agora se completava ou atingia um clímax.[9] Existem várias analogias muito claras entre Jesus e Israel. Ambos estiveram em "exílio" no Egito; ambos, que eram alvo do amor de Deus, foram libertados; ambos saíram do Egito; ambos atravessaram as águas (Êx 13.17—14.31; Mt 3.13-17); ambos foram provados no deserto (Êx 15.22—17.15; Mt 4.1-11), e nos dois casos as multidões foram alimentadas com o "maná" celestial (Êx 16; Mt 14.13-21; 15.29-39). Fica claro, nesses paralelos, que Jesus era tido como o Israel ideal. Sua experiência consistiu numa expansão da experiência da nação israelita.

Mateus 2.17, 18 descreve o extermínio dos meninos de Belém ordenado por Herodes (v. 16), associando-o ao cumprimento de Jeremias 31.15. Ocorre que esse versículo de Jeremias fala das mães de Ramá, não de Belém, que choravam ao ver os filhos sendo levados para o exílio na Assíria, em 722 a.C. É claro, então, que Jeremias 31.15 não era uma predição direta do ato de Herodes. Mas existe uma semelhança evidente entre as duas

9. Douglas J. MOO, The problem of sensus plenior, in: D. A. CARSON & John D. WOODBRIDGE, eds., *Hermeneutics, authority, and canon*, Grand Rapids, Zondervan, 1986, p. 191, 205.

situações. O extermínio dos meninos de Belém correspondia ou era análogo ao que ocorrera no Antigo Testamento, embora não fosse o mesmo fato. Ambas as situações falam do sofrimento do povo de Deus nas mãos de governantes cruéis. Quando Mateus disse que a opressão de Herodes "cumpriu" o que Jeremias havia escrito, estava afirmando a analogia com o primeiro acontecimento. E, como Cristo estava envolvido na situação, ela também significava uma expansão da primeira.

Temos a seguir outros exemplos desse tipo de emprego do Antigo Testamento no Novo.

Passagem e situação do Novo Testamento	*Passagem citada do Antigo Testamento*
1. Mateus 13.13, 14 — Quando Jesus falava por parábolas, a cegueira espiritual de Israel o impedia de entender suas palavras.	1. Isaías 6.9, 10 — Quando Isaías falou com Judá, a cegueira espiritual deste o impediu de entender a mensagem daquele.
2. Mateus 13.35, 36 — Jesus fala por parábolas.	2. Salmos 78.2 — Asafe fala por parábolas.
3. Mateus 27.9, 10 — Judas traiu Jesus por 30 moedas de prata, e, quando os sacerdotes recuperaram o dinheiro, compraram o campo do oleiro (vv. 5-8).	3. Zacarias 11.12, 13 — Zacarias recebeu 30 moedas de prata, e depois as jogou para o oleiro na casa do Senhor.
4. João 13.18 — Jesus declarou que a traição de Judas seria o cumprimento do versículo do Antigo Testamento: "... Aquele que come do meu pão, levantou contra mim seu calcanhar".	4. Salmos 41.9 — Nesse salmo Davi fala de seu amigo íntimo em quem confiava. É evidente que Davi se referia a alguém de sua época, não a Judas.
5. João 15.25 — Jesus disse aos discípulos que o ódio dos incrédulos por ele era para que se cumprisse "a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo".	5. Salmos 35.19 — Davi orou para que Deus não permitisse que aqueles que o odiavam continuassem a agir maliciosamente.

6. João 19.24 — Quando os soldados lançaram sortes sobre a túnica de Jesus, que não tinha costura, foi para que se cumprissem as palavras: "... Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes."	6. Salmos 22.18 — Nesse salmo Davi fala dos inimigos e refere-se a eles figuradamente como touros, leões e cães (vv. 12, 13, 16) e como gente que lançava sortes sobre sua túnica.
7. João 19.36 — Os soldados não quebraram as pernas de Jesus na cruz (vv. 32, 33) "para se cumprir a Escritura. Nenhum dos seus ossos será quebrado".	7. Salmos 34.20 - Davi disse que o Senhor livra "os justos", apesar de "todas as suas tribulações", e os seus ossos são preservados; "... nem um deles sequer será quebrado."
8. Romanos 9.25, 26 — Paulo afirma (v. 24) que os gentios, os quais não eram povo de Deus, haveriam de assim tornar-se.	8. Oséias 2.23; 1.10 — Oséias escreveu que Israel, o qual rejeitara a Deus e era portanto chamado "Não-meu-povo", passaria a ser "povo" de Deus.

Fica claro que essas oito passagens do Antigo Testamento não foram escritas como predições diretas acerca de Jesus Cristo ou de fatos relacionados. O contexto em cada caso mostra que os versículos do Antigo Testamento não faziam nenhuma alusão a Jesus. No entanto, ao serem citados no Novo Testamento, podemos perceber agora que eram vistos neste como uma "expansão". Eles se "cumpriram" no sentido de que ganharam maior significado. Pelo prisma do Novo Testamento, vemos que, apesar de as declarações terem significado próprio no Antigo, foram expandidas pelos autores do Novo para estabelecer uma relação com Jesus.

Não queremos dizer com isso que tais autores perceberam sentidos "ocultos" nas passagens do Antigo Testamento. Eles não alteraram o significado. Por exemplo, Mateus não disse, em 2.17, 18, que Ramá significava Belém ou que, quando Jeremias fez menção de Raquel, em 31.15, esse nome devesse ser interpretado como as mães de Belém. E, quando Mateus citou Zacarias 11.12, 13, também não deu a entender de forma alguma que estava reinterpretando o texto, como se Zacarias não estivesse falando de si mesmo, mas sim de Judas apenas. Quando Jesus citou

Salmos 41.9 em João 13.18, não negou a referência literal e histórica feita a um amigo de Davi.

Quando os autores do Novo Testamento citavam o Antigo, sob a inspiração do Espírito Santo, tinham propósitos legítimos em vista. Eles não estavam brincando com as Escrituras, nem contestando a validade histórica do Antigo Testamento.

Um exercício interessante seria ler cada um dos versículos do Novo Testamento relacionados abaixo e descobrir qual dos dez objetivos da citação do Antigo Testamento que acabamos de discutir aplica-se a cada caso.

Mateus 11.10 _____
João 13.18 _____
Atos 4.24 _____
Atos 13.40, 41 _____
Romanos 10.18 _____
Gálatas 5.14 _____
Hebreus 1.13 _____

Será que os autores do Novo Testamento compreendiam tudo o que escreviam?

Essa discussão sobre o décimo tipo de emprego do Antigo Testamento no Novo acarreta um problema. Será que em certas passagens do Antigo Testamento Deus pretendeu transmitir um sentido que transcendia a compreensão dos autores humanos?

Podemos fazer várias observações sobre essa questão.

1. *Aparentemente, os autores humanos da Bíblia nem sempre entendiam plenamente tudo o que escreviam.* Certas coisas eram-lhes ocultadas, o que indica que Deus tinha em mente fatos que não revelava completamente a eles. Por exemplo, Daniel escreveu: "Eu ouvi, porém não entendi; então eu disse: Meu senhor, qual será o fim destas cousas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim" (Dn 12.8, 9). Até mesmo o sumo sacerdote Caifás disse: "... vos convém que morra um só homem pelo povo, e que não venha a perecer toda

a nação" (Jo 11.50). Sem saber, ele estava-se referindo à morte de Cristo em nosso lugar (18.14; *cf.* 1 Pe 3.18).

Pedro escreveu que os profetas do Antigo Testamento investigaram "atentamente qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam" (1 Pe 1.11). "A eles foi revelado" estarem escrevendo sobre acontecimentos futuros; "profetizaram acerca da graça a vós outros destinada" (v. 10), e o que lhes foi revelado não foi "para si mesmos, mas para vós outros" (v. 12).

Nem todos, porém, concordam com essa concepção. Kaiser, por exemplo, afirma que os autores tinham consciência de todos os fatos que profetizavam, mas não sabiam quando se cumpririam. Ele escreveu: "A preocupação deles não era descobrir o *sentido* do que escreviam, mas sim os aspectos *temporais* do *tema*, que extrapolava o que era escrito".[10]

Kaiser acredita que os autores humanos compreendiam plenamente tudo o que Deus queria dizer numa passagem do Antigo Testamento. Mas será que Davi entendia que estava escrevendo sobre Judas (Sl 41.9)? Ou será que Asafe sabia que estava falando do ensino por parábolas de Jesus, quando afirmou que ele próprio falava por parábolas (Sl 78.2)? Acaso Oséias estava pensando em Cristo quando disse que Deus chamou seu filho "do Egito"? (Os 11.1) Existem outras passagens que mostram que os autores nem sempre compreendiam o que lhes era revelado, pelo menos enquanto Deus ou um mensageiro seu não explicasse o significado para eles. Temos exemplos disso em Daniel 7.15, 16, 19, 20; 8.15, 16; 10.12-14 e Zacarias 4.5.

Parece que os autores humanos das Escrituras não compreendiam totalmente o significado do que escreviam. Com certeza Deus tinha em mente desdobramentos que se concretizariam no Novo Testamento, aplicações do Antigo a situações ou verdades neotestamentárias e/ou a expansão daquelas passagens de maneira que fizessem referência a Cristo.

10. Walter C. KAISER Jr., The single intent of Scripture, in: Kenneth KANTZER, ed., *Evangelical roots*, Nashville, Thomas Nelson, 1978, p. 126. Em seu excelente livro sobre a relação entre os dois Testamentos, Kaiser aponta cinco formas de como o Novo Testamento emprega o Antigo: apologética, profética, tipológica, teológica e prática (*The uses of the Old Testament in the New*, Chicago, Moody, 1985, caps. 2-11).

2. *O caráter progressivo da revelação precisa ser reconhecido.* À medida que os livros da Bíblia eram escritos, Deus revelava progressivamente mais verdades sobre muitos temas. Isso não quer dizer que as revelações anteriores estavam erradas; pode ser que estivessem incompletas. O que antes era parcial recebia um complemento. Exemplo disso é a serpente de Gênesis 3. Nesse capítulo, a serpente não é chamada de Satanás. Posteriormente, foi assim identificada: "diabo" ou "Satanás" (Ap 12.9). No entanto, a serpente era mais do que um simples animal, como se vê pelo fato de ela ter dialogado com Eva (Gn 3.1-5) e de Deus ter falado com ela (vv. 14, 15).

A vida após a morte é apresentada no Antigo Testamento como uma existência vaga, onde o homem tem pouca consciência do que se passa (Jo 14.20, 21; Ec 9.5, 6). Já o Novo Testamento revela mais fatos a respeito desse tema (veja, *e.g.*, Lc 16.19-31).

Até mesmo durante o ministério de Jesus os apóstolos não entendiam completamente tudo o que ele fazia e ensinava. Mas, depois da ressurreição (Jo 2.22) e da ascensão (12.16), ao olhar para trás, entenderam o que as Escrituras diziam. A compreensão deles foi ampliada.

O caráter progressivo da revelação com certeza mostra que Deus pode ter imaginado fatos que certos autores não entendiam plenamente, mas que outros podem ter conhecido mediante uma nova dose de revelação concedida posteriormente. Se Moisés não percebia que a serpente de Gênesis 3 simbolizava Satanás, certamente a declaração do apóstolo João em Apocalipse 12 deixa isso claro para todos os que a lêem, desde quando a escreveu.

3. *A natureza profética de certas passagens pode não ter sido percebida até que se tenham cumprido.* "É preciso, então, que se faça a distinção entre o que a passagem disse originariamente e o significado que por fim veio a ser percebido."[11] Se os leitores só perceberam que se tratava de passagens proféticas quando se cumpriram, os autores que as escreveram também podem não tê-las entendido como tais. Por exemplo, muitos dos profetas escreveram a respeito de acontecimentos que se dariam durante a primeira e a segunda vindas de Cristo como se fossem acontecer simultaneamente. Só

11. Darrell L. BOCK, Evangelicals and the use of the Old Testament in the New, parte 2, *Bibliotheca Sacra 142*:311, Oct.-Dec. 1985.

agora, ao olharmos para trás, temos consciência de que se tratava de duas vindas distintas de Cristo. Em outras palavras, nem sempre eles entendiam que o Messias seria o Servo sofredor em sua primeira vinda e o Rei na segunda.

Por outro lado, não resta dúvida que esses autores entendiam bastante do que profetizavam. Certamente Miquéias sabia que o Messias, "o que há de reinar em Israel", nasceria em Belém, como disse em Miquéias 5.2. E seguramente Isaías sabia que o Messias, sobre cujos ombros repousaria "o governo" de Israel, era o Deus Forte, que haveria de reinar no trono de Davi (Is 9.6, 7). Mas será que Davi estava pensando em Jesus Cristo quando escreveu sobre seus inimigos repartindo suas vestes e lançando sortes sobre sua túnica? (Sl 22.18)

4. *Como já vimos, a expansão ou elevação de uma passagem em alusão a Cristo é outra de que Deus pretendia dizer mais do que os autores tinham conhecimento.* Essa expansão ou elevação não contradiz o sentido no Antigo Testamento, nem está dissociada deste; pelo contrário, é uma expansão coerente.

As Escrituras possuem significados únicos ou múltiplos?

Esta dúvida é uma decorrência natural da última questão que abordamos, sobre o fato de Deus ter dito mais nas passagens do que aquilo que os autores entendiam. Se é ponto pacífico que Deus agiu assim, então que limites podem ser impostos sobre esses significados? E isso quer dizer que as passagens têm significados múltiplos? Caso tenham, como fica o destaque da hermenêutica ao significado único, gramatical de cada texto? Essa é, evidentemente, uma questão de extrema importância na interpretação bíblica.

Os estudiosos da Bíblia sustentam quatro concepções:

1. A primeira é que cada passagem tem um e apenas um significado, o qual os autores compreendiam. Como já dissemos, Kaiser sustenta essa concepção.

2. A segunda concepção é a de que os leitores podem encontrar em qualquer passagem bíblica uma série de sentidos independentes. Ou, então,

um leitor pode descobrir um significado numa passagem e outro leitor encontrar um sentido completamente diverso na mesma passagem. É claro que essa perspectiva não oferece o menor controle sobre o processo de interpretação. Por exemplo, como é possível demonstrar qual dos dois sentidos contraditórios de uma passagem é o correto? Além do mais, se uma frase pode ter muitos significados, como saber se o sentido descoberto é o correto? Se uma passagem bíblica pode significar muitas coisas, dependendo do estado de espírito e das idéias dos leitores, então o estudo da Bíblia passa a ser um exercício de busca dos sentidos "espirituais" mais profundos do texto. Esse desrespeito às declarações claras e gramaticalmente corretas das Escrituras torna impossível um tratamento objetivo da Bíblia. A procura de sentidos múltiplos, esotéricos no texto anula o fato de que ela é a *revelação* de Deus para o homem, sua Palavra escrita que transmite sua verdade para a humanidade.

3. Uma terceira concepção, que precisa ser analisada mais detidamente, é chamada de *sensus plenior*. Esse termo foi criado por um escritor católico chamado Andrea Fernandez, em 1925, e desenvolvido por outros estudiosos católicos romanos nos últimos anos, destacando-se entre eles Raymond E. Brown. *Sensus plenior* quer dizer "sentido mais completo". A idéia é que certas passagens bíblicas podem ter "sentido mais completo" do que o planejado ou compreendido pelo autor, sentido esse, no entanto, pretendido por Deus. Brown define *sensus plenior* como "aquele significado adicional mais profundo, pretendido por Deus, mas não claramente pelo autor humano, o qual se verifica nas palavras dos textos bíblicos (ou grupos de textos, ou mesmo num livro inteiro) quando estes são examinados tomando por base uma revelação mais ampla ou de um maior entendimento da revelação".[12]

Pelo que já vimos, concordo que Deus possa ter pretendido um sentido mais amplo do que os autores imaginaram estar transmitindo. Também é apropriado o comentário de Brown sobre o significado "que se verifica nas palavras dos textos bíblicos". Todavia, existem vários aspectos problemáticos dessa concepção do *sensus plenior*. Ele escreveu: "Na longa história da exegese [...] os textos bíblicos têm sido interpretados de forma que transcende o sentido literal".[13] Também não está bem claro o que ele

12. Raymond E. BROWN, *The "sensus plenior" of Sacred Scripture*, Baltimore, St. Mary's University, 1955, p. 92.

quis dizer com a seguinte afirmação: "Passagens isoladas de um livro bíblico adquirem maior significado quando vistas no contexto da Bíblia como um todo".[14] De quais significados mais profundos ele está falando?

Outro problema da concepção católica romana do *sensus plenior* é que a interpretação oficial é "oficial no sentido de ser fruto de um dos guias da revelação, ou seja, o Novo Testamento, os pais da igreja, as declarações da igreja, *etc.*".[15] Assim, a interpretação bíblica torna-se suscetível aos dogmas falíveis da igreja. Aparentemente, é isso que Brown quer dizer, em sua definição, com "maior entendimento da revelação". Contudo, não podemos aceitar todas as concepções dos pais da igreja, pois muitas delas conflitam com as próprias Escrituras e umas com as outras. As declarações da igreja também contêm o erro de acrescentar às Escrituras sentidos que não existiam. Nessa concepção, a relação entre a percepção do autor humano e o que Deus pretendeu transmitir fica confusa, se não perdida.

4. Uma quarta concepção é a que entende que cada texto bíblico possui um só significado, embora alguns possam ter implicações relacionadas ou, como expressou Johnson, "subsignificados relacionados".[16] De acordo com essa perspectiva, Salmos 78.2 tem um só significado (o autor disse: "abrirei os meus lábios em parábolas..."), mas tem dois referentes, ou seja, refere-se a duas pessoas: Asafe, o autor do salmo, e Jesus, que aplicou o versículo a si próprio em Mateus 13.35. Johnson chama essa concepção de *referências plenior*.[17] Parece ser essa uma forma apropriada de expressar tal concepção, pois Salmos 78.2 e Mateus 13.35 fazem referência a mais de um elemento, embora tenham um único significado.

Essa quarta perspectiva parece ser preferível às outras pelos seguintes motivos:

13. Raymond E. BROWN, Hermeneutics, in: *The Jerome biblical commentary*, 2 v., Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1968, 2:616.
14. Ibid.
15. Ibid., p. 617.
16. JOHNSON, op. cit., p. 34.
17. Elliott E. JOHNSON, Author's intention and biblical interpretation, in: Earl D. RADMACHER & Robert D. PREUS, eds., *Hermeneutics, inerrancy, and the Bible*, Grand Rapids, Zondervan, 1984, p. 416.

a) A interpretação histórica, gramatical requer a existência de um único significado, em vez de muitos, em cada passagem bíblica. Conforme expresso na *Declaração de Chicago sobre Hermenêutica Bíblica*, "declaramos que o sentido expresso em cada texto bíblico é único, preciso e fixo [...]. O significado de uma passagem é estabelecido pelo autor e não está sujeito à alteração dos leitores. Isso não quer dizer que uma maior revelação sobre o tema não possa ajudar a pessoa a adquirir uma maior compreensão; significa apenas que o sentido de um texto não muda pelo fato de uma nova verdade ser revelada posteriormente".[18]

b) A idéia de que um só sentido pode referir-se a mais de um elemento condiz com a forma de emprego do Antigo Testamento no Novo, como acabamos de constatar.

c) Essa concepção está de acordo com o aspecto progressivo da revelação. É muito provável, por exemplo, que a "descendência" de Eva, em Gênesis 3.15, refira-se inicialmente a seus filhos, dos quais Caim e Abel, e posteriormente a todos os seus demais descendentes. Mas o significado derradeiro de "descendência", a qual combate a serpente, é Jesus Cristo, como Paulo deixou claro em Gálatas 3.16. Embora "descendência" tenha um significado só, refere-se a vários indivíduos ou grupos de indivíduos, mas o sentido final é Cristo.

d) Os significados relacionados não servem de base para se tratarem as Escrituras em termos alegóricos, quando o intérprete busca sentidos ocultos. Como afirmou Packer, cada um desses subsignificados ou elementos referidos "continua a ser uma extrapolação do plano histórico-gramatical, não uma nova projeção sobre o plano alegórico".[19] Caird disse o seguinte, ao comentar os casos em que se diz que o Antigo Testamento cumpriu-se no Novo: "Em todos esses casos, é legítimo transferir uma declaração para um novo referente sem violar o princípio de que o sentido é determinado pela intenção de quem a proferiu originariamente".[20]

18. RADMACHER & PREUS, op. cit., p. 893.
19. J. I. PACKER, The biblical authority, hermeneutics, and inerrancy, in: E. R. GEEHAN, ed., *Jerusalem and Athens: critical discussion on the theology and apologetics of Cornelius Van Til*, Nutley, Presbyterian and Reformed Publishing, 1971, p. 148.
20. G. B. CAIRD, *The language and imagery of the Bible*, Philadelphia, Westminster, 1980, p. 58.

e) Tal concepção parece ser a melhor forma de entender a citação dos salmos 8, 16 e 22 no Novo Testamento. Hebreus 2.6 cita Salmos 8.4-6 e explica que se trata de uma referência a Cristo (Hb 2.8, 9). Será que Davi estava pensando em Cristo quando escreveu Salmos 8.4-6? Quando disse: "Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste" (ARC), será que não estava falando do ser humano, a começar por Adão, como mostra o versículo 4? Quando o salmista escreveu o versículo 6: "Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés" (ARC), será que não estava referindo-se outra vez ao ser humano?

Como então o autor de Hebreus pode usar essa passagem em referência a Cristo? Será que ele estava deixando de utilizar o processo normal, literal de interpretação? Não, ele estava vendo Cristo como o "último Adão" (1 Co 15.45), em contraste com "o primeiro homem, Adão". Cristo é tido, então, como o "Homem perfeito". "O ideal, que não se concretizou em Adão, [está] agora corporificado no 'último Adão'[...]. O próprio salmo não indica que esteja falando de algo diferente do ser humano em seu estado de criatura ideal; mas, com base no Novo Testamento, podemos ver agora que nenhum outro além de Cristo desempenha esse papel de homem ideal."[21] Ao recorrer ao salmo 8, o autor de Hebreus não "recorreu a um significado que Deus ocultou deliberadamente no texto, mas sim ao significado que agora se entende que ele possui, em vista da importância de Cristo".[22] O mesmo se aplica à citação que Paulo fez de Salmos 8.6 em 1 Coríntios 15.27: "Porque todas as cousas sujeitou debaixo dos seus pés...".

No dia de Pentecoste, Pedro declarou que Jesus havia ressuscitado dos mortos e reforçou a afirmação citando Salmos 16.8-11, em Atos 2.28. Pedro afirmou que Davi estava falando da ressurreição de Jesus. O apóstolo explicou que, como o "... patriarca Davi morreu e foi sepultado..." (v. 29), ele "... referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção" (v. 31). Paulo afirmou essa mesma verdade citando Salmos 16.10 em Atos 13.35. Ele disse que o corpo de Davi "viu corrupção", mas que "aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção" (vv. 36, 37).

No salmo 16, Davi louva ao Senhor em virtude de seus conselhos e por

21. Moo, op. cit., p. 207.
22. Ibid.

sua presença à sua direita, o que lhe dava uma sensação de segurança (vv. 7, 8). Em seguida, acrescenta que se sentia alegre e seguro (v. 9), confiante de que Deus não deixaria sua alma na morte nem permitiria que visse corrupção (v. 10). Ele haveria de continuar desfrutando da presença de Deus à destra do Senhor (v. 11; *cf.* a referência à direita de Davi no v. 8).

No versículo 10, Davi não afirma que seria ressuscitado, mas sim que não teria uma morte prematura nas mãos de seus inimigos. A palavra *corrupção* pode ser tomada no sentido de "cova", que no Antigo Testamento normalmente significava morte ou sepultura (30.3; 88.3, 4). É um bom sinônimo de "morte", na primeira linha de 16.10. "O teu Santo", na segunda metade do versículo 10, pode ser uma referência que Davi fez a si próprio, como indica a nota de rodapé da ARC: "ou, amado".

Embora Davi estivesse referindo-se a si próprio, Pedro e Paulo observaram que, pelo prisma do Novo Testamento, o salmo falava de Cristo. Cristo, como Davi, sofreu nas mãos de seus inimigos, mas foi além e realmente enfrentou a morte — mas ressuscitou. Parece ser esse um caso em que uma passagem do Antigo Testamento sofre uma expansão para fazer referência a Cristo. Salmos 16.10 continua tendo um único sentido — "não deixarás minha alma na morte" — mas se aplica a duas pessoas, a saber, Davi e, por fim, em seu sentido mais pleno, Cristo. Supondo que o salmo 16 fizesse referência a Cristo exclusivamente, restaria ainda a questão de saber que significado teve para Davi. Não estamos dizendo "que o salmo 16 ganhou novo sentido com base em uma revelação maior, mas sim que essa nova revelação capacita-nos a entender o significado pleno das palavras de Davi".[23]

O salmo 22 é um caso parecido. Davi falava de si mesmo quando disse: "Muitos touros me cercam, fortes touros de Basã me rodeiam. Contra mim abrem as bocas, como faz o leão que despedaça e ruge. Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se-me dentro de mim. [...] Cães me cercam; uma súcia de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés" (vv. 12-14, 16). Ele orou ao Senhor para que o livrasse "da espada", "das presas do cão", "das fauces do leão" e "dos chifres dos búfalos" (vv. 20, 21).

Vários versículos do salmo 22 são aplicados a Cristo no Novo Testamento. Mateus 27.35 e João 19.24, que falam do repartir das vestes e do

23. Ibid., p. 209.

sorteio da túnica, associam Salmos 22.18 a Jesus. Mateus 27.46 contém a citação que Jesus fez de Salmos 22.1, "... Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", e Hebreus 2.12 cita Salmos 22.22, relacionando-o ao fato de que Cristo declararia o nome do Pai a seus irmãos. Como no caso dos salmos 8 e 16, esse salmo também se refere a mais de um elemento; a referência imediata é a Davi, enquanto o sentido completo no Novo Testamento faz referência a Cristo. Davi falou de homens maus que traspassaram suas mãos e pés (22.16). É provável que seja uma referência em sentido figurado à opressão que estava sofrendo, mas no caso de Cristo o sentido é literal. O salmista fez menção de seus inimigos figuradamente, como touros, leões, cães e búfalos (vv. 12-13, 16, 20-21). Essas afirmações também lembram figuradamente os ataques ferozes realizados pelos inimigos de Jesus contra Ele.

Alguns autores acreditam que certas passagens dos textos poéticos da Bíblia, como o salmo 23, assumem significados múltiplos. Eles entendem que essas passagens chocam-se com o princípio de que cada passagem bíblica tem um único significado. Ryken, por exemplo, escreveu o seguinte: "O salmo 23 é, por um lado, uma descrição da relação do pastor com as ovelhas, mas ao longo do poema existe outro conjunto de significados humanos".[24] Contudo, a impressão que se tem é que o salmo 23 só possui um sentido — expresso de forma figurada: a pessoa de um pastor cuidando de suas ovelhas. O significado de Salmos 23.3: "Restaura as minhas forças..." (Bíblia de Jerusalém) é um só. Assim como um pastor "restaura" uma ovelha, assim também o Senhor restaurava Davi (o mesmo se aplica a outros cristãos). Aparentemente, o versículo 2 — "ele me faz repousar em pastos verdejantes..." — pode ter dois sentidos: (a) o pastor faz a ovelha descansar numa boa pastagem, e (b) o Senhor ajuda Davi (o mesmo se aplica aos cristãos) a experimentar o descanso espiritual. Mas a segunda possibilidade (b) é a que tem um único sentido, expresso figuradamente na cena do pastor com as ovelhas. Evidentemente, as *formas* como os cristãos experimentam esse descanso, ou as formas como experimentam a restauração de suas almas propiciada pelo Senhor podem ser muitas. Mas essas experiências de descanso e restauração pertencem ao campo da aplicação, não à interpretação inicial.

24. Leland Ryken, *The Literature of the Bible*, Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1974, p. 135.

Que etapas devem ser seguidas na interpretação de citações do Antigo Testamento no Novo?

Com base na exposição acima, sugerimos as seguintes etapas, em síntese:

1. Investigue o contexto no Novo Testamento onde a citação ou alusão ao Antigo é feita.
2. Investigue o contexto no Antigo Testamento da passagem citada ou aludida. Certifique-se de não aplicar aos leitores originais do Antigo Testamento o que agora se pode saber através da revelação neotestametária. Em outras palavras, entenda o significado que a passagem tinha para os leitores do Antigo Testamento antes de ser citada no Novo; depois veja como é entendida no Novo.
3. Repare nas diferenças, se houver, entre a passagem no Antigo Testamento e a citação ou alusão no Novo.
4. Descubra como a passagem do Novo Testamento faz uso da passagem do Antigo. Qual dos dez objetivos discutidos neste capítulo parece ser o empregado? A passagem neotestamentária cita o texto hebraico, a Septuaginta ou nenhum dos dois? Ela faz uma paráfrase ou utiliza sinônimos? Ela inclui uma introdução?
5. Estabeleça a relação dessas conclusões com a interpretação da passagem no Novo Testamento.

capítulo doze

A aplicação da Palavra de Deus em nossos dias

Quando os cristãos põem a Bíblia em prática, costumam incorrer num destes erros: ou se preocupam de menos com sua aplicação ou se preocupam de mais.

Quem comete o primeiro erro acha que a interpretação é suficiente, que o estudo da Bíblia está completo depois de interpretada uma passagem. Quem comete o segundo erro tem a tendência de passar logo à aplicação antes de realizar uma interpretação completa e precisa do texto analisado. Acontece que a prática sem a interpretação dá margem à aplicação incorreta da Bíblia.

A negligência em aplicar as Escrituras reduz o estudo bíblico a um exercício acadêmico, no qual nos preocupamos exclusivamente com a interpretação e pouca ou nenhuma importância dispensamos a seus efeitos em nossas vidas. É errado pensar que as Escrituras não passem de uma fonte de informações, de um livro que se estuda simplesmente para aumentar o conhecimento individual.

É claro que o conhecimento da Bíblia e sua interpretação correta são essenciais. Mas isso não basta. Precisamos ter o coração aberto e a disposição de apropriar as verdades bíblicas para nossa realidade. Como escreveu Tiago: "Tornai-vos, pois, praticantes da Palavra, e não somente ouvintes..." (Tg 1.22) No versículo 25, ele afirma que ouvir a Palavra equivale a ponderá-la: "Mas aquele que considera atentamente na lei perfeita, lei da liberdade..." deve ser "... praticante...". O simples fato de ouvir o que a Bíblia diz e examinar seu teor sem colocá-lo em prática, ou seja, estudar a Bíblia sem lhe obedecer, é engano (v. 22). Nós nos

enganamos ao pensar que assim estamos cumprindo nossas obrigações perante Deus, quando na realidade não estamos.

Martinho Lutero disse que a Bíblia "não deve simplesmente ser citada ou conhecida, mas vivida e sentida".[1]

Curiosamente, uma das passagens clássicas sobre a inspiração da Bíblia, que afirma que "toda Escritura é inspirada por Deus" (2 Tm 3.16), também enfatiza que ela deve ser posta em prática. A Bíblia é "útil para o ensino" (mostra-nos os caminhos de Deus), "para a repreensão" (chama nossa atenção quando deixamos de atentar para o que ela nos ensinou), "para a correção" (reconduz-nos ao caminho da obediência) e para a "educação na justiça" (ensina-nos o caminho da justiça). Essas quatro características da Palavra de Deus têm por objetivo que "... o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (v. 17). A expressão "perfeitamente habilitado" é tradução de duas palavras gregas de sentidos semelhantes. Elas poderiam ser traduzidas assim: capacitado e equipado. A primeira delas, *artios*, significa "em forma" ou "em perfeitas condições", e a segunda, *exertismenos*, quer dizer "totalmente equipado".[2]

Essas duas palavras só aparecem em tal texto do Novo Testamento. A idéia transmitida é que Deus deseja que as Escrituras influenciem cada cristão de tal forma que ele esteja pronto para viver para o Senhor e servi-lo eficazmente, honrando a Cristo.

Muitas afirmações bíblicas mostram que ela nos foi dada para mais do que satisfazer nossa curiosidade acerca de Deus, a respeito do que ele fez na antigüidade ou do que ele fará no futuro. Os efeitos que a Bíblia deve exercer na vida das pessoas podem ser vistos no fato de que ela convence (Hb 4.12, 13), regenera (2 Tm 3.15; 1 Pe 1.23), alimenta (2.2), purifica (Sl 119.9; Jo 15.3; 17.17; Ef 5.25, 26), orienta e guia (Sl 119.24, 105), evita o pecado (v. 11), renova (vv. 50, 93, 107, 149, 154, 156), fortalece (v. 28), ampara (vv. 116, 175), dá sabedoria (vv. 98, 130, 169) e liberta (v. 170).

As Escrituras são chamadas de fogo que consome as doutrinas falsas (Jr 23.29); de martelo, para abalar o coração endurecido das pessoas (v. 29); de

1. Apud A. Skevington WOOD, *The principles of biblical interpretation*, Grand Rapids, Zondervan, 1967, p. 80.
2. R. C. H. LENSKI, *The interpretation of St. Paul's epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus, and to Philemon*, Minneapolis, Augsburg Publishing House, 1961, p. 847.

alimento, para sustento da alma (Sl 119.103; Jr 15.16; 1 Co 3.2; Hb 5.13, 14; 1 Pe 2.2); de luz, que nos ilumina o caminho (Sl 119.105); de espada, para atacar Satanás (Ef 6.17; *cf.* Lc 4.4, 8, 12). No salmo 119, o salmista empregou muitos verbos para ilustrar sua atitude para com a Palavra: *andar, guardar, cumprir, observar, considerar, buscar, regozijar, meditar, ter prazer, contemplar, desejar, ensinar, atinar, apegar-se, suspirar, confiar, esperar, empenhar-se, falar de, amar, não se afastar, não se esquecer, estimar, não se desviar, temer, estremecer, louvar, cantar* e *escolher*.

Depois de regenerado pela Palavra de Deus (1 Pe 1.23), o cristão deve crescer no Senhor pelo mesmo meio — a Palavra de Deus (2.2). Na hora de colocar a Palavra em prática, nossa preocupação é aplicar a Bíblia à vida moderna. Para isso, é preciso entender como um livro que foi escrito para determinado público há milhares de anos tem relação com o público moderno e também compreender qual deve ser nossa atitude em relação a ele. Será que as Escrituras encontram aplicação hoje? E, se encontram, qual é essa aplicação? Que significado têm para nós? Qual deve ser nossa atitude?

Os problemas da aplicação da Bíblia

No capítulo 1, falamos dos vários abismos que existem entre os tempos bíblicos e a atualidade. Um desses abismos refere-se à distância histórica que separa os escritos bíblicos originais da era moderna. Que relação podem ter conosco as palavras ditas a Abraão quatro mil anos atrás? Será que todas as determinações da lei do Antigo Testamento precisam ser impostas aos cristãos de hoje?

Se não precisam, qual a importância da lei atualmente, se é que tem alguma? Outro abismo que complica a aplicação das Escrituras em nossos dias é a dos contextos culturais da época, os quais normalmente diferem da cultura dos intérpretes modernos.

Cada autor humano dos livros da Bíblia tinha em vista determinado público na época. Como, então, suas palavras podem ter relação com o público moderno? Será que suas mensagens se aplicam a nós da mesma forma que se aplicavam ao público daquela época?

O Novo Testamento deixa claro que o Antigo é pertinente aos dias de hoje. Por exemplo, Paulo disse o seguinte acerca de "... isso lhe foi imputado para justiça" (Gn 15.6): "E não somente por causa dele está isso

escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa..." (Rm 4.23, 24). Na mesma epístola, o apóstolo afirma: "Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (15.4). Vários dos fatos ocorridos durante a peregrinação de Israel no deserto "... se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as cousas más, como eles cobiçaram" (1 Co 10.6), e "estas cousas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa..." (v. 11).

Não resta dúvida de que a Bíblia é aplicável, visto ser a Palavra de *Deus*; ela "... é viva e eficaz...", penetra na alma e julga "... os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12). Para colocar a Palavra de Deus em prática, é necessário descobrir como ela se aplica a nós e que *atitude* devemos tomar em relação a ela. A aplicação é a ponte que liga o significado bíblico às circunstâncias da vida moderna.

Princípios relativos à aplicação, considerando-se a pertinência e a atitude esperadas

As nove etapas que sugerimos a seguir representam formas de aplicarmos a Bíblia corretamente às nossas vidas.

Fundamentar a aplicação na interpretação

Certifique-se de que a aplicação decorre diretamente de uma interpretação exata. Como escrevi certa vez:

> Infelizmente, muitas pessoas recorrem à Bíblia procurando uma "bênção" ou orientação para o dia, esquecendo-se completamente do processo de interpretação. Mergulhados no desejo intenso de encontrar algo de caráter prático ou devocional, às vezes os cristãos distorcem o sentido original de certas passagens bíblicas. Desconsiderar o propósito e o significado original do texto, à procura de uma experiência subjetiva, pode produzir uma grave distorção das Escrituras. Sem os princípios corretos de interpretação, as pessoas praticamente podem tentar atribuir o significado que desejarem a elas.[3]

3. Roy B. ZUCK, *Applying God's Word in your life*, Dallas, Dallas Theological Seminary, s.d., p. 5.

As aplicações que fizermos devem estar diretamente alicerçadas no significado e na importância do texto para o público original, à luz do propósito do livro. "A interpretação sensata é a única certeza para uma aplicação correta."[4]

Se o texto for mal interpretado, a aplicação também poderá ser falha. A pergunta que se faz na interpretação é a seguinte: que quer dizer essa passagem? A pergunta que se faz na aplicação é: que significa essa passagem para mim? Se não descobrimos o significado exato que a passagem tinha para o público original, talvez não estejamos em condições de aplicá-la corretamente aos dias de hoje.

Por exemplo, se interpretarmos que na Bíblia a palavra "azeite" *sempre* representa o Espírito Santo, então vamos acabar interpretando a história da viúva cujo azeite tinha acabado, em 2 Reis 4.1-7, como se lhe faltasse o Espírito Santo. Essa interpretação, por sua vez, levaria a uma aplicação falha se disséssemos que o Espírito Santo não habita nos cristãos de hoje.

Quando Deus lutou com Jacó (Gn 32.24-30), ele queria conseguir que este se submetesse à sua vontade. Seria errado interpretar essa passagem como se significasse que Jacó lutou com Deus em suas orações até conseguir que este lhe desse o que queria. Essa interpretação falha provocaria, por conseguinte, uma aplicação incorreta se disséssemos que, à semelhança de Jacó, precisamos lutar com Deus em nossas orações para deixá-lo livre para responder-lhes.

Descobrir a atitude que se esperava do público original

Considerando que os autores da Bíblia escreveram para públicos determinados visando a situações específicas (veja o cap. 3), esperavam certas reações dos leitores. Assim, é importante indagar na primeira fase da aplicação que atitude(s) os autores esperavam dos leitores originais.

Existem mandamentos no Novo Testamento que dizem respeito claramente a todos os fiéis da era da igreja. Os cristãos de Éfeso, para os quais Paulo escreveu a Epístola aos Efésios, eram membros do corpo de Cristo da mesma forma que os crentes de hoje. Portanto, grande parte do que Paulo

4. Ibid.

escreveu naquela epístola tem aplicação direta aos cristãos modernos. Os mandamentos, os conselhos e as exortações feitas aos efésios também são diretrizes para todas as gerações de fiéis desde então.

Richard observa que no Novo Testamento encontram-se vários gêneros de discurso: mandamentos e proibições, exortações ("vamos"), desejos (*e.g.*, 2 Ts 3.5; 1 Pe 1.2), concessões (*e.g.*, 1 Co 7.15; Mt 8.32), exemplos (*e.g.*, 1 Co 4.16; 11.1), narrativas (Rm 15.4; 1 Co 10.6, 11), parábolas e dissertações.[5] Os mandamentos, as proibições, as exortações, os desejos e as concessões fornecem instruções de aplicação imediata, ao passo que os outros são mais indiretos. Por exemplo, muitos dos versículos de Provérbios falam das vantagens de se tomarem certas atitudes e das tristes conseqüências de se tomarem outras. Apesar de não serem mandamentos diretos, ainda assim transmitem ordens de forma indireta ou implícita. Todos os versículos que relatam as conseqüências da falta de autocontrole trazem implícito o mandamento: "controle-se". Essas passagens, então, *informam* o leitor, enquanto outras basicamente o *dirigem*.

Em geral, as narrativas valem-se de ilustrações para transmitir o ensinamento, informando o leitor, em vez de ensinarem por meio de determinações explícitas. Fee e Stuart abordaram a questão dos ensinamentos explícitos e implícitos. "O ensino explícito é aquilo que o narrador inspirado realmente diz ('Deus era com José'). O ensino implícito é aquele que está claramente presente na história, mas não declarado por palavras diretas. Você deve vê-lo subentendido na história, em vez de simplesmente poder lê-lo diretamente na página."[6] McQuilkin sustenta que Deus revelou sua vontade nas Escrituras tanto por meio de "declarações explícitas" quanto mediante "princípios genéricos".[7]

5. Ramesh P. RICHARD, Application theory in relation to the New Testament, *Bibliotheca Sacra 143*:215-6, July-Sept. 1986.
6. Gordon D. FEE & Douglas STUART, *Entendes o que lês?* Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica, São Paulo, Vida Nova, 1984, p. 72.
7. J. Robertson MCQUILKIN, *Understanding and applying the Bible*, Chicago, Moody, 1983, p. 256, 258.

Basear as aplicações em elementos que sejam comuns entre os leitores de hoje e o público original

Os aspectos comuns entre o público da época e os leitores de hoje formam a base das aplicações válidas. "A relação entre a igreja moderna e a igreja primitiva tem caráter de legado teológico direto."[8] Ambas são parte da igreja universal e ambas dependem da autoridade apostólica para ser guiadas na fé e na prática. O mandamento de Colossenses 3.2 — "pensai nas cousas lá do alto..." — e o mandamento do versículo 9 — "não mintais uns aos outros..." — são tão importantes e legítimos para os cristãos de hoje como para os colossenses, dois mil anos atrás. Os dois públicos têm muito em comum, embora separados pelo tempo e pela distância geográfica.

Por outro lado, o mandamento divino para que Israel colhesse o maná no deserto seis dias por semana possui, evidentemente, um caráter histórico específico. Nesse caso, Israel e a igreja pouco têm em comum, a não ser pelo fato de ambos serem o povo de Deus.

Semelhantemente, a ordem que Deus deu a Noé para construir uma arca dificilmente se aplica ao século XX. Muito embora os cristãos de hoje, tal como Noé, confiem no Deus verdadeiro, a determinação que o Senhor lhe deu para construir a arca era de natureza individual; nenhuma instrução parecida foi dada posteriormente a outro cristão. Isso nos leva ao quarto princípio.

Entender que a atuação divina varia ao longo das eras

Como o tratamento divino dispensado à humanidade varia de uma dispensação para outra, precisamos tomar consciência dessa variação para colocarmos a Bíblia em prática. É claro que certas coisas nunca mudam. O mandamento para amar o próximo, por exemplo, foi dado na lei tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento. Esse mandamento foi pronunciado originariamente em Levítico 19.18 e reiterado em Mateus 5.43; 19.19; 22.39; Romanos 13.9; Gálatas 5.14 e Tiago 2.8. Além disso, nove dos

8. RICHARD, op. cit., p. 208.

dez mandamentos são repetidos no Novo Testamento, só que numa dimensão maior. A lei mosaica determinava o seguinte: "Não matarás" (Êx 20.13), mas o mandamento da era da igreja, no Novo Testamento, condena tanto o assassinato (Mt 5.21) quanto o ódio ("todo aquele que odeia a seu irmão é assassino...", 1 Jo 3.15).

É claro que certas determinações da lei do Antigo Testamento foram abolidas para os cristãos modernos. Temos um caso desses na proibição de comer certos alimentos (Lv 11), a qual Pedro aprendeu que não tinha mais validade (At 10.9-16; *cf.* 1 Tm 4.4).

Descobrir o que se aplica aos dias de hoje

Precisamos ter o cuidado de não generalizar em nossos dias tudo o que aconteceu nos tempos bíblicos. Isso aplica-se especialmente às narrativas da Bíblia, que relatam experiências peculiares a certas pessoas em situações específicas. O fato de Deus ter feito algo por alguém no passado não significa que podemos esperar que faça o mesmo conosco. Como escreveu Mayhue:

> Não estamos tendo por certo que faremos uma viagem até o terceiro céu, como aconteceu a Paulo (2 Co 12.1-10). Nem acreditamos que Deus vá reabastecer de alimentos quem dê comida a pregadores itinerantes, como fez com a viúva de Sarepta em 1 Reis 17.8-16. Quem tem lepra não mergulha sete vezes num rio para ser curado (2 Rs 5.1-14). Tampouco atiramos cajados no chão esperando que se transformem em serpentes (Êx 4.2, 3).[9]

Precisamos verificar se o princípio da passagem é ensinado em outro texto. Se o que aconteceu com uma personagem bíblica for considerado válido para todos os cristãos, é preciso que esteja de acordo com o que a Bíblia ensina em outros trechos. O fato de Deus ter usado tanto Elias quanto Eliseu para ressuscitar um jovem (1 Rs 17.17-23; 2 Rs 4.17-37) e Pedro para ressuscitar Dorcas (At 9.36-43) não significa que ele pretenda que os cristãos de hoje realizem ressurreições. As Escrituras não dizem em nenhum momento que isso se aplica a todos os cristãos. O mandamento que Jesus

9. Richard MAYHUE, *How to interpret the Bible for yourself*, Chicago, Moody, 1986, p. 148-9.

deu aos apóstolos para ressuscitarem os mortos (Mt 10.8) foi dado exclusivamente àqueles doze naquela missão especial de divulgação da mensagem do reino para Israel. Esse mandamento jamais foi dado a outra pessoa. Além do mais, se tivesse aplicação hoje, aqueles que tentam ressuscitar os mortos também deveriam seguir as instruções que Jesus dá nos versículos seguintes: "Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão..." (vv. 9, 10). Um dos motivos de sabermos que Mateus 10.9, 10, não está mandando os cristãos modernos viajar sem dinheiro é que posteriormente Cristo modificou essa instrução (Lc 22.36).

Como comentou McQuilkin: "Para ser um modelo válido de comportamento — uma regra divina para todos em todas as épocas — todo fato histórico precisa ser assim designado por um porta-voz legítimo de Deus. O simples relato de um acontecimento não significa necessariamente que seja uma revelação da vontade universal de Deus".[10]

Os nazireus do Antigo Testamento não podiam cortar o cabelo; isso simbolizava sua dedicação e santidade perante o Senhor (Jz 13.5; 1 Sm 1.11). Esse costume foi abolido porque a lei do Antigo Testamento foi abolida como um todo (Gl 3.25; Ef 2.15; Hb 7.12) e porque essa proibição não é reiterada em nenhum trecho do Novo Testamento. Ademais, Paulo disse que o uso de cabelos compridos não era próprio para o homem (1 Co 11.4).

Abraão, Jacó, Davi e outros tiveram mais de uma esposa. Então quer dizer que a poligamia é válida, como acreditam alguns? Não, esse costume não é permitido. Embora Deus não os tivesse condenado especificamente por seguirem tal prática, pelo menos no tocante ao registro bíblico sabemos que a poligamia é algo errado, porque Deus deu uma só esposa para Adão e disse: "Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne" (Gn 2.24) e porque diversas passagens do Novo Testamento falam da fidelidade do marido à esposa (*e.g.*, Mt 5.27, 31, 32; 1 Co 7.2, 3; Ef 5.22-33; Cl 3.18, 19; 1 Ts 4.3-7).

Precisamos examinar as Escrituras para sabermos o que Deus quer que façamos hoje. Pode ser que elas limitem a aplicação do fato ao contexto histórico original. Se não o fizerem expressamente, será necessário consultar

10. McQuilkin, op. cit. p. 240.

outras passagens. O princípio de McQuilkin é bem apropriado: "Como a Bíblia traz a revelação divina de sua vontade para toda a humanidade, todo ensinamento bíblico deve ser considerado válido para a fé e a vida contemporânea, *a menos que o próprio texto indique o contrário*".[11]

A bestialidade é condenada no Antigo Testamento (Lv 18.23), mas no Novo não é incluída na relação de pecados. Todavia, esse silêncio não significa que hoje seja permitida. Com certeza, as diversas afirmações do Novo Testamento sobre a pureza sexual dão a entender que a bestialidade é considerada um pecado.

Identificar o princípio contido no texto

Às vezes as Escrituras deixam claro que determinados mandamentos e diretrizes destinam-se a todos os cristãos. Mas, na maioria dos casos, essas afirmações não são explícitas. Conseqüentemente, procuramos princípios contidos no texto.[12] Esses de- rivam diretamente das Escrituras; não são algo externo ao texto bíblico. "Quando Jesus disse 'Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas' (Mt 5.41), estava colocando um princípio genérico em termos práticos. A aplicação transcende em muito a situação apresentada."[13] Mas e se alguém nos obrigasse a andar com ele *duas* milhas? Será que nesse caso as palavras de Jesus não seriam válidas? Não, a questão é que, quando forçados dessa maneira, não devemos revidar, mas sim fazer o oposto.

Quando Jesus disse que não devíamos chamar ninguém de "Raca" — termo aramaico que exprime desdém (Mt 5.22) — o princípio implícito é que não devemos chamar os outros de *nada* que os rebaixe.

Um princípio "é uma afirmação generalizada, deduzida a partir da situação original específica na época e aplicada hoje a situações diferentes,

11. Ibid., p. 254 (grifo nosso).
12. Fred L. FISHER, *How to interpret the New Testament*, Philadelphia, Westminster, 1966, p. 167-8. Geralmente, não se devem extrair princípios de pontos secundários de uma passagem. Eles devem ser tirados da passagem em virtude do tema principal ou de mais destaque, da ação principal ou de mais destaque e/ou da principal razão, motivo ou conseqüência.
13. ZUCK, Application in biblical hermeneutics and exposition, in: Donald K. CAMPBELL ed., *Walvoord: tribute*, Chicago, Moody, 1982, p. 27.

embora específicas".[14] Para que um princípio seja válido, é preciso que esteja expresso em algum outro texto bíblico. Que relação tem conosco hoje o fato de Deus ter enviado corvos para alimentar Elias durante a seca (1 Rs 17.6)? É óbvio que Deus não pretende alimentar os cristãos por meio de pássaros. Na verdade, isso quer dizer é que às vezes Deus supre as necessidades humanas por meios estranhos. A aplicação desse princípio é que os cristãos podem confiar no Senhor, pois ele suprirá suas necessidades.

Precisamos tomar cuidado ao deduzirmos os princípios das narrativas bíblicas. Seria errado afirmar que para conseguir uma noiva o jeito é orar para que apareça e faça alguma gentileza para com o futuro noivo ou amigo do noivo, como aconteceu no caso de Rebeca e do servo de Abraão (Gn 24). Um princípio que podemos extrair desse capítulo é que Deus nos guia quando confiamos nele. Da mesma forma, o capítulo 22 de Gênesis não ensina que os pais devam sacrificar os filhos. Não, o princípio que se pode tirar é que, como aconteceu a Abraão, o crente precisa obedecer ao Senhor mesmo quando necessário um sacrifício pessoal.

O episódio em Gênesis 24 ilustra uma verdade, um princípio expresso em outro ponto da Bíblia, como por exemplo em Provérbios 3.5, 6. O princípio expresso em Gênesis 22 também tem confirmação clara em outro texto. Esses exemplos esclarecem dois pontos. Primeiro, devemos extrair os princípios diretamente do texto. Gênesis 22 não dá nenhuma indicação de que o objetivo da história é mostrar que os pais devam sacrificar os filhos como Deus ordenou a Abraão, como também não há nenhuma indicação em Gênesis 24 de que o capítulo tenha sido escrito para mostrar-nos como conseguir uma noiva. Os textos não corroboram de forma alguma essas conclusões.

Segundo, precisamos ter certeza de que o princípio está de acordo com o restante das Escrituras. O fato de Abraão ter tomado Hagar para que lhe desse um filho não pretende dizer que os casais de hoje sem filhos devam cometer adultério para tê-los. Essa idéia contradiz frontalmente tudo o que a Bíblia afirma sobre a fidelidade conjugal. Aliás, os problemas que o pa-

14. John Kuhatschek deu boas sugestões para a aplicação de mandamentos, exemplos e promessas bíblicos mediante a identificação de princípios que estejam explícitos ou implícitos nas Escrituras (*Taking the guesswork out of applying the Bible*, Downers Grove, InterVarsity, 1990, caps. 7-9). Veja também James BRAGA, Principles, *Moody Monthly*, 59-62, 64, Nov. 1980.

triarca enfrentou com Hagar e Ismael e os conflitos posteriores entre Isaque e Ismael (além das disputas entre seus descendentes até os dias de hoje, como se vê na constante animosidade entre judeus e árabes) mostram justamente o contrário — Abraão desobedeceu a Deus, em vez de confiar nele. Um princípio que podemos extrair dessa história é que não devemos tomar as coisas em nossas mãos para "ajudar" Deus a cumprir o plano que tem para nós.

Pensar no princípio como uma conseqüência (ou extrapolação) do texto e uma ponte para a aplicação

Identificar o princípio no texto é fundamental para descobrir a idéia realmente pretendida ou implícita nas Escrituras e para criar uma ponte entre as Escrituras e as situações ou contextos atuais.

Por exemplo, os cristãos de Antioquia tiraram uma oferta para os fiéis pobres da Judéia (At 11.27-30). Que tem que ver conosco esse episódio de quase dois mil anos atrás? O princípio que pode ser identificado nesse gesto daqueles crentes é o seguinte: os cristãos de determinada região devem ajudar a atender as necessidades dos cristãos de outras regiões. Sabemos que essa idéia não foi explicitada em Atos 11, mas sem dúvida está implícita. Assim, o princípio serve de ponte de ligação entre a interpretação e a aplicação. A aplicação para hoje poderia ser definida nos seguintes termos: "Esta semana remeterei certa quantia para ajudar os cristãos pobres do Haiti (ou de algum outro país ou área carente)".

Quando Isabel estava grávida de João Batista, Maria foi visitá-la. "Ouvindo esta a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre..." (Lc 1.41) Com base nessa afirmação, podemos extrair o princípio de que o feto tem vida e, conseqüentemente, o aborto é uma medida errada. Esse texto também não afirma explicitamente que o feto tem vida, nem toca na questão do aborto. Mas, apesar de tais pontos não estarem *expressos*, a impressão que se tem é que estão *implícitos*. Assim, a aplicação poderia ser a condenação do aborto. O mesmo pode ser observado em Jeremias 1.5.

Observemos outro exemplo. Em 2 Samuel 16.5-14, lemos que Davi não revidou quando Simei o amaldiçoou e insultou. Uma lição que pode ser extraída é que o cristão não deve revidar aos que o prejudicam. Esse princípio pode servir de ponte para a seguinte aplicação: "Eu não vou fazer

um acerto de contas com fulano, que me prejudicou".

Temos outro exemplo em 1 Tessalonicenses 4.7: "porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e, sim, em santificação". Com base nessa declaração e em Filipenses 4.8, podemos extrair o princípio de que as revistas e os filmes pornográficos são condenados. É claro que as Escrituras não os condenam explicitamente, mas a pureza sexual tanto em pensamento quanto em ações é nitidamente recomendada nessa e em outras passagens. Uma aplicação desse princípio poderia ser a seguinte: "Eu não vou ler nenhuma revista pornográfica, nem assistir a nenhum filme pornográfico".

Parece que os princípios tirados das narrativas são mais extrapolações do que implicações claras. Além disso, as narrativas não contêm ensinamentos diretos, como ocorre em outros tipos de textos bíblicos. As narrativas ilustram o que foi ensinado diretamente em outra passagem. Então, como podemos saber quais narrativas contêm princípios válidos para hoje e quais não? Como já foi dito, é evidente que o fato de Pedro ter andado sobre as águas ou de Timóteo ter levado a capa e os livros de Paulo para ele pouca diferença faz para nós.

McQuilkin afirma que "um fato histórico sempre traz alguma conseqüência. Do contrário, não constaria das Sagradas Escrituras".[15] E acrescenta:

> As Escrituras deixam de interpretar diversos acontecimentos históricos, mas analisam muitos outros: a atitude ou é elogiada, ou é censurada. Em alguns desses casos elas vão além — explicam o motivo do elogio ou da censura. Esses fatos interpretados são a verdadeira matéria-prima da formulação de princípios genéricos. Por exemplo, se Abraão é considerado um exemplo de fé no episódio do sacrifício de Isaque, então podemos considerar, seguramente, que sua atitude foi elogiosa, embora por nós mesmos não pensássemos assim.[16]

McQuilkin assinala que a política de Paulo de não pregar o evangelho onde já tivesse sido pregado (Rm 15.20) não serve de princípio para os missionários de hoje — era o "método de trabalho" específico de *Paulo*. McQuilkin acrescenta:

15. MCQUILKIN, op. cit., p. 259.
16. Ibid.

> Mas, quando [Paulo] disse que as igrejas gentias tinham a responsabilidade de ajudar materialmente os cristãos de Jerusalém, pois haviam colhido frutos espirituais destes (Rm 15.26, 27), a idéia que se afigura é de um princípio genérico. Por quê? Não só porque esse mesmo ensinamento é apresentado em outros textos, mas também porque Paulo expôs na passagem o motivo de tal responsabilidade. E esse motivo é um princípio elementar: eles deviam ajudar porque haviam recebido benefícios espirituais.[17]

Anotar as atitudes específicas que precisa tomar

Depois de extrair princípios ou conseqüências de sua interpretação no estudo bíblico, você está pronto para a próxima etapa da aplicação das Escrituras à sua vida. Essa é a meta final do estudo bíblico.

Quando estudar a Bíblia, veja como pode aplicar a verdade. Seja sensível à direção do Espírito Santo, pois ele tentará mostrar-lhe as áreas de sua vida em que você precisa aprimorar-se espiritualmente. Por exemplo, quando ler Colossenses 1.4, 5, pergunte-se: "Será que tenho alguma dessas necessidades — ter mais fé ou confiança em Cristo; expressar mais amor por outros cristãos; confiar mais no controle do Senhor sobre meu futuro?".

Hall entende que a aplicação pode ser feita anotando as respostas de cinco perguntas, a saber: a passagem fala de algum pecado que eu deva deixar para trás, de alguma promessa a ser cobrada, de algum exemplo a seguir, de algum mandamento a obedecer ou de alguma armadilha a evitar?[18]

Pense na aplicação sob o aspecto das relações: sua relação com Deus, com Satanás, com os outros (em casa, na igreja, no trabalho, na escola), com o mundo e consigo mesmo.

Entenda que a aplicação pode traduzir-se numa mudança de opinião ou na modificação de atitudes. A primeira pode demorar mais para ser alcançada.

Faça aplicações em nível pessoal. Use os termos *eu*, *mim*, *meu*, em vez de *nós* e *nosso*. As afirmações no plural são genéricas demais.

Seja também específico. Não adianta dizer "Eu devia ser mais como Jesus", "eu devia amar mais minha esposa" ou ainda "vou tentar controlar melhor minha irritação". Em vez de dizer "Eu devia amar mais minha

17. Ibid., p. 261.
18. Terry HALL, *7 ways to get more from your bible*, Chicago, Moody, 1987, p. 50-1.

esposa", seja específico e diga algo parecido com o seguinte: "Vou levar minha esposa para jantar fora sexta-feira à noite". Ou então: "Vou comprar flores para ela quinta-feira, quando estiver voltando do trabalho". Ou mesmo: "Não vou criticá-la nenhuma vez neste fim de semana".

Quando você especifica a data, como sexta-feira à noite, quinta-feira ou neste fim de semana, é mais garantido que a aplicação não seja adiada indefinidamente. Por outro lado, certas aplicações podem exigir mais tempo. Pode ser que você tenha estabelecido uma meta a ser atingida no prazo de um mês, como, por exemplo, ser mais paciente com seus filhos, evitar a pornografia ou controlar seu temperamento. Mas tudo isso pode ser reduzido a um espaço de tempo mais curto. Por exemplo, se você se propôs a controlar seu temperamento, uma aplicação e uma meta mais específicas poderiam ser: "Não vou ficar irritado toda manhã quando estiver num engarrafamento".

O restabelecimento de uma amizade rompida pode requerer uma atitude específica, como pedir desculpas a um amigo. Para aprender a ser bondoso, talvez seja uma boa idéia ajudar um amigo a se mudar.

Também é importante ser seletivo. Acumular tudo o que você precisa pôr em prática, isto é, anotar uma série de aplicações de cada passagem bíblica que estudar, pode acabar por deixá-lo com tanto por fazer que não terá como cumpri-las em tempo hábil. Em lugar de ter diversas atividades ou atitudes a demonstrar todo dia, o que acabará tornando a vida cristã um fardo pesado, é melhor trabalhar com um número menor de aplicações mais específicas. Como escreveu Henrichsen:

> Algumas vezes será necessário um único gesto, como devolver o livro que tomou emprestado meses atrás ou pedir desculpas a alguém por alguma injustiça que cometeu. Outras vezes, a aplicação demandará tempo. Pode tratar-se de um vício que Deus queira que você abandone, ou de uma série de etapas que terá de percorrer, como pagar as prestações de uma conta atrasada. Haverá também ocasiões em que o Espírito Santo lhe passará projetos de longo prazo, como modificar determinada forma de pensar ou desenvolver certa virtude.[19]

19. Walter A. HENRICHSEN, *A layman's guide to interpreting the Bible*, Colorado Springs, NavPress, 1978, p. 218.

Alguns estudiosos da Bíblia fazem um registro do progresso alcançado. Se sua meta tem limite de tempo, como recomendamos, anote no final do período se teve êxito na aplicação e, em caso negativo, o que falta ser feito.

Quando fizer sua lista de aplicações e escrever frases do tipo "eu vou...", pode completá-las recorrendo à relação de 90 verbos abaixo.

Aceitar
Acordar
Admitir
Agradecer
Ajudar
Amar
Analisar
Anotar
Aproveitar
Atender
Avaliar
Buscar
Caminhar
Cantar
Colecionar
Compartilhar
Comprar
Confessar
Consertar
Construir
Contar
Controlar
Conversar com
Conversar sobre
Convidar
Corresponder
Criar
Dar
Desenvolver
Dirigir
Eliminar
Elogiar
Encontrar
Ensinar
Entender
Escolher
Escrever para
Escutar
Esperar
Estudar
Evitar
Exemplificar
Experimentar
Fazer
Fazer uma relação
Ficar longe de
Incentivar
Ler
Levar
Me alegrar
Me decidir
Me dedicar
Me dispor
Me encontrar com
Me esquematizar
Me manter
Memorizar
Me perguntar
Me resguardar
Me sacrificar
Mostra
Observar
Orar
Orar para
Orar sobre
Orar com
Orar sobre
Organizar
Parar
Pensar sobre
Perguntar
Planejar
Poupar
Preferir
Procurar
Progredir
Proteger
Registrar
Reivindicar
Seguir
Selecionar
Separar
Substituir
Telefonar
Testemunhar
Tirar
Tirar tempo
Trabalhar
Valorizar
Visitar

Contar com o Espírito Santo

Tome uma decisão firme de levar a aplicação até o fim. Peça ao Senhor que lhe dê o desejo e a determinação de cumpri-la. Peça a capacitação que vem do Senhor. A aplicação das Escrituras não deve ser efetuada com nossas próprias forças. A vida cristã tem de ser vivida no poder do Espírito Santo.

Devemos ter certeza de que, em todo o processo de estudo, interpretação e aplicação da Bíblia, estejamos contando com o Espírito Santo para guiar-nos. Precisamos pedir-lhe que nos mostre os pontos em nossa vida que carecem dessa aplicação, pedir também para tornar-nos sensíveis a eles e para dar-nos o desejo de mudar pela assimilação da verdade. A fim de colocarmos a Palavra de Deus em prática, precisamos pedir ao Espírito Santo que opere em nós e efetue mudanças em nossas vidas que nos tornem mais parecidos com Cristo. Não basta enxergar a verdade; necessitamos também acolhê-la, correspondendo como Deus quer que façamos. Como Klooster escreveu: "O entendimento das Escrituras exige mais do que a compreensão intelectual do contexto histórico do texto ou da estrutura literária da passagem [...]. O entendimento no íntimo requer uma reação ao Deus vivo e trino de coração, de todo o seu ser".[20]

A aplicação, que é a fase máxima do estudo bíblico, pode ficar empolgante quando você perceber que as Escrituras estão funcionando em sua vida. À medida que a Palavra de Deus vai penetrando em nossas almas, ela nos permite enxergar áreas que carecem de aperfeiçoamento e nos capacita também a vencer fraquezas pelo poder do Espírito Santo e a crescermos (1 Pe 2.2). Conhecer a verdade de Deus é fundamental, mas as bênçãos são conseqüência da *prática*. Como Johann Bengel escreveu em 1742: "Aplica-te integralmente ao texto e aplica o texto integralmente a ti".

20. Fred H. KLOOSTER, The role of the Holy Spirit in the hermeneutic process, trabalho apresentado na Chicago Summit Conference II [II Reunião de Cúpula de Chicago], Oakland, International Council on Biblical Inerrancy, 1982, p. 16.

respostas aos exercícios

capítulo cinco

páginas 124-5

a. João 3.16
e (ou f). 1 João 2.15, 16
g. 1 Pedro 3.3
a. João 17.5
f. 1 Coríntios 7.31
d. 1 Timóteo 6.7

a. Êxodo 14.13
c. Lucas 1.71
b. Lucas 18.42
d. João 3.17
d. Atos 15.11
d. Atos 16.30

a. Atos 27.20
e. Romanos 5.9
e. Romanos 13.11
a. Filipenses 1.19
b. Tiago 5.15

páginas 137-8

1. Composto por coordenação
2. Composto por subordinação
3. Simples
4. Composto por coordenação
5. Simples
6. Composto por coordenação
7. Composto por subordinação

1. Causal
2. Condicional
3. Causal ou temporal
4. Final
5. Temporal
6. Final
7. Conformativa

capítulo sete

página 175

Isaías 53.6	Símile
Salmos 84.11	Metáfora
2 Pedro 2.17	Símile
João 2.19	Hipocatástase
Isaías 57.20	Símile
Salmos 23.1	Metáfora
Salmos 1.3	Símile

páginas 194-5

1. c
2. a
3. d
4. e
5. b

1. b
2. c
3. a
4. e
5. d

1. b
2. e
3. a
4. c
5. d

páginas 195-6

Salmos 114.3	Personificação
João 21.25	Hipérbole
Jeremias 17.6*a*	Símile
Mateus 23.33*a*	Hipocatástase

Isaías 49.13	Apóstrofe
2 Tessalonicenses 3.2*b*	Litotes
Salmos 105.4*b*	Antropomorfismo
Miquéias 5.2*a*	Apóstrofe
Mateus 26.26	Símile
Rute 2.12*b*	Zoomorfismo
2 Coríntios 6.9, 10	Paradoxo
Gênesis 42.38*b*	Sinédoque
Êxodo 34.14	Antropopatia
Marcos 15.32	Ironia
Gênesis 4.1*a*	Eufemismo
Amós 3.3, 4	Perguntas retóricas

capítulo oito

página 212-4

1. I	14. I	27. A
2. A	15. A	28. I
3. A	16. T	29. I
4. I	17. A	30. I
5. I	18. A	31. I
6. I	19. A	32. A
7. I	20. A	33. I
8. I ou T	21. A	34. A
9. A	22. A	35. A
10. A	23. A	36. T
11. A	24. T	37. A
12. I	25. I	
13. A	26. A	

capítulo onze

página 312

Mateus 11.10	Ressaltar o cumprimento ou realização de uma predição do Antigo Testamento.
João 13.18	Associar uma situação do Antigo Testamento a Cristo.

Atos 4.24	Utilizar terminologia ou expressões do Antigo Testamento.
Atos 13.40, 41	Aplicar o Antigo Testamento a um episódio ou verdade do Novo.
Romanos 10.18	Aplicar o Antigo Testamento a um episódio ou verdade do Novo.
Gálatas 5.14	Sintetizar um conceito do Antigo Testamento.
Hebreus 1.13	Ressaltar o cumprimento ou realização de uma predição do Antigo Testamento.

índice onomástico

a

Adriano *47*
Agostinho *44-6, 249-50, 260, 266, 271*
Akiba *32*
Ambrósio *44*
André de São Vítor *49*
Angus, Joseph *203*
Aquino, Tomás de *50, 57*
Aristóbulo *35-6*
Arminius, Jacobus *58*

b

Barth, Karl *62*
Beda, o Venerável *49*
Bernardo de Claraval *49*
Boehme, Jacob *58*
Brunner, Emil *62*
Bultmann, Rudolf *63, 67*

c

Calvino, João *54-5, 57, 84, 88, 114, 267*
Cassiano *46*
Cipriano *270*
Clemente de Alexandria *41, 208, 267*
Clemente de Roma *38, 113, 268*
Comodiano *270*
Constantino *267*
Crisóstomo *43, 113*

d

Darwin, Charles *62*
Diodoro *43, 113*
Domiciano *277*

e

Edwards, Jonathan *267*
Erasmo, Desidério *51*
Ernesti, Johann *57, 117*
Euquério *47-8*

f

Ferecides *34*
Filo *35-7, 41, 94*

g

Gregório, o Grande *48*

h

Harnack, Adolph von *61*
Hegel *61*
Heidegger, Martin *63*
Hermes *20*
Hesíodo *34-6*
Hillel *33-4*
Hipólito *270*
Hodge, A. A. *267*
Hodge, Charles *61, 267*
Hugo de São Vítor *49*

i

Inácio *38, 113, 269*
Ireneu *40, 113, 269*

j

Jerônimo *44, 203*
Joaquim de Flora *50*
Junílio *47*
Justino Mártir *39, 269*

k

Kierkegaard, Søren *60*
Knox, John *84*

l

Lactâncio *270*
Langton, Stephen *50*
Lightfoot, J. B. *61*
Luciano *43, 113*
Lutero, Martinho *24, 29, 50-3, 84, 88, 267*

m

Mauro, Rabano *49*
Melanchthon, Philip *54, 88, 267*

n

Nepos *270*
Nicolau de Lira *50*

o

Orígenes *7, 36, 41-4, 52, 203, 208, 267*
Otávio Augusto *92*

p

Panteno *36*
Papias *269*
Platão *35*
Plutarco *109*
Policarpo *113, 268*

q

Quintiliano *179*

r

Rashi *49*
Ricardo de São Vítor *49*

s

Schleiermacher, Friedrich D. E. *60*
Shammai *33*
Sócrates *119*
Strong, Augustus H. *267*

t

Teodoreto *43, 113*
Teodoro da Mopsuéstia *43, 113*
Tertuliano *40, 44, 269*
Trench, Richard C. *61*
Turretin, Francisco *57*
Turretin, Jean-Alphonse *57*
Tyndale, William *55*

v

Vicente *44*

w

Warfield, B. B. *7, 266*
Wellhausen, Julius *61*
Wesley, Charles *267*
Wesley, John *59*
Westcott, B. F. *61*
Wettstein, Johann J. *59*
Wycliffe, João *51, 267*

x

Xenofonte *119*

z

Zuínglio, Ulrich *55, 88, 267*

índice de assuntos

a

Abadia de São Vítor *49*
adjetivos *131*
advérbios *132*
alabastro *108*
alegorias na Bíblia *254-60*
  parábolas e *254*
  princípios de interpretação *256-60*
alegorização *41-2, 53-5, 207-8, 260, 272, 318*
  Calvino e a *54*
  de Agostinho *44-6*
  de Cassiano *46-7*
  de Orígenes *41-2, 52*
  dos filósofos gregos *34, 36*
  dos pais da igreja primitiva *38-40*
  judaica *34-8*
  Lutero e a *51-4*
  na Idade Média *48-51*
  significado da *34*
  tipologia e *207-8*
alemão *115*
aliança
  abraâmica *273-4, 278*
  davídica *273-4*
  de sal *102*
  nova *273-5*
América Latina *107*
amilenarismo *265-6, 271-5, 281*
anabatistas *55-6*
análise estrutural *157-65*
analogia da fé *45*
anjos *110*
antropomorfismo *35-6, 42, 44, 47, 53, 190*
antropopatia *177-8*
Antioquia *42-3, 47, 334*
antítipos *197, 207-11, 301*
antônimos *116, 122*
aplicação da Bíblia *8, 10, 13-4, 25-6, 323-39*
  diretrizes para a *326-39*
  importância da *323-5*
  interpretação e *13-4, 326-7*
  o Espírito Santo e a *337-9*
  princípios da *332-6*
  problemas da *325-6*
apóstrofe *178*
aramaico *18, 32, 115, 223*
arrebatamento *126, 265, 271*
autoridade da igreja *48, 51,55*
axioma *69-70, 71, 78, 82*
azeite *100, 104, 327*

b

Baal *94, 308*
babilônios *101*
Basã *98*
batismo *55-6, 83*
Belém *44, 310-1*
Bíblia
- alegorização da *34-8*
- autor divino da *20, 71, 78-83, 282*
- autores humanos da *20, 312-22, 325-6*
- autoridade da *49, 60, 67, 81-3, 86*
- clareza da *28-9, 52*
- como revelação divina *27-9, 79-80, 315-6*
- costumes na *17, 57, 75, 78, 87-111, 325*
- discurso lógico na *154, 156*
- dupla autoria da *20, 50*
- ensinamento da *10-1*
- entendimento da *10-1, 21, 28-9*
- expressões idiomáticas na *72, 192-4*
- inerrância da *62, 79, 82-3, 86*
- inspiração da *7-8, 79-83, 114, 130*
- interpretação
  - gramatical da *49, 54, 57, 58, 62-3, 67, 72-3, 88-9, 113-41, 277, 315-7*
  - histórica da *88-91, 113*
  - judaica da *32-8*
  - literal da *7, 47, 50, 55, 73-4, 170-3*
  - mitológica da *61, 63, 66*
  - normal da *74, 88, 173*
  - retórica da *88, 143-66, 277-8*
- Jesus e a *82-3*
- leitura da *10-1*
- linguagem figurada na *72, 167-96*
- línguas da *115*
- literatura apocalíptica na *156, 280-1*
- mistério da *86*
- mitos e a *61, 63, 66*
- natureza sobrenatural da *71-2, 80-2, 86*
- profecias na *83, 86, 156, 261-87*
- qualidade literária da *145-7*
- revelação progressiva na *85, 314*
- sentido místico da *41-2, 49, 72-3, 86*
- sentidos únicos ou múltiplos na *315-22*
- significado da *10*
- tipos de literatura na *76-8, 147-56*
- unidade na *83-5*

bultmannismo *63*

c

cabras monteses *98*
calvinismo *57-9*
cananeus *93-4*
Cantuária *50*
Carmelo *94*
Carta de Aristéias *35*
cativeiro babilônico *149*
ceia *104-5*
cenáculo *99*
circuncisão *85, 105*
citações do Antigo Testamento no Novo *43, 54-5, 85, 289-322*

alterações na enunciação das *294-300*
objetivos das *300-12*
tipos de introdução das *293-4*
volume de *290-2*
Cítia *46*
Colossos *89, 95, 329*
comunicação *70-1, 77, 114-5*
Concílio de Trento *56, 58*
Confissão de Westminster *57*
conjunções *132-3*
Constantinopla *43*
construção
acróstica *163-4*
alternada *161*
ascendente *164-5*
contexto *54-6, 75-8, 87-90, 116, 123-4*
Contra-Reforma *56*
Corinto *95, 109*
corolário *69-71, 82-6*
costumes *17, 90-103*
criação *45, 50, 109*
crítica textual *19, 59*

d

Declaração de Chicago sobre Hermenêutica Bíblica *147, 317-8*
demitização *62-3, 66*
Dia de Pentecoste *275, 284, 302, 319*
Didaquê 268
diferenças literárias *19, 143-66*
direitos itálicos *92*
dom de ensino *27-8*

e

Edom *93*
Éfeso *327-8*
Efraim *102*
Egito *35, 94, 96*
eisegese *249-50*
elipse *179*
encadeamento *48*
En-Gedi *101*
Epístola de Barnabé *38*
Era Moderna *60-6*
Escola de Tübingen *61*
Espírito Santo *66, 71, 85, 126, 327*
a aplicação e o *337*
a iluminação e o *52*
a inspiração e o *79, 81-4, 298-9*
a interpretação e o *24-8, 56*
"espiritualização" *272-3*
estruturalismo *67*
etimologia *115-9*
eufemismos *178, 195*
evangelhos *154-5*
evolução *62*
exegese
definição de *20-4, 73*
lugar da *22-4, 57*
meta da *114*
necessidade da *28-9*
existencialismo *60, 63, 66*
exposição *20-1*
expressões idiomáticas *72, 192-4*

f

fábulas *255*
fermento *250-1*
festas de Israel *209-10*
figueiras *98*
figuras de linguagem *72, 167-96*
definição das *167-8*
expressões idiomáticas e as *192-4*
formas de interpretação *188-92*

profecia e as *279-82*
razão das *169-70*
tipos das *173-88, 194-6*
Filipos *92*
filosofia *34-5, 37, 59-61*
francês *147*
fundamentalismo *62-3*

g

Genebra *55, 57*
gênero *147-57*
gnósticos *40*
gramática *79*

h

hapax legomenon *121-2*
hebraico *17-9, 32-3, 43, 49-51, 54-5, 59, 114-5, 119, 122, 127, 130, 133-5, 140, 152, 183-4, 187-8, 221-2, 227-8, 298, 306*
hendíade *177*
hermenêutica
a igreja e a *44-5*
a Reforma e a *51-2*
aspectos históricos e geográficos na *74-5, 78, 88-9, 89-90*
contexto bíblico na *54-6, 75-6, 78, 87-90, 115, 122-9*
contextos culturais na *87-111*
definições da *20-4, 71*
étnica *67*
história da *31-67*
interpretação
gramatical na *49, 54, 57-8, 61-3, 67, 72-3, 88-9, 113-41, 273-4, 276-7, 315-7*
literal na *7, 47, 50, 55, 73-4, 170-3*
normal na *74, 88, 173, 275-8*
retórica na *88, 143-66*
judaica *32-8*
linguagem figurada na *72, 167-96, 279-80*
nova *63, 67*
objetivo da *73-4*
o Espírito Santo na *24-8, 56*
os pais alexandrinos e a *41-2*
os pais antioquinos e a *41-3*
os pais da igreja primitiva e a *41-3*
os pais da igreja do século V e VI e a *44-8*
os princípios da *8, 23-4, 69-70*
os princípios de Agostinho para a *45-6*
os princípios de Turretin para a *57*
os princípios de Wycliffe para a *51*
problemas da *16-20*
profecia e *261-87*
tipologia na *197-214*
herodianos *95*
Hierápolis *101*
hipérbole *181-3, 195-6, 279*
hipocatástase *175, 191, 194-6*
hipótese documental *61*
hititas *89*
homilética *21-4*
huguenotes *267*

i

Idade Média *48-51, 113*
igreja *265-6, 276, 299, 327-9*

Igreja Católica Romana *29, 48, 50-3, 55-6, 67, 266-7, 316-7*
iluminação *52, 55*
inclusão *163*
inerrância *79, 82, 86, 289*
inspiração *7-8, 20, 79, 83, 114, 130, 289, 298*
interjeição *133*
interpretação bíblica *10-5*
alegorias na *254-60*
aplicação e a *13-4, 326-7*
aspecto gramatical e histórico da *49, 54, 57-8, 61-3, 67, 72-3, 88-9, 113-41, 273-4, 276-7, 315-7*
aspecto literal da *7, 47, 50, 55, 73-4, 170-3*
aspectos literário e retórico da *88, 143-66, 277*
desafio da *115-6*
exatidão na *13-4*
expressões idiomáticas na *72, 192-4*
figuras de linguagem na *167-96*
importância da *14-5*
obstáculos para a *24-5*
o Espírito Santo e a *24-6, 55-6*
os mestres e a *27-8*
parábolas na *225-4*
problemas da *16-20*
profecia na *261-87*
restrições na *24-8*
tipos na *197-214*
interpretação
gramatical e histórica *49, 54, 57-8, 62-3, 67, 72-3, 88-9, 113-41, 273-4, 276-7, 315-8*
contexto na *123-4*
definição de *115-6*
importância da *113-5*
locuções na *136*
morfologia na *129-30*
orações na *136-7*
partes do discurso na *129-33*
palavras na *115-29*
períodos na *137-9*
literal *7, 47, 50, 55, 73-4, 170-3*
literária e retórica *88, 143-66, 277*
análise estrutural na *157-65*
definição de *144-5*
gêneros de *147-57*
mística *41-2, 49, 72-3, 86*
tropológica *40-9*
inversão *161-2*
irmãos suíços *56*
ironia *183-5, 195-6*
Itália *51*

J

Jaffa *32*
Jericó *99, 101*
Jerusalém *33, 47, 53, 101*
Jordão *101*
judaísmo *108*
Judéia *334*
judeus-alexandrinos *34-6*

L

Laodicéia *101*
latim *117-8, 147, 265*
lava-pés *110*
lei *10, 33, 45, 106, 275, 329-31*
levitas *32*
lexicologia *115, 128*
liberalismo *62*
linguagem *72*

figurada *72, 167-96, 279-80*
literatura
apocalíptica da Bíblia *156-7, 280-1*
jurídica na Bíblia *146*
sapiencial *153*
litotes *183, 195-6*
locuções *136*

m

Magna Carta *90*
massoretas *18*
Mediterrâneo *101*
merisma *177*
metáfora *174, 191, 195-6*
metonímia *176, 194-6*
milagres *60-1, 63, 86*
milênio *12, 265-7, 278, 283, 286, 298*
concepções do *265-74*
morávios *59, 267*
morfologia *115-6, 129-33*
mostarda, grão de *98*

n

narrativa bíblica *148-51, 334-5*
naturalismo *61*
nazireu *106*
neo-ortodoxia *62-3, 67*
Nínive *89, 92-3*
Nuzi *97*

o

observações *9-13*
ofertas de Israel *209-10*
onomatopéia *188*
orações *115-29*
oxímoro *186*

p

pais
alexandrinos da igreja *41-2*
antioquinos *42-3, 62, 113*
apostólicos *36*
da igreja *86, 38-48, 317*
palavras
contexto das *123-9*
emprego das *119-22*
etimologia das *115-9*
forma das *129-33*
morfologia das *115-6, 129-33*
ordem das *139-40*
repetição de *139-40*
significados das *116-29*
sinônimos e antônimos *122-3*
palha *97*
parábolas *225-54*
alegorias nas *254*
características das *230-7*
contrastes nas *232*
definições de *225*
discurso nas *234-5*
o reino nas *236-7, 243*
perguntas retóricas nas *235*
princípios de interpretação das *230-54*
razão das *229-30*
tipos de *236-7*
paradoxo *186-7, 195-6*
paralelismo *161*
paronomásia *187*
partes do discurso *115-6, 129-35*
Páscoa *98, 209-10*
passagens limitadas por aspectos culturais *103-11*
Pastor de Hermas *268*
pedagogia *21*
pena capital *106*

Pentateuco *126*
perguntas retóricas *179-81, 195-6, 235*
períodos *137-40*
personificações *177, 195-6*
pietismo *58*
pleonasmo *186*
poesia na Bíblia *151-3, 160-6*
pós-milenarismo *266-7, 271, 281-2*
Pós-Reforma *56-9*
pragas do Egito *94, 96*
pré-milenarismo *265, 268-76*
preposições *131*
profecias *83, 86, 156, 261-87, 300-1, 314-5*
  "espiritualização" das *272-3*
  linguagem figurada nas *279-82*
  números nas *280-2*
  perspectiva nas *283-4*
  princípios de interpretação das *277-87*
  razões do estudo das *262-4*
  simbolismo nas *284-5*
pronomes *130, 294-5*
provérbios *227, 305*

q

quiasmo *161*
Qumran *37-8*

r

racionalismo *59-61, 66*
Ramá *309-11*
Ras Shamra *93*
references plenior *317-8*
Reforma *51-6*
reformadores *113, 267*
reino
  parábolas e o *236-44*
  pré-milenarismo e o *273*
Renascença *51*
repetição *164*
ressurreição de Jesus *63*
reticência *179*
revelação *79, 84-6*
  progressiva *84-5, 314-5*

s

saduceus *95*
salmos
  princípios de interpretação dos *152-3*
  tipos de *151-3*
Samaria *101*
samaritanos *101*
sarcasmo *185*
sensus plenior *316-7*
sentido pretendido *73-4*
Septuaginta *35, 42, 290, 298, 300*
Sicar *101*
símbolos *40, 47, 214-24*
  cores como *224*
  exemplos de *217-20*
  nomes como *221-3*
  números como *221*
  princípios de interpretação *215-7*
  profecia e *278-9, 284-6*
  significado dos *214-5*
símiles *173-4, 190-2, 194-6, 279*
similitudes *225-6*
sinagogas *105*
sinônimos *116, 122, 298*
sintaxe *79, 116, 135-9*
subjetivismo *60, 67*
substantivos *130-1, 294-6*

t

teologia
da libertação *67*
das alianças *274-6*
dispensacionalista *274-6*
do domínio *267*
feminista *67*
tipos *197-214, 301*
alegorização e *207-8*
características dos *200-5*
definição de *205-6*
exemplos de *207, 209-11*
ilustrações de *205-8*
os pais antioquinos e os *42-3*
os pais da igreja primitiva e os *38-40*
princípios de interpretação de *211-2*
símbolos e *215*
termos *197-200*
trilogia *163*
Trindade *85*

u

ugarítico *122*
usus loquendi *119-20*

v

véu *105, 108-10, 129*
verbos *131-2*
vitorinos *49, 62*
Vulgata *44, 50*

z

zeugma *179*
zoomorfismo *178, 195-6*
Zurique *55*